

AUDIO VIDEO MAGAZINE

ANO 21
JANEIRO / FEVEREIRO 2017

226

EDITORIA
AMAG
www.clubedoaudioevideo.com.br

ARTE EM REPRODUÇÃO ELETRÔNICA



ESPETACULAR!
PLAYER DCS ROSSINI

EDIÇÃO ESPECIAL
MELHORES DO ANO
2016

MUSICIAN: 193 ANOS DA NONA SINFONIA DE BEETHOVEN



musicCast

UM NOVO MUNDO WIRELESS



MusicCast transmite música em qualquer lugar. Com incrível facilidade, qualidade sonora e controle total através de um simples aplicativo para IOS ou Android utilizando uma rede Wi-Fi.

Somente com MusicCast você e sua família poderão ter acesso às músicas armazenadas em seus smartphones, tablets, PCs, serviços de streaming, ou mesmo através das conexões dos receivers Yamaha para sonorizar vários ambientes de forma simultânea ou independente.

Para maiores informações, visite nosso site br.yamaha.com

Baixe o aplicativo MusicCast





disklavier **ENSPIRE**™

Agora, além dos Receivers AV, Soundbars, Amplificadores e Caixas Acústicas sem fio, o piano Disklavier Enspire também pode ser conectado ao MusicCast, proporcionando entretenimento através do som do instrumento em toda a sua residência. Imagine o piano acústico tocando sozinho na sua sala para os convidados de uma festa, enquanto a voz e orquestra são reproduzidas ao mesmo tempo por todos os outros cômodos, transformando seu evento em um grande concerto, como se o próprio pianista estivesse presente.



ÍNDICE



PLAYER DCS ROSSINI

20



EDITORIAL 6

Uma edição esperada por todo o mercado



NOVIDADES 8

Grandes novidades das principais marcas do mercado



MERCADO 12

Som Maior apresenta o Laser Display xTV da SIM2



HI-END PELO MUNDO 14

Novidades



NÚCLEO CASA 16

Casa Conceito ABC apresenta: tudo em um só lugar



TESTES DE ÁUDIO

20
Player DCS Rossini



91



124



132



MELHORES DO ANO 2016

27

Como utilizar a edição
Melhores do Ano

28

Headphones

32

Cabos

54

Difusor

56

Acessório

60

Cápsula

63

Toca-discos

70

Pré de phono

72

Áudio

128

Vídeo



DESTAQUES DO MÊS - MUSICIAN

O Logos Beethoveniano -
193 Anos de IX Sinfonia

134



ESPAÇO ABERTO 140

A infinita discussão de como
avaliar produtos de áudio

CONCERTA²

HIGH-END A UM CUSTO ACESSÍVEL.

Finalmente, chegou ao Brasil a linha **Revel Concerta 2**. Uma nova linha de alto-falantes que combina design elegante e sofisticado com a qualidade acústica e os avanços tecnológicos pelos quais a Revel é reverenciada.

Conheça o som High-End e acessível da linha Revel Concerta 2.



REVEL[®]
The World's Finest Loudspeakers

55 12 2285- 0500 • contatoav@avgroup.com.br

AV GROUP
www.avgroup.com.br

REPRESENTANTE OFICIAL

REVEL[®]

Lexicon

mark
levinson

JBL SYNTHESIS[®]



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

UMA EDIÇÃO ESPERADA POR TODO O MERCADO

Foi em 1999 que lançamos a primeira edição Melhores do Ano. Nosso objetivo naquele primeiro momento era o de ajudar nossos leitores a terem um panorama exato dos produtos mais importantes testados por nós para futuros upgrades. Essa edição especial foi tão bem aceita pelo mercado que, junto com a edição de aniversário, tornaram-se as mais lidas e aguardadas. A partir da terceira edição, passamos a enviar a Melhores do Ano para todos os compradores de grandes redes, instaladores e arquitetos e percebemos que essa estratégia teria uma enorme repercussão junto aos fabricantes de produtos de vídeo Hi-End. Essa é a nossa décima oitava edição Melhores do Ano e a segunda totalmente virtual com mais de 130 páginas! Essa nova edição trás duas grandes novidades: agora os testes não estão sintetizados em uma única página, estão completos como foram publicados em suas respectivas edições. Assim os leitores poderão conhecer na íntegra nossa avaliação de cada produto testado e comparar na mesma edição com produtos concorrentes similares em performance e preço. Acreditamos que esse novo formato ajudará e muito a todos os nossos leitores a terem uma visão global do mercado hi-end. A outra importante novidade é que, além do Selo do Editor, abalizando a compra do produto, também criamos o Selo de Referência da Cavi. Esse novo selo apresenta nossa opinião em relação a dois produtos concorrentes com a mesma pontuação, confirmando que o produto com o Selo de

Referência da revista é o produto a ser 'batido' no próximo ano. Desenvolvemos esse novo selo, pois a concorrência entre produtos similares está cada vez mais intensa principalmente no mercado de vídeo. Tivemos no segmento de televisores Hi-End a avaliação dos três melhores do mercado: OLED LG 55EG9600, Sony XBR-75Z9D e Samsung 88KS9800. E a nota entre esses três produtos variou em apenas 1 ponto! E o que determinou a supremacia de um modelo em relação aos outros dois excelentes produtos foi a qualidade de imagem em Full HD. Mesmo os três modelos testados sendo 4K HDR, não podemos esquecer que no dia a dia o que irá prevalecer ainda por um longo período é a transmissão em Full HD e nesse padrão um dos modelos se mostrou superior aos concorrentes. O mesmo ocorreu no segmento de áudio com caixas acústicas, cápsulas, amplificadores e CD Players. O que nos levou a perceber a necessidade de sinalizar ao mercado o produto que mais se destacou em termos de tecnologia e performance. Queremos que não haja dúvidas em relação ao produto que merece ser conhecido pelo seu pacote de avanços tecnológicos e que apresenta uma performance superior aos concorrentes. Esperamos estar dando mais um passo buscando tornar essa edição especial ainda por muitos anos a referência absoluta do mercado hi-end. Para todos uma ótima leitura e um 2017 cheio de upgrades! ■

A PRIMEIRA GRANDE NOTICIA DE 2017
A PIONEER AGORA NO BRASIL



VSX831 RECEIVER 5.2

Pioneer

A MARCA MAIS EXPRESSIVA E ACLAMADA DE ÁUDIO E VÍDEO,
DISTRIBUÍDA OFICIALMENTE PELA INFOTEL.



HTP-074 HOMETHEATER 5.1



XHM26 MICRO SYSTEM

ESTAMOS CADASTRANDO REVENDAS/INSTALADORES EM TODO O BRASIL.
ENTRE EM CONTATO CONOSCO.

WWW.INFOTELDISTRIBUIDORA.COM.BR
COMERCIAL1@INFOTELDISTRIBUIDORA.COM.BR

TEL (11) 3642-1882





NOVIDADES

NOVO PROJETOR A LASER DA LG - CRIADO PARA FÃS DO CINEMA EM CASA



ASSISTA AO VÍDEO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=6ZQ6LHMIEEO](https://www.youtube.com/watch?v=6ZQ6LHMIEEO)

Na CES 2017, que acontece em janeiro, a LG Electronics apresentará um novo projetor a laser chamado LG ProBeam, criado para superar as demandas dos consumidores que buscam alta performance e versatilidade. O LG ProBeam HF80J é perfeito para uma experiência de cinema em casa, pois produz um fluxo luminoso de até 2.000 lúmens, permitindo que os espectadores assistam a conteúdos de vídeo mesmo em uma sala iluminada. Ele tem um design delgado, elegante e ainda é portátil, utilizando um compacto design vertical, que remete a um pedestal, um aparelho de 2,1 quilos, o projetor a laser Full HD na faixa dos 2.000 lumens mais leve do mercado. Além disso, seu visual clássico permite que ele se encaixe em qualquer estilo de decoração.

Com a inovadora tecnologia Sound Sync Adjustment, o LG ProBeam pode ser pareado com qualquer produto de áudio equipado com Bluetooth, como alto-falantes externos ou fones de ouvido. E mais, a funcionalidade Wireless Mirroring do LG ProBeam utiliza a tecnologia Miracast para projetar conteúdos armazenados em dispositivos inteligentes em uma grande tela de projeção, além de permitir que os usuários encontrem a melhor configuração de imagem e equilibrem imagens de forma rápida e fácil.

Os consumidores terão acesso a um leque crescente de serviços de streaming e programas relevantes de sua preferência, por meio da premiada plataforma webOS da LG. Além disso, o Magic Remote

Control facilita a navegação na interface webOS de Smart TVs. E, com a webOS, os usuários podem acessar com facilidade um número cada vez maior de serviços de streaming disponíveis para sua localidade. Com essas funcionalidades dinâmicas, fica muito mais fácil para o consumidor ver filmes na sala de estar, acompanhar eventos esportivos eletrizantes enquanto churrasqueia com os amigos ou até levar o LG ProBeam quando for acampar.

“Líder mundial em projetores LED, a LG está confiante que sua experiência no setor de entretenimento em casa garantirá o sucesso de seu primeiro projetor a laser junto aos consumidores”, diz Brian Kwon, presidente da LG Home Entertainment Company. “A LG se orgulha de continuar criando novas formas de melhorar a experiência de cinema em casa, de formas dinâmicas.”

A LG do Brasil não tem previsão de lançamento para o LG ProBeam, porém pode estudar as tendências do mercado para atender às demandas dos consumidores locais. ■

Para mais informações:

LG Eletronics
www.lg.com/br
4004 5400 (Capitais e regiões metropolitanas)
0800 707 5454 (Demais localidades)

VÊM DA ESCANDINÁVIA OS NOVOS PRODUTOS QUE IRÃO LEVAR SEU SISTEMA DE ÁUDIO HIGH END A UM NOVO PATAMAR DE QUALIDADE E FIDELIDADE.



Aavik
ACOUSTICS

A Aavik Acoustics, marca da dinamarquesa Raidho – fabricante de caixas acústicas de incrível desempenho que já fazem parte da linha de produtos comercializados pela Som Maior – produz também amplificadores de altíssimo nível, com performance excepcional, além de uma fabricação e acabamento impecáveis.

O amplificador integrado U-300 é um trabalho de Michael Borresen junto com alguns dos melhores projetistas de áudio analógico e digital de todo o mundo. É a síntese das melhores características presentes tanto no áudio analógico quanto no digital.



A Anszu Acoustics, assim como a Aavik, é uma marca da Raidho, que produz com o mesmo esmero cabos, distribuidores de energia, filtros de linha e controladores de ressonância que primam pela performance unida à qualidade de materiais e acabamentos. Com a Anszu, os audiófilos e amantes brasileiros da música passam a contar com essa extraordinária opção.

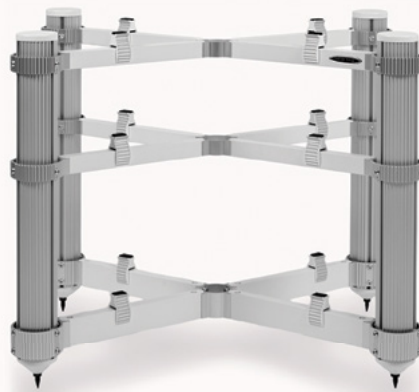
Seus produtos têm como proposta preservar com total transparência e fidelidade todos os mínimos detalhes contidos nas fontes de sinal de um sistema de áudio hi-fi.



ansuz
ACOUSTICS



SOLID TECH



A Solid-Tech é uma empresa sueca especializada em soluções de controle e eliminação de ressonâncias e vibrações com origem em todos os tipos de equipamentos de áudio, transmitidas de um equipamento para o outro ou através do piso e do próprio ar.

Sua linha de produtos contribui para a obtenção de um som extremamente fiel e reproduzido contra um pano de fundo de silêncio absoluto. Essa linha é formada pelos racks das séries Rack of Silence, Hybrid e Radius Solo e dos pés de apoio Feet of Silence, IsoClear e Discs of Silence.

Com essa nova gama de marcas e soluções de altíssima qualidade, a Som Maior reafirma seu compromisso, reconhecido pelos audiófilos de todo o Brasil, de oferecer as melhores marcas mundiais para você ter sempre a melhor experiência em áudio, vídeo e automação high end.

Converse com a Som Maior e saiba onde conferir essas novidades.



som maior
AUDIO VIDEO HIGH END

47 3472-2666 | sommaior.com.br

TONE STUDIO E TONE FREE – O SOM VESTÍVEL DA LG



ASSISTA AO VÍDEO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ZQMUUA0EYEC](https://www.youtube.com/watch?v=ZQMUUA0EYEC)

A LG Electronics, líder em tecnologia de fones de ouvido Bluetooth, está apresentando uma série de produtos de áudio 'vestíveis' com funcionalidades sem fio na feira CES 2017, em Las Vegas. O lineup será encabeçado pelo TONE Studio, alto-falante 'vestível' que entrega um som surround em 3D, e o TONE Free, fones de ouvido intra-auriculares e sem fio, cuja bateria é carregada sempre que eles são acoplados na neckband (fita para pescoço) que faz parte do conjunto.

O TONE Studio HBS-W120 é um alto-falante pessoal 'vestível' equipado com quatro caixas de som – duas principais 'full range' no alto e duas com sistema de vibração embaixo – que entregam uma experiência pessoal de som surround quando o usuário assiste a um filme, joga videogame ou simplesmente faz streaming de música, por exemplo. Seu som foi projetado em parceria com experts em som surround da DTS para oferecer uma experiência realista e com qualidade de cinema onde quer que seja. O TONE Studio vem com um DAC de alta fidelidade, que recria o conteúdo de áudio com a maior precisão possível. Para completar, a função Dual Play permite que o consumidor conecte dois alto-falantes 'vestíveis' LG TONE Studio para compartilhar o som de um filme, playlist ou outros conteúdos.

O TONE Free HBS-F110 é o primeiro produto de áudio estéreo e wireless da LG com fones intra-auriculares sem fio cuja bateria é recarregada sempre que eles são armazenados no interior da neckband, o que facilita sua carga e transporte. A neckband oferece energia extra de bateria e vibra para alertar o usuário do recebimento de uma ligação ou mensagem de texto; além disso, oferece um local

seguro para o armazenamento dos fones quando eles não estão nos ouvidos do usuário, reduzindo a probabilidade de perda. Um suporte carregador opcional oferece mais energia nos momentos em que o uso da neckband não for muito conveniente. E, para proporcionar ainda mais liberdade, o TONE Free permite que o usuário atenda ou recuse ligações somente com comandos de voz, desfrutando de uma verdadeira experiência estéreo sem fio.

"A LG tem um rico legado de inovação no mercado de áudio 'vestível' e nossos produtos servem de base de comparação para todos os outros fones de ouvido", diz Michael Park, vice-presidente da Divisão de Dispositivos Pessoais Inovadores da LG Electronics. "Estamos comprometidos em liderar este mercado dinâmico, desenvolvendo produtos espetaculares que atraem todos os amantes de música e pessoas que buscam conveniência."

O TONE Studio e o TONE Free são apenas dois dos produtos marcantes do lineup de fones de ouvido Bluetooth que a LG estará expondo na CES 2017 em Las Vegas. Entre os outros modelos a serem apresentados estão o TONE Infinim, TONE Ultra, TONE Platinum, TONE Active+, TONE Pro e o LG FORCE, entre outros produtos vestíveis, no Las Vegas Convention Center. ■

Para mais informações:

LG Eletronics

www.lg.com/br

4004 5400 (Capitais e regiões metropolitanas)

0800 707 5454 (Demais localidades)

dCS Rossini Player

Qualquer fonte digital transformada em Ultra High-End



"Uma performance que permite que o ouvinte fique profundamente envolvido com a música, conectada mais diretamente ao coração e alma com pouco ou nenhum esforço. O Rossini se destaca na criação de um senso de realismo musical que é muito mais perto de onde eu gostaria de reprodução de áudio digital fosse."

Chris Binns - HiFi Critic abril-junho de 2016

- Processamento Digital dCS de última geração.
- dCS Ring DAC, como no carro-chefe dCS Vivaldi.
- Entradas digitais UPnP, USB assíncrona, AirPlay da Apple, AES, dupla AES e S / PDIF.
 - Serviços de streaming incluem TIDAL, Spotify Connect e Deezer.
 - Transporte de CD de alta qualidade.
- DXD oversampling multi-estágio com upsampling DSD; filtros DSP e DSD selecionáveis pelo usuário.
 - Auto-clocking melhora a facilidade de uso e minimiza o jitter.
- Firmware atualizável para futuras atualizações de funcionalidade e desempenho.



FERRARI
TECHNOLOGIES
Áudio, Vídeo e Acústica

www.ferraritechnologies.com.br
Telefone: 11 5102-2902 • info@ferraritechnologies.com.br

dCS
ONLY THE MUSIC



ASSISTA AO VÍDEO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=DGNR-6T6H2S](https://www.youtube.com/watch?v=DGNR-6T6H2S)

SOM MAIOR APRESENTA O LASER DISPLAY xTV DA SIM2

A Som Maior está anunciando o lançamento no Brasil do Laser Display xTV para home theater da SIM2, fabricante italiana de alguns dos melhores projetores e displays do mundo. Na categoria projetores para home theater, por exemplo, seus produtos vêm sendo aclamados pelos especialistas pelo seu nível invejável de qualidade de imagem, beleza de design e excelência em construção e nível de acabamento. São essas qualidades que fizeram com que alguns modelos da SIM2 se tornassem os preferidos até de diretores de cinema, como Francis Ford Coppola e David Lynch.

Hoje, devido ao elevado número de modelos de TVs com telas de 60 polegadas ou mais e que podem ser fixadas à parede, elas passaram a ser uma boa opção para quem pretende ter em sua casa um sistema de home theater instalado em um ambiente de grandes dimensões. A outra opção seria a utilização de um projetor, capaz de projetar imagens

ainda maiores para uma maior sensação de envolvimento, que é tudo que se deseja de um sistema de home theater. Surge aí um dilema: enquanto uma TV com tela de grandes dimensões se transforma em um enorme quadro negro quando é desligada, destoando da decoração do ambiente, a necessidade de fixar um projetor no teto da sala pode, por outro lado, não ser do agrado de todos.

Foi pensando nisso que a SIM2 desenvolveu uma brilhante (em ambos os sentidos da palavra) solução para acabar com esse possível dilema: o Laser Display xTV, combinando a envolvente experiência proporcionada por uma imagem de grandes dimensões com um gabinete discreto e de rara beleza. Colocado sobre uma estante ou rack e a apenas alguns centímetros da parede, ele é capaz de projetar uma imagem de 85 até 120 polegadas, com cores vibrantes e naturais e de alto brilho (2900 ANSI lumens), graças à utilização de um avançado chip ►



DLP de alta definição da Texas Instruments e fonte de luz baseada em tecnologia laser. Enquanto a tecnologia DLP é a de maior confiabilidade entre todas as utilizadas nos projetores, a tecnologia laser está se tornando uma tendência em função do elevado brilho das imagens que produz, longa duração e manutenção da uniformidade de cores por praticamente toda a sua vida útil de até 20.000 horas. Com um uso de cinco horas diárias, sete dias por semana, isso representa quase onze anos de duração da fonte de luz laser antes de haver necessidade de sua reposição.

Apesar da utilização de uma tela de projeção ser o ideal, a lente especial desenvolvida pela SIM2 permite que as imagens do Laser Display xTV possam ser projetadas diretamente sobre uma parede de cor branca, para quem prefere que o ambiente fique com um aspecto mais clean. Dessa forma, quando o xTV é desligado nada fica aparente que possa interferir com a decoração da sala. E por falar em decoração, com seu gabinete de cristal de vidro na cor preta ou branca, com dezesseis camadas de revestimento e formas ousadas, o xTV é, ele próprio, uma elegante peça de design italiano desenvolvida por Giorgio Revoldini. Esse gabinete, com várias patentes pendentes, é resistente à luz e a altas e baixas temperaturas, permanecendo por muitos anos com a aparência de novo.

Para uma integração ainda mais harmoniosa com a decoração do ambiente onde será instalado, o xTV pode ser embutido em um móvel, ficando exposta apenas sua parte superior, onde está a abertura para a passagem da imagem a ser projetada, uma solução que qualquer decorador de interiores vai adorar. Ressalte-se ainda que além do seu uso residencial o xTV é também uma excelente solução para instalação em iates, lojas, salas de reuniões e outros ambientes.

O Laser Display xTV oferece alto-falante interno, três entradas HDMI, uma de vídeo composto, uma USB, saída digital óptica e porta RS-232, esta última para conexão com um sistema de automação residencial, como os da Crestron. Através de uma das suas entradas HDMI, o xTV pode passar a ter conectividade sem fio com a utilização de um dispositivo de streaming, como o Chromecast da Google, obtendo assim acesso a serviços como Netflix, YouTube e vários outros.

Sobre a SIM2

Fundada em 1995 e com sede em Pordone, na Itália, a SIM2 Multimedia é uma empresa da indústria eletrônica e fabricante de prestígio mundial de produtos premiados para home theater, além de fornecedora de sistemas de elevado desempenho para uso em salas de controle, comunicações, simulações e sistemas profissionais de projeção para aplicações de E-cinema.

Em um mundo dominado por grandes empresas multinacionais, a SIM2 é uma das poucas empresas europeias que através do seu forte comprometimento com a inovação, o know-how e atividades focalizadas tem sido capaz de estabelecer uma admirável reputação global, sendo fornecedora da coleção mais completa de displays e projetores high-end do mercado atual. ■

Para mais informações:
Som Maior
www.sommaior.com.br
(47) 3472.2666



HI-END PELO MUNDO



CAIXA WIRELESS SAMSUNG H7

Principal lançamento de áudio da coreana Samsung neste início de ano é a caixa wireless H7, cujo principal recurso é fazer upscaling para 32-bit de todos os arquivos reproduzidos nela, sejam eles 16-bit ou 24-bit, com o objetivo de maior detalhamento e qualidade de som, e menor distorção, procurando a sonoridade original do acontecimento musical, no que a empresa chama de UHQ (Ultra High Quality Audio). Com um design limpo, o acabamento em metal da H7 poderá vir em várias cores. O preço final da caixa wireless H7 da Samsung ainda não foi divulgado. ■

www.samsung.com

TOCA-DISCOS MARK LEVINSON 515

Uma das mais tradicionais marcas de áudio hi-end, a Mark Levinson, pertencente ao Grupo Harman - recém adquirido pelo gigante coreano Samsung - anunciou seu primeiro toca-discos de vinil, o 515, desenvolvido em parceria com a VPI Industries, que será totalmente fabricado nos EUA. O 515 tem como base um sanduiche de MDF e alumínio, envolto em vinil, apoiado sobre pés de Delrin e alumínio. O prato de 9 kg é feito inteiramente de alumínio, sendo que o motor AC fica em uma base separada, acionando o prato com três correias. Completando está o braço impresso em 3D montado em um sistema de rolamentos tipo gimbal com base de alumínio. Prometido para o meio do ano, o preço do 515 começará em US\$ 10.000, sem cápsula. ■

www.marklevinson.com



CAIXAS DIPOLO X1 UNIWAVE DA SPATIAL AUDIO

Sediada no estado americano de Utah, a especialista em caixas tipo dipolo Spatial Audio anunciou seu novo modelo, o X1 Uniwave, que combina uma corneta com um driver de compressão para as médias e altas frequências (cortado em 300Hz), e um woofer de 18 polegadas com cone de composite - montado em dipolo - para as baixas frequências. Pesando 70 kg cada, as X1 tem alta sensibilidade, em 95dB, aguentam uma potência máxima de 150W contínuos e tem uma resposta de frequência de 18Hz a 20kHz. O lançamento das X1 está prometido para o Munich Hi-End Show de 2017, e seu preço ainda não foi divulgado. ■

www.spatialaudio.us



CAIXAS TECHNICS SB-G90

Pertencente ao grupo Panasonic, a Technics é uma das marcas consumer tradicionais da história do áudio que está investindo em equipamentos que procuram se estabelecer no segmento audiófilo, como suas mais recentes torres Grand Class SB-G90, que procuram prover precisão, clareza e realismo em todo o espectro audível. As SB-G90 têm os falantes - incluindo o médio e o tweeter em coaxial - montados em um sub-baffle, isolando suas vibrações do gabinete, o qual é reforçado para maior rigidez. Com os woofers de curso longo completando, a caixa promete uma resposta de 27Hz a 100kHz, sendo que suas três vias são cortadas em 480Hz e em 3.2kHz e sua sensibilidade é de 88dB. Seu preço ainda não foi divulgado. ■

www.technics.com

AMPLIFICADOR INTEGRADO QUAD VA-ONE

A marca inglesa Quad - do grupo IAG, que contém Wharfedale, Audiolab, Luxman e outras marcas, desenvolvendo na Inglaterra e fabricando na China - seguindo sua tradição com válvulas, lançou o novo amplificador integrado VA-One, o qual provê 15W de saída (em 6 ohms) com um par de válvulas EL-84 em push-pull por canal. Com controle remoto completo, o VA-One também é amplificador de fones de ouvido e inclui um DAC interno com suporte para áudio digital de alta resolução 24-bit/192kHz com conexão USB, coaxial, ótica e Bluetooth padrão aptX. O preço do amplificador VA-One é de US\$ 1595, nos EUA. ■

www.quad-hifi.co.uk



TRÊS LINHAS NOVAS DE CABOS KUBALA-SOSNA

A desenvolvedora e fabricante de cabos norte-americana Kubala-Sosna acabou de anunciar a inserção de mais três novas linhas ao seu extenso portfólio de cabos de interconexão, força e caixa. Uma nova linha, a Realization, passará a ser a topo de linha, acima da conhecida Elation. A linha Sensation entra como terceira, entre Emotion e Elation e, finalmente, a linha Temptation se encaixa entre as existentes linhas Fascination e Expression. As três linhas novas utilizam a tecnologia OptimiZed, mas a Realization traz a nova arquitetura OptimiZ3 com novos fios, blindagem e geometria. A tabela com os preços dos novos cabos ainda não foi divulgada. ■

www.kubala-sosna.com





THIAGO PAPADOPOLI APRESENTA: PROJETO UNE MODERNIDADE E PERSONALIDADE

XX Renata Caro
agenciacaros@agenciacaros.com

Cores vibrantes e formas geométricas são a marca registrada deste trabalho

A área de arquitetura e decoração vem se aprimorando conforme os anos passam e o desenvolvimento da tecnologia aumenta. Sendo assim, as pessoas que buscam um apartamento decorado de acordo com o seu gosto, contratam um arquiteto para que o resultado seja excepcional.

O arquiteto Thiago Papadopoli atendeu aos pedidos de uma família e projetou uma obra cheia de vida aos moradores. O espaço conta

com três banheiros, dois quartos, cozinha, sala de estar, sala de jantar, varanda e escritório.

Já a sala foi pensada totalmente em um casal que gosta de tecnologia principalmente na hora de reunir os amigos. O home theater, com sistema 5.1 / 5.2 possui subwoofer, televisão de última geração, blue ray e receiver. O som preenche todo ambiente já que foi instalado no teto.

Um dos banheiros ganhou um ar extremamente moderno, com paredes na cor azul escuro. “Ao invés de colocar somente um espelho ►



grande, sugeri a ideia de investir em vários espelhos de diferentes formatos que geram praticidade e beleza ao lavabo”, explica Thiago Papadopoli. Além disso, a cuba e o vaso sanitário receberam um diferencial, com a tonalidade do preto.

O quarto da filha contou com a personagem principal que foi a cor amarela aos detalhes: parte da escrivaninha, armários e cama. Na parede, formatos de círculos e bichinhos á gosto da criança, além de luminárias para auxiliar na leitura.

Com cores claras, o outro banheiro recebeu ladrilhos verde claro resultando sensação de amplitude e sossego. O último banheiro também produziu a tranquilidade no ar e praticidade com o armário composto por quatro espelhos médios, dispondo também de duas torneiras no lavabo.

A suíte do casal ficou marcada pelas luminárias verticais e a cabeceira de cama que garantiram conforto e elegância ao espaço. Os pais pediram duas prateleiras em cima da escrivaninha para que pudessem armazenar suas coleções de filmes e livros.

A cozinha foi composta pela união do branco e preto para as luminárias, revestimentos e banquetas. Enquanto a varanda promoveu um espaço fino com papel de parede e sofá bege.

Para a sala de estar e hall, os moradores que são fãs do Beatles ganharam quadros personalizados que remetem a banda. Além disso, a mesa de refeições para oito pessoas contou com uma luminária vertical amarela e moderna, que possui mais de quatro lâmpadas embutidas. “Para transpor a energia da natureza ao projeto, personalizamos um jardim vertical ao lado da sala de estar”, explica Papadopoli.

Por fim, o escritório que apesar do layout pequeno, foi equipado com mesa para trabalho, prateleira, gaveteiros e cadeiras, unindo a mescla de preto e tom terroso.



Para mais informações:
Thiago Papadopoli
www.thiagopapadopoli.com.br

Nucleo Casa
www.nucleocasa.com.br



RANKING DE TESTES DA ÁUDIO VÍDEO MAGAZINE

Apresentamos aqui o ranking atualizado dos produtos selecionados que foram analisados por nossa metodologia nos últimos anos, ordenados pelas maiores notas totais. Todos os produtos listados continuam em linha no exterior e/ou sendo distribuídos no Brasil.

AUDIO
VIDEO
MAGAZINE

TOP 5 - AMPLIFICADORES INTEGRADOS

Aavik U-300 - 94 pontos (Estado da Arte) - Som Maior - Ed.220
Mark Levinson Nº 585 - 93 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.221
Hegel H300 - 93 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.209
Devialet 800 - 92 pontos (Estado da Arte) - Devialet - Ed.211
Luxman L-590AX - 91,5 pontos (Estado da Arte) - Alpha Audio & Video - Ed.207

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES

D'Agostino Momentum - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198
Luxman CL-38u - 97,5 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio & Vídeo - Ed.218
darTZeel NHB-18NS - 95,5 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.164
Pass Labs XP-30 - 94 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.189
Hegel P30 - 93,5 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.212

TOP 5 - AMPLIFICADORES DE POTÊNCIA

Goldmund Telos 2500 - 104 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.200
Hegel H30 - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.210
D'Agostino Momentum - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.185
PS Audio BHK Signature 300 - 98,5 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed. 224
KR Audio Kronzilla DX - 98 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.205

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES DE PHONO

Tom Evans The Groove+ - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.204
Pass Labs XP-25 - 95 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.170
Esoteric E-03 - 92 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198
Tom Evans The Groove 20th Anniversary - 91 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.185
VTL TP 6.5 Signature - 89 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.156

TOP 5 - FONTES DIGITAIS

dCS Scarlatti - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.183
Player DCS Rossini - 94 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed. 226
Luxman D-08u - 91 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio & Vídeo - Ed.213
dCS Paganini - 90 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.131
MBL 1611F DAC - 90 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.180

TOP 5 - TOCA-DISCOS DE VINIL

Basis Debut - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.196
Transrotor Rondino - 103 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.186
Dr Feickert Blackbird (braço: Reed 3Q) - 95 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.199
AMG Viella V12 - 95 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.189
Transrotor Apollon - 95 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.167

TOP 5 - CÁPSULAS DE PHONO

MY Sonic Lab Ultra Eminent EX - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.202
Air Tight PC-1 Supreme - 105 pontos (Estado da Arte) - Alpha Audio & Video - Ed.196
vdH The Crimson SE - 99 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.212
Benz LP-S - 97 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.174
Ortofon Cadenza Black - 90,5 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio & Video - Ed.216

TOP 5 - CAIXAS ACÚSTICAS

Wilson Audio Alexandria XLF - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.200
Evolution Acoustics MMThree - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.176
Dynaudio Evidence Platinum - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.193
Kharma Exquisite Midi - 98 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.198
Cabasse L'Océan - 98 pontos (Estado da Arte) - Logiplan - Ed.197

TOP 5 - CABOS DE CAIXA

Crystal Cable Absolute Dream - 103 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.205
Kubala-Sosna Elation - 94 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.179
Nordost Odin - 89 pontos (Estado da Arte) - Liquid Sound - Ed.153
Synergistic Research Element Tungsten - 87,25 pontos (Estado da Arte) - Âmbar Audio Dreams - Ed.193
QED Genesis Silver Spiral - 87 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed. 222

TOP 5 - CABOS DE INTERCONEXÃO

Transparent Opus G5 XLR - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.214
van den Hul CNT - 100 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.211
Sax Soul Agata - 99 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul Cables - Ed.217
Sax Soul Zafira II - 90 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul Cables - Ed.210
QED Signature 40 - 89,5 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.221



GUIA BÁSICO PARA A METODOLOGIA DE TESTES

Para a avaliação da qualidade sonora de equipamentos de áudio, a *Áudio Vídeo Magazine* utiliza-se de alguns pré-requisitos - como salas com boa acústica, correto posicionamento das caixas acústicas, instalação elétrica dedicada, gravações de alta qualidade, entre outros - além de uma série de critérios que quantificamos a fim de estabelecer uma nota e uma classificação para cada equipamento analisado. Segue uma visão geral de cada critério:

EQUILÍBRIO TONAL

Estabelece se não há deficiências no equilíbrio entre graves, médios e agudos, procurando um resultado sonoro mais próximo da referência: o som real dos instrumentos acústicos, tanto em resposta de frequência como em qualidade tímbrica e coerência. Um agudo mais brilhante do que normalmente o instrumento real é, por exemplo, pode ser sinal de qualidade inferior.

PALCO SONORO

Um bom equipamento, seguindo os pré-requisitos citados acima, provê uma ilusão de palco como se o ouvinte estivesse presente à gravação ou apresentação ao vivo. Aqui se avalia a qualidade dessa ilusão, quanto à localização dos instrumentos, foco, descongestionamento, ambiência, entre outros.

TEXTURA

Cada instrumento, e a interação harmônica entre todos que estão tocando em uma peça musical, tem uma série de detalhes e complementos sonoros ao seu timbre e suas particularidades. Uma boa analogia para perceber as texturas é pensar em uma fotografia, se os detalhes estão ou não presentes, e quão nítida ela é.

TRANSIENTES

É o tempo entre a saída e o decaimento (extinção) de um som, visto pela ótica da velocidade, precisão, ataque e intencionalidade. Um bom exemplo para se avaliar a qualidade da resposta de transientes de um sistema é ouvindo piano, por exemplo, ou percussão, onde um equipamento melhor deixará mais clara e nítida a diferença de intencionalidade do músico entre cada batida em uma percussão ou tecla de piano.

DINÂMICA

É o contraste e a variação entre o som mais baixo e suave de um acontecimento musical, e o som mais alto do mesmo acontecimento. A dinâmica pode ser percebida até em volumes mais baixos. Um bom exemplo é, ao ouvir um som de uma TV, durante um filme, perceber que o bater de uma porta ou o tiro de um canhão têm intensidades muito próximas, fora da realidade - é um som comprimido e, portanto, com pouquíssima variação dinâmica.

CORPO HARMÔNICO

É o que denomina o tamanho dos instrumentos na reprodução eletrônica, em comparação com o acontecimento musical na vida real. Um instrumento pode parecer 'pequeno' quando reproduzido por um devido equipamento, denotando pobreza harmônica, e pode até parecer muito maior que a vida real, parecendo que um vocalista ou instrumentista sejam gigantes.

ORGANICIDADE

É a capacidade de um acontecimento musical, reproduzido eletronicamente, ser percebido como real, ou o mais próximo disso - é a sensação de 'estar lá'. Um dos dois conceitos subjetivos de nossa metodologia, e o mais dependente do ouvinte ter experiência com música acústica (e não ampliada) sendo reproduzida ao vivo - como em um concerto de música clássica ou apresentação de jazz, por exemplo.

MUSICALIDADE

É o segundo conceito subjetivo, e necessita que o ouvinte tenha sensibilidade, intimidade e conhecimento de música acima da média. Seria uma forma subjetiva de se analisar a organicidade, sendo ambos conceitos que raramente têm notas divergentes.

TESTE
1
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=P8JTN81ZZIM](https://www.youtube.com/watch?v=P8JTN81ZZIM)



PLAYER DCS ROSSINI



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Sou usuário de sistemas dCS há mais de uma década. Todos os nossos discos lançados pela Cavi Records recorreram a modelos dCS tanto no momento da conversão analógico digital, como na fase de mixagem e masterização. E no sistema de referência da Cavi passaram o Puccini e seu respectivo clock, o Paganini e há mais de quatro anos utilizamos o sistema Scarlatti. A assinatura sônica dos digitais dCS são únicas, e aliam resolução e folga como nenhum outro excelente sistema digital. E ainda que tenha escutado excelentes players - que também são Estado da Arte - nesses últimos anos, não consegui ouvir nada que suplantasse a performance do Scarlatti.

Até que em 2014 tive a oportunidade de escutar um sistema completo Vivaldi em um sistema integralmente sinérgico e descobri em algumas poucas horas que estava diante de um novo estágio do domínio digital. Algo absolutamente inimaginável até aquele momento em termos de performance, transparência, naturalidade e conforto auditivo. Naquela audição inesquecível ouvimos obras de uma

variedade dinâmica e complexidade, capazes de nocautear qualquer sistema superlativo. O Vivaldi não se privou em nenhum momento de nos mostrar que estava inteiramente à vontade, independente do gênero e das artimanhas da obra. Escutamos um solo de bateria, grudados à cadeira, e a cada mínima variação dinâmica pudemos visualizar o que o solista estava executando em cada peça do seu instrumento. Saí daquela audição certo de que o Vivaldi é a fonte que nos coloca mais próximo do acontecimento musical, levando o quesito organicidade a um outro patamar de materialização física!

Agora quando me perguntam qual a diferença entre o Scarlatti e o Vivaldi, só respondo: escutem e saberão de imediato a diferença! Pois não tem nada de sutil, pelo contrário, as diferenças são todas audíveis e imediatas. Assim não poderia deixar de aceitar prontamente o convite para testar o Rossini, o primeiro produto derivado diretamente do Vivaldi e que foi apresentado ao mercado em 2015 e está a receber elogios rasgados em todas as principais publicações ►

do mundo. A Ferrari Technologies a princípio tinha a intenção de disponibilizar o CD-Player Rossini e o seu clock, mas o clock foi vendido assim que foi liberado pela alfândega, então resolvi dividir esse teste em duas etapas. Primeiro testamos o Rossini e mais adiante voltaremos a ouvi-lo com seu respectivo clock. O motivo desta minha insistência é que de acordo com todos os testes já realizados com o conjunto, sua performance é ainda mais surpreendente quando trabalhando em conjunto. E acredito piamente, pois quando realizei o upgrade no Puccini com a aquisição do seu clock, sua performance cresceu exponencialmente.

O Rossini está preparado para todas as plataformas existentes na atualidade. Seu DAC de 24-bit/384kHz e DSD128, também inclui um controle de volume para uso como pré-amplificador digital e um streamer UPnP controlado pelo app Rossini para dispositivos iOS. O aplicativo também permite a troca on-the-fly entre DXD e DSD, como a capacidade de selecionar 6 filtros PCM e 4 filtros DSD para a melhor performance de cada música. O usuário pode selecionar também as entradas AES/EBU, UPnP, USB (armazenamento), Digital (Coaxial e Toslink) e USB/PC. Além de um conjunto de entradas coaxiais de 75 ohms (BNC) para a conexão do clock externo Rossini.

O painel frontal segue o mesmo padrão de design e acabamento da linha Vivaldi. Com um painel a esquerda com tela iluminada que apresenta a fonte de entrada, nível de volume, filtro selecionado, reprodução da faixa, etc. Segundo o fabricante o chassis do Rossini, que pode ser prata ou preto, é moído a partir de alumínio usinado de grau aeroespacial, com amortecedores acústicos para reduzir a vibração mecânica e efeitos magnéticos. A regulação de energia é em multi-estágios com um par de transformadores que isolam circuitos analógicos, digitais e do clock interno. No coração do Rossini encontra-se a mais recente plataforma de processamento digital dCS, a tecnologia Ring DACTM, originalmente desenvolvida para a linha Vivaldi.

O Rossini na cor prata chegou integralmente amaciado, o que nos possibilitou colocá-lo imediatamente em teste. Ele foi ligado diretamente ao nosso sistema de referência e começamos ouvindo com o cabo de força Ágata da Sax Soul e depois, para fechamento do teste, trocamos pelo Transparent PowerLink MM2 para podermos comparar com o Scarlatti. O cabo de interconexão foi o Transparent Opus G5 XLR.

É preciso alguns dias para se compreender todo o potencial do Rossini, principalmente para quem já utiliza um sistema dCS. No caso específico do Puccini e do Paganini as diferenças serão rapidamente ouvidas, principalmente em gravações tecnicamente mais limitadas ou em gravações com importantes variações dinâmicas. No Rossini essas gravações soarão mais confortáveis e com uma recuperação de micro dinâmica muito superior! E essas observações foram feitas sem o uso do clock externo, o que me faz crer que com esse upgrade essas diferenças fiquem ainda maiores. Quando comparado diretamente com o Scarlatti essas diferenças não são evidentes, mas em termos de recuperação de micro-detalle sim. Escutei nuances em gravações comprimidas que não ouço no meu sistema Scarlatti. Mas a maior diferença nessa nova série da dCS encontra-se na capacidade de aliar energia com relaxamento. Esse é o grande pulo do gato.

Performance só comparável à música ao vivo, em escala real quando a música vai do silêncio ao fortíssimo e só nos damos conta do real impacto daquele momento alguns milésimos de segundos após essa intensa variação dinâmica ter ocorrido. Como diz um amigo músico: “primeiro sentimos, depois entendemos”. Em outras palavras, amigo leitor, entenda da seguinte forma: essa nova geração da dCS nos permite estar mais perto da música reproduzida eletronicamente como jamais estivemos! E não apenas em termos de resolução, mas também na forma da apresentação, extremamente mais realista e natural.



Detesto a comparação com o analógico, pois caminham em direções paralelas, cada um com suas virtudes e limitações, mas se preciso fazer alguma analogia com algo, prefiro a analogia com ouvir a Nona de Beethoven com instrumentos da época em que a obra foi executada pela primeira vez e com instrumentos produzidos no século XX. Tenho uma gravação alemã feita com instrumentos da época e com o mesmo número de músicos da orquestra e do coral com os quais a obra foi executada pela primeira vez. Foi decepcionante, para ser educado. Depois que escutamos a nona como ela é apresentada hoje, fica difícil ouvir como foi apresentada pela primeira vez! Sensação parecida é escutar seus discos preferidos no Vivaldi e no Scarlatti, ou agora no Rossini e no Puccini. São estágios do domínio digital distintos e por isso mesmo tão fáceis de perceber as inúmeras diferenças.

Arrisco até a dizer amigo leitor, que com o clock do Rossini as diferenças para o Scarlatti serão ainda menores e mais pontuais. E em relação ao Paganini com o clock externo, o Rossini deve ser difícil de ser batido. Conheço centenas de leitores que possuem uma coleção de CDs maravilhosa, com gravações históricas obrigatórias e muitas raras. Mas que se frustram ao colocar em seus sistemas e perceber que muitas, tecnicamente, estão abaixo do valor histórico da obra. Com essa nova geração da dCS esse problema está mais perto de uma solução, pois pela primeira vez constatei enorme diferença entre os filtros existentes no Rossini em relação à geração anterior, composta do Puccini ao Scarlatti.

Sinceramente, escuto 99% dos meus discos (independente da qualidade técnica) no filtro 1 no Scarlatti. Mas, no Rossini, a diferença é substancial, prazerosa e necessária para o ajuste nas gravações tecnicamente limitadas, com resultados muito acima do esperado! Fiquei então a imaginar o nível de melhora possível nas 4 unidades do Vivaldi! E como a mudança do filtro é simples e imediata, o usuário pode, antes de iniciar sua audição, escolher qual filtro é o mais indicado para cada gravação. Outra qualidade desses novos filtros da dCS é a sensação de maior tridimensionalidade de cada opção, tanto na percepção de foco e recorte, como de profundidade e largura da imagem sonora. E quando a gravação tecnicamente é de alto nível, essas características mudam ainda mais em cada filtro.

CONCLUSÃO

O leitor já acostumado com meus testes sabe que quando não descrevo cada um dos quesitos de nossa metodologia é que o produto em teste está em um patamar restrito apenas aos Estado da Arte de nível superlativo. Poderia escrever paginas e mais páginas detalhando cada faixa escutada nos oito quesitos de nossa metodologia. Prefiro nesses casos focar nos avanços tecnológicos e de performance e deixar que o leitor tire suas conclusões.

Com produtos desse naipe, o objetivo primordial do teste é relatar ao publico interessado que mais um degrau foi transposto e já está a disposição no mercado. E mesmo que esteja fora do alcance da esmagadora maioria, ouvi-lo para ter como uma nova referência do patamar em que o digital se encontra é fundamental a todos que amam esse hobby. É maravilhoso quando constatamos que aquele CD 16/44, do qual julgávamos já ter extraído todo o seu potencial em nosso sistema, ainda tem um sumo a mais para nos entregar. Foi exatamente o que fiz: antes de embalar o Rossini para devolução, lembrei-me de colocar o CD Fragile do grupo Yes – prensagem Microservice – que ao longo de todos esses anos sempre soou duro, digitalizado, com agudos escondidos, tímidos e pouco naturais, e no Rossini no filtro 2 soou tão bem, diferente e confortável, que me fez escutar o CD inteiro como se estivesse ouvindo pela primeira vez! Essa é a magia do Rossini, um player que pode fazer o milagre que tantos audiófilos esperam há anos!

ESPECIFICAÇÕES	Tipo	Upsampling CD / Network Player
	Tipo de conversor	Ring DACTM proprietário da dCS.
	Entradas digitais	- Rede RJ45 (UPnP/PTM) assíncrono, reproduzindo a partir de NAS ou computador, em todos os principais formatos lossless como FLAC, WAV e AIFF, até 24-bit/384kHz, e DSD64 e DSD128 em formatos DFF/DSF. Também suporta WMA, ALAC, MP3, AAC e OGG. - Aceita dados em stream de iPod, iPhone ou iPad via Apple AirPlay (44.1 ou 48) - USB 2.0 (B-type) assíncrono 24-bit/384kHz, DSD64 e DSD128 em DoP. - USB (type A) assíncrono para stream de flash drive 24-bit/384kHz, DSD64 ou DSD128. - 2x AES/EBU aceitando 24-bit/192kHz ou DSD64 (em DoP). Com dois cabos AES aceita até 384kHz, DSD64 e DSD128 (em DoP). - 2x SPDIF (RCA) e 1x BNC aceitando 24-bit/192kHz ou DSD64 (em DoP).

ESPECIFICAÇÕES

Mecanismo	Stream Unlimited JPL-2800 SilverStrike com bandeja de alumínio.
Saídas analógicas	- Nível de saída 2V ou 6V rms. - 1x Saídas Balanceadas XLR, com impedância de saída 3Ω, carga máxima de 600Ω. - 1x Saídas não-Balanceadas RCA, com impedância de 52Ω, carga máxima de 600Ω.
Entrada de Clock	2x Word Clock em conector BNC (44.1, 48, 88.2, 96, 176.4 ou 192kHz).
Filtros	- Em modo PCM: 6 filtros (variações de rejeição de imagem Nyquist e resposta de fase). - Em modo DSD: 4 filtros (redução progressiva de nível de ruído fora da banda audível).
Upsampling	DXD como padrão, ou upsampling para DSD opcional.
Atualização de Software	Carregado diretamente na gaveta em um CD-R, ou através do USB.
Controle	Rossini App dCS Rossini para configuração e reprodução de música. Controle remoto IR.
Alimentação	100, 115/120, 220 ou 230/240V AC, 50-60Hz (configurado de fábrica).
Consumo	26 Watts típico / 35 Watts máximo.
Cor	Preto ou prata
Dimensões (L x A x P)	444 x 151 x 435 mm
Peso	17.4 kg

PONTOS POSITIVOS

PONTOS NEGATIVOS

Seu preço.



PLAYER DCS ROSSINI

Equilíbrio Tonal	12,0
Soundstage	12,0
Textura	12,0
Transientes	12,0
Dinâmica	11,0
Corpo Harmônico	11,0
Organicidade	12,0
Musicalidade	12,0
Total	94,0

VOCAL	██
ROCK . POP	██
JAZZ . BLUES	██
MÚSICA DE CÂMARA	██
SINFÔNICA	██

Ferrari Technologies
(11) 5102.2902
U\$ 57.000

ESTADO DA ARTE



PREPARADO PARA QUALQUER CONFIGURAÇÃO.

Descubra o upgrade que a
linha Signature 40 pode fazer
no seu sistema de áudio.



www.maisondelamusique.com.br
+55 11 2117.7005



THE SOUND OF SCIENCE SINCE 1973

EDIÇÃO ESPECIAL
MELHORES DO ANO
2016

CONHEÇA OS 42 PRODUTOS QUE
SE DESTACARAM EM 2016



METODOLOGIA

COMO UTILIZAR A EDIÇÃO MELHORES DO ANO

Para facilitar sua consulta, amigo leitor, dividimos os produtos em acessórios, áudio e vídeo e os apresentamos de acordo com o selo recebido em ordem crescente. Esta sequência, que vai do Prata Recomendado ao Estado da Arte, é explicada mais abaixo.

Na parte superior de cada página desta seção você encontrará um ícone representando o tipo de produto testado e, logo abaixo dele, o modelo do equipamento e o articulista que realizou o teste. Ao final do texto você poderá ver o selo dado pela revista para este produto (indicando a sua categoria), o nome e o contato do importador ou distribuidor, o valor pelo qual ele é vendido e a edição da Áudio Vídeo Magazine na qual o teste foi publicado.

Este ano 17 produtos ganharam o selo Produto do Ano Editor. Estes equipamentos, além de excepcional desempenho, ainda apresentam uma atrativa relação de custo-performance dentro da categoria a que pertencem.

Depois de escolher os produtos que mais lhe interessam consultando esta seção, localize a revista que teve o teste publicado para poder ler a análise completa e ter dicas quanto à compatibilidade e melhor utilização do equipamento.

Sempre que possível procure ouvi-lo em seu sistema, respeitando as recomendações fornecidas, antes de decidir pela compra. Caso não seja possível ter acesso ao equipamento, envie-nos um e-mail para o endereço revista@clubedoaudio.com.br para informar as características de sua sala, sua configuração atual e suas preferências musicais. Você terá uma consultoria gratuita sobre o equipamento desejado. Este serviço já ajudou milhares de leitores a ajustar seus sistemas e obter um resultado melhor sem desperdiçar tempo ou dinheiro.

Lembre-se que o resultado final também dependerá da qualidade da instalação elétrica da sua sala e da acústica. Acreditamos que a informação de qualidade será sua melhor ferramenta nessa gratificante jornada. Boa sorte!

SELOS UTILIZADOS EM NOSSA METODOLOGIA



PRATA RECOMENDADO / PRATA REFERÊNCIA

Um produto Prata já possui um sólido compromisso com a qualidade de reprodução de áudio e vídeo e muitos se enquadram na categoria Hi-Fi (alta fidelidade).



OURO RECOMENDADO / OURO REFERÊNCIA

Produtos desta categoria demonstram ótimo desempenho em um ou mais quesitos da metodologia e, a partir da categoria Ouro Referência, já são considerados Hi-End.



DIAMANTE RECOMENDADO / DIAMANTE REFERÊNCIA

Para pertencer à categoria Diamante, o produto deverá ter excelente desempenho em todos os quesitos da metodologia, sendo capaz de reproduzir adequadamente qualquer estilo musical. Produtos Diamante Referência são aqueles que melhor representam os ideais Hi-End.



ESTADO DA ARTE

Esta é uma categoria à parte e que não possui subdivisões. Produtos Estado da Arte disponibilizam o melhor que a tecnologia atual é capaz de oferecer ditando os parâmetros que serão buscados pelos demais fabricantes. Ela representa o ponto mais alto da reprodução eletrônica.



PRODUTO DO ANO EDITOR

Este selo, criado em 2002, tem por objetivo premiar os produtos que se destacaram dentro de suas respectivas categorias. O critério de escolha baseia-se no conjunto de inúmeras qualidades, como: avanço tecnológico, performance, custo-benefício e sinergia.



SELO DE REFERÊNCIA AVMAG

Esse selo, criado em 2016, apresenta nossa opinião em relação a dois produtos concorrentes com a mesma pontuação, confirmando que o produto com o Selo de Referência da revista é o produto a ser 'batido' no próximo ano.

HEADPHONES

FONE DE OUVIDO SONY MDR-1A

Fernando Andrette



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=VE1DO12JLSG](https://www.youtube.com/watch?v=VE1DO12JLSG)

Quando a Sony nos sugeriu o teste do seu fone MDR-1A, dissemos sim com um largo sorriso no rosto. Afinal essa linhagem de fones MDR já é um velho conhecido. Trabalhei em diversos estúdios de gravação com o MDR-1RS e sempre foi um dos meus fones preferidos por dois motivos: seu conforto e ergonomia e sua capacidade de vedar o ambiente externo. A nova versão, agora batizada de MDR-1A, ficou ainda mais leve e ergonômica, e suas almofadas são ainda mais 'convidativas' para longas audições.

Algumas de suas características técnicas chamam bastante à atenção. Começando com a sua bela resposta de frequência de 3 Hz a 100 kHz, sensibilidade de 105 dB / mW e uma bobina de 40 mm tipo dome, de polímero de cristal líquido e uma carcaça de alumínio. Ele vem com um cabo de 1,2 m e é compatível com smartphone.

Como ele já estava amaciado, o colocamos em teste imediatamente. Utilizamos o MDR-1A ligado ao integrado da Onix (que possui um excelente pré de fone de ouvido) e também ao Luxman. Também o utilizamos ligado à bateria eletrônica Roland do meu filho.

COMO TOCA

O MDR-1A possui uma extensão fabulosa em ambos os extremos! Seus agudos são muito limpos, corretos, sem nenhum artifício de equalização e permitem uma apresentação assombrosa de ambiências com total precisão no tamanho da sala em que foram realizadas as gravações (estamos falando de gravações sem o uso de reverberação digital). Os planos de música sinfônica são muito interessantes, pois parecem estar fora de nossa cabeça, à nossa frente. E a separação entre canais é perfeita!

Interessante é que li em dois sites (um francês e um americano), que acharam vozes muito recuadas ou mais tímidas (?). Minha impressão foi exatamente ao contrário; esse 'pseudo' recuo é que permite uma imersão completa no acontecimento musical, sem precisarmos exagerar no volume. Não tivemos nenhum problema de inteligibilidade em nenhuma das gravações que escutamos. Outra característica que muito nos agradou é que com o seu grau de transparência o volume pode ser muito correto.

O que concordo com as avaliações que li, é que o corpo na região médio / grave poderia ter um pouco mais de energia. Isso evitaria, em gravações tecnicamente comprometidas nessa região, de ser 'tentado' a aumentar um pouco o volume. Mas convenhamos, isso não é problema do fone e sim da gravação! No outro extremo os graves também são muito corretos, com ótima velocidade, peso e excelente decaimento.

Quer a prova dos nove? Escute uma bela gravação de órgão de tubo e sinta a vibração e sustentação das notas graves dentro da cabeça! (cuidado somente para não se empolgar e aumentar demais o volume, pois o risco de distorção é grande). Suas texturas são excelentes, assim como também os transientes.

CONCLUSÃO

Sou bastante 'encanado' com o uso por muitas horas de fones de ouvidos (afinal meu ganha pão é esse velho par de orelhas). Mas tenho que dar a mão a palmatória, e concordar que os fones de ouvidos melhoraram muito nos últimos anos.

O Sony MDR-1A possui uma relação custo e performance admirável e pode tranquilamente ser o fone de ouvidos de inúmeros audiófilos e melômanos. Sério candidato a produto do ano. ■

AVMAG #216
 Sony
www.sony.com.br
 R\$ 1.699,99

NOTA: 75,0



DIAMANTE REFERÊNCIA

FONE DE OUVIDO SENNHEISER IE800

Fernando Andrette



A linha HD da Sennheiser, com seu fabuloso HD800, é um marco na evolução de fones hi-end, principalmente avaliando-se a qualidade dos graves, que sempre foram a pedra no sapato de qualquer fone com drives dinâmicos. Já fones auriculares como os apresentados pela JVC ou mais recentemente a Shure, ganharam rapidamente uma legião de admiradores tanto na tribo de melômanos como na de audiófilos, por serem ultra leves e, quando bem encaixados, proporcionam um grave ‘viciante’ e impossível de ser reproduzido por nenhum fone externo.

Mas a Sennheiser é justamente reconhecida por ser o mestre dos fones de drives dinâmicos, e seu fone IE800 veio para mostrar que eles também querem uma fatia desse novo mercado hi-end. Com o uso de um drive de 7mm, fica difícil imaginar que se consiga tão ampla faixa de reprodução com tão amplo alcance dinâmico e resposta correta nos dois extremos. O mercado de consumer não entendeu prontamente a proposta da Sennheiser, achando que pelo seu preço o cabo deveria ser destacável, pois seu longo fio atrapalha na hora de guardá-lo ou o roçar do cabo na roupa pode incomodar, além das possibilidades de upgrade do cabo.

Esses críticos esqueceram que o IE800 pode ser usado em movimento, mas certamente pela sua performance é um fone hi-end para ser usado em casa, ligado ao sistema do melômano ou do audiófilo, sentado em sua sala de audição confortavelmente. Mas, deixando de lado essas ‘picuinhas’, vamos ao que interessa: sua qualidade sonora.

Encaixar nos ouvidos corretamente o IE800, levará tempo e paciência. Mas posso lhe garantir que depois de devidamente encaixados, você se assustará com a resposta dos graves e dos médio-graves. Esse é o sinal de que você achou o ponto ideal de pressão para o seu ouvido. Se só tiver médio/grave ou um grave sem corpo ou impacto, continue tentando até achar o ponto de pressão ideal. Também notei que algumas revistas afirmaram que os agudos podem soar um pouco proeminentes e causar fadiga auditiva. Usei o IE800 por semanas e os agudos só pareceram desequilibrados quando o ponto de encaixe para o grave não foi alcançado. Feito o encaixe e a pressão correta tudo em termos de equilíbrio tonal vai imediatamente para o lugar. E que equilíbrio tonal!

Agudos com enorme extensão capazes de, pelo hiss das fitas master analógicas, percebermos a década em que a gravação foi feita. ►

HEADPHONES

Escutei dezenas de gravações de jazz da década de 60 e 70 e a quantidade de hiss nas gravações me transportou para a sala de mixagem. Voltei no tempo em que trabalhava no estúdio Gramophone em São Paulo e usávamos como monitores um par de JBL 4043 e um mini monitor Yamaha NS-10. E gravadores analógicos Studer e Otari.

O IE800 o coloca holograficamente dentro do acontecimento musical, como se os músicos estivessem em círculo à sua volta. Os graves, além de corretos, possuem muita energia, peso e velocidade - ouvindo o CD do Ron Carter Nonet (faixa 7 - El Rompe Cabeza) é que tive uma ideia exata da precisão e qualidade das baixas e médias frequências do IE800.

Essa gravação é 'encardida' e se tudo não estiver devidamente correto em termos de equilíbrio tonal, transientes, corpo harmônico, micro e macro-dinâmica, torna-se uma gravação inaudível! Pois a reprodução dessa faixa foi impecável e com uma resolução que só havia escutado anteriormente no HD800!

Ouvi muitos pianos solo, obras sinfônicas e encantei-me com a qualidade de resolução e transparência da região média. Interessante que a princípio ela pareceu-me um nada mais recuado, mas a medida que os dias de teste foram se sucedendo, achei a região média extremamente bem encaixada. Será o amaciamento do cabo OFC do IE800? Ou do próprio fone? É um dado que me chamou bastante a atenção e anotei quando o fone estava com aproximadamente 80 horas de uso.

Além dessa transparência, gostei muito das texturas e naturalidade de vozes e instrumentos acústicos. Mas devo alertar a todos os nossos leitores, que como é um fone que quando corretamente colocado possui enorme energia os cuidados com o volume devem ser redobrados, pois ele se torna viciante, e a tendência de se abusar do volume é quase que imediata (principalmente em estilos musicais em que andamento, tempo e ritmo são predominantes).

CONCLUSÃO

Para os amantes de um grave com peso, velocidade e ritmo, o IE800 já é de cara uma tentação. Mas ele é um genuíno fone hi-end, com inúmeras virtudes sonoras, que certamente agradará a todos que gostam de fones, mas se sentem incomodados com o peso e a pressão em volta da orelha dos fones convencionais. Eu sou um que não me permito ouvir mais de duas horas por dia música em um fone de ouvido. Com o IE800 essas duas horas quase foram dobradas, pois além de leve, ele incomoda muito menos fisicamente pois seu encaixe, quando bem feito, nos faz esquecer em minutos que o estamos usando.

Se você procura um fone hi-end nessa faixa de preço, e busca algo inteiramente pessoal como seu aparelho de barbear, e não se incomoda em ter que pacientemente manuseá-lo para não estragar seu cabo não-destacável, pois o que lhe interessa é a performance e não a estética, então o IE800 deve ser escutado com urgência.

Pois possui todas as qualidades que o audiófilo tanto busca em um fone hi-end como: excelente resposta nos dois extremos, transparência, equilíbrio tonal e principalmente corpo e peso nos graves, que poucos fones convencionais conseguem extrair dessa região do espectro. Em um bom pré de fone' todas essas virtudes estarão ao seu alcance diariamente. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=PNUB6WWRFOG](https://www.youtube.com/watch?v=PNUB6WWRFOG)

AVMAG #224
 Sennheiser
www.sennheiser.com.br
 Preço sob consulta

NOTA: 78,0

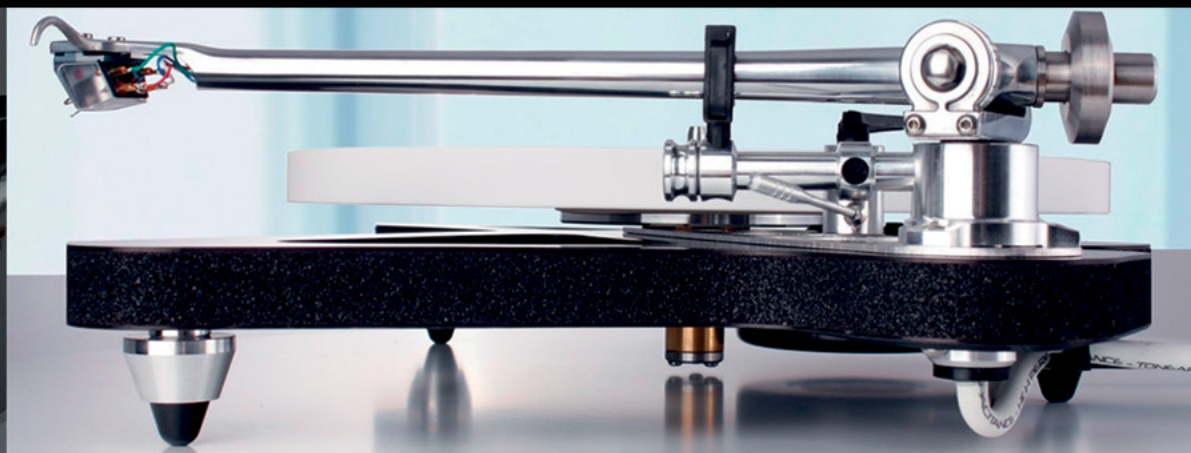


DIAMANTE REFERÊNCIA

CALZENZA



OS ELEITOS EM 2016



VENHA OUVIR ESSE SISTEMA E DESCUBRA
PORQUE FORAM ELEITOS OS MELHORES
DE SUA CATEGORIA, EM 2016.



CABOS

CABO DE INTERCONEXÃO RCA LEY LINE BAIKAL

Fernando Andrette



Através do nosso querido leitor Fernando Bersotti é que ficamos conhecendo a Ley Line Cabos e o seu projetista Bernardo Chianca. Podem nos acusar de tudo, mas mesmo os nossos mais virulentos críticos não podem negar nosso trabalho de duas décadas de fomentar e incentivar o desenvolvimento de produtos hi-end aqui nesse triste Brasil. E, agora com a economia combalida e o dólar nas alturas, é salutar que produtos de qualidade produzidos aqui, estejam chegando ao mercado.

Quem sabe não seja esse o lado positivo dessa gigantesca crise econômica e política: uma nova geração de projetistas dispostos a lutar por uma fatia de mercado, justamente no momento em que as importações de bens duráveis no Brasil despencam a patamares nunca vistos! Uma crítica que sempre faço em relação aos produtos nacionais é a dificuldade de extrair informações detalhadas do produto enviado para teste. Todos escondem o jogo. Ainda que tenha sido condescendente esses anos todos, colocando-me no lugar do fabricante que teme ser 'copiado', confesso que fico em uma posição desconfortável com os nossos leitores. Afinal é dever nosso dar o maior número de informações possíveis do produto testado, para que o leitor possa tirar suas conclusões.

E, pela primeira vez, recebo junto com o produto enviado para teste, uma brochura completa com informações objetivas do produto, filosofia e proposta da empresa e informações adicionais de toda a linha já existente. Parabéns à Ley Line! E, que essa atitude seja seguida por todos os futuros projetistas que quiserem uma fatia desse mercado tão seletivo e dinâmico.

Antes de falar especificamente do cabo top de linha o Baikal, deixe-me apresentar aos nossos leitores a empresa Ley Line Cabos. Existe uma teoria (ou lenda) de que existem pontos no planeta onde a energia se concentra e que, para marcar tais pontos, os povos antigos costumavam erguer neles os seus monumentos religiosos. Dizem que se ligarmos tais pontos com linhas retas, encontraremos organizados geometricamente entre si os caminhos por onde a energia flui por todo o globo terrestre, formando uma espécie de teia, com os monumentos como vértices. A essas linhas foi dado o nome de "Ley Line". A partir desse conceito surgiu a Ley Line Cabos Sob Medida, que visa oferecer aos seus clientes produtos de alto nível, com preço justo, alta durabilidade, estética perfeita e uma confiança ímpar. Todos os cabos, do mais básico ao mais sofisticado, são montados a mão, de forma artesanal, com a mesma atenção.

A linha é composta do Ley Line Stonehenge (que, até o lançamento do Baikal, era o top de linha) com condutores 100% OFC composto por duas vias de 1 mm², dielétricos de PVC e malha torcida 100% OFC - na versão padrão ele é montado com conectores Nakamichi. Outros produtos já em linha são o Dragon Hill (RCA), o Old Sarun (Y/P2) e o Mont-Dol (Cabo Coaxial).

O Baikal o cabo enviado para teste é o mais sofisticado até o momento. Este cabo é composto de quatro condutores de cobre, sendo dois rígidos e dois flexíveis, cada um deles de 1,5 mm², revestidos com tecido mesclado de algodão e poliéster e trançado em litz para cada um dos canais. O fabricante informa que esse modelo top de linha será vendido de forma sazonal (pois só será produzido quando o fabricante tiver a disposição a matéria-prima de excelente qualidade). O cabo enviado para teste foi de 1 metro, com conectores Nakamichi. Seu acabamento é muito cuidadoso, e o cabo é bem flexível. Como ele é trançado em malha de algodão azul, chamou de imediato a atenção de minha filha, que jamais tinha visto um cabo com esse tipo de acabamento!

Para nossa avaliação o colocamos entre o DAC Scarlatti e o pré de linha Dan D'Agostino e depois de 200 horas de queima o escutamos entre nosso pré de phono e o pré de linha. Das alterações da primeira audição para anotações, até o teste, as mudanças foram muito pontuais. A principal mudança ocorreu no ganho de mais arejamento nas altas frequências e um ganho (muito bem vindo) na região médio / grave. O Baikal, de uma maneira geral, já sai tocando muito bem. Com timbres naturais, quentes, com um refinado invólucro harmônico e um equilíbrio típico dos excelentes cabos de cobre OFC. Sua região média é muito detalhada, e sua assinatura sônica nos permite sempre audições confortáveis, e livres de fadigas. Os graves são corretos, com muito boa velocidade e extensão. Alias, fiquei com a sensação de que as baixas frequências possuem maior extensão que na outra ponta (extremo agudo).

Em um sistema com enorme folga, como o de referência da CAVI, isso não é nenhum problema, mas em um sistema Ouro (na nossa metodologia), pode ser que o usuário deseje um pouco mais de arejamento nas altas-frequências. Mas, como sempre escrevo, tudo é uma questão de ouvir e ver como se comporta em cada sistema. Pois quando olhamos para o seu preço final e sua performance, isso, na minha opinião, passa a ser um mero detalhe! Pelo que custa, o Baikal é um excelente produto por qualquer ângulo que avaliemos o produto. Seu soundstage também está totalmente compatível com cabos categoria Diamante: planos corretos, com ótimo recorte e foco, boa altura, profundidade e largura. Gostei muito dos transientes do Baikal, principalmente nas gravações de piano solo e percussão. É rápido, incisivo e com uma correta apresentação de tempo e ritmo.

A micro-dinâmica é de muito bom nível e com um maior silêncio de fundo certamente colocariam o Baikal em um nível acima. Mas não desapontam de modo algum, pois os pianíssimos são apresentados de forma muito correta e fiel. Já à macro-dinâmica, falta aquele maior deslocamento de ar, peso e energia. Natural e totalmente justificado em sua faixa de preço!

CONCLUSÃO

A quem se destina o cabo Baikal? Enquanto testava esse interessante cabo, essa pergunta foi tomando forma e exigindo uma resposta. Em minha opinião, ele se destina à todos que desejam dar o primeiro passo seguro em um upgrade de cabos! Digo seguro upgrade, pois não se trata de trocar seis por sete, e sim descobrir o potencial de um sistema que já esteja razoavelmente equilibrado, mas pode oferecer um 'algo a mais'. E, a partir de um sistema Ouro, sempre o 'algo' que se possa melhorar e 'amplificar': nosso prazer em ouvir nossos discos e nosso sistema é muito bem-vindo!

O Baikal é um cabo com muitas virtudes, e pelos quatro meses de teste, pude observar duas grandes vantagens em relação à concorrência: seu preço inimaginável para seu nível de performance e seu auto grau de compatibilidade. Ele foi testado em soundbar, até micro-system de R\$ 999. E em todos esses equipamentos ele foi um upgrade 'audível'! Então, aqui vai minha resposta: o cabo Baikal é uma excepcional opção para todos que tenham o desejo de ajustar o seu sistema e querem fazê-lo da forma mais barata e eficiente possível! Se é esse o seu desejo amigo leitor, corra, pois como disse trata-se de um produto 'sazonal' e que só vai estar em produção enquanto a matéria prima utilizada em sua construção estiver disponível. Uma verdadeira pechincha audiófila!

AVMAG #217
Ley Line Cabos
(11) 98268.5153
R\$ 299 - 1 m
R\$ 442 - 2 m

NOTA: 71,5



DIAMANTE RECOMENDADO

CABOS

CABO DE CAIXA SUNRISE LAB REFERENCE II

Fernando Andrette



Com o agravamento da crise no meio do ano passado, o Ulisses da Sunrise Lab, em uma visita a nossa sala de referência, nos confidenciou que estava desenvolvendo um upgrade na linha de cabos Reference (sua linha mais vendida), e os resultados auditivos preliminares eram bem promissores. Minha única pergunta, naquele instante, foi: continuará sendo um cabo barato? Pois muitos de nossos leitores, aquela altura, já reclamavam do aumento do dólar e da dificuldade de conseguir realizar novos upgrades em seus sistemas. Sua resposta foi sim, os preços sofreriam alterações, devido à matéria prima ser importada, mas os preços continuariam condizentes com a realidade de mercado. Afinal cabos de entrada sempre foi um nicho que a Sunrise sempre atendeu com enorme competência.

No final de outubro, o Ulisses me liga e diz estar pronto para escutar em nossa sala o novo Reference II de caixa. Ainda com a ressaca das eleições, e certo do que viria pela frente em termos de continuidade desse 'desgoverno', pedi para ele nos apresentar a nova versão. Trata-se de um cabo de boa espessura, porém totalmente maleável e leve (para ambientes pequenos essa é uma característica importante em cabo de caixa). A geometria principal é de condutores concêntricos multifilares isolados. Seção total por lado de 5,19 mm². E seu comprimento padrão é de 2,40 metros/par, com capacitância baixa, resistência de 3,2 mOhm/m total, dielétrico principal de PVC com banho semi condutor, condutores de cobre OFC com tratamento criogênico

e acabamento com capa PEDB trançada cor preta. Os plugues são padrão banana com contato tipo guarda chuva, banhados a ouro. Eu já de cara gostei tanto da aparência, assim como das qualidades sônicas.

Como o cabo estava integralmente amaciado, o nosso trabalho foi de apenas colocá-lo imediatamente em teste. Foram dois meses de uso diário, tanto com todos os equipamentos em teste, como também na sala de home e no sistema do meu filho. Na nossa sala ele foi testado com as seguintes caixas acústicas: Gauder Arcona 60, Tannoy Glenair 10, Kharmas Exquisite Midi e Elegance DB11-S. Os amplificadores integrados usados no teste foram Hegel H80 e Rega Elicit-R. As fontes digitais foram Rega Saturn-R, Luxman D-08u e sistema dCS Scarlatti.

Uma das principais características do novo Reference II é o seu excelente equilíbrio tonal. Sua ótima naturalidade, harmônicos ricos e muito boa extensão nas duas pontas para sua faixa de preço. Os instrumentos acústicos e vozes soam magistralmente corretos, nos dando de imediato aquele conforto auditivo que tanto buscamos em sistemas hi-end. Os agudos possuem ótimo decaimento, limpeza e zero de brilho, o que possibilita, em gravações tecnicamente limitadas nessa faixa do espectro, um 'alento' ao ouvirmos esses discos. A região média é muito equilibrada com excelente transparência e calor, e os graves surpreendem pelo corpo, peso e extensão.

O soundstage, que costuma ser uma pedra no sapato de todo cabo de entrada, foi outra grata surpresa, pois a profundidade (o maior desafio ainda existente nessa faixa de preço), é de alto nível! Os planos são corretos, com excelente foco e recorte, mesmo em gravações sinfônicas. E correta apresentação de largura, altura e profundidade! Gostei muito dos planos com música sinfônica pelo bom respiro entre os instrumentos e naipes e um foco e holografia de primeira nos solistas. Vozes possuem aquela 'magia' quase 3D, de percebermos a altura e a técnica vocal do cantor ou cantora. Esse detalhe que passa muitas vezes incólume pelos sistemas mais de entrada, mas em sistemas mais tops é um dos grandes diferenciais que tanto encanta os audiofilos iniciantes. E o Reference II possui essa qualidade tão importante para a sensação da materialização física do acontecimento musical na nossa sala de audição.

Com uma região media tão musical e quente a apresentação das texturas no Reference II é também de alto nível! Intencionalidades, qualidade dos instrumentos e técnicas dos músicos, são notadas sem nenhum esforço auditivo. Junto com o equilíbrio tonal foi uma das características que mais gostei. Pois sistemas mais simples precisam dessas características para tornar as audições mais 'sedutoras'.

Os transientes do Reference II nos permite ouvir tempo e ritmo com enorme precisão e desejo de acompanhar o andamento da musica com os pés. E gostei muito da apresentação de inúmeros solos de piano e de percussões. Ao contrário de muitos cabos de entrada, que parecem ser letárgicos na apresentação de ritmo, como se os músicos estivessem tocando displicentemente, o Reference II possui uma precisão 'autoritária', conduzindo com mão de ferro o andamento da música. Junto com soundstage, transientes é outra 'pedra no sapato' dos cabos mais simples.

A micro dinâmica é muito boa, graças ao silêncio de fundo e a transparência excelente da região média. E a macro dinâmica não compromete nunca. Claro que em sistemas mais modestos, a macro dinâmica já é bem limitada, mas precisa ficar claro que não será desse cabo. Ele em sistemas mais intermediários e altos, respondeu com mérito a todos os exemplos desse quesito de nossa metodologia (até pelos tiros de canhões da Abertura 1812 ele passou com méritos).

No corpo harmônico, o Reference II ficou na fronteira entre os cabos mais top e os intermediários, bem longe dos cabos de entrada. Se o corpo dos instrumentos não foi do tamanho de nossas principais referencias (que custam até 10 vezes mais caros), não foi o de cabos de entrada que reduzem todos os instrumentos ao tamanho de pizzaquinho. Nos agradou uma coerência proporcional em relação ao tamanho dos instrumentos, o que proporciona audições muito convincentes sem nenhum tipo de comprometimento (como ouvir um violão do tamanho de um flautim, ou mesmo o contrário: um violão do tamanho de um contrabaixo acústico). Quando o tamanho do corpo dos

instrumentos é coerente com seus tamanhos reais, o cérebro não se incomoda, permitindo que naquelas gravações audiófilas de alto nível a materialização do acontecimento musical ocorra e nos coloque frente a frente com os músicos! O Reference II possui esse grau de magia, desde que colocado em um sistema também capaz de nos brindar com esse encanto sonoro.

CONCLUSÃO

Se a Sunrise Lab desejava oferecer um cabo de entrada com qualidades capazes de atender ao melômano e audiófilo que possui um sistema diamante intermediário, fez um golaço! Pois as características e assinatura sônica do Reference II são muito consistentes. E, aliado ao seu altíssimo grau de compatibilidade com eletrônicas e caixas, o transforma em uma excelente opção tanto para sistemas categoria Ouro Referência, como Diamante Recomendado (quase Referência).

É um acerto magistral, justamente em um momento em que vemos a desvalorização do Real atingir um nível, que impossibilitará muitos upgrades mais vultosos. Para todos que desejam 'algo mais' em seus sistemas, e sabem que o elo fraco se encontra entre o amplificador e a caixa, escutem o Reference II. Ele pode perfeitamente ser a solução que faltava para o seu sistema ganhar alguns anos a mais de sobrevida!

Aguardo ansiosamente ouvir os novos Reference II de interconexão e força, pois se estiverem na mesma direção do de caixa, farão um sucesso estrondoso no mercado, tão carente por excelentes produtos com valores que todos podemos pagar! Não tenho duvida que como o belo integrado V8, que já vendeu mais de 60 unidades em três anos e meio, o Reference II de caixa trilhará o mesmo caminho. ■

AVMAG #215
Sunrise Lab
(11) 5594.8172
R\$ 2.000 (par)

NOTA: 72,5



DIAMANTE RECOMENDADO

CABOS

CABO DE FORÇA ACROLINK 7N-P4020III

Christian Pruks



INTRODUÇÃO

Digamos que, em plena era da Internet, em plena era da tecnologia acessível (e mais compreensível) - quando já não se fala mais de pequenos demônios dentro da fiação elétrica que fazem as luzes acenderem e ninguém chama um padre para quebrar as lâmpadas com um porrete e um borrifador de água benta, por exemplo - uma pessoa que seja, digamos, fã de carros de alta performance e tecnologia não irá dizer que usar uma gasolina melhor, ou um óleo especial, é feitiçaria, somente porque a compreensão ou percepção dele não estava na mesma sintonia. Digo isso, que soa um pouco mal humorado, porque ainda hoje vejo pessoas com amplificadores e players de até dezenas de milhares de reais, usando os cabos de força originais emborrachados, aqueles que parecem cabo de computador. E, para tal, ouço argumentos fenomenais como “o cabo de força não deve alterar o som, porque não passa sinal nele”, só que esses se esquecem que os equipamentos tocam bem não é porque tem um hamster dentro acionando uma rodinha, mas sim porque tem alta qualidade na fiação do transformador e nos componentes usados - e se pode e se deve usar transformador com fio bom, por que raios o cabo de força com fios e plugues de melhor qualidade não teria influência no som?! Então, caros audiófilos, se vocês já descobriram que cabo de força influencia sim na qualidade e nas características sonoras, então continue levando-os em consideração em seus futuros upgrades. Agora, se você ainda não usa cabos de força especiais em seus equipamentos, por favor não vá pelas minhas palavras, mas sim procure experimentar alguns e siga seus ouvidos - aposto minha coleção de figurinhas auto-adesivas de Star Wars que você não voltará aos cabos de monitor de computador.

SOBRE A ACROLINK

Com mais de 20 anos de atividade, a desenvolvedora e fabricante japonesa de cabos para áudio Acrolink, em associação com a gigante Mitsubishi, vem se dedicando à pureza do metal utilizado em seus condutores, no caso o cobre, chegando aos primeiros cabos com o famosos ‘noves’ de pureza - ou seja, um cabo cujo cobre é 5N, ou 5 ‘noves’ de pureza, significa que o metal, o cobre, é 99,999% puro. Hoje, o cabo aqui analisado, tem cobre 7N, com 7 nove de pureza, graças aos processos industriais da Mitsubishi - resultando em grande correção tímbrica e naturalidade, sendo que a Acrolink também é fornecedora, dentro do Japão, de várias marcas como Air Tight, Zanden e Esoteric.

SOBRE O 7N-P4020III

Dentro da linha da empresa - que compreende cabos de caixa, força e interconexão - o cabo de força 7N-P4020III é um produto de categoria intermediária na linha nova, a 7N, a qual substitui a linha anterior 6N que, por sua vez, usava cobre com um ‘nove’ a menos de pureza, daí a designação. O P4020III é vendido por metro, para ser usado em instalações elétricas que necessitem de longa metragem ininterrupta, assim como o importador oficial da marca também está vendendo o cabo com terminação. O 7N-P4020III que foi aqui analisado foi de 1 metro, com plugues japoneses da Furutech com contatos de cobre, modelo FI-15.

A pouca grossura e a grande maleabilidade do P4020III torna-o um bom produto para cabear instalações elétrica dedicadas para sistemas de áudio em residências e apartamentos, assim como é fácil para hobbistas descascá-lo e montá-lo em plugues à escolha do freguês.

SETUP & COMPATIBILIDADE

Só tenho como saber como o Acrolink 7N-P4020III toca com os plugues de cobre, porque é esse que me foi enviado para teste - suponho que com o intuito de mantê-lo com um preço final bom, para conquistar os corações dos audiófilos de entrada. Por que digo isso? Porque o P4020III com os plugues FI-15 tem características que tornam sua compatibilidade mais restrita aos equipamentos de entrada, como amplificadores integrados de potência entre 20 W e 50 W, como prés de phono, prés de linha, e todo tipo de fonte digital onde ele possa ser usado. Vi a questão ser levantada em fóruns, do P4020III ser mais indicado para fontes do que para amplificação - mas não tenho como saber se outros plugues melhorariam essa compatibilidade. Meus testes corroboram essa idéia em linhas gerais, mas acho que ampliações de menor potência podem se beneficiar do bom corpo, textura e peso dado aos graves e médios-graves por esse cabo.

Qual é o fator limitante do P4020III, seu lado ruim em questão à compatibilidade? Se o seu sistema for muito nervoso e gritalhão na média e média-alta, o resultado poderá ser um timbre desagradável e

artificial nessas regiões. Claro que, existem duas opções: domar isso em seu sistema usando outros recursos, ou tentar outros plugues no cabo que poderão não dar esse problema - mas que podem dar outros.

O amplificador Sunrise Lab V8 tem um enorme transformador e passa de 200 W em 4 Ohms: não se adaptou bem com o P4020III. Mas no SACD-Player Luxman D-06, as melhores características desse cabo de manifestaram belamente.

SISTEMA

Durante os testes do cabo de força Acrolink 7N-P4020III, foi usado como fonte digital o Luxman SACD-Player D-06 e como amplificador integrado o Sunrise Lab V8 MkIII. As caixas foram as bookshelf Konforti Audio Aleph e as torres Dynaudio Focus 220 II BySunrise. Os cabos de interconexão foram Sunrise Lab linha Reference II e QED Signature 40, os cabos de força Transparent PowerLink MM2, Nanotec e Sunrise Lab Reference, e os cabos de caixa Transparent Reference XL MM2.

COMO TOCA

À primeira vista - ou primeira ouvida - o P4020III proporciona um arredondamento do som, completado com um descongestionamento do palco. Ora, isso era tudo que eu queria em um sistema de entrada ou intermediário!

Quanto ao equilíbrio tonal, pelo lado negativo, falta um pouco de ar lá em cima, e o timbre nos médios e médios-altos é um pouco duro, e isso vai incomodar se seu sistema tiver a tendência a ser exagerado nessas frequências. Pelo lado bom, o som é detalhado, natural e musical, com graves cheios e é bem descongestionado no geral. Discos de rock e outros gêneros comprimidos, foram interessantes de se ouvir - e aqui curti bastante o *Fight for Your Mind* (Virgin) do instrumentista americano Ben Harper.

A ilusão de palco provida pelo uso do P4020III é realmente excelente: a separação entre instrumentos e camadas é algo realmente superior, dificilmente frontalizando alguma coisa, além de ter uma ambiência sensacional. De novo, material comprimido foi interessante de ouvir, como *The Lamb Lies Down on Broadway* (Virgin) remaster SACD japonês do Genesis. Deu para perceber a intenção de algumas frequências da média-alta de começarem a incomodar - mas, partindo do princípio de que você vai ouvir dentro de volumes de som decentes e que não derretam o cérebro para ele escorrer pelos ouvidos, então fique tranquilo, pois tudo ficou dentro de resultados bons e amigáveis.

As texturas de média-baixa e baixa são um doce de se ouvir, super aveludadas: contrabaixos, cellos, cordas em geral, pianos, teclados analógicos antigos, sax baixo, tuba, etc. Aqui eu curti muito a cantata clássica *Deirdre of Sorrows* (Windham Hill) do compositor irlandês Patrick Cassidy, cantada em língua irlandesa pelo Coral Tallis complementando a London Symphony Orchestra.

O teste padrão de transientes e intencionalidade acredito ser o CD *Chopin: Etudes Op. 10* (Decca) do pianista Nelson Freire. Primeiro

devo deixar claro que o P4020III não tem latente nenhuma impressão ou sensação de letargia ou falta de velocidade. Mas, com uma prova como esse trabalho do Freire, que tem alta velocidade, quantidade de notas e diferenças de intencionalidade, o P4020III mostrou um certo embolamento de teclas nas partes mais complexas, mas foi possível perceber as diferenças de intencionalidade e velocidade entre as mãos direita e esquerda ao piano.

Para testar micro e macro dinâmica, pego o meu CD com maior dinâmica: *1812* (Telarc) de Tchaikovsky, na segunda versão, que inclui os corais, com a partitura completa, pela Cincinnati Pops Orchestra e o Coro Sinfônico de Kiev, regidos por Erich Kunzel. Esse disco é a 'prova dos nove' da capacidade dinâmica de um sistema de áudio, e não estou falando dos tiros de canhão, mas sim da própria dinâmica da orquestra. Posso dizer que já senti pancadas maiores e mais realistas, variações dinâmicas mais viscerais, mas não fez feio literalmente: não ficou duro ou congestionado. Digno de nota é o fato de que a micro-dinâmica foi muito boa aqui, dando boa inteligibilidade a um trecho sobre o qual isso seria considerado um trabalho hercúleo por qualquer sistema que eu conheça.

O corpo nos médios, como vozes, piano e metais que usam parte dos médios e médios-altos, poderia ser um pouco maior, um pouco mais generoso. Isso transparece mais em orquestra e outras gravações mais acústicas cujo conteúdo tem sua organicidade dependente de corpo harmônico. Ou seja, o corpo menor nas médias e médias-altas pode desconectar um pouco o ouvinte do acontecimento musical. Assim foi no mesmo disco citado acima: *1812* (Telarc) de Tchaikovsky, com Erich Kunzel frente à Cincinnati Pops Orchestra.

CONCLUSÃO

Mais uma vez devo salientar que o review feito aqui foi do cabo com a terminação Furutech FI-15, de cobre, e que o uso de outros plugues dará várias características sonoras diferentes ao cabo.

Dito isso, devo dizer que esse cabo tem muito a oferecer, tem características muito bacanas para sistemas de entrada (seus players, prés e fontes digitais, e amplificadores de baixa potência) e para sistemas intermediários (seus players, prés e fontes digitais), como o bom corpo e energia nas baixas e médias-baixas frequências, excelentes texturas e um palco organizado, profundo, de ótima ambiência, característico de sistemas bem mais caros. Sistemas de entrada e intermediários costumam ter palcos mais frontalizados e congestionados, e médias-baixas com menos corpo e peso - ou seja, o P4020III parece ter sido feito sob medida para dar muito mais organicidade à eles! ■

AVMAG #223

KW Hi-Fi
(48) 3236.3385
R\$ 450 (por metro - sem terminação)
R\$ 770 (1 metro - plugues Furutech FI-15 cobre)

NOTA: 75,75



DIAMANTE RECOMENDADO

CABOS

CABO DE INTERCONEXÃO QED REFERENCE
AUDIO EVOLUTION XLR

Fernando Andrette



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=G8UZZ6FCNGS](https://www.youtube.com/watch?v=G8UZZ6FCNGS)

Bem aqui chegamos ao último capítulo da série de cabos QED que pegamos para testar com a Maison de La Musique, o importador oficial no Brasil. Foi uma maratona de longos meses, mas que além de muito prazerosa foi uma experiência inesquecível, pois possibilitou-nos entender a razão deste fabricante ser tão respeitado lá fora. E deixamos por último, não por acaso, o cabo que junto com o RCA Signature 40 (testado na edição 221), é o cabo de interconexão mais vendido desse fabricante inglês: o Audio Evolution XLR.

Como todos os produtos da linha Signature e Reference, a qualidade de construção e acabamento desse XLR beira a perfeição. E a pergunta mais uma vez permanece: como eles conseguem? Em termos de acabamento e precisão de encaixe os terminais XLR patenteados pela QED estão muito acima dos famosos e consagrados Neutrik, utilizados por dezenas de fabricantes de cabos Hi-End. E se ficam algo a dever em relação aos Furutechs top de linha, é em relação ao acabamento e não à performance. Eu sugiro enfaticamente que todos que gostem de fabricar seus cabos, que conheçam tanto a linha de conectores RCA, como XLR da QED.

Ao contrário dos outros cabos na linha Reference, a QED usa quatro condutores de cobre OFC, banhados à prata, conectando par a par, torcidos de uma forma altamente simétrica que tem uma excelente rejeição de interferência de campos magnéticos. Sua capa de oito milímetros, ainda que seja mais rígida que na versão RCA, ainda é bastante maleável. Os conectores AES3 são banhados a ouro e usinados para terem um perfeito encaixe sem folga, porém sem nenhuma dificuldade para serem retirados quando preciso. A quantidade do banho de ouro foi minuciosamente testada em centena de protótipos para dar a maior neutralidade possível ao cabo.

Junto com a escolha e geometria dos quatro fios de cobre OFC, banhado à prata, o isolamento ideal foi o de polietileno espumado. Todos esses cuidados (segundo o fabricante) garantiram a assinatura sônica do Audio Evolution XLR, com agudos de enorme extensão mais isentos de qualquer tipo de coloração, médios muito neutros e graves firmes e enérgicos. Lendo alguns testes internacionais, percebi nas entrelinhas, que alguns articulistas acharam em alguns sistemas um som tendendo para o ligeiramente seco.

Confesso que nos dois setups que testei, não cheguei a essa mesma conclusão. Sim o corpo dos instrumentos é ligeiramente menor que os nossos cabos de referência que custam dezenas de vezes mais! Mas, para o seu custo, esse corpo menor é ainda muito mais correto do que em cabos custando o triplo do seu preço. Esse relativismo entre preços tão absurdamente diferentes, deve sempre ser lembrado, pois do contrário estaremos comparando alhos com bugalhos.

O Audio Evolution XLR foi utilizado em nosso sistema de referência entre o DAC e o Pré-amplificador e também entre o pré-amplificador e os powers: Hegel H30 e PS Áudio Signature 300. E também o utilizamos entre o CD Player Luxman D-06 e o integrado Hegel H300. Se você sempre espera que um cabo hi-end corrija deficiências do seu sistema, esqueça o QED. Ele não se sujeita a isso. Mas se, pelo contrário, você já detectou em seu cabo atual, determinadas limitações ou deficiências de coloração ou falta de transparência, você deve escutar esse QED. Como o próprio fabricante diz em seu site, trata-se de um cabo neutro, que cairá como uma luva em um sistema correto, sinérgico que precisa de um cabo preciso e correto para enviar o sinal de um estágio a outro.

Outra característica que não pertence a esse QED: turbinar. Ele não turбина, não cria pirotecnia sonora, nem tão pouco adiciona nada! A qualidade com que ele recebeu o sinal ele transmite do produto A para o produto B. Parece o óbvio, mas fazer esse óbvio nessa faixa de preço é muito mais complicado do que se imagina. Resumindo: mágica não é com ele, e tampouco truque na manga. Mas como a sinergia de ambos os sistemas utilizados para o teste eram de alto nível, o QED caiu como uma luva em ambos! Tão bem que o amigo que possui o sistema Luxman com Hegel definiu seu futuro upgrade de cabo de interconexão! Ele já tinha escutado quatro ou cinco modelos, todos custavam quase 40% do valor do sistema. Ainda que todos tivessem mostrado benefícios audíveis, o custo estava acima de suas possibilidades, em tempo de vacas tão magras.

Com o Audio Evolution XLR, nada foi acrescentado, mas o que ele ouviu o agradou integralmente: a enorme sinergia que existe entre o CD Player da Luxman e o integrado da Hegel. A velocidade e transparência do CD Player Luxman ganha muito com a energia, calor e musicalidade do Hegel e com o cabo QED as características vitais de cada eletrônica foram somadas e se tornaram ainda mais evidentes. Se você quiser procurar pêlo em ovo, claro que você irá achar. Eu também achei, e seu silêncio de fundo não é o mais espetacular, mas eu imediatamente fazendo o papel do advogado do diabo me perguntei: qual cabo em sua faixa de preço possui silêncio melhor? Também percebi que seu foco, recorte e planos são menores tanto em largura como altura e profundidade que meus cabos de referência! Mas quanto a mais eles custam para ter um soundstage tão espetacular? Assim como o corpo harmônico já citado logo acima, menor que

minhas referências, mas maior que os produtos de preços similares ou até mais caros.

CONCLUSÃO

A QED sabe como poucos fabricar cabos com um padrão de qualidade invejável. Falei para um amigo que se eu fosse fabricante de cabos hi-end ficaria profundamente constrangido de ver cabos com tamanha relação custo e performance no mercado. Eu não jogaria a QED para debaixo do tapete, ou prepararia um discurso de tentar destruir suas qualidades, usando como argumento tratar-se de cabos feitos na China por isso são tão baratos. São fabricados na China, mas desenvolvidos na Inglaterra e produzidos sobre integral controle do fabricante. Estamos falando de uma empresa com 42 anos de existência e que é líder no mercado inglês, que não é um mercado hi-end qualquer. E que vem ganhando notoriedade, espaço e reconhecimento em todos os continentes em que é distribuído. E possui uma legião de admiradores de uma fidelidade impar, não de agora, mas de quatro décadas!

Eu não desprezaria todos esses argumentos aqui citados, seja você um consumidor, importador de cabos concorrentes ou fabricante nacional de cabos. É uma marca sólida, com uma história memorável e que com essas novas linhas Signature e Reference ganhará cada vez mais notoriedade aqui e lá fora.

Se você está se lixando para essa briga de vaidades e egos entre fabricantes de cabos, e só deseja fazer um upgrade seguro no seu sistema, ouça esse XLR da QED. Ele vale cada centavo que custa e ainda de brinde seu sistema, se estiver bem casado, ganhará uma sonoridade encantadora. Possibilitando desfrutar de audições muito prazerosas! ■

AVMAG #224
Maison de La Musique
(11) 2117.7005
R\$ 980 (1m)

NOTA: 79,0



DIAMANTE RECOMENDADO

CABOS

CABO VAN DEN HUL BALANCEADO THE MOUNTAIN HYBRID 3T

Fernando Andrette



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=BUFR1CAHEO0](https://www.youtube.com/watch?v=BUFR1CAHEO0)

Conversando com um amigo de longa data a respeito de estar por tantos anos realizando a mesma atividade, ele me perguntou se ainda havia prazer no que faço? Sem pensar, respondi prontamente que sim. Mas depois fiquei pensando com os meus botões, se era realmente verdade que o prazer ainda tinha aquele ‘frescor’ dos anos iniciais em que recebia um produto para teste e imediatamente arrumava tempo para sentar e fazer minhas avaliações preliminares. E quanto mais esmiuçava minhas lembranças, percebi que aquele ‘encantamento’ havia sido substituído por uma postura de moderação.

Foi como trocar a quantidade pela qualidade, e quando chegamos nesse estágio de nossa vida pessoal e profissional, conseguimos o tão desejado distanciamento para entendermos como tudo realmente é.

E quanto mais os anos passam, descobrimos que as qualidades que nos atraíram ou chamavam nossa atenção, continuam presentes e são relevantes, mas para nos ‘seduzir’ e convencer não podem estar desvinculadas do todo. Vou dar um exemplo: a maioria dos produtos que me ‘encantaram’ nos dez primeiros anos da revista, podiam tranquilamente ter um ou dois quesitos da nossa metodologia acima da média dos outros quesitos. Hoje isso já não basta! Para eu reconhecer que determinado produto encontra-se em um nível superlativo, ele precisará ter um excelente equilíbrio em todos os quesitos de nossa metodologia.

Outra questão muito levantada internamente e também com os leitores é referente a testes de cabos. Muitos acham que o tempo que exigimos para uma avaliação desse acessório é muito longa (em média seis meses) e de um ‘preciosismo’ desnecessário.

Os que assim pensam, acreditam que um cabo depois de queimado mostrará todo o seu potencial. Essas pessoas esquecem de um quesito muito importante: compatibilidade.

Cabos possuem esse quesito a mais e ele deve fazer parte sim de uma avaliação completa. Claro que não para o consumidor, afinal se o cabo estiver totalmente amaciado e entrar em um sistema sinérgico e bem ajustado e não alterar para melhor o sistema, aquele cabo não interessa. Mas para nós articulistas avaliarmos um cabo, vai muito além de o colocarmos em nosso sistema de referência e o compararmos com os cabos que utilizamos. Pois corremos o risco de ter uma ‘falsa’ impressão. Pode ser que sua performance esteja sendo prejudicada pela falta de compatibilidade. E, creia, esse risco é muito mais comum do que se imagina!

Bem depois de toda essa longa introdução e mais de seis meses de teste, finalmente me sinto seguro, para compartilhar com vocês, minhas impressões do cabo XLR The Mountain Hybrid 3T da van den Hul. Trata-se do modelo top da linha 3T desse fabricante. Como escrevi no teste do cabo de caixa The Cloud 3T, a van den Hul jamais deixou

claro a composição e o percentual dos metais utilizados nessa sua liga híbrida patenteada. Existem inúmeras especulações, mas jamais ninguém bateu o martelo e nem tão pouco teve a confirmação do fabricante. O que sabemos é que o The Mountain possui dois condutores centrais 3T de 900u, revestidos individualmente com uma blindagem de carbono e duas camadas de blindagem de cobre banhado a prata (mas sobre os dois condutores 3T não é fornecido de que material é feito). O cabo é bastante espesso mas, como todo produto desse fabricante, muito maleável! O acabamento é o Hulliflex na cor amarelo açafraão. Os terminais balanceados são Neutrik, fabricado nas especificações da van den Hul.

O fabricante fala em apenas três a cinco horas de amaciamento. Mas ousou dizer que como ele vem totalmente dobrado em uma bela embalagem, que acompanha um completo catálogo e um SACD de brinde, será prudente deixar ele pelo menos 48 horas em queima para tirar o stress físico do cabo. A lista de equipamentos utilizados durante o teste foi enorme. Diversos amplificadores integrados, CD Players, prês e powers. Mas para o fechamento do teste, como o grau de compatibilidade com o nosso sistema de referência foi muito alto, segue a lista aqui: pré-amplificador Dan D'Agostino, power Hegel H30 e fonte digital dCS Scarlatti.

O The Mountain foi utilizado tanto entre o conversor Scarlatti e o pré-amplificador, como também entre o pré e o power. Sua assinatura sônica, como todos os cabos desse fabricante, prima por um equilíbrio e uma naturalidade tonal exuberante! Para quem deseja escutar suas obras musicais sem se preocupar com erros de captação e equalização ele é o cabo! Nada de dureza no trompete com surdina, sobressaltos na última oitava do flautim, aspereza também na última oitava do violino, ou notas de vidro na última oitava da mão direita do piano. Nenhum excesso é permitido.

Mas isso tem seu preço: o sistema precisa ter folga (muita folga), nessa região para não ficar aquela sensação de falta de respiro no extremo agudo. A região é sempre quente, musical e sem qualquer resquício de fadiga auditiva. É um convite permanente a longas audições. Sua beleza na apresentação de texturas é plena, tanto na observação da qualidade do instrumento e do músico, como na percepção da intencionalidade musical.

Velocidade, no The Mountain, é simplesmente de uma precisão absurda (na minha opinião ele só não é superior ao CNT, também da van den Hul, mas esse custa seis vezes o seu preço). Você não perde nada, e não tem que fazer nenhuma concentração adicional para entender passagens mais complexas.

Em relação ao CNT, o The Mountain fica a dever na reprodução de macro-dinâmica. Acho que esse é o quesito em que as diferenças são mais claras. O The Mountain tem os crescendo, do pianíssimo ao fortíssimo, muito bem definidos, com uma escala correta, mas falta aquele algo a mais de energia, de deslocamento de ar. Nos exemplos de macro-dinâmica de piano solo da mão esquerda nos fortísimos, o peso, deslocamento de ar é sempre mais contido, sem a visceralidade

que quase nos derruba da cadeira, apresentada pelo CNT. Já a micro dinâmica, graças à sua excelente transparência na região média, é de alto nível.

Outra diferença clara entre ele e o CNT é na apresentação do corpo da região médio-grave. No CNT, o corpo chega a ser exuberante nessa faixa do espectro audível. Contrabaixos acústicos, tímpanos e bumbos, no CNT, soam como se estivessemos próximos do músico, e no The Mountain parece que estamos no meio da plateia. O timbre é o mesmo, assim como o foco, recorte e plano, mas novamente falta aquela sensação de deslocamento de ar no peito!

E, deixei por último dois quesitos que nos chamaram muito atenção. Primeiro o soundstage, com uma apresentação muito peculiar (diferente do CNT, mas não menos interessante), e sua musicalidade. Ainda que os planos tenham menor profundidade que muitos cabos tops, no The Mountain o foco e recorte são assustadoramente precisos. A ponto de vermos quando o solista de uma big band levanta e até quando um cantor move a cabeça para os lados e para trás! A posição dos músicos na orquestra sinfônica, assim como a localização dos instrumentos é plasticamente uma das apresentações mais realistas e belas que tivemos a oportunidade de escutar.

Ouvir a gravação de Bolero de Ravel, com os pares dos instrumentos surgindo para apresentar o tema, foi uma das experiências mais interessantes que tivemos em nossa sala de audição. A largura do palco é excelente, assim como a altura. E a menor profundidade, é compensada soberbamente pelo foco e recorte. Com isso a materialização física do acontecimento musical, mesmo em gravações não tão primorosas, é audivelmente realçada!

E, por fim, a musicalidade desse cabo é um caso a parte. Principalmente nas gravações com limitações técnicas. Com uma sonoridade sempre quente, o convite à imersão é muito grande.

CONCLUSÃO

A compatibilidade do The Mountain 3T dependerá muito do sistema em que for acoplado. Se a assinatura sônica da eletrônica e das caixas já for com pouca folga no extremo alto, não sairá casamento dessa parceria. Mas se ligado a um sistema com enorme folga em cima e com uma assinatura pendendo para um excesso de transparência, o The Mountain 3T pode cair como uma luva!

Como escrevi: com ele em um sistema sinérgico e uma discoteca com inúmeras gravações tecnicamente 'duvidosas', ele pode ser o ponto de equilíbrio e o resgate de um maior prazer em ouvir música. Se o seu sistema necessita desse ponto de equilíbrio, ouça o The Mountain 3T, pois ele custa uma fração do maravilhoso CNT e o que ele oferece vale todo o investimento. ■

AVMAG #216
Rivergate
(11) 98108.1881
R\$ 5.452

NOTA: 80,5



DIAMANTE REFERÊNCIA

CABOS

CABO DE CAIXA ACROLINK STRESSFREE 7N-S1000III

Fernando Andrette



Nos anos oitenta eu já tinha por hábito visitar o bairro da Liberdade nos finais de semana, para comprar a revista Stereo Sound e apreciar sua culinária muito antes da moda de sushi e sashimi explodir no Brasil. E mesmo não entendendo uma só frase daquela volumosa revista (com mais de 300 pgs.), e a mais bem impressa do segmento, lançada trimestralmente, dava para ter uma ideia exata da paixão do japonês por equipamentos hi-end. Sentava com o meu pai aos domingos depois do almoço e ficávamos a tarde toda saboreando aquelas fotos e tentando entender alguma coisa a respeito de cada um daqueles equipamentos!

Estávamos no auge da reserva de mercado, e sonhávamos com o fim daquela insana medida, como um prisioneiro que conta os dias para o término de sua pena! Já era evidente que grandes fabricantes de cabos elétricos como a Furukawa começavam a olhar para esse mercado com bons olhos e timidamente foram aparecendo os primeiros fabricantes de cabos para atender esse gigante mercado de áudio japonês.

A partir do final dos anos 90, uma empresa se solidificou nesse segmento com páginas e mais páginas de anúncios: Acrolink, o principal fabricante de cabos hi-end que se juntou com uma gigante do setor elétrico, a Mitsubishi, para desenvolver cabos de cobre de alta pureza. Com a parceria com a Mitsubishi chegaram ao mercado ainda nos anos noventa os primeiros cabos de cobre com 7 nozes de pureza, com o exclusivo condutor Mexcel, composto por uma seção transversal quadrada com condutores tipo litz. Os fios são mais uniformes graças ao processo MEDIS criado pela Mitsubishi, sendo ainda hoje o único processo que existe para a criação de fio magnético

através de electro-deposição. Esse processo permite que os cabos com a tecnologia Mexcel possuam resposta plana de alta frequência até 18 Gigahertz!

E embora muitos deem de ombros para essa resposta muito acima do que ouvimos nas altas frequências, sua naturalidade e correção tímbrica confirma que essa resposta plana é muito bem vinda. A Acrolink possui uma extensa linha de cabos com alguns desenvolvidos e vendidos exclusivamente no Japão, para empresas como a Esoteric, Air Tight, Zanden, etc. E, agora, finalmente distribuído no Brasil pela KW Hi Fi.

O modelo enviado para teste foi o cabo de caixa modelo Stressfree 7N-S1000III, totalmente plano e muito flexível. Como ele veio zerado, fizemos uma audição preliminar e depois o colocamos em queima por 100 horas e depois mais 150 horas. Diria que valeu muito a pena essa queima de 250 horas!

Para o teste utilizamos as seguintes caixas: Raidho X-1, Neat Momentum SX 7i, Piega Premium, Revel Performa3 208 e Kharma Exquisite Midi. Os amplificadores foram o Mark Levinson 585, o power ATM-2 da Air Tight e o Hegel H30.

Para um cabo de menos de 2.000 dólares o par, o Acrolink é um assombro! Sua performance nos lembra que para ter um sistema muito bem ajustado hoje não é preciso mais hipotecar a casa, mentir para a cara metade ou ter que adiar a troca do carro no final de semana. Fiquei tão impressionado que já pedi para o distribuidor que, assim que puder, envie os cabos digitais da série 2000 ou, se possível, da série 10000 - que dizem ser um ponto fora da curva! E também o coaxial dessas séries superiores.

Voltando ao Stressfree, ele pode perfeitamente ser o cabo de sistemas de Ouro a Diamante quase de Referência, pois seu nível de sinergia com todas as caixas testadas e amplificadores foi excelente! O que lhe falta então? Aquela folga que tanto insisto em ressaltar, que nos permite uma materialização do acontecimento musical, a ponto de enganar nosso cérebro e nos fazer acreditar que os músicos estão ali, para uma apresentação particular! E também aquela 'grandiosidade' na apresentação dos planos, e tamanho do ambiente em que os músicos gravaram. Tirando essas qualidades, também presentes só em equipamentos de referência, o Stressfree é um senhor cabo de caixa com uma relação custo e performance muito boa.

Meus amigos melômanos que o escutaram ficaram loucos com a sua sobriedade e condescendência com as gravações mais sofríveis tecnicamente. Sua textura, seu equilíbrio tonal é a prova cabal de como os cabos de cobre bem feitos ainda são quase imbatíveis em termos de timbre e musicalidade! Mas tem uma qualidade que desponta de forma muito nítida no Stressfree: sua velocidade. Me lembrou nesse quesito os cabos da Nordost! Fiquei realmente chapado com a apresentação dos transientes, principalmente em solo de piano e percussão.

CONCLUSÃO

Produzido no Japão, pelo maior e mais conceituado fabricante de cabos daquele país, por menos de 2.000 dólares, te diz alguma coisa amigo leitor? Um grau de compatibilidade estupendo e uma sonoridade cativante - te agrada? Essas são algumas das qualidades mais evidentes desse belo cabo da Acrolink. Uma audição com eles em seu sistema pode lhe surpreender!

Altamente recomendado sem nenhuma contra indicação! ■

AVMAG #220

KW Hi-Fi

(48) 3236.3385

- Montado com plugs banana Furutech

FP-200B ouro (2m / par) - R\$ 2.700,00

- Montado com plugs spade Furutech

FP-201 ouro (2m / par) - R\$ 2.650,00

- Somente o cabo (1m / par) - R\$ 1.040,00

NOTA: 81,0



DIAMANTE REFERÊNCIA

CABO QED REFERENCE DIGITAL AUDIO 40

Fernando Andrette

Muitos leitores têm me questionado se toda a linha de cabos da QED possui esse alto padrão de performance apresentado nos dois testes da linha Signature 40. Ou se só essa linha top possui esse desempenho. Começarei a dar respostas nesse teste que realizamos com o cabo digital da linha que se situa logo abaixo da linha top Signature 40.

A linha abaixo chama-se Reference e até três anos atrás era a linha top deste fabricante Inglês. Mas, com os avanços tecnológicos utilizados na linha Signature, muitos dos quais também incorporados na linha Reference, a nova designação 40 também vai para essa linha. O digital 40 das série Reference utiliza uma geometria cuidadosamente concebida para atingir a impedância correta para a transmissão de sinais no domínio digital. O cabo possui tripla camada de blindagem eletromagnética, através de uma geometria patenteada pelo fabricante, e de dielétricos. Isso (segundo o fabricante) contribui para uma transferência de sinal com muito baixo jitter e audíveis melhorias sonoras. O plug utilizado no digital Reference 40 é o mesmo da linha Signature, o RCA QED Digiloc, com contatos de cobre de alta pureza e pino central oco. Esses novos plugs reduzem a perda de inserção de sinal em até 1,2 dB em comparação com plugs RCA similares.

O cabo possui uma capa em tom lilás, e além de muito leve e flexível, possui um acabamento que está muito acima do seu valor de venda. Como a QED consegue essa relação custo/performance é uma questão que cada vez me chama mais a atenção. Pois se está disponível à eles, também está a todos os fabricantes de cabos hi-end, então a pergunta que não quer calar é: quando os outros fabricantes irão começar a disponibilizar cabos com tamanha eficiência e qualidade a preços similares aos da QED?

O cabo foi utilizado em duas configurações: no dCS Scarlatti entre o transporte e o DAC e entre o blu-ray Oppo BDP-95 e o DAC Scarlatti. O cabo ficou em amaciamento 100 horas depois de nossas primeiras impressões. Ele vem, como todo cabo, com os extremos fechados, tanto em extensão como arejamento e decaimento. Mas uma coisa chama de imediato a atenção no Reference 40: seu equilíbrio tonal, naturalidade e transparência já são de altíssimo nível!

Com 100 horas o som abre nos extremos e o cabo ganha uma profundidade nos planos, recorte e foco que não tinha. Em relação aos nossos cabos de referência digitais (é até uma covardia, pois custam de 10 a 50 vezes o seu valor) ele perde em três quesitos: textura, macro-dinâmica e corpo. Poderia, se quiser ser chato, dizer que o



timbre também perde, mas só percebi quando avalei e comparei com os discos produzidos pela CAVI Records. Então não vale, pois com todas as outras gravações que utilizamos, era possível notar um invólucro harmônico mais simples, mas sem nenhum comprometimento na musicalidade, inteligibilidade e sem fadiga auditiva. É um cabo de excelente nível, e atende a 90% dos audiófilos e melômanos que desejam um cabo digital bom, barato e de alta performance!

Em um mundo em transformação, em que a fonte é um computador e um bom DAC, o Reference 40 da QED é uma opção excelente e realista com o valor da esmagadora maioria dos DACs que o mercado oferece na faixa de 1000 a 5000 dólares! Para um cabo digital que custa menos de 1000 reais é uma ótima opção.

Quando utilizado entre o Oppo e o DAC Scarlatti, ficou mais evidente a diferença de macro dinâmica entre o QED e nossas referências, mas os outros quesitos da nossa metodologia nos surpreenderam. Gostaria, no momento do teste, ter em mãos pelo menos um DAC mais barato para ver como o QED se comportaria em um setup ainda mais modesto, mas convenhamos mesmo que ele caísse de performance, a culpa teria que ser debitada ao conjunto e não apenas a ele.

E, para nós, o fundamental é ver o potencial máximo do produto em teste e não sua performance em um sistema todo limitado. Pois determinando seu ápice, o leitor pode com segurança saber os produtos que ficam em futuros upgrades e os que devem ser trocados imediatamente por se tratarem do elo fraco do sistema. Esse não é o caso do digital da QED. Ele pode tranquilamente passar por inúmeros upgrades até o sistema bater no patamar de um setup Diamante Referência.

CONCLUSÃO

Cabos digitais, na atualidade, possuem o mesmo peso e responsabilidade dos cabos de interconexão, força e de caixa. Eles fazem a condução do sinal da fonte ao DAC e devemos lembrar que tudo começa ali. As opções são muitas, porém as baratas e de alta performance são muito reduzidas. Aceitamos essa realidade passivamente por muito tempo, e até aqueles que acreditavam que cabos digitais são todos iguais, reviram suas posições nessa última década.

Os cabos digitais soam muito diferentes e os melhores eram sempre os mais caros (e bote caro nisso). O QED Reference Digital 40, veio para quebrar esse paradigma de preço e performance. Se você encontra-se nessa situação, de saber que seu setup digital pode render mais, mas todos os cabos digitais que você testou custam mais que o seu setup, inviabilizando o upgrade, ouça o QED. Suas qualidades são muitas para não chamar sua atenção.

Ele além de uma construção impecável, possui uma performance de alto nível a um preço muito competitivo. Com certeza estará entre as pechinchas do ano, que valem muito mais do que custam! ■

AVMAG #223
Maison de La Musique
(11) 2117.7005
R\$ 790 (1m)

NOTA: 82,0



DIAMANTE REFERÊNCIA

CABOS - FORÇA



G-320-Ag18
R\$ 540,00



G-320-Ag18A:
R\$ 540,00



G-320-Ag18F8:
R\$ 540,00



G-314Ag-18:
R\$ 882,00

TOMADAS



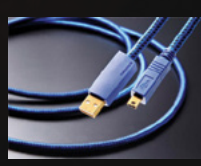
FPX-Cobre
R\$ 297,00
FPX-Gold
R\$ 378,00
FPX-Rhodium
R\$ 450,00

POWER FILTER



Flow 15 filter
R\$ 977,00
Flow 28 filter
R\$ 1.955,00

GT2 USB - mB



- 0,60 m: R\$ 259,00
- 1,80 m: R\$ 359,00
- 3,60 m: R\$ 460,00
- 5,00 m: R\$ 580,00

FUSÍVEIS



Slow Blow, Rhodium
20 mm e 30 mm
R\$ 297,00 (cada)

CONECTORES - POWER



FI-11-N1 / FI-11M-N1 (Gold)
R\$ 270,00 (cada)
FI-11-N1 / FI-11M-N1 (Rhodium)
R\$ 337,00 (cada)
FI-28-N1 / FI-28M-N1 (Rhodium)
R\$ 495,00 (cada)

CABOS - SPEAKER



Evolution II (2m)
R\$ 2.970,00

DISTRIBUIDORES DE ENERGIA



ETP-60
R\$ 2.470,00
ETP-80
R\$ 3.970,00
ETP 60/20
R\$ 4.650,00
FTP-615
R\$ 4.980,00

INTERCONNECT	CONECTORES	TAMANHO	PREÇO (R\$)
THE NAME	RCA	1m	399,00
D-102 III HYBRID	XLR/RCA	1m	599,00
THE INTEGRATION HYBRID	XLR/RCA	1m	770,00
3T THE VALLEY HYBRID	XLR/RCA	1m	999,00
3T THE ROCK HYBRID	XLR/RCA	1m	1.600,00
3T THE HILL HYBRID	XLR/RCA	1m	1.900,00

SPEAKER CABLE	TAMANHO	PREÇO (R\$)
CS-122 HYBRID (VALOR POR METRO)	1m	120,00
D-352 HYBRID (VALOR POR METRO)	1m	180,00
MAGNUM HYBRID (VALOR POR METRO)	1m	290,00
3T THE CLOUD SE GOLD BI-WIRE	3m	8.800,00

POWER CABLE	TAMANHO	PREÇO (R\$)
MAINS SERVER	2m	698,00
MAINS STREAM	2,5m	990,00

van den Hul

Rivergate

CABOS

CABO DE CAIXA QED GENESIS SILVER SPIRAL

Fernando Andrette



Como relatei no teste do cabo de interconexão Signature 40 da QED, publicado mês passado, estamos com vários cabos desse fabricante em teste. E nos próximos meses iremos apresentando um a um para vocês. O Genesis Silver Spiral também faz parte dessa nova geração, concebido no aniversário de 40 anos da empresa. E foi considerado já em sua apresentação ao mercado em 2014, como a síntese de 40 anos de investigação e desenvolvimento científico. O objetivo primordial no desenvolvimento do Genesis (permitam-me abreviar) é possibilitar que os amplificadores tenham total controle sobre as caixas acústicas.

O Genesis é um cabo com uma grande área transversal que contribui para uma resistência muito baixa. Como o Fator de Amortecimento é a medida da capacidade do amplificador de controlar com maior precisão as excursões do alto falante, especialmente sua frequência de ressonância, quando o cabo não consegue prover isso de forma eficaz, pode-se introduzir distorção junto com o sinal. Essa distorção é mais evidente na informação de baixa frequência e, quando essa distorção é introduzida com o sinal, tende a deixar os graves com menor definição (graves 'boomy').

O cabo Genesis tem uma construção tubular especial, utilizando um núcleo central de ar, que reduz eficazmente a indutância, isso permite que o cabo responda aos transientes sem perda e com precisão de

detalhes em altas frequências. Outra característica que foi levada muito em conta no desenvolvimento desse cabo, foi se descobrir a melhor forma de superar o 'skin effect', que ocorre nas frequências altas em cabos de grande área transversal. Para driblar esse efeito indesejado, optou-se pelo aumento de mais fios isolados e banhados a prata para assegurar que a resistência na superfície seja a mais baixa possível.

Outra preocupação dos engenheiros foi a de manter a capacitância mais baixa possível, pois cabos com a alta capacitância podem causar instabilidade em alguns amplificadores. A solução foi na utilização de materiais isolantes com muito baixas constantes dielétricas. A QED também ressalta que a geometria espiral concêntrica única tripla possui alta eficiência para imunidade à interferências externas de campo magnético e à rádio frequência.

No total são nove grupos de condutores de cobre OFC banhados a prata. A bitola de fio é de 10 AWG e os condutores de cobre 99,999% puro são banhados à prata. Sua área transversal é de 5,50 mm², a capacitância é de 76 pF/m e a indutância é de 0,46 mH/m.

Para o teste usamos nosso sistema de referência e as seguintes caixas acústicas: Revel F208, Kharma Exquisite Midi, Raidho C3.1 e Neat Momentum SX7i. Os amplificadores: Hegel H30, Mark Levinson integrado 585 e power Air Tight ATM-2.

Assim como o cabo de interconexão Signature 40, testado na edição passada, a queima não é longa e nem dramática. Pode tranquilamente ser instalado e ouvido imediatamente. Suas únicas limitações nas primeiras 50 horas: uma menor extensão nos extremos, que tiram das altas aquele respiro tão importante para a reprodução de ambiência e decaimento e, no outro extremo, os graves soam mais secos e com menor corpo. Mas no equilíbrio tonal, texturas, transientes e soundstage, o Genesis já apresenta de imediato todos os seus pergaminhos. É um cabo que encanta, pela folga, naturalidade, musicalidade e velocidade. Esses são seus melhores atributos sonoros!

Outra qualidade excepcional é seu grau de compatibilidade tanto com amplificadores, como com as caixas utilizadas no teste. Ele deixa ambos muito à vontade. O que se traduz auditivamente em sua enorme folga, mesmo em situações extremas de macro-dinâmica. O Genesis, com 150 horas de amaciamento, não mostrou mais nenhuma alteração sônica. E com o alargamento das extremidades, deu para ter ideia exata de suas qualidades. Os graves se apresentam sempre controlados e com ritmo, tempo e decaimento preciso. E o extremo agudo com um arejamento de cabos muito mais caros! Excelente ambiência, com precisão cirúrgica na apresentação de qualquer tipo de sala de gravação (mesmo quando a ambiência foi trabalhada no domínio digital). Sua região média é transparente sem, no entanto, abrir mão do calor da naturalidade e musicalidade. As texturas são muito fiéis e precisas. Permitindo o ouvinte se colocar confortavelmente a observar intencionalidade e dificuldade técnica da escrita musical.

Gravações de quartetos de cordas soam soberbas no QED. O usuário terá que ter apenas um pouco de paciência com a apresentação do soundstage, pois serão necessários de 100 a 120 horas, para se extrair um foco, recorte e planos de altíssimo nível. Antes de 100 horas o palco é frontal, com pouca profundidade, como se os músicos estivesse muito mais próximos. Com 120 horas, os solistas ganharam ar a sua volta e os planos ficaram muito bem estabelecidos, tanto na largura, como altura e profundidade.

Sua reprodução de transientes é primorosa! Uma das melhores, independente da faixa de preço. Para os amantes de tempo e ritmo, nada melhor para ampliar essa sensação de poder acompanhar a música com os pés. É preciso e de uma inteligibilidade absurda.

Com tantas caixas acústicas de alto nível e amplificadores também com assinaturas muito distintas, deu para perceber que o Genesis é um cabo neutro, adaptando-se perfeitamente aos pares ligados. Quando eu estava achando que lhe faltava um dedinho a mais de calor, foi só colocar o Hegel H 30 ou o ATM-2, para mudar imediatamente de opinião. Outra característica muito interessante é como ele extrai de cada caixa seu melhor nas baixas frequências: todas ganharam velocidade, precisão e maior inteligibilidade.

CONCLUSÃO

Avaliar o cabo Genesis foi tão surpreendente como o teste do Signature 40. Trata-se de dois cabos com uma relação custo-performance excepcional! Muito bem construídos, com um embasamento técnico e teórico de alto nível e produzidos por uma empresa com mais de 40 anos no mercado hi-end. Mas se não bastasse todos esses predicados, possuem um acabamento também primoroso, o que deixa inúmeros concorrentes em condições no mínimo constrangedoras!

Essa linha comemorativa dos 40 anos da QED fará história no segmento da alta fidelidade e, provavelmente, fará inúmeros concorrentes reverem sua política de preços e performance.

Para quem precisa de um upgrade no seu cabo de caixa, em sistemas Diamante e Estado da Arte, eis uma opção segura, barata e sem nenhuma contra indicação. ■



Versão do cabo QED bi-cablado

AVMAG #222
Maison de La Musique
(11) 2117.7005
R\$ 480 (o metro)

NOTA: 87,0



ESTADO DA ARTE

CABOS

CABO DE INTERCONEXÃO QED SIGNATURE 40

Fernando Andrette



Interessante como algumas marcas consagradas lá fora demoram a chegar no Brasil e, quando aparecem, se posicionam de forma tímida em nosso mercado. Lembro que no meio da década de noventa, o Moisés de Brasília chegou a fazer algumas importações tímidas de cabos QED, que acabaram não tendo nenhuma continuidade. Naquele momento os cabos da Ecosse fizeram maior sucesso por aqui.

No Reino Unido, a QED é soberana e suas vendas a colocam na liderança de mercado há mais de duas décadas. Em 2013 a QED comemorou seus 40 anos de vida e lançou toda uma nova linha de produtos, começando pela linha Reference 40 e logo em seguida sua linha top a Signature 40. A partir de 2015 a linha Signature 40 começou a ganhar o mercado de assalto, com avaliações muito positivas, e a QED expandiu seus horizontes para fora do velho continente. Como a QED faz parte do mesmo grupo da Q Acoustics e das cápsulas Goldring, a Maison de La Musique acabou pegando sua distribuição para o Brasil. E eu diria que com essa aquisição, acabou fazendo 'um gol de placa', pois é uma marca de cabos que faltava no nosso mercado.

A QED é líder absoluta no mercado de cabos no Reino Unido por dois motivos: qualidade e preço. Para os que gostam de conhecer a história de marcas consagradas, sugiro a leitura do Relatório Genesis da QED, lançado no final dos anos oitenta e ainda hoje uma referência para todos que desejam compreender cientificamente como se processa a transmissão de sinal através de um cabo. Todos os produtos da QED seguem rigorosamente o Relatório Genesis e, na apresentação de todas as linhas, há uma explicação científica para justificar suas características sônicas e físicas. Diria que o Relatório Genesis é uma ponte segura entre os objetivistas e os subjetivistas, e deveria ser lido com enorme interesse por ambos.

Tudo na minha vida de fuçador de equipamento de áudio se deu escutando um componente e aguçando meu interesse em saber a razão daquele produto tocar 'diferente'. Meu primeiro contato com um cabo de caixa da QED ocorreu em 1980, quando um amigo da família usava em sua caixa JBL Jubal um cabo Furukawa que meu pai lhe havia vendido. Ele, em uma viagem à Inglaterra trouxe um cabo QED modelo 79 na bagagem, por se tratar de um cabo extremamente barato e que o tinha encantado em uma visita a uma loja especializada em Londres. Tão animado ao colocar em seu sistema e notar a melhora da performance das caixas, convidou meu pai para ouvir seu upgrade de apenas algumas dezenas de dólares! Foi uma sonora revelação tanto para o meu pai, como para mim. A notícia se espalhou ao vento e muitos audiófilos, pela primeira vez, perceberam que era notável a troca dos cabos 'de campanha' por um cabo dedicado. E o modelo da QED custava uma fração do Furukawa!

Fazendo uma visita à Maison de La Musique para ouvir as novas caixas Kharma da linha Reference, vi em exposição na vitrine da entrada da loja o Signature 40 e, quando associei que era o cabo que conquistou tantos adeptos mundo a fora nos últimos dois anos, não me fiz de rogado e o coloquei-o debaixo do braço, feliz como uma criança. Visualmente o produto impressiona muito, tanto pelo seu belo acabamento como pela embalagem impecável. A linha Signature 40 veio se posicionar acima da linha Reference 40, seu carro chefe de vendas e prêmios. Onde as concepções e os conhecimentos de quatro décadas foram levados ao extremo para produzir um cabo que estivesse à altura dos melhores cabos hi-end, independente de sua faixa de preço!

Os plugues são os utilizados também na linha Reference 40, de Ródio e batizados com o nome de Analoc. O cobre é livre de oxigênio, banhado a prata, dielétrico de Teflon em uma configuração de par trançado assimétrica e uma jaqueta de Ferrite, Zinco e Magnésio. O cabo é criogenicamente tratado a temperatura de -190 graus.

O fabricante levou doze anos estudando e desenvolvendo protótipos até chegar no resultado final do plugue Analoc. A maioria dos cabos de entrada utilizam plugues usinados em latão e bronze - ambos são metais baratos e que podem ser facilmente trabalhados. Porém o bronze (o mais utilizado atualmente) possui baixa condutividade quando comparado ao cobre puro. Mas, para cabos de entrada (ou que tenham preços de cabos de entrada, como é o caso do Signature 40) o custo se torna inviável. Assim a saída é utilizar o cobre apenas nas seções de contato ou no pino central. Pensando nessa solução, para não inviabilizar o projeto do Signature 40, a QED patenteou a seguinte ideia: a seção de pino é feita de um tubo oco de cobre de

elevada pureza e o retorno foi reduzido a apenas duas das seis folhas utilizadas em projetos mais caros. Com isso não houve encarecimento do produto final e nem comprometimento da performance geral do cabo. E, para se ter uma maior conectividade, o plugue Analoc depois de usinado recebe um banho de ródio. O ródio foi escolhido devido a sua dureza superior ao cobre.

Ai fica a pergunta: se em vez de seis contatos do retorno, optou-se por apenas dois, como se mantém o plugue firme? Foi criado um anel que deve ser apertado depois que o cabo estiver totalmente encaixado. Esse novo plugue Analoc vem fazendo tanto sucesso que a QED o disponibiliza para quem deseja adquiri-lo separadamente. Eu, após semanas de convívio, recomendo a todos que fabricam seus próprios cabos que experimentem, pois sua relação custo / performance é incrível, muito superior a dos plugues Nakamichi comumente utilizados na faixa de entrada.

O cabo Signature veio zerado. E, como o fabricante não fala em tempo de amaciamento, e o cabo não tem direcionalidade, marquei a posição que iniciaria a queima e fiz minhas primeiras audições, ligando o Signature entre o toca-discos Air Tight e o pré de phono Tom Evans Groove+. Eu já havia lido o teste de um articulista polonês falando maravilhas da performance desse cabo em seu sistema analógico. Suas descrições das melhorias conquistadas foram tão enfáticas que decidi começar por esse caminho. O setup de cabos do meu sistema analógico de referência é o melhor resultado que consegui até o momento: um Zafira II do toca-discos até o Tom Evans, e um Agata entre o pré de phono e o pré de linha - ambos da Sax Soul.

Eu detesto qualquer tipo de 'turbinação' no meu setup, prefiro tudo o mais flat possível, pois como minha discoteca é formada por milhares de gravações com qualidade técnica muito diversa: não adianta 'turbinar' as gravações tecnicamente ruins e passar do ponto com as boas e excelentes. Então minha busca incessante na escolha dos cabos foi privilegiar o timbre, o equilíbrio tonal e a dinâmica - muito mais que palco, corpo, etc. Mas cada um tem seu gosto, e eu respeito!

Resolvi tirar o Zafira II e colocar o Signature. Achei que pela falta de amaciamento eu teria muitas perdas nessa mudança, mas não foi o que aconteceu. Tive perdas pontuais, como no grau de transparência e micro-dinâmica, mas ganhei em textura, corpo nos médio-graves e nos transientes. Fiquei realmente muito satisfeito com as primeiras impressões, pois não houve nenhuma queda substancial na mudança dos cabos. O Signature 40 é um cabo que possui uma assinatura sonora soberba em termos de equilíbrio tonal, apresentação de texturas, dinâmica, silêncio de fundo e velocidade. É desconcertante escutar um cabo tão refinado, por uma fração do preço de excelentes cabos Estado da Arte!

À medida que os dias foram passando e o cabo foi ganhando amaciamento, mais minha estupefação por ele aumentou! Liguei para todos os amigos músicos que buscam o melhor resultado possível para o ajuste dos seus sistemas e apresentei o Signature 40. Todos ficaram alucinados (principalmente ao saber o preço). Esses meus amigos sempre cobraram: quando finalmente se teria no mercado um cabo Estado da Arte com preço de cabo de entrada? No íntimo, eu também me perguntava: com a evolução tão rápida da eletrônica, das caixas acústicas, dos DACs e cápsulas, e o barateamento desses equipamentos, não tem sentido cabos tops custarem mais do que o sistema todo! Pois, agora, temos a resposta! Um cabo de menos de 1500 reais que é Estado da Arte, que pode perfeitamente se encaixar em qualquer sistema sem fazer feio.

Li dois testes do Signature 40 em que, nas conclusões, ambos os articulistas falam que para ele ser soberbo falta-lhe apenas aquele último degrau de transparência. Concordo com ambos, porém faço o papel do advogado do diabo e pergunto: quantos mil dólares é preciso injetar para termos esse último grau de transparência? Outra questão: precisamos realmente desse grau e transparência, ou escutar nossos discos com um grau de refinamento ímpar e zero de fadiga auditiva já não nos basta?

Claro que cada um de vocês, amigos leitores, terá seu ponto de vista, mas saber que um cabo de tão alta performance pode cair como uma luva em sistemas Ouro, Diamante e Estado da Arte, o coloca em posição privilegiadíssima em relação a qualquer concorrente! Você não acha? Descobrir pérolas de tamanha magnitude exige que se pesquise a fundo toda a linha, e foi essa a atitude que tomei. Agora, enquanto publico o teste do Signature 40 estou ouvindo o cabo top de caixa da QED, o digital Reference 40 e em breve o Reference 40 XLR. Assim que tiver todas as avaliações fechadas, prometo compartilhá-las com vocês.

CONCLUSÃO

Muitos leitores que não possuem um sistema Estado da Arte sempre nos questionam qual a maior diferença dele em relação a um sistema Diamante Referência bem ajustado. A maior diferença é a folga existente em todos os quesitos da nossa metodologia. E essa folga se traduz em zero de fadiga auditiva, e um grau de inteligibilidade e intencionalidade ímpares. Essa é a diferença!

Em termos práticos é quando substituímos um único componente do nosso setup e todo ele cresce homogeneamente. E não de forma pontual! E aí junto com aquele prazer de termos acertado a mão, vem posteriormente a constatação de que não é possível voltar atrás. Todos nós já passamos por esse processo em algum momento da nossa peregrinação pelo ajuste fino do nosso sistema. O Signature 40 faz

CABOS

parte dessa elite de cabos que nos traz todos os benefícios tão desejados e procurados com um enorme diferencial: seu preço. Valor de produto de entrada, performance de Estado da Arte!

O fabricante sutilmente nos diz que esse cabo é para ser comparado com qualquer cabo top do mercado, mas ele nos deixa à vontade para decidir se ele atende às nossas necessidades, ou não. Sonicamente não tenho nenhuma restrição a sua performance, nem no nosso sistema de referência e nem tampouco em nenhum outro sistema que o coloquei. Por qualquer ângulo que avalie suas qualidades sonicas ele nos convence que pode perfeitamente nos permitir tê-lo em nosso sistema e ainda, orgulhosamente, chamar os amigos e mostrar as melhorias que ele trouxe ao sistema. Correto, preciso, musical e de uma compatibilidade com sistemas e outros cabos que é fascinante. Trata-se de mais um paradigma do hi-end quebrado. E que possibilitará milhares de melômanos e audiófilos finalmente ajustar seus sistemas gastando um décimo do valor de seus sistemas em cabos!

A maior pechincha audiófila de todos os tempos, em minha modesta opinião! Ele veio para ficar em nosso sistema, exatamente aonde ele foi ligado no primeiro momento: entre o toca disco e

o pré de phono. Seu silêncio de fundo e sua correção tímbrica, me convenceram ser a melhor opção para o meu setup de vinil. E seu casamento com o Sax Soul Agata foi esplêndido! Como sempre digo: não acreditem em mim, ouçam!

Se você possui um sistema coerente, sinérgico e com enorme potencial, mas o elo fraco são os cabos de interconexão, escute o Signature 40 e depois me diga o que achou! Terei o maior prazer de colecionar depoimentos desse grande cabo em diversos setups distintos. ■

AVMAG #221
Maison de La Musique
(11) 2117.7005
R\$ 1.350 (1 metro / par)

NOTA: 89,5



ESTADO DA ARTE

CABO DE INTERCONEXÃO SAX SOUL ÁGATA

Fernando Andrette

Se você, leitor, aceita uma sugestão, antes de ler esse teste, se tiver em mãos ou em arquivo o teste dos cabos Zafira II, publicado na edição 210, por favor leia-o. Pois assim terá uma ideia exata do potencial desse fabricante de cabos hi-end. A Sax Soul nasceu da obstinação do Sr. Jorge Tobias, de produzir seus próprios cabos para utilização em seu sistema de referência e sistemas de amigos. Mas, a performance de sua primeira geração, batizada com o sugestivo nome de Zafira, deu tanto resultado que inúmeros leitores já o possuem em seus sistemas.

Lembro-me que, quando ele enviou o set completo da geração Zafira, ele me disse que paralelamente já estava desenvolvendo uma linha superior, que tinha tudo para atingir uma performance ainda em tudo acima da série Zafira. Bem, os que acompanham nossos testes sabem que a linha Zafira não só foi produto do ano em nossa publicação, como acabamos ficando com dois exemplares para uso no sistema de referência da CAVI! No final do ano, o Jorge me ligou para desejar boas festas e me disse que em breve teria um protótipo da nova linha Ágata, para escutarmos. Pelo tom de sua voz, deu para pressentir que sua expectativa em relação ao novo produto havia sido plenamente concretizada.

Recebi o novo cabo, já quase que totalmente amaciado há cerca de um mês. E como o Jorge me garantiu que ele havia passado por todos os testes comparativos com a linha Zafira, e em tudo era superior, aceitei realizar o teste imediatamente. Afinal, com quase um ano de uso do Zafira II em nosso sistema, não seria nem um problema fazer uma comparação A x B e apresentar nossa avaliação para vocês. Segundo a Sax Soul, a linha Ágata é fruto de um ano de pesquisa e testes de cada amostragem produzida, até chegar à combinação perfeita de performance, construção e combinação de diferentes metais. Além do custo elevado investido no desenvolvimento dessa nova linha, o desafio maior foi conseguir uma liga com porcentagem específica de paládio, ouro e prata, de forma que fosse possível fabricar um fio único com a rigidez necessária para ser maleável na instalação e não quebrar facilmente.

Depois de dezenas de protótipos, obteve-se um fio com 0,30 mm². Em um único fio que é envolvido por cento e vinte fios de cobre de alta pureza. Para evitar qualquer tipo de interferências eletromagnéticas, foi também desenvolvida uma blindagem especial. Sua aparência visual é muito semelhante ao Zafira II, mas sua performance não se compara! Gostaria de lembrar que esse teste é, apenas, com um cabo de



interconexão RCA e que, para ser publicado, foi diretamente comparado com o Zafira II, hora ligado no nosso sistema analógico (entre o pré de phono e o pré de linha, ou entre o braço SME e o pré de phono), hora entre o DAC Scarlatti da dCS e o pré de linha. Quando o Jorge disponibilizar o interconexão XLR e o cabo de força, faremos um teste completo do set Ágata.

O cabo chegou com aproximadamente 50 horas de queima. Para uma cabo com uma mistura de paládio, ouro, prata e cobre é de surpreender que já tenha saído tocando tão bem: nossa primeira impressão foi a melhor possível! Um silêncio entre notas impecável, uma velocidade perfeita, um palco digno dos melhores cabos Estado da Arte e uma apresentação de micro dinâmica espetacular! Como fizemos essa primeira audição com o “pai da criança”, achamos apenas que faltou um pouco de respiro nas altas frequências, fato que notei ao escutar gravações analógicas e perceber que o “hiss” da fita analógica estava bastante tímido em alguns exemplos. Mas nada que desabonasse essa primeira audição.

Resolvi então colocar o cabo Ágata em queima por mais 100 horas e ver o que mudava. Para nossa surpresa, com 150 horas de queima, o equilíbrio tonal tornou a região médio/alta proeminente. Foi aí que percebemos que seria prudente deixar o cabo em queima por 300 horas. Diria que, com esse tempo de amaciamento, o audiófilo desfrutará de audições divinas, pois o Ágata é um senhor cabo hi-end. Suas qualidades saltam aos ouvidos e sua apresentação musical é composta de um realismo e uma naturalidade que nos convence de

todos os seus pergaminhos! Como sempre escrevo, existe uma geração de novos componentes audiófilos que se destacam pela sua folga na apresentação musical, fazendo com que mesmo gravações tecnicamente mais limitadas sejam prazerosas de se escutar.

O Ágata se destaca por inúmeras qualidades, mas as que mais me convenceram foram o grau de organicidade (materialização do acontecimento musical), silêncio de fundo, velocidade e precisão dos transientes, e apresentação impecável de micro e macro dinâmica! Nesses quesitos ele é um cabo difícil de ser batido.

E em um sistema nível referência sua utilização pode tranquilamente proporcionar um upgrade seguro e extremamente convincente. O interessante é quando o extraímos do sistema: aí percebemos o quanto ele é importante. Pois nos damos conta que o conjunto de suas qualidades parecem dar ao sistema um equilíbrio ainda maior. Essa característica só notei em cabos de nível superlativo, como o Absolute Dream da Crystal Cable, o Opus G5 da Transparent Audio e o CNT da van den Hul.

Preciso dizer mais alguma coisa? E o Ágata ainda que seja um cabo caro, não custa a metade sequer dos cabos aqui citados!

AVMAG #217
Sax Soul
(11) 3227.1929 / 98593.1236
R\$ 12.000 (interconexão de 1 metro)

NOTA: 99,0



ESTADO DA ARTE

CABOS

CABO DE FORÇA SAX SOUL ÁGATA

Fernando Andrette



Depois da maratona de quatro edições testando cabos da QED, estaremos debruçados em ouvir e passar nossas impressões dos cabos top de linha da Sax Soul: Ágata. O de interconexão já foi testado e apresentado na edição 217 e cumprindo a promessa, nessa última edição do ano testamos o cabo de força. E, para o começo de ano, apresentaremos nossas observações do cabo de caixa. Minha curiosidade em relação ao cabo de força era enorme, já que o de interconexão (tanto o RCA e o XLR acabaram ficando em nosso sistema de referência).

Há muito tempo penso em um upgrade para o meu pré de phono Tom Evans, pois ele já se mostrou muito exigente tanto com os cabos como com os diversos fusíveis disponíveis no mercado. Atualmente uso o Chord Sarun Tuned Array, e o fusível Hi-Fi Tuning, com resultados muito satisfatórios, porém dependendo da gravação e da prensagem do disco, o corpo no médio-grave é bastante comprometido (principalmente em gravações nacionais - e praticamente 90% de tudo que tenho de música instrumental brasileira está em LP).

Quando testei o Zafira de força, já havia percebido uma melhora significativa nesse quesito, porém no foco e recorte que é o ponto alto do Chord, o Zafira perdia. E foco e recorte em reprodução de vinil para

mim, junto com equilíbrio tonal, não abro mão. Pode até ter outras limitações, mas equilíbrio tonal, foco e recorte são essenciais para a inteligibilidade e conforto auditivo do analógico. E, como o Ágata de interconexão se mostrou muito acima do Zafira, deduzi que o de força também poderia resolver de vez esse upgrade no pré de phono tão desejado!

Segundo o fabricante, o Ágata de força é constituído de 120 fios de cobre OFC, trançados de forma especial. Mas o mote do cabo está em seu condutor central de um único fio com paládio, ouro e prata, envolvido em uma blindagem dupla feita especialmente para a linha Ágata. Óbvio que a composição de quanto de paládio, ouro e prata tem no condutor central é segredo de estado, mas o que posso testemunhar é que a proporção desses três metais influenciou substancialmente no resultado sonoro espetacular que a linha Ágata proporciona, em um sistema à altura de sua performance.

Os conectores são Furutech F150. Muitos criticam os produtos hi-end nacionais, dizendo que lhes falta melhor acabamento. Eu entendendo essa crítica, vinda de um consumidor, mas sempre que tenho oportunidade eu rebato com a seguinte pergunta: O que é mais importante? Custo / performance ou acabamento? Claro que se no mesmo

pacote tivermos tudo, melhor. Mas somos uma indústria ainda tão embrionária, que sequer possui fornecedores gabaritados, então galgar a evolução de performance que tivemos com os produtos nacionais na última década, é sim para ser comemorado e exaltado!

O Ágata de força, como todo cabo hi-end, necessita ser instalado e deixado quieto para seu amaciamento. Sua alteração com stress mecânico é audível e para audiófilos estressados ou sem paciência, isso será um problema. Conheço cabos de força que quando enrolados ou movimentados, precisam de 24 horas para voltar ao normal, e o Ágata faz parte desse time.

Comecei amaciando ele plugado ao H30, mas como estava fechando o teste do ATM-2 e precisava fazer comparações com o mesmo cabo de força de referência - o nosso Transparent PowerLink MM2 - cada vez que voltava o Ágata sentia um retrocesso em tudo do que havíamos atingido em termos de amaciamento. Foi aí que tomei uma atitude drástica: coloquei-o na régua da Sunrise, pois lá ele não precisaria ser removido até o fim do amaciamento de 280 horas.

Às vezes achamos soluções paliativas para tirar um problema da frente, mas às vezes essas soluções podem deixar de ser paliativas para se tornarem definitivas! Explico: à medida que o Ágata foi amaciando (isso por volta de 200 horas), percebi que ele na régua deu uma assinatura sônica para tudo que estava acoplado à ela - muito interessante!

Texturas mais refinadas, planos nas laterais do palco, mais abertos, um excelente silêncio de fundo tanto para o analógico como para o digital e um corpo harmônico com uma precisão e tamanho muito realista. Com o término do teste do ATM-2 e seu amaciamento completo, pude então passear com ele por todo o sistema. Diria que seu grau de compatibilidade é alto, mas não tão bom como do cabo de interconexão. No nosso sistema ele se saiu melhor em três frentes: na régua alimentando todo o sistema, no pré de linha e, como eu já imaginava, no pré de phono!

Nos powers e no sistema digital da dCS sua performance foi boa, correta, mas faltou aquele algo a mais em termos de deslocamento de ar, energia e peso, principalmente nas baixas frequências. Mas deduzo que isso seja apenas uma questão de sinergia, pois com os outros equipamentos o casamento foi dos deuses!

É um cabo com um excelente equilíbrio tonal, timbres naturais, extensão viciante em ambas as pontas do espectro sonoro, uma transparência capaz de nos fazer balançar a cabeça de satisfação a cada passagem que julgávamos conhecer e uma materialização física do acontecimento musical 3D. Sua velocidade é absolutamente correta, assim como o corpo harmônico e o palco sonoro em termos de profundidade, altura e largura.

Depois de passear com ele no sistema, bati o martelo: ficará no pré de phono Tom Evans. Agora o próximo passo será achar o fusível correto, pois o salto foi muito grande em relação ao Chord.

CONCLUSÃO

Cabos de força em geral, não possuem a mesma sinergia que cabos de interconexão e digitais, por 'n' fatores, a começar pelo casamento com o próprio fusível do aparelho em que você deseja usar o novo cabo de força. O bom no cabo de força, quando não existe sinergia, você percebe rapidamente, pois geralmente passa do ponto ou fica a dever em vários quesitos. Mas também quando acerta a mão, é difícil voltar atrás. O Ágata de força é um estado da arte do mesmo nível dos de interconexão. E ainda que seu grau de compatibilidade seja menor, vale a pena em um sistema bem ajustado ouvir e ver se ele trás um algo mais ao sistema. No nosso sistema de referência, foi justamente aonde eu desejava.

Se você tiver chance de conhecer e tiver um sistema do mesmo nível do Ágata, escute-o!

AVMAG #225
Sax Soul
(11) 3227.1929 / 98593.1236
R\$ 10.000 (1,5 m)

NOTA: 99,0

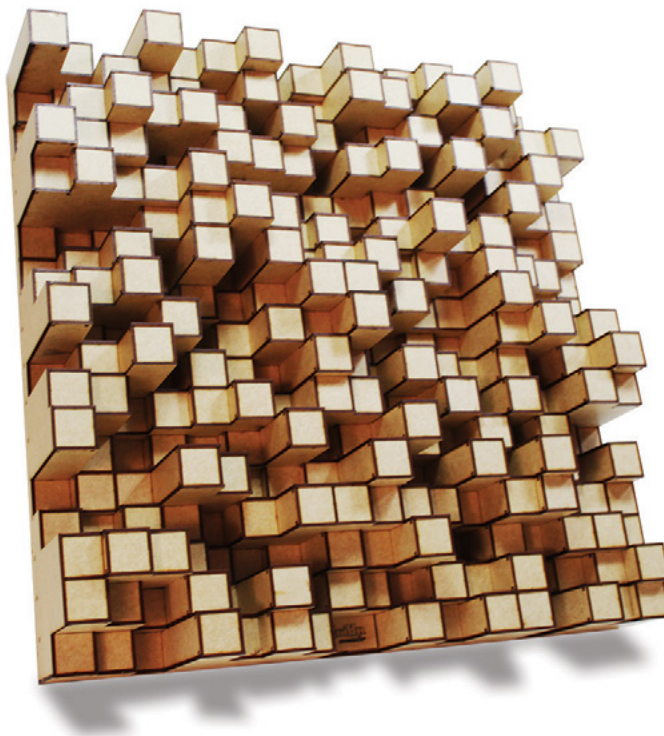


ESTADO DA ARTE

DIFUSOR

DIFUSORES ORION ACOUSTIC PRD 289

Fernando Andrette



Como escrevi no teste dos difusores da Orion Acoustic publicado na edição 214 (Dezembro de 2015), trata-se de uma empresa que possui um foco muito correto nos problemas de tratamento acústico para salas dedicadas. Há muito tempo que acústica deixou de ser um bicho de sete cabeças e passou a ser uma prioridade como upgrade, para todos que reconhecem que sem tratamento elétrico e acústico nenhum sistema renderá todo o seu potencial. Editorialmente, batemos nessa tecla há mais de uma década, com artigos e matérias de salas tratadas que visitamos e fizemos questão de compartilhar com nossos leitores.

Nos nossos cursos de percepção auditiva, então, desde 1999, discutimos e apresentamos depoimentos de leitores que fizeram a lição de casa e estão integralmente satisfeitos com os resultados! E, finalmente, de uns seis anos para cá, a grande maioria de nossos leitores reconheceram que gastaram muito mais do que precisavam por anos

em equipamentos até se convencerem que a acústica e elétrica poderiam ter 'estancado' a corrida atrás do sistema ideal e poupado tempo e muito dinheiro usado na direção errada.

Audiofilia é um hobby muito estranho, pois o sujeito só se convence que está na direção errada quando seu amigo, também audiófilo, gastando muito menos consegue um resultado muito superior, com um sistema mais modesto. Só aí acende então a lâmpada de que algo está errado. E, acreditem, a diferença geralmente se encontra em três pilares básicos: sinergia do sistema, melhor acústica e uma rede elétrica dedicada.

Muitos dos leitores que participaram dos cursos saíram convencidos que tratar a rede elétrica e trocar os cabos originais de força resultavam em melhoras audíveis! Mas dar seqüência ao trabalho e buscar soluções acústicas sempre foi muito mais difícil, pois não haviam materiais acústicos fabricados no país e os que se arriscavam a

pedir orçamentos, percebiam que os custos podiam tranquilamente chegar próximo a um sistema de razoável qualidade. Além desse problema de custo não se pode dar de ombros para o problema quase intransponível: a resistência feminina! Cansei de ouvir em minhas consultorias, das caras metades, que os materiais acústicos sugeridos não entrariam em nenhuma hipótese naquela casa. E esse obstáculo ainda é muito presente e sinceramente acho difícil mudar, pois difusores não são peças de design que agradem o olhar feminino. A não ser que ele esteja 'disfarçado' como uma obra de decoração. O que sabemos é muito difícil de 'disfarçar'! O que aprendi nesses anos todos de estrada, é que a esposa que também gosta de música e aprecia o esforço do marido em ajustar o sistema, irá aceitar pelo menos ouvir o que aquele objeto 'estranho' ao universo feminino pode fazer pelo sistema.

E aí os difusores que a Orion vem desenvolvendo contam com duas vantagens: são leves e podem ser retirados quando não forem usados e não pesam demasiadamente no bolso a ponto do marido ter que ir dormir por semanas no sofá!

Esse novo modelo PRD 289, possui as seguintes dimensões : 613 x 613 x 136mm. Pesa apenas 8,7 Kg e sua faixa de difusão é de 1300 a 5000 Hz. Utilizamos o PRD 289 em duas salas distintas: uma de apenas 12 m² e na nossa sala de referência de 48m². As peças são muito fáceis de serem transportadas e isso permitiu que pudéssemos fazer testes simultâneos em ambas as salas.

Com o mesmo sistema: um par de caixas Rhaido X-1, um integrado da Hegel H300 e um player Oppo 105. E, no final de nossas avaliações, também utilizamos a Piega Premium 5.2. O PRD 289 se mostrou um difusor bastante eficiente. Seu grau de inteligibilidade, foco e recorte é notável! Boa profundidade, com planos dos músicos da orquestra muito orgânicos e corretos, tanto na profundidade do palco como na altura. Notável também é a melhora no ponto fora da audição ideal. No *Genuinamente Brasileiro vol. 1 e 2*, mesmo sentando nas pontas ouvia-se perfeitamente as laterais do palco sem o que está no centro pular para uma das caixas.

Outra boa qualidade foi que, ao contrário do difusor anterior testado com o qual as caixas precisavam ficar a mais de 1 metro de distância deles, para não sofrer alteração no equilíbrio tonal, com PDR 289, as caixas podem ficar a menos de 1 metro de distância sem problema algum - uma opção muito boa para salas com dimensões reduzidas como a usada por nós em parte do teste. Gostei muito também da apresentação do corpo da região média que foi reproduzido corretamente nos dois discos acima citados - mesmo a distâncias inferiores a 1 metro!

E, por fim, o que acho mais significativo para um leigo que escuta pela primeira vez uma sala tratada com difusores: a inteligibilidade! Essa característica, para o leigo é de enorme impacto, pois possibilita

escutar detalhes que não eram apresentados com tamanho foco e recorte. Vozes são os exemplos perfeitos, pois realmente encantam, principalmente se a gravação permitir ouvir se o cantor estava sentado ou em pé. Essas gravações costumam convencer até as caras metades que desejam um ajuste fino no sistema.

A Orion Acoustic está novamente de parabéns! Pois desenvolveu um difusor eficiente, bem acabado, leve e com um preço que permite que tanto o audiófilo como o melômano com um sistema correto, possa ajustar pontualmente o sound stage do seu sistema sem gastar nenhuma fortuna.

Se você deseja extrair um melhor foco, recorte, planos e melhor inteligibilidade do seu sistema, peça uma demonstração do PDR 289 - você irá desejar tê-los em sua sala de dedicada! ■

AVMAG #219
Orion Acoustics
(11) 2857.0849
R\$ 800 (cada)



DIAMANTE RECOMENDADO

ACESSÓRIO

RECORD-CLAMP TRUMPET PROJÉTOS

Fernando Andrette



INTRODUÇÃO

Como especialista - a aficionado - de toca-discos de vinil, eu trato vibrações e ressonâncias com seriedade há muitos anos. Facilmente considero que os toca-discos mais pesados e os pratos mais pesados proporcionam uma qualidade de som superior, por exemplo.

Além disso, cada material tem a sua ressonância: vibra em determinadas frequências. O pessoal que desenvolve toca-discos sabe disso pelo menos desde a virada da década de 1960 para a de 1970, com os super-toca-discos japoneses usando soluções como mistura de vários materiais (cada um com sua frequência de ressonância), todos pesados e inertes, que não vibram em altas-frequências e, portanto, pouco vão interferir ou mesmo poluir as altas-frequências reproduzidas por aquele conjunto de braço e cápsula.

Como o toca-discos é um equipamento especialmente mecânico em sua natureza, sofrendo influência tanto das vibrações geradas internamente (por motor, prato, agulha, braço) quanto das que vem pelo ar e pelo acoplamento dele com prateleiras e racks, o trabalho de querer eliminar totalmente as vibrações e ressonâncias é mais hercúleo do que parece - é, acredito, quase impossível. Isso me lembra o tratamento de vibrações que fazemos quando usamos spikes debaixo das caixas, racks e prateleiras solidas embaixo de equipamentos, etc:

não conseguimos fugir 100% delas, então é realmente um 'tratamento' e não uma eliminação, é 'nem tanto à terra nem tanto ao mar'. O que fazemos é quase sempre usar as vibrações à nosso favor.

Seguindo esse raciocínio, um toca-discos pesado feito de material tendendo ao inerte é o suficiente para amortecer a maior parte das vibrações, tratar as ressonâncias e prover uma reprodução boa? Sim, e não. O fato é que tecnologias usadas em toca-discos audiófilos modernos, como mistura de materiais na base e nos pratos, suspensões rígidas e semi-rígidas que usam técnicas mistas (como molas e óleo, para citar uma), e braços e motores com amortecimento, por exemplo, não são coisas novas, e sim idéias usadas em toca-discos há 40 anos. O que os projetos modernos estão adicionando?

Vejam bem, porque isso é importante: cada material e mistura de materiais, irá soar de maneira diferente, irá prover uma sonoridade diferente e, muitas vezes, uma certa combinação irá prover um detalhamento, uma qualidade melhor, do que outra combinação. Como a natureza - e o mundo pós-fabricado - são ricos em quantidades e qualidades de materiais e existem, claro, muitos outros fatores na feitura de toca-discos de vinil, continuaremos em franca renovação.

Mas, tudo isso nada mais é que um gancho para falar de record-clamps e seus materiais: os record-clamps do amigo Clóvis!

SOBRE A TRUMPET PROJETOS

A Trumpet Projetos é fruto da paixão por música - e seus meios de reprodução - do músico baiano e gente boa Clóvis Tal La Cerda, desde a década de 1970. Sua segunda vocação, então, depois da música, era a de restaurar e consertar coisas: desde instrumentos musicais até microfones e equipamentos de som usados na gravação e reprodução dos mesmos.

Vários anos depois, já morando em São Paulo - ainda músico, melômano e audiófilo de carteirinha - Clóvis resolveu produzir caixas acústicas no Brasil, devido à dificuldade de se adquirir os grandes modelos europeus, tão cobiçados. Nascia assim a Trumpet Projetos formalmente, no ano de 2002, inicialmente fazendo caixas para amigos e culminando, em 2008, em sua participação expondo e demonstrando no Hi-Fi Show 2008, promovido pela Revista no hotel Holiday Inn Anhembi, em São Paulo.

De 2008 para cá, ficou clara a paixão de Clóvis também pelo som analógico, e ele é bastante conhecido no mercado pelos toca-discos artesanais que produz - e utiliza - como o que usa como base a seção de um tronco de árvore! O mais recente projeto dele é o, aqui analisado, record-clamp Trumpet.

Mas ele já avisa: seu próximo trabalho é um toca-discos de projeto 100% brasileiro, com base de alumínio e prato de aço inoxidável. Aguardamos ansiosamente!

SOBRE OS CLAMPS

Os clamps da Trumpet são de uso praticamente universal, servindo na maioria dos toca-discos do mercado, tanto novos quanto vintage - exceto alguns que possuem o pino central do prato travado, como vários Garrard e Dual antigos, e algum que tiver o pino central excessivamente alto. Mas, não se preocupem, em geral sua compatibilidade é alta.

No mercado é possível encontrar dois tipos de clamp: o parafusável que faz pressão sobre o disco travando-o, e o que é simplesmente um peso encaixado sobre o pino do prato. O Trumpet é do tipo de travamento, mas que também tem um peso considerável, quase chegando a ser um tipo misto.

A função primordial do clamp é a de forçar o acoplamento do disco sobre o prato. Veja, o disco que não está forçosamente encostado ao prato e travado, sofre de micro-vibrações expúrias que prejudicam a qualidade de som. Além disso, o disco tem a tendência a mexer-se ligeiramente sobre um prato em movimento - são movimentos imperceptíveis à olho nu, mas que alteram a qualidade do conteúdo musical captado pelo conjunto cápsula e braço. Lembrem-se: Deus está sempre nos detalhes! E ambos problemas vibracionais do LP sobre o prato são minimizados enormemente com o uso de um clamp.

Mas, ainda existem outras questões. O prato, com o LP em cima, tem dois pontos focais de ressonância: o pino central, com seu movimento mecânico, e a borda do disco. Para a borda já existem produtos no mercado, chamados de outer-rings. Já para o pino central do prato, qualquer que seja o material que você 'grudar' nele, mudará sua ressonância, dissipará mais ou menos vibração, etc. Aí é que entra o material do qual é feito o clamp, sua densidade e seu peso, esses influenciando o caráter sonoro resultante.

Por isso que o record-clamp da Trumpet Projetos vem em dois modelos, dois tipos de material, diferentes: madeira nobre (peroba) ou alumínio tipo 6351-T6 - uma liga de alumínio de alta resistência mecânica e dureza. A parte debaixo de ambos, que faz pressão sobre o disco quando parafusada, é de plástico ABS com borracha na borda - para não machucar o selo do LP e para dar melhor acoplamento - e tem um formato cônico para que o contato mecânico da mesma com o pino do prato se dê de forma mais harmoniosa, além de ser uma forma que promove a dissipação de vibrações para cima, ou seja, em direção ao peso do clamp. A bucha e a trava usadas são feitas de latão, e o receptáculo da rosca é de alumínio. Os clamps também acompanham um espaçador perfurado de feltro para ser usado por baixo de LPs empenados, sobre os quais o clamp fará então mais pressão, diminuindo o empenamento durante a audição.

O peso do clamp de peroba é de 216 gramas, e o modelo de alumínio pesa 294 gramas - diferença de peso obviamente por causa da densidade dos diferentes materiais. Alguns podem se preocupar se a adição desse peso não estaria forçando o rolamento do prato ou no motor, ou influenciando a velocidade de rotação. Experiência minha diz que tanto o rolamento quanto o dito motor foram projetados com enormes tolerâncias na maioria esmagadora dos toca-discos bons do mercado, e quanto à rotação, a adição de peso próximo o eixo do prato não chega a exercer tamanha influência a ponto de alterar a rotação.



ACESSÓRIO

SISTEMA

Durante todos os testes foram usados vários toca-discos de vinil como o Thorens TD-145 MkII com cápsula Ortofon 2M Bronze, o Technics SP-10 (Direct-Drive) com braço Linn Basik e cápsula Ortofon 2M Bronze, e o Dr Feickert Blackbird com dois braços: Jelco de 12 polegadas com cápsula Dynavector XX2 MkII, e SME Series V com cápsula Benz LP. Todos os toca-discos foram reproduzidos com o pré de fono Sunrise Lab The PhonoStage II Special Edition. O amplificador usado foi o integrado Sunrise Lab V8 MkIII, com as caixas bookshelf Konforti Audio Aleph e as torres Dynaudio Focus 220 II "BySunriseLab". Os cabos de força e interconexão foram Sunrise Lab Reference II, assim como cabos de força Transparent PowerLink MM2 e MM2x, além dos cabos de caixa Transparent Reference XL MM2.

COMO TOCA

A impressão mais latente do som com o uso do clamp - independente se é de madeira ou de metal - é que o silêncio de fundo melhora absurdamente. Parte disso é pela melhora do silêncio mecânico do disco e prato, e grande parte pelo tratamento que o clamp faz das vibrações. E isso traz um detalhamento muito superior, com corpo mais correto e enxuto, melhores texturas, decaimentos, micro-dinâmica superior e melhor percepção de detalhes.

O clamp de Madeira privilegia o detalhamento de graves e médios-graves, melhorando bastante o corpo dos médios-graves e das vozes, e suas texturas, porém secando ligeiramente os agudos. O palco aqui ficou fenomenal em matéria de camadas, mas com grupos acústicos e vozes femininas ficou mais intimista, menos profundo. O clamp de Madeira é mais indicado para LPs mais comprimidos, com graves mais secos, como os discos de música pop e rock da década de 1980. É também mais indicado para sistemas com som mais analítico, mais seco, com conjuntos de toca-discos e cápsulas que privilegiam graves secos e agudos mais abertos.

O clamp de Metal privilegia os detalhes de médios-agudos e agudos, melhorando o corpo de instrumentos mais agudos, como metais, notas altas do piano, guitarra, gaita. Este, por sua vez, tem uma leve tendência a secar os graves, tornando seu corpo harmônico menor caso o sistema não tenha folga nesse quesito. O palco com o clamp de metal ficou intensamente profundo e com enorme ambiência, onde ouve-se cada detalhe da acústica do local onde a gravação foi feita. Maravilhosamente indicado para discos com excelente grave e corpo harmônico, discos com sonoridade cheia e bem analógica, como gravações de jazz da era de ouro (Blue Note, Verve, Pablo, etc) das décadas de 50 e 60, assim como algumas gravações audiófilas em 180 e 200g, dos últimos anos. Indicado para sistemas, e conjuntos de toca-discos e cápsula, onde a sonoridade tende para uma grande folga de graves e o som bem quente e intimista, trazendo um nível de foco e detalhamento enorme.

CONCLUSÃO

Cada um dos dois - Madeira ou Metal - é uma excelente opção de clamp bem feito, bem acabado, que cumpre seu papel e tem um preço excelente. Quem curte muito seu analógico e adquire um clamp, nunca mais vive sem ele!

Alguns sistemas e gostos musicais privilegiarão o uso do de Madeira, outros o uso do de Metal. E muitos de nós gostaríamos de alternar o uso entre um e outro, dependendo da gravação e do gosto pessoal.

AVMAG #221

Trumpet Projetos

trumpetprojetos@yahoo.com.br

(11) 94076.1601

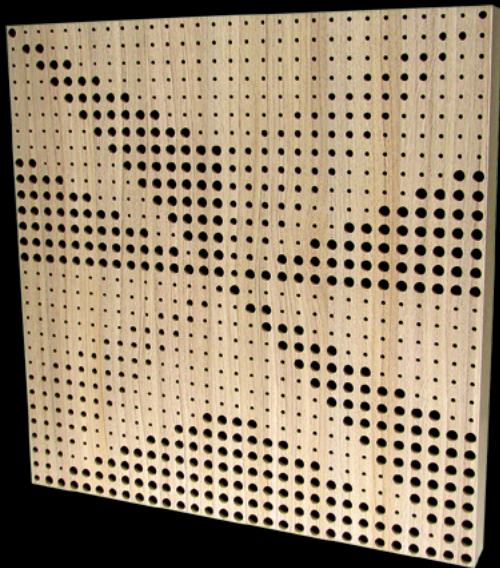
(Alumínio - Preto ou Champagne) - R\$ 338

(Madeira - Peroba) - R\$ 386



ESTADO DA ARTE

Faça um upgrade seguro no seu sistema: Escute-o corretamente!



Mestizo - o novo painel com atuação mista de absorção e reflexão do som.

Também desenvolvemos ressonadores, difusores customizados, absorvedores, portas acústicas, racks, pedestais, entre outras peças e dispositivos para salas de audição, estúdios e home theaters.



hi-fi eXperience

www.hifiexperience.com.br

Promoção de Natal Dynaudio

Pagamento em 5X sem juros. Preços imperdíveis!

Linha DM

DM 2/6 de R\$ 6.000,00/par por R\$ 2.400,00/par
DM 2/7 de R\$ 7.500,00/par por R\$ 3.000,00/par
DM 3/7 de R\$ 15.000,00/par por R\$ 6.000,00/par
DM center de R\$ 5.236,00/un. por R\$ 2.100,00/un.

Linha Excite

Excite X14 de R\$ 11.500,00/par por R\$ 4.600,00/par
Excite X34 de R\$ 25.500,00 /par por R\$ 11.000,00/par
Excite X38 de R\$ 33.660,00/par por R\$ 14.000,00/par
Excite X24 Center de R\$ 7.500,00/un. por R\$ 3.000,00/un.

Linha Focus

Focus 160 de R\$ 22.000,00/par por R\$ 8.900,00/par
Focus 260 de R\$ 37.000,00/par por R\$ 15.000,00/par
Focus 340 de R\$ 56.100,00/par por R\$ 22.500,00/par
Focus 380 de R\$ 71.000,00/par por R\$ 29.000,00/par

Linha Focus Ativa

Focus 400XD de R\$ 83.000,00/par por R\$ 33.000,00/par
Focus 600XD de R\$ 101.000,00/par por R\$ 41.000,00/par

Linha Subwoofer

Sub 250 II de R\$ 8.250,00/un. por R\$ 3.300,00/un.



All there is. **DYNAUDIO**

www.ferraritechnologies.com.br
Telefone: 11 5102-2902 • info@ferraritechnologies.com.br

CÁPSULA

CÁPSULA ORTOFON CADENZA BLACK

Christian Pruks



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=CIR2MRHIOWS](https://www.youtube.com/watch?v=CIR2MRHIOWS)

INTRODUÇÃO

Acreditem se quiserem, mas já recebi críticas quanto às minhas introduções. Concorro. Ninguém é obrigado a ler minhas crônicas, contos, causos, devaneios, opiniões. Com um texto corrido fica difícil separar o que é o que, e, portanto, difícil que as pessoas pulem as partes desinteressantes dos artigos e vão direto aos fatos. Isso me lembra do Odorico Paraguaçu, personagem fantástico da novela O Bem Amado, caricatura do político interiorano brasileiro, que dizia, em sua verborragia: 'chega de teretê e vamos passar dos 'entretantos' para os 'finalmentes'...'. Para tal, passei a itemizar os textos, a criar capítulos, assim cada um lê o que lhes interessa.

Bom, o causo - o interlúdio - do mês é sobre cápsulas. Com o amigo Vincenzo Cortese - outro adorador de som analógico e toca-discos de vinil - chegamos à conclusão de que, se pudéssemos, instalaríamos, regularíamos e ouviríamos todas as cápsulas do mundo, ou todas as quais conseguíssemos por nossas mãos, só pela curtição de mexer nelas, conhecer seu som e descobrir, no processo, algumas pérolas.

Tenho uma modestíssima coleção de cápsulas antigas - 99% delas Moving Magnet - além do grande número delas que passaram

em minhas mãos por causa de trabalho ou mesmo que usei nos toca-discos que tive. De vez em quando tiro alguma das bolas de naftalina (é uma expressão idiomática - não guarde suas cápsulas com naftalina) e ponho para tocar, por diversão, para tirar as teias de aranha, e para relembrar do som. Finalizados os testes aqui da Ortofon Cadenza Black, aproveitei e pus uma Shure V15 Type III com agulha 'Super Track 'Plus''. Bom, tirando o fato de que muito audiófilo torce o nariz para cápsulas da Shure, é preciso lembrar-se de que a maior parte da linha deles foi criada para toca-discos comerciais, tipo consumer, mas que algumas poucas cápsulas, como a célebre linha V15, tinha intuitos muito maiores. Claro que a maioria das Moving Coil é superior, mas também são muito mais caras. Mas, não descarte a Shure V15, especialmente as Type III, IV e V, pois elas são sonoramente surpreendentes, ainda hoje. Meu pai, que foi audiófilo forte no período de 1975 a 1990, usava uma V15 Type IV com agulha especial, tipo shibata, e os resultados musicais que tínhamos em casa até hoje dão saudades. As V15 chegaram a ter como opcionais agulhas com perfis Shibata, Line Contact, Micro Ridge, perfis que hoje são usados em cápsulas Moving Coil audiófilas muito caras. Bom, no caso da minha V15 Type III, a que eu estou ouvindo neste momento, ►

de excelente timbre, eufônica, cheia, com boa definição de agudos e de detalhamento, a agulha não é dessas exóticas, mas ela tem uma característica interessante, a qual eu somente achei em cápsulas da Shure e da Empire, ambas da década de 1970: algumas agulhas tem tracionamento perfeito com apenas 1 grama!!!! Aliás, as V15 da Shure são as melhores 'trackers' que eu já vi. Ponto. Isso faz parte daquelas minhas considerações típicas, como a de a tecnologia de toca-discos de vinil e afins já estava em seu auge mais de 30 anos de atrás.

Bom, chega de papo furado de botequim, e vamos ao teste da bela cápsula Ortofon Cadenza Black.

SOBRE A ORTOFON

A empresa dinamarquesa Ortofon, acho que é hoje o mais ativo fabricante de cápsulas de toca-discos, com ampla linha - do simples ao complexo, do DJ ao consumer ao hi-end - ampla distribuição e um bom trabalho de OEM, integrando vários toca-discos já de fábrica. Junto com a japonesa Audio Technica é o nome mais conhecido e com maior abrangência no mercado. É a marca que inventou o 'Moving Coil' e que comercializa um modelo consagrado de cápsula há mais 50 anos, a SPU. Essa é a velha e boa Ortofon, marca de respeito que tem cápsulas para todos os gostos e bolsos.

SOBRE A CADENZA BLACK

A Ortofon tem feito - aos poucos - certa padronização de nomes de modelos em suas linhas, começando com a linha Moving Magnet, a 2M, da mais simples à mais elaborada: White (mono), Red, Blue, Bronze e Black. O mesmo esquema de nomes usa a linha Moving Coil de entrada e, também, a linha Moving Coil topo, a Cadenza. Aqui analisamos a Cadenza modelo Black, ou seja, a topo dessa linha MC da empresa. Bom, claro que a Ortofon ainda tem algumas cápsulas de série especial acima dessa, mas já dá para ter uma boa ideia da colocação da Cadenza Black dentro da linha da empresa.

A (Cadenza) Black é um design Moving Coil, com uma saída baixa bem decente de 0,33 mV, que usa um diamante com corte Shibata montado de maneira 'nude' - ou seja, diamante inteiriço em vez de uma ponta colada em outra peça - preso a um cantilever de bóro. Seu corpo é feito parte em alumínio e parte em aço inoxidável, e é bastante pesada. Usa bobinas enroladas com um fio chamado pela Ortofon de Auccurum, que é cobre com seis noventa e nove de pureza (9,99999% puro) com banho de ouro. A Black também usa um sistema de amortecimento especial chamado de WRD, compartilhado com cápsulas de sua série especial, como a Windfeld, A90, A95, Anna e Xpression.

SETUP & COMPATIBILIDADE

Por vir com um bom protetor de agulha, e ter rosca no corpo para os parafusos de fixação, a instalação da Black não foi nem um pouco difícil. Ela também não é exótica quanto as suas proporções, não causando dificuldades na hora de alinhá-la e gabaritá-la.

A questão é que a Black é uma cápsula com uma sonoridade, uma assinatura sônica toda particular dela, e isso a torna pouco compatível com uma longa série de toca-discos que sejam voltados à hiper-definição, segura, ao som analítico e enxuto. E, como eu a amaciei junto com o toca-discos RP10, um aparelho que tem características semelhantes, o resultado em matéria de compatibilidade entre eles foi um desastre! Já a compatibilidade com o meu Technics SP-10 com braço Linn foi muito, muito boa.

A maior parte das cápsulas da Ortofon dá seu melhor resultado quando reguladas para o peso sugerido. No caso da Black, o peso de trabalho dela vai de 2 à 2,5 gramas, sendo o sugerido 2,3 g. Em todas as minhas tentativas, o melhor resultado se deu na faixa entre 2 e 2,1 g. Mas em outros toca-discos e braços isso pode ser diferente.

Mais uma vez permaneci com as regulagens padrão topo do pré de fono (leia-se: a maior carga resistiva disponível no dito cujo). Já falei e volto a falar que essas configurações entre um pré de outro divergem muito - uma carga de 1000 ohms em um pré toca de um jeito e em outro pré toca de outro jeito completamente diferente. E, depois, cargas resistivas menores ou exóticas são só necessárias para cápsulas exóticas, pois a maioria das marcas conhecidas e comerciais não precisa de cargas diferentes da padrão para tocarem seu melhor. E, fiquem atentos, pois quando se mexe em carga resistiva pode-se melhorar uma coisa no som, mas piorar várias outras - e isso é algo que não deve ser feito. Mantenham-se objetivos e procurem sempre o equilíbrio geral do som.

SISTEMA

Durante o teste da cápsula Ortofon Cadenza Black foram usadas as cápsulas Ortofon SPU Meister Silver e 2M Bronze, entre outras. Os toca-discos foram o Rega RP10 e o Technics SP-10 com braço Linn. O amplificador integrado foi o Sunrise Lab V8 MkIII, com caixas acústicas Konforti Audio Aleph e torres Dynaudio Focus 220 II com MOD By Sunrise Lab e pré de fono Sunrise Lab The PhonoStage II Special Edition. Os cabos de força, interconexão e fono foram Sunrise Lab linha Reference, mais os cabos de força Transparent PowerLink MM1, MM2 e Nanotec, e cabos de caixas Transparent Reference XL MM2.

COMO TOCA

Tendendo ao seco, mas sem nada fazendo falta, nem em extremos, nem no meio, nem nada. Quando falo seco, falo do meu gosto pessoal: prefiro outros tipos de cápsula, com mais vivacidade, brilho e ambiência, até com som mais arejado e mais 'ao vivo', que para muitos pode soar mais 'sujo', mais ruidoso. Mas - e tudo tem um 'mas' - ao ouvir um dos meus discos preferidos, a trilha sonora da série de TV *Twin Peaks* (Warner Bros), do compositor americano Angelo Badalamenti, essa precisão seca me impressionou, casou muito bem com um disco ►

CÁPSULA

de estúdio que é um pouco seco e comprimido e, isso combinado com as texturas e decaimentos excelentes aqui da Black resultaram em uma das melhores audições. A Black pode soar um pouco diferente de muito que tem por aí, mas tem seus méritos e não são poucos!

A Black é econômica na ambiência, lhe falta um pouquinho de intimidade. Tem boa separação e silêncio de fundo, muita precisão e foco. Apesar da ambiência tendendo para 'seca', batimentos de alta-frequência, reverberações na sala ou ambiente de gravação, são impressionantes, como na gravação audiófila 45 RPM de corte direto *Warren Smith & Masami Nagakawa* (RCA Japan), o flautista é praticamente palpável, tanto em seus agudos quase em '3D' quanto em seus médios límpidos e presentes, e os elementos agudos de percussão são claros e texturizados, mostrados em um fundo preto. Interessante!

Provê boas texturas em pratos, cordas e vozes. Na gravação *Fantasy* (Ode Records) da cantora Carole King, apesar dos pratos terem sido originalmente mal captados e soarem apagados e sujos, a textura do ximbau fechando, das cordas de fundo, do eventual sax, e mesmo da voz mais moça de King, realmente deram muito prazer de apreciar a música.

Os transientes são bons, muito precisos, tudo muito bem recortado, e apesar da secura os decaimentos são ótimos, em certas gravações quase sobrenaturais, perfazendo uma das cápsulas mais silenciosas que eu conheço. A gravação *Aerial Boundaries* (Windham Hill), do violonista virtuoso americano Michael Hedges, tem excelente dinâmica e uma ambiência e reverberação enorme, mostrando clareza intensa, e principalmente enorme inteligibilidade, entre a nota 'estilingada' no violão e seu devido batimento e suas diferentes velocidades.

As dinâmicas são boas, com crescendo e força. Não é visceral, mas é bem natural. Uma excelente gravação que mandou muito bem nesse quesito, não só em força, mas também em inteligibilidade de passagens mais complexas - e também, por acaso, demonstrou a superior extensão de graves da Black - foi *Endless River* (CBS), do grupo inglês de rock progressivo Pink Floyd. Mais uma vez a Black se sai vitoriosa com gravações que tem compressão.

Engraçado como a Black 'promete' uma falta intimidade, de gordura, de proximidade corporal - mas quando as gravações são comprimidas (e quando, claro, a Black está bem casada com braço e toca-discos), ela entrega uma tamanha precisão sobre o conteúdo que está no disco que essa idiosincrasia parece simplesmente contornada. Eu curti muito ouvir o *Octopus* (CBS) do grupo de rock Gentle Giant: inteligibilidade e organicidade excelentes para uma gravação bastante comprimida. Foi uma das melhores audições desse disco que eu já obtive.

De gravações mais comprimidas, a Black tira uma naturalidade, uma organicidade muito boa. Algumas gravações eu me senti até redescobrir. Desenterrei do fundo do armário, à título de 'saideira',

Tales of Mystery and Imagination (20th Century) do Alan Parsons Project - meu disco preferido da banda. Esse deu vontade até de ouvir duas vezes!

CONCLUSÃO

A Cadenza Black da Ortofon é uma cápsula equilibrada de refinamento excelente, mas com um tipo de sonoridade diferente, enxuta, uma assinatura sônica imperativa, voltada para uma precisão seca de baixa ambiência e reverberação, que deve ser compatibilizada com toca-discos de som cheio, de grave cheio e som mais 'escuro', com gabinetes de madeira, fugindo de braços com fiação de prata, etc, e fechando seu uso com sistemas transistorizado de som bem quente ou mesmo sistemas valvulados. Aqui, o resultado ouvindo rock e outros tipos de música comprimida são latentemente superiores! ■

AVMAG #216
Alpha Áudio & Vídeo
(11) 3255-9353
R\$ 13.300

NOTA: 90,5



ESTADO DA ARTE

TOCA-DISCOS REGA RP1 QUEEN EDITION

Christian Pruks



INTRODUÇÃO

Eu, como todo moleque (sou e sempre serei moleque) gosto de carros, de várias maneiras, tanto novos quanto antigos - isso acho combina bem com o meu gosto por toca-discos, tanto novos quanto antigos! No cumprimento da função, um carro antigo pode ser confortável, prazeroso de guiar e com grande performance e estilo, mas o toca-discos de vinil tem, na minha opinião, uma grande diferença: o auge do vinil já foi atingido na década de 1970, e ao mesmo tempo que são muito poucos novos toca-discos (todos muito especiais) que galgaram novos e inéditos patamares, temos toca-discos magníficos que têm cadeira cativa em sistemas hi-end atuais, que foram desenvolvidos e fabricados em 1954!

Voltando um pouco aos carros - hoje é tudo eletrônico e cheio de frescura, mas até pouco tempo atrás eles precisavam de ajustes finos muito bem feitos para dar performance, resultado de uma arte em extinção: os mecânicos velhinhos italianos, que eu tanto ouvia falar quando era moleque, que quase 'de ouvido' tiravam uma performance superior dos carros. Um carro sem essa regulagem fina não chegava nem perto de um reguladinho em matéria de performance, bom funcionamento e economia. Eu aplico até hoje a mesma metodologia e sentimento à regulagem de toca-discos de vinil: eles tem um som

certo a dar, e por certo é uma questão de equilíbrio - e essa noção tem caído por terra cada vez mais. Aqui na revista batemos sempre na mesma tecla do equilíbrio: um bom equipamento não só tem boa nota de equilíbrio tonal, como tem as notas dos vários quesitos o mais próximas possível entre si. Quem não gosta de equilíbrio? Os que eu chamo de 'monoteístas', ou seja, aqueles que são fãs apenas de um aspecto do som, como o palco, a dinâmica, etc, quase que 100% das vezes em detrimento do resto. Já vi rejeitarem produtos porque estavam certos em 7 dos outros quesitos mas não eram do jeito que queriam em um quesito apenas. OK? Isso pode parecer ser bastante estrito por parte desses audiófilos, mas na verdade, quando analisado, descobri que o eles achavam válido e preferível geralmente era um equipamento que tinha o quesito preferido deles perfeito, e todos os outros 7 quesitos errados. Existe esse tipo de aparelho tão errado assim? Existe sim, especialmente, sob o ponto de vista do setup e do casamento de componentes e cabos.

Eu vou sempre vender a idéia de que montem seus sistemas, façam seus setups, regulem seus toca-discos sempre procurando o equilíbrio - esse é sempre preferível ao 'monoteísmo audiófilo'. E, depois, quando você subir de qualidade geral em seu sistema, vai descobrindo que todos os seus aspectos qualitativos sobem - inclusive aquele pelo qual você é fanático.

TOCA-DISCOS

Bom, existem equipamentos padrão Ouro que são equilibrados, e existem padrão Diamante que são equilibrados. Equilíbrio de características e de quesitos são é uma exclusividade do Estado da Arte, não. E, aqui, com o “Queen By Rega” ou simplesmente o Rega RP1 Rega Edition, temos um caso de um Diamante de entrada que mostra claramente o quão bem feito foi o empenho da Rega em acertá-lo, em deixá-lo equilibrado.

SOBRE A REGA

A inglesa Rega é uma das empresas mais conhecidas do áudio hi-end aqui no Brasil. Primeiro porque ela sempre teve uma excelente e presente representação no País, e segundo porque seus amplificadores, CD-Players e toca-discos sempre tiveram boa musicalidade e bom custo-benefício, sendo encontrados em várias salas de som e sistemas brasileiros. O RP3, por exemplo, é a atual encarnação de um toca-discos que começou como Rega Planar, depois Planar 3, depois P3, depois P3-24 é facilmente um best-seller de décadas, um dos mais bem quistos e usados toca-discos audiófilos de entrada do mercado. Sediada na região de Essex, no interior da Inglaterra, a Rega foi fundada em 1973 e, além de produzir seus próprios equipamentos, cápsulas, toca-discos e braços, é um dos mais prolíficos fornecedores de braços - os célebres RB251 e RB300 (e suas variações posteriores) - para toca-discos de marcas hi-end que incluem NAD, Thorens, Michell, Rotel, entre muitas e muitas outras.

SOBRE O RP1 “QUEEN BY REGA”

O Rega Queen Edition pega o toca-discos de entrada da marca, o RP1, e lhe dá uns dois pares de boas incrementadas. Primeiro, visualmente, é um produto que licencia o logo e o nome da célebre banda de rock inglês Queen, conhecida por sua qualidade e pela grande figura de seu finado vocalista Freddie Mercury. A banda Queen é realmente algo que apela mais para o pessoal mais velho, que ouvia rock’n’roll nas décadas de 1970 e 1980. Eu mesmo sou bastante fã da banda, mas inicialmente me preocupei sobre como seria um produto personalizado assim, se o mesmo teria um visual espalhafatoso e, portanto, exclusivista. À título de histórico, a Rega tem um toca-discos cuja base é a bandeira do Reino Unido, que chama tanto a atenção que o público conseguiu vê-lo dois dias antes de ser lançado. Nada contra, eu gosto da bandeira do Reino Unido, mas se eu tivesse um desses, o universo inteiro saberia que eu gosto dessa bandeira. Mas, no caso do Queen By Rega, o resultado foi bonito, de bom gosto e felicíssimo - é um toca-discos bonito, sóbrio e clássico.

Na verdade, o que chama mais a atenção mesmo é o logo que cobre o prato. Mas, acredite-me, isso não muda muita coisa por dois motivos: você precisa usar o tapete de feltro que vem junto com o toca-discos, para obter sua melhor performance original. E, segundo, o prato vai estar a maior parte do tempo com um disco em cima mesmo.

O RP1 é um toca-discos bastante simples que recebeu alguns upgrades nessa versão: o prato continua sendo de bakelite, mas agora tem o logo do Queen em cima. A base recebeu um revestimento que passou ela de MDF para um excelente acabamento preto-piano, com um logotipo pequeno do Queen na frente, à direita, bastante discreto aliás. O motor, que originalmente era de 12 V passou a ser de 24 V (acredito que o mesmo motor utilizado no RP3), e a cápsula passou a ser a Rega modelo Carbon, a cápsula mais simples da linha da empresa, uma MM e, portanto, altamente compatível com prés de fono do mundo a fora.

Quando eu digo ‘passou a ser’ é porque eu fiz o review do RP1 original logo que ele saiu, quando ele vinha com uma cápsula Ortofon OM3E com a qual ele não tinha nenhuma compatibilidade. Já a Rega Carbon - que é fabricada pela Audio Technica sob encomenda da Rega - tem uma compatibilidade enorme, um casamento dos deuses com o RP1. Isso, a base mais rígida e mais pesada, o motor melhor dando estabilidade de rotação, timbre e silêncio mecânico maior, fizeram com que o RP1, na versão Queen, saísse de fábrica um campeão.

SETUP & COMPATIBILIDADE

Outra coisa que a Rega resolveu a contento é o setup básico desse toca-discos, o plug’n’play dele: basta você enfiar o contrapeso até o final, ligar e usar. Assim, o peso de operação da Rega Carbon fica por volta de 2,2g, o que é de bom tamanho - e foi com esse setup que eu fiz o review, que eu achei importante que o Queen By Rega fosse visto com esses olhos.

Claro que, depois de fechar as notas, eu fiz algumas modificações no setup do braço e cápsula que me deram um pouco mais de extensão e um pouquinho de peso nos graves. Mas, isso é quase acadêmico, pois a maioria esmagadora dos compradores desse toca-discos jamais farão isso, e querem mesmo algo fácil de usar, instalar, compatibilizar com seus prés de fono, e usufruir. Nesse sentido, também, o Queen By Rega é um campeão.

Devo salientar aqui o que eu considero upgrades futuros no Queen By Rega, o que eu faria na sequência se tivesse um. Primeiro passo: trocar o prato fino e leve de bakelite por um de acrílico grosso (facilmente encontrável como upgrade para uma série de toca-discos da marca). E, na sequência, trocaria a cápsula Rega Carbon por uma Ortofon 2M Blue. E aí seria só sentar e ouvir música!

SISTEMA

Recebido lacrado na caixa, o RP1 Queen Edition passou pelo período regulamentar de 30 a 50 horas, geralmente mais que o suficiente para a fiação do braço e para a cápsula. Durante os testes foram usados vários toca-discos de vinil, à título de comparação, especialmente o Technics SP-10 de broadcast com base de madeira preto-piano e com braço Linn, equipado com uma cápsula Ortofon 2M Bronze. O pré de ►

fono usado durante todo o teste foi o Sunrise Lab The PhonoStage II Special Edition, com cabo de interconexão Sunrise Lab Reference e de força Nanotec. O sistema usado é composto pelo amplificador integrado Sunrise Lab V8 MkIII, SACD-Player Luxman D-06 e caixas torre Dynaudio Focus 220 II com upgrade BySunriseLab. Os cabos de interconexão foram Sunrise Lab Reference e QED Signature 40, os cabos de força Transparent PowerLink MM2x e os cabos de caixa Transparent Reference XL MM2.

COMO TOCA

No equilíbrio tonal, o timbre do RP1 Queen é impecável (e o seria até se comparado com aparelhos muito mais caros). O ar e a ambiência são muitos bons, mas esse conjunto de toca-discos e cápsula mostrou um pouco de falta de extensão nos graves e peso nos médio-graves e graves. Isso chegou sim a incomodar na audição de uma prensagem como a Sinfonia no.10 (DGG) de Shostakovich com a Filarmônica de Berlim sob a regência do austríaco Herbert von Karajan, que é uma prensagem um pouco deficitária nesse sentido.

Em uma gravação um pouco comprimida, que é Dreams of Reason Produce Monsters (Virgin) do baixista inglês Mick Karn, com faixas tendo como convidado o vocalista e multi-instrumentista David Sylvian, o arejamento e separação de instrumentos do palco realmente me surpreendeu e muito, separando com imensa clareza os vocais, clarone, teclados e contrabaixo fretless!

Em geral ouvir as texturas providas pelo RP1 Queen foi um prazer! De música clássica à jazz, de rock a trilhas sonoras. Curti muito algumas faixas do disco de rock alternativo Without Mercy (Factory Records) do grupo inglês The Durutti Column, com sua guitarra elétrica meio etérea soberbamente bem captada, acompanhada em algumas faixas principalmente por piano e metais, por exemplo. Concebido com uma homenagem instrumental ao poema La Belle Dame sans Merci, do poeta romântico inglês John Keats, foi uma gravação que passou no teste de textura com beleza e louvor.

Decaimentos, diferenças sutis de intencionalidade, timing e ritmo, são muito bons nessa versão do RP1. Aqui fui procurar um LP bom de piano, mas acabou me caindo nas mãos o raro disco Warren Smith & Masami Nakagawa (RCA Japan), um disco gravado em 45RPM em regime Direct Cutting (direct-to-disc), com um flautista japonês e um percussionista americano. Sendo uma gravação especial, de altíssima qualidade e baixíssima compressão, serviria muito bem para avaliar uma boa parte dos quesitos aqui da nossa metodologia. Mas, representou muito bem a clareza e rapidez dos transientes tanto da flauta quanto das percussões de Smith. Clareza e naturalidade.

Nada melhor para medir o nível de realismo da dinâmica de um equipamento do que uma boa gravação de música clássica orquestral como, novamente, a Sinfonia no.10 (DGG) do compositor russo Dmitri

Shostakovich. É um trabalho complexo e de grandiloquência sinfônica, ainda mais nas hábeis mãos da Filarmônica de Berlim sob o comando de Herbert von Karajan, em gravação da década de 1960. Aqui percebi muito pouco ou nenhum embolamento, mostrando com clareza as diferenças dinâmicas de cada naipe da orquestra em passagens mais complexas - essa clareza e separação perfaz também excelente micro-dinâmica. Foi um prazer ouvir essa gravação, apesar da característica de extensão e peso de graves citada acima, em Equilíbrio Tonal.

Apesar dessa falta nos graves e médios-graves, os corpos harmônicos do RP1 Queen são bastante corretos, principalmente em médios, médios-agudos e agudos. Para ilustrar bem esse ponto, peguei a trilha sonora do filme Paris Texas (Warner), do guitarrista americano Ry Cooder, onde suas guitarras acústicas magnificamente bem captadas, estavam completamente nos conformes em relação aos seus corpos harmônicos.

CONCLUSÃO

Acho o RP1 uma das melhores opções de toca-discos de entrada do mercado, devido à sua performance, musicalidade, decente organização, bom equilíbrio, facilidade de setup e de operação. É tirar da caixa, enfiar o contrapeso, e boa música! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=JHUC2XZBX6S](https://www.youtube.com/watch?v=JHUC2XZBX6S)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=TWJTGTC2VFE](https://www.youtube.com/watch?v=TWJTGTC2VFE)

AVMAG #225
Alpha Áudio & Vídeo
(11) 3255.2849
R\$ 4.350

NOTA: 72,0



DIAMANTE RECOMENDADO

TOCA-DISCOS

TOCA-DISCOS REGA RP10

Christian Pruks



INTRODUÇÃO

Existe, parece-me, uma necessidade constante de inovar. Acho estranho isso, porque nem sempre inovação é melhora em qualidade. E, depois, eu sou naturalmente ranzinza com algumas coisas - ou, pelo menos, ácido. Quem me conhece sabe o quanto eu gosto de comida - quem já me viu na rua sabe o quanto eu gosto de comida só de ver o meu tamanho, por isso é um assunto constante na minha vida e nas minhas analogias. Outro dia fui convidado por um amigo a ir comer em foodtrucks. Ora, considero foodtrucks o cúmulo do oportunismo, onde uma espécie estranha de conveniência lhe dá 'acesso' a certos tipos de comida, um acesso ilusório, desconfortável e nunca barato. Aliás, esse mau humor meu me lembra dum amigo, gourmet, que dizia que restaurantes por quilo são sistemas de alimentação coletiva de gado (para vocês verem que o mau humor não é exclusividade minha).

Enfim, um amigo me falou de um foodtruck que iria servir arroz com tinta de polvo. Caramba! Ocorreu-me apenas dizer que, o dia que fizerem um cappelletti quatro-queijos realmente bem feito, do jeito certo, com a massa, o recheio, o cozimento do jeito certo, com bons queijos de verdade e não os quatro-queijos sem gosto (que eu chamo de "queijo prato, queijo branco, mussarela e tofu") então poderão aderir a pratos metidos a besta. Superem o normal, e depois façam o metido a besta, o "inovador". Essa é a minha opinião ácida do mês.

O Roy Gandy, fundador e proprietário da Rega, são um desses que passou a procurar inovações para a linha atual da empresa. Dois anos e pouco atrás, eu testei o primeiro da linha da Rega que trazia novos materiais, o toca-discos RP8. Quem se lembra do meu teste, lembra-se que realmente não dei o meu completo aval a usar materiais leves em toca-discos. Vamos descobrir, mais abaixo neste teste do topo de linha RP10, que aqui a ideia se concretizou bem mais acertada ou, pelo menos, está no caminho certo.

Mas, voltando ao comentário sobre inovação versus tradicionalismo, temos que ter em mente algo que eu costumo dizer com grande frequência: a tecnologia de toca-discos de vinil chegou á seu ápice nas décadas de 1970 e 1980 - bem diferente do áudio digital, o qual está ainda em franco desenvolvimento. Existem cápsulas top dessa época que rivalizam a maior parte das de hoje, e existem braços como o SME Series V - facilmente um dos melhores braços do mundo mesmo hoje - que foi lançado 30 anos atrás. E alguns engenheiros que desenvolveram toca-discos incríveis nessas décadas, continuam fazendo-o hoje e seguindo os mesmos princípios de design e engenharia, trabalhando com bases sólidas e pesadas, sistemas complexos de suspensão, mistura de materiais pesados de diferentes densidades, procurando lidar com e domar as ressonâncias e vibrações - que é o segredo de um toca-discos, em minha opinião.

Roy Gandy resolveu partir para outras paragens. Ele está errado? Não, acho que não principalmente depois de ouvir o RP10. Mas ainda acredito que esse caminho é longo e é o mais difícil deles. Espero que Roy continue trafegando em linha reta pelo mesmo.

SOBRE A REGA

A inglesa Rega é, creio uma das empresas mais conhecidas do áudio hi-end aqui no Brasil. Primeiro porque ela sempre teve uma excelente e presente representação no País, e segundo porque seus amplificadores, CD-Players e toca-discos sempre tiveram boa musicalidade e bom custo-benefício, sendo encontrados em várias salas de som e sistemas brasileiros. O RP3, por exemplo, é a atual encarnação de um toca-discos que começou como Rega Planar, depois Planar 3, depois P3, depois P3-24. Cada um deles um grande best-seller, e um dos mais bem quistos e usados toca-discos audiófilos de entrada do mercado. Sediada na região de Essex, no interior da Inglaterra, a Rega foi fundada em 1973 e, além de produzir seus próprios equipamentos, ►

cápsulas, toca-discos e braços, a Rega é um dos mais prolíficos fornecedores de braços - os célebres RB251 e RB300 - para toca-discos de marcas hi-end que incluem NAD, Thorens, Michell, Rotel, entre muitas e muitas outras.

SOBRE O RP10

A ideia toda do RP10 começa em uma base muito rígida e de baixíssima massa, feita de uma espuma de poliolefina - concebida de acordo com especificações da empresa - coberta de resina fenólica. Essa base é composta de duas peças encaixadas uma dentro da outra que, quando juntas, fazem o RP10 ter aquela cara quadrada de todos os outros Regas, mas quando usada somente a parte interna (a chamada base esquelética), o visual muda completamente, tornando o aparelho curvilíneo, pequeno e sóbrio. Para garantir a rigidez do conjunto, a Rega inseriu uma peça que liga o eixo do prato ao braço, feita de magnésio. Diz a Rega que, apesar do RP8 usar o mesmo tipo de solução, a especificação desses materiais é ligeiramente diferente no RP10. Permanece também o sub-prato de metal, acionando por duas correias de silicone e por um motor de 24 volts de baixa vibração - e no caso do RP10, o controlador e fonte externos, o TT-PSU, é um item de linha. As duas diferenças óbvias entre os dois passa a ser o prato de cerâmica e o braço RB2000 - evolução do RB1000, ex-topo de linha da empresa, feito a mão e mais elaborado, refinado e mais bem construído do que o braço RB808 que equipa o RP8. Os braços da Rega têm quase todos o mesmo visual, mas vão melhorando em construção, tolerância dos rolamentos e das regulagens dos mesmos, cabeamento, ressonância e rigidez dos materiais, etc.

SETUP & COMPATIBILIDADE

O RP10 que me veio para teste veio sem cápsula, então me utilizei da Ortofon Cadenza Black, que é uma Moving Coil de saída baixa, topo da linha Cadenza, que fica abaixo somente das séries especiais da empresa dinamarquesa. Utilizei também a Ortofon 2M Bronze, uma Moving Magnet de saída alta que considero como uma 'pequena notável', uma das melhores MM do mundo certamente, que usa bobinas de alta-qualidade e um diamante com perfil Nude Fine Line, e é uma cápsula com som quente, mas que traz refinamentos somente encontrados em cápsulas Moving Coil.

O RP10 segue o tipo de som do RP8, uma assinatura mais seca e detalhada. Só que aqui o tempero que dá todos os seus componentes de projeto, especialmente o prato de cerâmica e o braço topo de linha, faz com que ele seja muito mais equilibrado e trazendo uma qualidade sonora impressionante. Mas, aqui, a questão da compatibilidade com cápsulas é de extrema importância. Por exemplo, a Cadenza Black é uma das cápsulas mais secas e enxutas da linha da Ortofon. Na verdade, quase todas as 'Black' da linha da empresa tem essa

característica, como acontece com a 2M Black também. E essa característica é extremamente incompatível com o RP10. Por isso, quando pus a sonoramente quente 2M Bronze, caí para trás com o som cheio, bonito, musical, e ao mesmo tempo com excelente silêncio de fundo e um palco detalhado e organizado. O RP10, para brilhar, precisa dessa compatibilidade. Senão fica sem graça.

Outras cápsulas, para dar exemplos da Ortofon, que farão o RP10 brilhar, são as Quintet Blue e Bronze, e Cadenza Red, Blue e Bronze - todas as cápsulas com som mais para o quente e com corpos harmônicos mais generosos.

O setup não trouxe nenhum percalço ou mesmo dúvida - os braços da Rega, assim como a montagem do equipamento para uso, são de operação bastante óbvia. Apesar do visual com a base esquelética ser muito mais bonito e exótico, o som com a base completa - ou seja, com as duas semi-bases encaixadas - tem muito mais corpo harmônico. Em compensação, só com a base esquelética, o palco é mais fundo, separado e detalhado, e as texturas são mais limpas e distinguíveis. Eu acho que, na hora de você montar ele em seu sistema, deverá avaliar qual dos dois tipos de som - principalmente levando em conta qual cápsula estará usando - se casará melhor com o resto do seu sistema, com a sonoridade final dele. Deve-se ser levado em conta o fato de que, para melhor casamento sonoro, em cada uma das duas situações um acerto fino da cápsula e braço deverá ser feito - para que seja possível viver melhor com cada assinatura sônica de cada uma das opções.

Quanto ao visual, eu fico com o esquelético, mas o que deve ser levado em conta não é o visual, e sim o resultado sonoro final, a sinergia. Aqui no sistema, enquanto ouvi com a 2M Bronze, preferi o esquelético, mas viveria tranquilamente com a base completa.

SISTEMA

Recebido lacrado na caixa, o Rega RP10 passou pelo período regulamentar de 30 a 50 horas, geralmente mais que o suficiente para a fiação do braço e para a cápsula. Durante os testes foram usados alguns toca-discos de vinil, a título de comparação, mais especialmente o Technics SP-10 de broadcast com base de madeira com suspensão por molas e com braço Linn. As cápsulas foram as Ortofon Cadenza Black e 2M Bronze. O pré de fono usado durante todo o teste foi o Sunrise Lab The PhonoStage II Special Edition, com cabo de interconexão Sunrise Lab Reference e de força Nanotec. O sistema foi composto pelo amplificador integrado Sunrise Lab V8 MkIII, SACD-Player Luxman D-06, com caixas torres Dynaudio Focus 220 II com MOD by Sunrise Lab. Os cabos de interconexão foram Sunrise Lab Reference, os cabos de força Transparent PowerLink MM e MM2 e Sunrise Lab Reference, e os cabos de caixa Transparent Reference XL.

TOCA-DISCOS

COMO TOCA

Depois do setup feito e as compatibilidades casadas, o RP10 mostrou-se muito musical, com som limpo e organizado, refinado. O equilíbrio tonal é correto e bem agradável e os timbres são muito bons, com uma ênfase na área média que ótima para se ouvir vários tipos de música, especialmente acústica. Ouvindo o disco *Vini Reilly Fact 244* (Stiletto/BMG), da banda inglesa de rock alternativo The Durutti Column, um disco com um pequeno uso de compressão, por ser pop/rock, eu me deleitei nos médios bonitos e precisos, de excelente timbre, com bom agudo e bom arejamento, mas achei que a extensão de graves, os extremos graves, poderiam ter sido um pouco melhores - apesar de não ser algo que incomodava durante longas e variadas audições.

A ilusão de palco provida pelo RP10 é um dos dois pontos mais altos desse equipamento: está entre os menos congestionados que tenho tido o prazer de ouvir. Acho que a palavra de ordem é: ele dissecava o que a cápsula tem a oferecer, ele deixa claro todos os detalhes e nuances (aqui junto com o quesito Textura) que são da personalidade da cápsula. No interessante disco *Shades of Dring* (Cambria Records), com arranjos jazz da música de Madeleine Dring, com grandes como Ray Brown, Shelly Manne e Bud Shank, entre outros, claramente é distinguível, com supremo foco, o piano (e suas teclas) de Leigh Kaplan, cada recorte e presença (e localização) do baixo, cada detalhe do trabalho de bateria. Muito bom!

Segundo ponto mais alto da avaliação, as texturas são perfeitamente claras, sem se misturarem com as de outros instrumentos, mesmo em uma massa orquestral como a *Sinfonia nº 10* (DGG) do compositor russo Dmitri Shostakovich, em uma das brilhantes execuções do regente austríaco Herbert von Karajan frente à Filarmônica de Berlim, em gravação da década de 1960. Aqui estão incríveis e aveludadas as texturas das cordas mais baixas, como cellos e contrabaixos. Em outras gravações, como a já citada prensagem de jazz *Shades of Dring* (Cambria Records) me impressionei muito com a clareza e a naturalidade das texturas dos pratos.

O mesmo tipo de separação entre instrumentos e a clareza do palco e das texturas do RP10 fazem com que ele mostre como são esperados, ótimos transientes. Excelente aqui ficou o violão, permitindo a percepção da intencionalidade de cada corda tocada, assim como dos belos pratos e percussões, todos claramente captados, do disco *Unplugged* (Reprise) do bluesman inglês Eric Clapton.

Engraçado que o RP10 tem todos os crescendos corretos, algo perceptível em qualquer boa música acústica, tanto em orquestras como em pequenos grupos de jazz e música de câmara. Mas falta-lhe uma visceralidade a mais - talvez pela falta de gordura harmônica nos graves - para dar aquele impacto, aquela impressão, aquele deslocamento de ar. Apesar disso, ouvi muito bem e com prazer gravações

como o *Octopus* (CBS) do grupo de rock progressivo Gentle Giant. Aqui é preciso levar em conta que eu não ouço rock do tipo mais barulhento, comprimido e ou pop do tipo seco e altamente eletrônico, nervoso e não-orgânico, mas facilmente puder ver que, isso poderia gerar fadiga no RP10.

O ponto mais baixo do RP10 era de se esperar ser o corpo harmônico, característico de sua secura (leia-se: foco na resolução, precisão, refinamento, etc). Um exemplo, que é focado muito nessas características resolutivas do RP10, é o disco japonês *Warren Smith & Masami Nakagawa* (RCA), um percussionista americano em dueto com um flautista japonês. É um disco que parece uma demonstração de capacidades de gravação, já que só saiu no Japão, onde as prensagens são supremas em qualidade, é uma gravação de corte direto (Direct Cutting) e originalmente em 45 RPM - me espanta que, se quiseram tanto mostrar as capacidades de qualidade de gravação, não mandaram junto com o LP um toca-discos top, para garantir que o mesmo fosse bem reproduzido. Por vezes, em parte dessa gravação sinto falta de corpo nas percussões, nem tanto na flauta. Acho que é porque essa gravação queria soar magnífica na estética sonora dos equipamentos da década de 1970 - que tinham excesso de médios-graves e baixa resolução nos agudos. Enfim, a gravação é ótima, mas limitrofe. Ou seja, em um sistema com o RP10 sente-se falta de um pouco de corpo em partes dela. Gravações limitrofes em um quesito ou outro são ótimas para testes, para se tirar a "prova dos nove".

CONCLUSÃO

Bem casado com cápsulas e sistemas de som quente e cheio, o Rega RP10 é um excelente toca-discos, dando grande prazer de ouvir certos tipos de música com sua precisão, limpeza, refinamento, silêncio de fundo e palco descongestionado. Parece-me ser esse o objetivo sonoro da Rega, e eles assim alcançaram!



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=FQPFVSWENQ](https://www.youtube.com/watch?v=FQPFVSWENQ)

AVMAG #216
Alpha Áudio & Vídeo
(11) 3255-9353
R\$ 55.400

NOTA: 87,0



ESTADO DA ARTE



PAIXÃO *POR ACÚSTICA*

artnovion



Showroom

Av. Eng. Roberto Zuccolo, nº 555/ 3º Piso/ B1 e B2 – Vila Leopoldina
São Paulo/SP - Tel. 11 2117.70.05/ 11 2117.70.04
comercial@maisondelamusique.com.br

PRÉ DE PHONO

PRÉ DE FONO THORENS MM-002

Christian Pruks



INTRODUÇÃO

Algo que eu vi crescer bastante nos últimos anos foi a quantidade de fabricantes hi-end de toca-discos de vinil. Estou falando de criações que oscilam entre obras de arte moderna e obras top de engenharia - e, às vezes, os dois ao mesmo tempo! Alguns preceitos básicos de peso, mistura de materiais, tratamento de vibrações e ressonâncias e tolerâncias baixíssimas para as partes móveis, mecânicas, além da sempre almejada alta precisão de velocidade, passaram a ser a bíblia, o guia do empreendedor, para a fabricação de toca-discos hi-end e ultra-hi-end. Acho ótimo, pois é nesse processo que se descobre novos materiais e tecnologias, e suas devidas sonoridades.

De um tempo para cá também notei, para a minha alegria, que vários empreendedores resolveram fazer toca-discos de qualidade para o mercado de entrada. Vejam bem, quando eu falo mercado de entrada, não estou falando de toca-disco de plástico para pessoas que acham uma imitação barata de painel de carro da década de 50 algo bacana. Estou falando de vários toca-discos com preços pagáveis, mas com tecnologia, soluções e sonoridade suficiente para que qualquer audiófilo com um sistema de entrada possa cair de cabeça no maravilhoso mundo do vinil. E o que, além de um toca-discos e cápsula decentes, um audiófilo desses vai precisar? De um pré de fono decente, claro. E o Thorens MM-002 pode ser um desses!

SOBRE A THORENS

Nome conhecido dos amantes de vinil, a Thorens começou em Sainte-Croix, na Suíça, em 1883, como um negócio familiar especializado em caixinhas de música e mecanismos de corda. Em 1903 começou a produzir fonógrafos e em 1928 fez o primeiro toca-discos

com motor elétrico. Nesse meio tempo produziu desde gaitas até isqueiros. Nas décadas de 1950 e 1960, a empresa ficou famosa por projetar toca-discos que, até hoje, são altamente considerados pelos audiófilos (como os modelos TD 124, 125, 126 e 160). Com a 'volta' do vinil, a Thorens voltou a projetar e produzir toca-discos em 2006, primeiro usando braços da inglesa Rega, depois com seus próprios braços, como os que equipam hoje os modelos 203, 206, 209, 309 e TD 2035.

SOBRE O MM-002

O MM-002 é um pré de fono extremamente simples, sem regulagem alguma, com ganho somente para cápsulas de saída alta - nominalmente as cápsulas tipo MM (Moving Magnet) - mas também trabalha bem com cápsulas tipo HMC (High Output Moving Coil) ou seja, cápsulas MC que tem saída alta, saída semelhante a de uma MM. O pré MM-002 tem tamanho diminuto, e vem em uma caixinha de metal extremamente simples e despojada - o que é uma maneira bonitinha de dizer não-bonita.

SETUP & COMPATIBILIDADE

Devido a seu tamanho, acredito que a maioria dos usuários deixará o MM-002 atrás de algum aparelho em seu rack, assim sua falta de beleza acaba também não incomodando. Me agradou muito o silêncio de fundo desse pré, o silêncio de operação.

A compatibilidade do MM-002 é grande com as cápsulas MM disponíveis no mercado, como Ortofon, Shure, Stanton e uma série de Audio Technicas, por exemplo. Mas, as séries especiais da Ortofon (como 2M Bronze e 2M Black) assim como modelos mais sofisticados da Audio Technica (como AT440MLa), e outras MM sofisticadas e

mais modernas, poderão soar mais magras ou com menos graves no MM-002, devido à essas cápsulas terem uma definição de agudos e detalhamento maiores, devido à elas terem mais agudos. Nada crítico, e é algo que pode ser dosado achando o cabo de interconexão ideal para se ligar o MM-002 ao seu amplificador ou receiver.

SISTEMA

Durante os testes do pré de fono Thorens MM-002 foi usado o pré de fono Sunrise Lab The PhonoStage II Special Edition como referência. Os toca-discos usados foram o Technics SP-10 com braço Linn Basik, e o Technics SL-1100 com braço SME Series III, com as cápsulas Ortofon 2M Bronze, Audio Technica DR300E e Stanton 681EEE. O amplificador integrado foi o Sunrise Lab V8 MkIII. As caixas foram as bookshelf Konforti Audio Aleph e as torres Dynaudio Focus 220 II 'by Sunrise Lab'. Os cabos de interconexão e fono foram Sunrise Lab linhas Reference II, os cabos de força Transparent PowerLink MM2, Nanotec e Sunrise Lab Reference, e os cabos de caixa Transparent Reference XL MM2.

COMO TOCA

O equilíbrio tonal do MM-002 é bastante honesto, com uma extensão de graves compatível com o aparelho, graves com bom peso e impacto, que por vezes soam um pouco magros ou deficientes em alguns discos cujos graves foram gravados secos, comprimidos - algo típico em gravações de rock. Um exemplo é o disco Document (MoFi) do grupo americano REM, cujos bumbo e baixo perdiam peso, deixando o disco soando pequeno, magro e, por vezes, ligeiramente agressivo na área média. Os médios do MM-002 tem um timbre e presença bonitos e os agudos uma boa quantidade de ar e extensão - que combinados com o silêncio de fundo resultam muito limpos e bastante detalhados.

Certamente a melhor característica desse equipamento é sua reprodução da ilusão de palco, que em todas as gravações tem boa ambiência, o palco é corretamente recuado, com excelente reverberação e sem embolar. Para testar essa impressão, eu fui ouvir de novo a gravação de rock comprimido da década de 80: o disco Document (MoFi) da banda americana REM, e fiquei surpreso com a boa separação entre os instrumentos, o foco e o silêncio de fundo!

A texturas providas pelo MM-002 são boas, com pratos bem detalhados e aveludados, mesmo em gravações comprimidas como Tales of Mystery and Imagination (20th Century) do grupo de rock inglês Alan Parsons Project. Aqui também, em uma faixa, o baixo dobra com um sintetizador, e é possível perceber bem as texturas geradas pelo oscilador do sintetizador. Da mesma maneira, em outra faixa, um efeito meio robótico dado à voz por um sintetizador, também é apresentado com excelente textura.

Os transientes do MM-002 são bem definidos mesmo, deixando instrumentos e intencionalidades bem claros, como a bateria no disco Shades of Dring (Cambria Records), que tem arranjos jazzísticos para a música de Madeleine Dring.

Não só a macro-dinâmica do MM-002 me surpreendeu positivamente, como também sua capacidade micro-dinâmica de não embolar, de não misturar nas partes mais complexas da gravação da Sinfonia nº 1 "Titan" (Telarc) de Gustav Mahler com a Sinfônica de Saint Louis sob a regência de Leonard Slatkin. Até dá alguns sustos com as entradas mais fortes da orquestra, e seus crescendos estão ótimos! Se saiu muito bem!

Já o estranho caso do corpo harmônico do MM-002 é o seguinte: temos corpos muito bons nos graves e médios-graves, assim como as vozes, guitarras e alguns metais como o saxofone estão muito bons para essa categoria de equipamento, estão bonitos. Mas do médio-agudo para cima, pegando as notas mais altas do piano, flautas e pratos, os corpos harmônicos são menores, faltando um pouco de harmônicos, não acompanhando o resto. Isso fica claro na gravação Mister Heartbreak (Warner) da multi-instrumentista Laurie Anderson: graves bons, vozes decentes, mas muitos efeitos de sintetizador e do violino elétrico, assim como persuasões que não chegam no mesmo patamar de corpo. Um outro exemplo interesse é com música orquestral: Sinfonia nº 1 "Titan" (Telarc) com Leonard Slatkin regendo a Sinfônica de Saint Louis - instrumentos médio-agudos e agudos soam um pouco recuados demais, pequenos lá no fundo do palco. O exemplo da Laurie Anderson acima não chega a incomodar, mas o MM-002 não se dá tão bem com música orquestral devido à característica mais recuada e ambiental desse tipo de música: o mais difícil de reproduzir, na minha opinião.

CONCLUSÃO

O pré de fono Thorens MM-002 é uma excelente opção para os ouvintes de jazz, MPB, música de câmara e música instrumental que procuram bom timbre, boas vozes e cordas e um excelente palco! ■

AVMAG #219
KW Hi-Fi
(48) 3236.3385
R\$ 1.666

NOTA: 75,0



DIAMANTE RECOMENDADO

ÁUDIO

AMPLIFICADOR INTEGRADO QUAD VENA & CAIXAS ACÚSTICAS QUAD S2

Christian Pruks



O inglês Peter Walker fundou a Quad na década de 1930, na Inglaterra, mas a mesma começou a deslanchar somente no crescente mercado pós Segunda Guerra - como, aliás, aconteceu com toda a indústria de áudio de um dos berços da audiofilia moderna, o Reino Unido.

Walker, venerado por um bocado de audiófilos das antigas - e alguns remanescentes que cultuam, por exemplo, os médios das caixas eletrostáticas da empresa - sempre teve idéias bastante particulares sobre áudio de qualidade, principalmente sobre amplificação, sobre a qual ele famosamente disse que “o amplificador perfeito seria um fio com ganho”, ou seja, pregava circuitos com o mínimo de interferência ou alteração, distorções, erros de fase, etc. Claro que, até hoje, muitos projetistas de amplificadores usam, pelo menos em parte, essa e outras doutrinas boladas por Walker nos primórdios da alta-fidelidade.

Mas, mais famosos que seus amplificadores, sempre foram as caixas painéis eletrostáticos da Quad - que têm adoradores e seguidores até hoje - com seus médios especiais. Os painéis, entretanto, para audiófilos, tinham deficiências na reprodução dos extremos, levando seus mais fanáticos usuários a complementar seu uso com um super-tweeter para a extensão dos agudos e um subwoofer para a extensão dos graves.

Quad, aliás, é um acrônimo, que significa “Quality Unit Amplifier Domestic”, algo como “Amplificador Doméstico de Qualidade”. Na década de 1980, Walker se aposentou, deixando a empresa sob a direção de seu filho Ross. A Quad foi vendida, em 1995, para o Verity Group, que já possuía as tradicionais marcas inglesas de caixas acústicas Mission e Wharfedale, passando toda a manufatura dos produtos da empresa para a China, mas mantendo seu escritório e desenvolvimento na Inglaterra. Dois anos depois, junto com essas outras marcas,

passa a fazer parte do IAG, International Audio Group, que possui também as empresas TAG McLaren, Audiolab e Castle Acoustics, mantendo-se fiel ao legado de Walker ao usar o slogan “The Closest Approach to the Original Sound” (ou A Abordagem Mais Próxima do Som Original). Peter Walker, uma das lendas da audiofilia, morreu em 2003, aos 87 anos.

SOBRE AS CAIXAS ACÚSTICAS S2

Na última década, a Quad fez excelentes e bastante procuradas caixas bookshelf, como as 11L, então não me surpreendeu a refinamento que encontrei nas S2 - isso para não falar no excelente acabamento, em todos os sentidos. Até os bornes e seus jumpers são bonitos.

São um ribbon tweeter - excelente, limpíssimo, arejado e doce - e um mid-woofer de cone de kevlar de 5 polegadas, tudo em um belo e bem sólido gabinete. Acompanha um par de telas com grampos magnéticos, para aqueles que preferem proteger um pouco a frente das caixas enquanto não as estão ouvindo.

SOBRE O AMPLIFICADOR INTEGRADO VENA

Bonito, moderno e bem acabado, o amplificador integrado Quad Vena é o típico amplificador de entrada atual em suas funcionalidades: potência mediana (Classe AB, 45 W em 8 Ohms), entradas digitais que incluem USB, DAC interno de boa qualidade (Crystal CS4398 24-bit / 192 kHz), saída para fones de ouvido e um design que incorpora bem na decoração sem chamar indevida atenção.

SETUP & COMPATIBILIDADE

As caixas precisaram de um pouco mais de trabalho no setup. Primeiro porque bookshelves são notórias por seu grave limitado - simplesmente por causa de seu tamanho - então é bem mais crítico o posicionamento das caixas na sala para se tirar o melhor grave ►

sem comprometer outras coisas, como corpo e palco. Na minha sala, costumo deixar as books perto das paredes laterais, ganhando um reforço de graves - essa maneira, porém, não privilegia o corpo, apesar do palco grande e descongestionado. O fato é que, ao se avaliar um equipamento, é necessário usar de metodologia e referência. A posição na qual eu pus as S2 foi a mesma (com pequenas variações e vários ajustes como o de toe-in, por exemplo) que usei com todas as books que analisei estes anos todos. Então eu sei, comparativamente, várias coisas sobre as caixas e sua interação com a sala. Poderia por as caixas S2 mais juntas e, assim, obter melhor energia e corpo das mesmas? Sim, mas desequilibraria outras coisas, como os graves mais baixos, o arejamento e descongestionamento do palco, etc e tal.

No setup das caixas S2 acabei por descobrir também que as mesmas são as mais sensíveis que eu já vi à mudança dos jumpers. As S2 tem uma tremenda ambiência e arejamento e profundidade, que com a troca dos ferrinhos originais pelos meus jumpers usuais de cobre OFC, acabei descobrindo que houve uma troca sonora: melhorei corpo harmônico e peso dos graves, perdi em ambiência e profundidade. Fiquei encafifado com isso, e a única conclusão na qual cheguei foi em relação ao corte alto de crossover das S2 (3kHz), mostrando que uma parte do arejamento e naturalidade da caixa vinham do mid-woofer e eram parte integral da sonoridade dada pelos ferrinhos, os jumpers originais. Isso tudo pode significar um monte de coisas: ou que a caixa realmente foi feita tendo como idéia mais transparência geral do que a eficiência dos graves, ou o grave vai desabrochar 'do nada' um dia, depois de 500 ou 1000 horas de uso (!). Enfim, o fato é que o som é muito bonito com o jumpers originais, principalmente nos agudos, com uma leve tendência a médios nervosos. Acredito que as S2 não são daquelas books que funcionam bem em salas médias, acho que ela foi feita para salas pequenas mesmo, onde é preciso tem um extremo cuidado com o posicionamento das mesmas e deve-se tratar o resto do setup de cabos e afins de maneira a domar todo o resto e pode-se, então, usufruir dos belos médios-agudos e agudos. Outra coisa: as S2 demandam amplificação forte, com bom controle de graves, senão sofrem também de falta de pegada.

O integrado Vena é bastante óbvio em seu setup, com um DAC interno de qualidade que soou um pouco mais brilhante que a minha referência Luxman D-06, mas também com um pouco menos de corpo harmônico - mas nada que atrapalhasse ou incomodasse a audição. Deve-se, claro, utilizá-lo com um computador como transporte, conectado no USB - mas ele dá excelentes resultados fora do DAC também. Gostaria de ter testado a opção de conexão Bluetooth que vem com o protocolo aptX, que permite transmitir áudio via Bluetooth com qualidade de CD (16-44), mas não tive à mão nenhum equipamento que transmitisse no protocolo aptX. Quanto a cabos, o Vena reagiu bem à cabos de interconexão, mas desandou um pouco com cabos de força de nível mais alto, que é o comum em amplificadores dessa categoria.

Me irritou um pouco que a leitura do painel em um local mais escuro, mais na penumbra - assim é impossível. Assim como, à distância, não

é possível saber em que posição o botão de volume motorizado está. Tirando isso, a utilização é, como poderia se dizer, moleza. O Vena acabou, como é costumeiro com amplificadores de entrada, reagindo melhor, mais coerentemente, com o Sunrise Lab Reference como cabo de força.

SISTEMA

O amplificador integrado Vena chegou já com algumas horas de uso, mas deixei tocar por alguns dias para ter certeza. Já as caixas S2 vieram lacradas, então o amaciamento foi mais longo, mas nada fora do comum, provendo um som interessante logo que saíram da embalagem - o que torna o período de amaciamento bem mais agradável. Durante todos os testes, como referência, foi usado o amplificador integrado Sunrise Lab V8 MkIII e o SACD-Player Luxman D-06 - este também como transporte ligado no DAC do Vena. As caixas foram as bookshelf Konforti Audio Aleph e as torres Dynaudio Focus 220 II "BySunriseLab". Os cabos de força, interconexão e digital foram Sunrise Lab linha Reference, assim como também usei cabos de força Transparent PowerLink MM2 e MM2x, além dos cabos de caixa Transparent Reference XL MM2.

COMO TOCAM AS CAIXAS S2

Quanto ao equilíbrio tonal, as S2 tem timbre mais do que excelente, boa extensão de graves, incrível extensão de agudos (graças ao tweeter tipo ribbon), com um médio com uma leve tendência a endurecer quando se abre muito o volume. No caminho do equilíbrio está, entretanto, graves mais magros e com menos pegada, resultando em uma caixa que vai dar o seu melhor somente em salas pequenas, mesmo em comparação com outras caixas bookshelf modernas. Em gravações de rock, como a excelente, pesada e dinâmica *Polytown* (CMP Records), do baterista Terry Bozzio, baixista Mick Karn e guitarrista David Torn, falta o deslocamento e a pegada inerente à seu gênero musical.

Depois de encontrada a melhor posição de toe-in das S2 - cuja dispersão do tweeter difere bastante de outras caixas - é possível perceber um palco fenomenal em matéria de arejamento, ambiência, organicidade, naturalidade. É um dos tweeters ribbon que eu mais gostei de ouvir até hoje. Em uma gravação de rock multipista, como é Sylvian & Fripp em *Damages Live* (DGM), o descongestionamento do palco é fenomenal, trazendo um relaxamento e organicidade palpáveis.

Em parte também por causa do tweeter tipo ribbon, as texturas das S2 são maravilhosas, aveludadas. O ar saindo da flauta de bambu, junto com o som da própria flauta, em *Asian Roots* (Denon) do grupo de percussão japonês TakéDaké com o flautista Neptune, é um dos mais realistas, mais naturais que eu já ouvi.

Outro dos dois pontos altos das Quad S2 são os transientes. Percussões, como no disco citado acima, o *Asian Roots* (Denon) ficam sensacionais - é a velocidade do ribbon, de novo. Gostei muito de ouvir a guitarra palhetada de Andy Summers em *Green Chimneys* (RCA), onde dá praticamente dá para contar as cordas que ele toca, o número de palhetadas, de tão preciso.

ÁUDIO

Um dos pontos baixos é a dinâmica. As S2 aguentam um caminhar de potência (para uma bookshelf) e exigem a tal potência para 'andarem'. Mesmo com um amplificador forte empurrando, em gravações como *Breakfast in the Field* (Windham Hill) do violonista americano Michael Hedges, apesar dos bons transientes, do bom ataque, falta pegada, dando uma sensação de complacência, levando você a abrir mais o amplificador sem conseguir chegar lá.

Na era atual, penso que seria interessante que todos os equipamentos soassem com bom corpo harmônico - e, na falta de corpos completamente corretos e realistas, que tivessem corpos até um pouco turbinados mesmo, pois isso causaria melhor conexão do ouvinte com o acontecimento musical. Acho que esse é o maior pecado das Quad S2, de dar ênfase na transparência em vez de no corpo harmônico, que não soa nem errado, e nem grande, na verdade. Uma gravação com som bem cheio, que mostra claramente isso, é *Life, Love & The Blues* (Private Music) da cantora americana Etta James.

COMO TOCA O AMPLIFICADOR VENA

Na sua categoria de amplificação, o Quad Vena tem um equilíbrio tonal muito bom, quente, musical e agradável, com um timbre bem decente, com extensão decente em ambos extremos. Falta, eu diria, um recorte e um brilho extra - mas dessa falta, a do brilho, existe comumente em excesso em muitos sistemas de entrada: pedindo para serem domados! Esse brilho traria um conexão maior com o acontecimento musical em *L'Histoire du Soldat* (Reference Recordings), por exemplo, obra de câmara do compositor russo Igor Stravinsky, tocada pelo Chicago Pro Musica.

O palco do Vena traz uma apresentação imediatista, intimista, com poucos planos. Isso, junto com a falta de brilho, de recorte, citada acima, não funciona bem com música clássica, afastando um pouco o ouvinte do palco. Já em jazz, onde o acontecimento musical é naturalmente mais intimista, funciona bem. Aqui acabei matando a saudade de um disco emblemático: *Time Out* (Columbia) do Dave Brubeck Quartet.

Eu diria que, na vontade de fazer um amplificador de som suave e agradável, que é o Vena, a Quad acabou por deixar as texturas um pouco difusas, então cordas de uma orquestra, por exemplo, soam realmente difusas. Em jazz, vozes ou instrumentos solo - acústicos, claro - o Vena se sai um pouco melhor nas texturas, principalmente em médios-agudos e agudos, como no ar da voz e nos barulhos de boca em *All For You* (Impulse) da cantora de jazz Diana Krall.

Os transientes do Vena são honestos, com bons ataques, bastante limpos, passando bem a intencionalidade, como a bateria de Joe Morello, de novo em *Time Out* (Columbia), do Dave Brubeck Quartet.

Quanto à dinâmica, empurra bem caixas mais fáceis - ou, talvez, menos limítrofes - com mais folga, para as quais os 45W do Vena são mais que suficientes. Fui sacana no teste de dinâmica e pus 1812 (Telarc) do compositor russo Piotr Tchaikovsky, na versão com os dois câmbios completos, com a Cincinnati Pops Orchestra sob regência de Erich Kunzel. Claro que, sendo essa uma das gravações com maior

dinâmica que eu conheço, o Vena não fez feio apesar de chegar a endurecer um pouco, mas também não deu para trás na maior parte da obra e nem fez micro-dinâmica feia nos momentos mais complexos.

O corpo harmônico do Vena é outra coisa que funciona bem em alguns tipos de música. Reproduzir música que é menos intimista, que é gravada mais longe do microfone, não é o forte do Vena. Já aqui, os corpos harmônicos ficam muito bons com música mais intimista, mais "próxima" do ouvinte, como a faixa 'Gee Baby, Ain't I Good to You', do disco *All For You* (Impulse) da Diana Krall.

CONCLUSÃO

As caixas Quad S2 soam lindamente, transparentes sem nunca se imporem ou ofenderem, sendo ideais para salas pequenas, reproduzindo conjuntos de jazz e de música de câmara, principalmente. Não esquecer que imploram por ampliações fortes que tenham controle, e que são um bocado críticas de posicionamento.

O integrado Quad Vena é uma excelente opção dentre os amplificadores integrados de entrada, com um DAC interno muito honesto, boas funções e bom sortimento de entradas e saídas, além de um bonito, moderno e sóbrio visual.

A sonoridade do Vena tende para o intimista, com corpo harmônico decente, e ele toca bonito com as caixas Quad S2, com belos médios e texturas legais - mas sua potência e refinamento não estão no mesmo nível das caixas e não realizam o potencial delas.

Quem quer tirar a melhor transparência e pegada das caixas Quad S2, devem fazer um upgrade de amplificação com maior potência, corpo e com autoridade e controle. E quem gosta do timbre e da musicalidade, e das funcionalidades, do amplificador Quad Vena, deve casá-lo com caixas de performance menos exigente. E ambos serem felizes ouvindo boa música!



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=HH5FRVX0HVY](https://www.youtube.com/watch?v=HH5FRVX0HVY)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=5JPTZO613UM](https://www.youtube.com/watch?v=5JPTZO613UM)

AMPLIFICADOR QUAD VENA

R\$ 7.950 (Quad Vena - gabinete em madeira)
 R\$ 7.200 (Quad Vena - gabinete em metal)

NOTA: 75,75

CAIXAS QUAD S2

R\$ 10.500 (Quad S2 - acabamento em Black Oak ou Mahogany)
 R\$ 12.500 (Quad S2 - acabamento em High Gloss Black ou White)

NOTA: 78,5

AVMAG #222

KW Hi-Fi
 (48) 3236.3385



DIAMANTE RECOMENDADO

AMPLIFICADOR INTEGRADO CXA80 & NETWORK PLAYER CXN DA CAMBRIDGE AUDIO

Christian Pruks



A empresa inglesa Cambridge Audio foi fundada em 1968, começando com a produção de amplificadores e tuners. Em 1994 foi adquirida pelo grupo Audio Partnership PLC, que inclui a marca de caixas acústicas Mordaunt Short. A Cambridge projeta e desenvolve todos seus equipamentos em sua sede, em Londres, o que inclui uma linha completa de players wireless e streaming, receivers e Blu-Ray para Home-Theater, DACs, amplificadores, players digitais dedicados, caixas acústicas e acessórios. A fabricação e montagem dos equipamentos, entretanto, é feita na China sob as especificações e supervisão da própria Cambridge. Aqui analisaremos o par composto do amplificador integrado CXA80 e o network player CXN.

SOBRE O AMPLIFICADOR CXA80

O CXA80 é um amplificador integrado transistorizado com circuito classe-AB, com 80 W de potência por canal em 8 ohms e 120 W em 4 ohms, que possui um DAC interno - com chip Wolfson WM8740 24-bit / 192 kHz - com possibilidade de conexões que vão desde o tradicional coaxial até a USB para ligação de um computador. Além disso, como opcional pode ser comprado um receptor Bluetooth, que conecta atrás do aparelho, que tem a capacidade de receber Bluetooth no protocolo aptX, que garante áudio com qualidade de CD.

SOBRE O NETWORK PLAYER CXN

O CXN da Cambridge é um network player, ou streamer. Ele reproduz arquivos de áudio digitais de uma longa série de formatos e definições, a partir de uma longa série de locais, como os computadores que estiverem na mesma rede que ele. O CXN é um player, um transporte e um DAC - todos os mesmo tempo - ou seja, além de ter as entradas digitais pertinentes para funcionar como DAC, ele tem todas as saídas digitais pertinentes para funcionar como transporte.

Como player ou transporte, ele não tem leitor de CD, apenas lê arquivos que estiverem armazenados nos computadores da rede - sim, o CXN conecta-se na sua rede wireless - assim como os arquivos que estiverem em um pen-drive ou hard-disk externo portátil.

O display do painel do CXN é interessante, e até dá para se ter uma idéia geral do que está acontecendo, mas não muito no meu caso, que não só não enxergo muito bem como também estou a 3 metros do rack, na posição do ouvinte. Mas isso acaba não sendo tão importante, porque a operação do CXN pode ser feita com facilidade através do aplicativo que existe tanto para celulares e tablets que rodam Android como que rodam iOS da Apple.

SETUP & COMPATIBILIDADE

O amplificador CXA80 não demanda nada de especial em matéria de setup. É ligar e usar. Mas eu fiquei surpreso com o fato dele tocar muito bem com o cabo Transparent MM2x, porém mostrando uma secura forte na área média e falta de ambiência. Quando passei-o para um cabo mais condizente com sua faixa de preço, o Reference da Sunrise Lab, fiquei mais surpreso ainda de ver a ambiência aparecer e ele ganhar uma boa autoridade de graves. Ou seja, é preciso tomar bastante cuidado, quando usar o CXA80, na escolha de seu cabo de força - garanto que aqui pode dar grandes diferenças.

O player CXN pode ser usado como um DAC, onde pode-se ligar qualquer tipo de sinal digital que venha em forma ótica ou coaxial, além de permitir a ligação de um computador USB (assíncrono ou não). Como player ele tem saídas analógicas tanto RCA quanto XLR, mas o CXN brilha mesmo por suas capacidades na leitura e reprodução de arquivos digitais de áudio.

ÁUDIO

O processo de setup do CXN começou com ligá-lo na tomada - com a placa wireless USB fincada no painel traseiro. Uma mensagem na tela te dá acesso, com os controles do próprio painel, à lista de redes wi-fi disponíveis, e uma forma rápida de inserir a senha. Em um par de minutos ele já estava na rede. O aplicativo para Android, que instalei no meu smartphone Samsung, encontra imediatamente o aparelho na rede e permite acessar com facilidade as músicas que estiverem dentro de quaisquer computadores da rede que tiverem com o protocolo UPnP ativado, assim como todas as músicas que estavam dentro do próprio celular. Tenho dois computadores em rede, ambos com Windows 10, e um deles estava com esse protocolo ativado e outro não. Uma pequena pesquisa no Google e eu descobri como ativava, sem grandes delongas ou problemas.

Eu consegui, com meu celular, mantê-lo na rede wi-fi local, com WhatsApp ativado ao mesmo tempo que fazia uma ligação ou mandava uma mensagem, sempre com o aplicativo mandando música para o CXN e não houve uma única falha. Minto! Em um momento onde o CXN estava reproduzindo arquivos do meu computador, a transmissão falhou porque eu estava fazendo um monte de coisas ao mesmo tempo, incluindo múltiplos downloads - não há conexão que aguentasse assim! Portanto, se você for usar o CXN no modo UPnP, ou seja, acessando computadores ou NAS (network-attached storage, ou um disco rígido autônomo ligado à rede) e transmitindo música via wireless, então procure ter um wi-fi limpo, se não puder ser dedicado.

A melhor opção de audição, entretanto, não foi ouvindo os arquivos via wi-fi - como eu suspeitava. Achei que transitar via rede, ainda mais sem fio, iria incorrer em correções de erro, possíveis perdas e distorções. Dito e feito! Pelo UPnP, o corpo harmônico de tudo ficava turbinado, perdendo bastante foco e, pior de tudo, dando um timbre um pouco azedo e errado à instrumentos como o piano, e às vozes. Por outro lado, a audição pelo UPnP trouxe mais ambiência. O jeito correto e com melhor qualidade de som então qual é? Usar um pen-drive ou hd externo portátil ligado em uma das portas USB do CXN (tem uma na frente e outra atrás do aparelho).

Acessar os dispositivos, como os computadores da rede, o NAS, o conteúdo do celular, ou mesmo um dos pen-drives ou HDs ligados no USB do CXN é feito de maneira fácil, direta e quase elementar, pelo aplicativo instalado no smartphone.

Uma das coisas que eu sempre faço é por os melhores cabos disponíveis, para ver até onde cada equipamento responde. No caso do CXN, aconteceu o que eu achei que ia acontecer: com o Transparent MM2x de força ele começou a mostrar suas limitações. Um cabo top em um aparelho intermediário é uma lente de aumento em cima de aspectos que podem ser limítrofes. O MM2x deixou o som do CXN com corpo excelente, mas perdeu ar e ambiência - e gravações de estúdio com um mínimo de compressão soaram tão secas que ficaram claustrofóbicas. O caminho foi ir para o Sunrise Lab Reference: perdi

o corpo harmônico luxuoso e hiper bem nutrido do MM2x, mas ganhei em ar e ambiência. Compatibilidade de cabos é algo um bocadinho complexo - e muita gente ainda erra, pois em vez de procurar equilíbrio, veracidade e organicidade geral, ficam fascinados com algum aspecto que lhes está satisfazendo, e esquecem o todo.

Claro que o melhor resultado ouvindo o CXN foi como transporte, usando o Luxman como DAC. Mas ele se sai de maneira bem decente como player sozinho, usando suas próprias saídas analógicas ligadas à amplificação - e aqui eu preferi usar as saídas RCA do que as balanceadas XLR.

SISTEMA

Tanto o integrado CXA80 quando o network player CXN chegaram às minhas mãos lacrados, e ambos passaram por um período entre 100 e 200 horas de amaciamento. Durante todos os testes, como referência, foi usado o amplificador integrado Sunrise Lab V8 MkIII e o SACD-Player Luxman D-06 - este também como ocasional DAC. As caixas foram as bookshelf Konforti Audio Aleph e as torres Dynaudio Focus 220 II "BySunriseLab". Os cabos de força, interconexão e digital foram Sunrise Lab Reference II, assim como também usei cabos de força Transparent PowerLink MM2 e MM2x, além dos cabos de caixa Transparent Reference XL MM2.

COMO TOCA O AMPLIFICADOR CXA80

Com ligeira tendência à frontalidade - com a qual é possível se conviver se for trabalhado bem no setup - o CXA80 tem agudos bem claros e limpos, médios presentes e cheios de energia (que têm uma tendência a se sobressair sobre o resto) e graves impactantes, porém secos, com extensão decente. Tudo isso - baixo, voz e pratos - ficou claro em um disco que já tem algumas dessas características sonoras, que é o *Life, Love & The Blues* (Private Music) da cantora Etta James.

Quanto ao palco, tem excelente foco e camadas, com boa profundidade e sem sensação de limitação lateral ou de cima. Muito boa ambiência nas vozes, e em toda área média. Aqui gostei de escutar toda essa ambiência no disco *Modern Cool* (MFSL) da cantora Patricia Barber.

Boas texturas, principalmente nos pratos e nos detalhes das vozes, como barulhos de boca e respiração. Nesse sentido, o disco *The Magic Hour* (Blue Note) do Wynton Marsalis soou muito bonito nos metais e nos pratos.

Sobre os transientes, o CXA80 tem bons recortes de contrabaixos, principalmente nas notas agudas, excelente velocidade tanto nos contrabaixos como em percussões. Assim gostei muito de ouvir o CD *Plays Bach* (Telarc) do Jacques Loussier Trio, soando bastante vivo tanto na bateria quanto no contrabaixo.

Quanto à dinâmica, o CXA80 tem som impactante, com autoridade, muito bom para um amplificador dessa categoria. A micro-dinâmica, ►

porém, poderia ser mais interessante, mais detalhada. Um disco com grande impacto instrumental que ficou interessante de ouvir foi o *Une Symphonie Imaginaire* (Archiv) do compositor barroco Rameau, com o grupo Les Musiciens du Louvre dirigidos por Marc Minkowski.

As vozes e outros elementos dos médios são muito bons de tamanho, assim como a parte dos médios-graves responsável pelo recorte do contrabaixo. Porém seria interessante haver uma riqueza de harmônicos a mais na área média e, principalmente, nos graves secos. CDs como *Green Chimneys* (RCA) do guitarrista Andy Summers, gravação feita em estúdio com um pouco de compressão e bastante seco de ambiência, fica ao mesmo tempo muito interessante de ouvir pelo ganho em ambiência e as belas texturas, e ao mesmo partes da instrumentação como o baixo, e a própria guitarra, soam muito secos.

COMO TOCA O NETWORK PLAYER CXN

Um dos únicos senões ao CXN é uma ligeira tendência a um timbre azedo nos médios - e eu acredito que isso possa ser bastante compensado com a escolha de cabos. O que mais me surpreendeu no CXN foi a limpeza do som, a falta de 'digitalite' e a excelente extensão dos graves, mas excelente mesmo! Com bom arejamento, o tipo de som dado pelo CXN tem uma característica interessante de relaxamento, de silêncio de fundo, que é costumeira quando você reproduz arquivos de áudio, em vez de rodar um CD - e isso é uma outra maneira de chamar a tal 'falta de digitalite'. No caso do CXN, gravações muito comprimidas começam a embolar, mas eu obtive um resultado muito bom com rock mais bem gravado, como o disco *Polytown* (CMP Records) do trio composto pelo baterista Terry Bozzio, o baixista Mick Karn e o guitarrista David Torn.

Quanto ao palco, o provido pelo CXN é largo, arejado e alto, mas não muito profundo. Engraçado que há boa separação, no palco, entre instrumentos graves, médios e agudos, mas entre dois instrumentos da área média, por exemplo, a separação não é tão boa. Os planos decentes e o foco, assim como a boa largura de palco, ficam claros ao ouvir *There is a Time* (Reference Recordings) do blues-man Doug MacLeod.

Um dos dois pontos mais baixos do CXN, as texturas, soaram um pouco difusas, principalmente na área média e média-baixa. Isso fica explícito no excelentemente bem captado violão do virtuose Michael Hedges no disco *Breakfast in the Field* (Windham Hill).

Comparado com players de alto nível, o CXN dá uma impressão de perda de velocidade geral, de lerdeza. Porém, paradoxalmente, ele apresenta bons transientes, mostrando bem a intencionalidade e o 'timing' ao piano em *Nelson Freire - Chopin* (Decca), com a Sonata nº 2, Études Op. 10 e Barcarolle Op. 60.

Quanto à dinâmica, o CXN mostrou boa sensação de folga e naturalidade nos crescendos na gravação de *L'Histoire Du Soldat* (Reference Recordings) do compositor russo Igor Stravinsky, interpretado pelo conjunto de câmara Chicago Pro Musica, com um impacto

e peso bem decentes. Assim como a micro-dinâmica ficou dentro dos conformes com a *Sinfonia nº 3* (Decca) de Gustav Mahler em brilhante execução da Orquestra do Concertgebouw de Amsterdã, sob o comando de Riccardo Chailly - que é uma obra orquestral de grande complexidade e massa sonora.

Os corpos harmônicos, principalmente dos médios-graves e graves, são um pouco pequenos, mas não chega a incomodar se for feito um bom setup e um bom casamento com cabos. Uma gravação extremamente orgânica, feita apenas com dois microfones em um clube de jazz em Nova York, é *Electric Tonic* (Beatworld Music) do trio Medeski Martin & Wood - aqui o resultado foi bastante bom, quase transportando você para dentro do evento musical!

CONCLUSÃO

A Cambridge Audio costuma oferecer o CXN e o CXA80 como um par. Eles não só se completam em visual, acabamento e funcionalidade, como também em compatibilidade: o DAC do CXA80 parece ter sido feito para receber o CXN plugado nele, obtendo-se um resultado que parece dedicado a melhorar o corpo harmônico dos médios-graves e médios do CXN, dando-lhe mais vida e mais musicalidade. O CXA80 também deixa transparecer menos o timbre dos médios ligeiramente problemático que o CXN tem. Ou seja, se a procura é por um sistema de entrada de boa qualidade, o CXN e o CXA80 fazem uma boa dupla!

O CXA80 em separado é um surpreendente amplificador para quem procura autoridade e pegada, principalmente nos médios - os quais precisam ser domados. O CXN em separado é opção prática para reprodução de arquivos (usualmente armazenados em um pen-drive ou hard-disk externo portátil) que, como player sozinho supera em qualidade a maioria das ofertas de player nessa faixa de preço, por causa de sua naturalidade sonora, silêncio de fundo e musicalidade. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=JSYZBLUXTFW](https://www.youtube.com/watch?v=JSYZBLUXTFW)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=MNM1VL_QGDY](https://www.youtube.com/watch?v=MNM1VL_QGDY)

AVMAG #220

Mediagear

(16) 3621.7699

Amplificador CXA80 - R\$ 6.290 **NOTA:** 76,0

Network Player CXN - R\$ 6.290 **NOTA:** 75,5



DIAMANTE RECOMENDADO

ÁUDIO

AMPLIFICADOR INTEGRADO TRIODE TRV-88SE

Fernando Andrette



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=49MGXEXWRGO](https://www.youtube.com/watch?v=49MGXEXWRGO)

INTRODUÇÃO

Meu amigo mais antigo, amigo de infância, tem um quarto na casa dele no qual ele, ao mesmo tempo, dorme, armazena objetos pessoais, biblioteca, computador, roupas, sistema de som completo e coleção extensa de discos de vinil. Claro que não dá, nessas condições, para ter o efeito de palco, ou mesmo um 'sweet spot' para aproveitá-lo. Muitas vezes sentamos para ouvir música e, dependendo de onde você o fizer, não escutará direito uma das caixas acústicas. Claro que não há real solução audiófila para o caso dele. Mas, também, não há preocupações, porque ele é centenas de vezes mais melômano do que audiófilo. E é, também, valvuleiro.

Ora, em geral o fã de válvulas - da maioria dos amplificadores desse tipo - prioriza certas coisas que o fã de transistor não. Claro que a minha filosofia diz que, se você vai gastar dinheiro procure qualidade de som como um todo, mas nem sempre isso é aplicável, até porque muitos de nós acabam adquirindo, montando e juntando o que

podem, o que conseguem, em matéria de sistema - e isso muitas vezes está longe do ideal, assim como muitas salas e instalações estão longe do ideal.

Quando isso acontece - como o quarto do meu amigo - eu abro mão de uma série de coisas audiófilas em favor da musicalidade e da melhor experiência, e sugiro coisa estapafúrdias como pendurar as caixas no teto. E sim, eu recebo olhares estranhos nessas horas... Mas, a questão não é essa - a idéia é que certas coisas são fora das normas, como a sonoridade de muitos valvulados é, prezando belos médios e não se importando com perdas como graves sem recorte ou definição e agudos sem limpeza, sem clareza. É a tal falta de objetividade de novo: o sujeito está feliz com os médios bonitos, todo babão escutando vozes, violão, etc, e o resto não importa para ele. Bom, o amplificador integrado valvulado da Triode testado aqui não tem assim tantos inconvenientes e é, nesse sentido, mais um valvulado moderno (ou, simplesmente, um bem implementado!).

SOBRE A TRIODE

A marca, que responde pelos nomes de Tri e Triode Corporation, foi fundada em 1997 na cidade de Koshigaya, na província de Saitama, no Japão, e pertence à Junichi Yamazaki, aficionado por projetos valvulados bem dimensionados e silenciosos, e com bom custo/benefício - e uma infinidade de modelos diferentes. Yamazaki-san havia sido um engenheiro da ferrovia japonesa que sempre teve como paixão a música e como hobby a modificação de amplificadores de várias marcas, principalmente os valvulados - que são uma recorrente paixão nipônica. Talvez por isso que ele tenha a vontade de fazer cada vez mais modelos e variações. O aparelho aqui analisado é o terceiro Triode que eu reviso. O primeiro, o TRV-35SE, com válvulas de saída EL34, é bem potente e foi o que mais me agradou, sendo bem equilibrado e compatível. O segundo, o TRV-S300SER, com válvulas 300B, tem baixa potência e, por isso, baixa compatibilidade, tendo problemas para empurrar a maioria das caixas do mercado na maioria dos ambientes (aliás, ter pouca potência é o grande problema da maioria esmagadora dos valvulados) mas tem boa combinação entre médios macios, bom timbre e graves controlados. E, hoje, vamos ver como toca o objeto deste review: o Triode TRV-88SE!

SOBRE O TRV-88SE

Para começar, eu gostaria de bater um papo com Yamazaki-san, nem que seja só para saber porque ele põe controle remoto em alguns amplificadores da linha dele e em outros não. Não faz todo esse sentido na minha cabeça.

O 88SE é um amplificador integrado totalmente valvulado push-pull classe AB, com válvulas 12AU7 e 12AX7 no pré e KT88 na saída, dando 45 W por canal, segundo o fabricante. Ele possui três entradas de linha, mais uma entrada tipo pré-in, e tem uma saída de gravação e uma de fone de ouvido.

SETUP & COMPATIBILIDADE

O 88SE tem uma grande vantagem: por ter nominalmente 45 W por canal em 8 ohms, ele consegue empurrar - em ambientes caseiros de tamanho normal - uma longa série de caixas acústicas "normais", ou seja, não precisa do casamento com um par de caixas de alta-sensibilidade e alta-impedância, como acontece com uma longa série de amplificadores valvulados. Para vocês terem uma idéia, ele tocou decentemente as Dynaudio Focus 220 II - sendo que essa marca é notória por não se dar muito bem com válvula.

Anos atrás, quando comecei a me interessar por válvulas, achei interessante o fato de muitos valvulados terem saídas para caixas com impedâncias específicas: saída 4 ohms, 6 ohms, 8 e até 16! Por um tempo eu respeitei isso, até um dia, ao conversar com um amigo que faz amplificadores valvulados há décadas, ele me disse que eu poderia ligar as caixas na saída que quisesse, que não iria estragar o

amplificador - mas que uma das saídas iria tocar melhor que as outras, que era uma questão de casamento. Excelente conselho! Hoje, sempre que eu pego um valvulado, eu testo as caixas em todas as saídas, uma por uma. Tem marcas nas quais uma caixa de 4 ohms funciona melhor nas saídas de 6 ou de 8 ohms, por exemplo. Neste caso, obtive um som hiper-meloso e cheio, mas com baixíssima definição, com as Dynaudio (notórias por serem 4 ohms) ligadas nas saídas 8 ohms. Mas, a definição de agudos, limpeza, timbre, decongestionamento, recorte de graves e profundidade de palco só surgiram quando eu liguei-as nas saídas de 6 ohms. Como eu já vi valvulados onde o resultado é o inverso disso, e cada caixa tem uma curva de impedância diferente, eu diria que a melhor coisa é sempre experimentar todas as opções até achar a melhor.

Cheio de gás, eu já fui logo de cara pondo o Transparent MM2 como cabo de força nesse amplificador. Como diz o ditado popular, o 88SE "não aguentou a gostosura": os graves ficaram embolados e os médios passaram do ponto. O MM2 exacerbou possíveis características ruins que o amplificador teria se fosse posto embaixo de uma lente de aumento! Pus, então, o Sunrise Lab Reference, um cabo um pouco mais tranquilo, e o resultado foi um médio mais limpo, um grave mais recortado, e um palco soberbo!

Saliento aqui algo que sempre falei sobre valvulados. Eles hoje em dia vem com válvulas russas ou chinesas - que não são ruins, mas estão entre as poucas fabricadas no mundo hoje. As três válvulas menores - neste caso duas 12AU7 e uma 12AX7 - podem facilmente ser substituídas por válvulas européias NOS (New Old Stock, ou seja, válvulas zero km mas de fabricação antiga, estoque velho) de marcas como Philips, Siemens ou Telefunken, por um custo que não leva ninguém à falência. A melhora de qualidade sonora é, garanto, exponencial. A musicalidade, então, nem se fala!

SISTEMA

Durante os testes do integrado Triode TRV-88SE foi usado como fonte digital o Luxman SACD-Player D-06. Como referência foi usado o amplificador integrado Sunrise Lab V8 MkIII. As caixas foram as bookshelves Konforti Audio Aleph e as torres Dynaudio Focus 220 II. Os cabos de interconexão e fono foram Sunrise Lab linhas Reference II, os cabos de força Transparent PowerLink MM2, Nanotec e Sunrise Lab Reference, e os cabos de caixa Transparent Reference XL MM2.

COMO TOCA

Quanto ao equilíbrio tonal, o timbre é excelente bem no centro dos médios, mas com uma leve tendência ao anasalamento em metais e percussões nas médias-altas. Tem limpeza, bom recorte, decente extensão de graves, mas poderia beneficiar-se de melhor arejamento nas altas. Para por à teste a impressão sobre a falta de arejamento, procurei uma gravação seca, feita em estúdio, até um pouco

ÁUDIO

comprimida. Fui parar em uma gravação (muito bem) remasterizada de Turn of a Friendly Card (Arista) da banda pop-rock inglesa Alan Parsons Project. Gravado em uma época onde se usava e abusava de estúdios de gravação, de sua secura estéril e, na mixagem, de seus equipamentos de reverberação artificial, fica até estranha a falta de ar dessa gravação, tornando-a fronta. E, em momentos, fica curiosa: percebe-se claramente que elementos, instrumentos diferentes em uma mesma faixa têm reverberações totalmente diversas!

Muito bom é o palco do 88SE, é o ponto mais alto do aparelho. No CD Green Chimneys (RCA) do guitarrista Andy Summers, em tributo a Thelonious Monk, os planos da voz de Sting (como convidado) e da guitarra de Summers estão otimamente definidos, com muita ambiência, em um palco amplo, fundo e espaçado.

As texturas das frequências médias, de vozes, cordas, etc, e dos pratos são bonitas e limpas, gostosa de ouvir com é típico de um bom valvulado. Um exemplo, de duas belas guitarras - uma elétrica e outra acústica com cordas de aço - está no disco Life, Love & The Blues (Private Music), da cantora americana de blues e jazz Etta James, nos deu belas texturas!

Os transientes providos pelo 88SE são bem normais, e bem corretos para gêneros como o jazz, blues e a música de câmara. Mas, deixa um pouco a desejar - falta um pouco de viceralidade, de ataque - ao ouvir rock com uma boa ênfase em bateria, percussão e baixo elétrico, como é o caso do disco Polytown (CMP Records) dos músicos Torn, Karn & Bozzio.

A dinâmica é, em geral bem boa no que concerne aos graves. Mas, em grandes obras orquestrais há uma tendência a congestionar, a faltar um pouco de fôlego, causando uma certa frontalidade dos médios. Ou seja, não é o forte deste amplificador, como podemos ver na gravação Carmina Burana (Telarc) com Robert Shaw frente à Sinfônica de Atlanta, uma gravação complexa de coro e orquestra em massa, com uma dinâmica enorme: o amplificador simplesmente não tem fôlego, não acompanha - nem na macro e nem na micro dinâmica.

Seria interessante se o 88SE tivesse mais corpo harmônico em parte das médias e nas médias-altas. No disco Swing is Here (Reference Recordings) de Dick Hyman, uma gravação de big band extremamente bem feita, bem captada e altamente exigente, os metais e parte do piano, por exemplo, não têm o mesmo nível de corpo harmônico que o baixo, bateria ou mesmo os pratos. Penso eu que essa seria uma das coisas que melhoraria enormemente com um upgrade das válvulas de pré do 88SE.

CONCLUSÃO

O TRV-88SE é um amplificador integrado pequeno, bonito, bem construído e bem acabado, com ótimo silêncio de fundo e nenhum ruído de operação - amplificador o qual seria muito mais completo com um controle remoto.

É um aparelho indicado àqueles que procuram timbre de válvula, que tenha boa ambiência, um decente recorte e controle de graves, mas onde falta um pouquinho de ar na extensão dos agudos - mas nada que realmente incomode em boa parte das gravações. Ideal para jazz e música de câmara - e gêneros semelhantes de música acústica - é um bocado gostoso de escutar! É possível ficar horas a fio sem a menor fadiga.

Se são essas as características sonoras que você procura, para uso com caixas e em salas de tamanhos médio a pequeno, em sistemas mais intimistas, então o TRV-88SE pode ser o seu amplificador e, portanto, vale uma ouvida criteriosa. ■

AVMAG #218
Alpha Áudio & Vídeo
(11) 3255-9353
R\$ 15.700

NOTA: 76,5



DIAMANTE RECOMENDADO

World Class
Interconnect,
Power Cord &
Speaker Cable
Ensembles



Connect to the performance



Kubala·Sosna
R E S E A R C H L L C

www.kscables.com

german
ÁUDIO
HIGH END INTELIGENTE
www.germanaudio.com.br

ÁUDIO

AMPLIFICADOR INTEGRADO ONIX RA-125B

Fernando Andrette



Se tem algo que o Vlamir da Logical Design sempre buscou em suas viagens ao exterior, foram marcas que pudessem atender a diversos nichos no nosso mercado. Ao mesmo tempo que buscou atender o mercado audiófilo mais 'top', ele também foi muito cuidadoso na escolha das marcas que pudessem atender ao mercado mais de entrada. E nesse segmento sua contribuição (no meu modo de ver), foi muito importante. Para não me estender, basta citar como exemplo a Oppo, que além de solidificada no mercado mundial, faz enorme sucesso também por aqui.

Acredito, depois de passar longos meses escutando o amplificador integrado da Onix, que parte do sucesso alcançado com a Oppo pode se repetir novamente. Pois ainda que a Onix seja uma marca completamente desconhecida pelos audiófilos brasileiros, ela possui um histórico de respeito, principalmente na Inglaterra e parte da Europa. A Onix foi fundada em 1986 na Inglaterra, por três amigos: Tony Brady, Adam Worsfold e Craig Hill. Seu primeiro projeto foi o amplificador integrado OA-20, batizado pelo mercado de 'caixa de sapato', que possuía um grande diferencial para época: uma fonte de alimentação de altíssima qualidade. Com o sucesso de seu primeiro produto, a Onix fabricou excelentes amplificadores e um sintonizador de AM / FM de alto nível, a preços realmente de entrada!

No começo de 1990, Adam Worsfold, comprou a Onix e a vendeu para o amigo Michael O'Brien. Passando a se chamar Kendal Eletronics Ltd em 1997. Mas com a crise do final da década de 90 a empresa foi dissolvida. Em 2002 a empresa chinesa Shanling comprou os direitos do nome e iniciou a fabricação de novos produtos no Reino Unido. O italiano Francesco Pace, que havia sido distribuidor em seu país da Onix, na década de 80, ao saber de sua volta ao mercado, ofereceu-se para ajudar a projetar um novo visual para os novos produtos, e em troca ganhou o direito de ser o novo distribuidor para toda Europa. Basta um olhar atento para perceber que o RA-125B é um integrado produzido com enorme cuidado tanto externamente, como internamente. Seu painel frontal de acrílico me lembrou os amplificadores da Electrocompaniet, dos anos 90, com seus botões dourados.

Outro detalhe interessante é erguer o integrado da Onix, para ver que se trata de um amplificador dual-mono, com dois enormes transformadores. O RA-125B em 8 ohms tem uma potência máxima de 130 watts, e em 4 ohms de 250 watts. Nas suas costas o Onix possui uma entrada XLR e cinco entradas RCA.

Como ele já veio totalmente amaciado, nosso trabalho foi bastante simplificado. Colocamos o Onix imediatamente em nossa sala de referência e para as anotações iniciais o ligamos à Kharma Exquisite Midi. ►

Para nossa surpresa as primeiras impressões foram para lá de positivas! Primeiro pela autoridade com que conduziu a Kharma e segundo pelo grau de inteligibilidade e conforto auditivo. Devidamente feita a primeira audição, o colocamos em queima de 50 horas com as caixas Wilson Audio Sabrina.

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos: caixas acústicas Neat Momentum SX7i, Wilson Audio Sabrina e Kharma Exquisite Midi. Fontes digitais Rega Apollo R e dCS Scarlatti. Fonte Analógica Pré de phono Tom Evans Master Groove+, toca disco Air Tight, braço SME V e cápsula Air Tight PC-1 Supreme. Cabos de interconexão CNT van den Hul (XLR), Transparent Opus G5 (G5), vdH The Mountain XLR, Sax-Soul Zafira II (RCA) e Kubala Sosna Elation (RCA). Cabo de força Transparent Power Link MM2 e Elation Kubala Sosna. Cabo de caixa Reference II Sunrise Lab e Transparent Audio Reference XL MM2.

A sonoridade do Onix tem algumas semelhanças com os amplificadores da Naim, principalmente na precisão da marcação de ritmo e tempo. Nesses dois aspectos eles se assemelham muito. Mas diria que a amplificação Naim é mais quente na região média e possui (talvez, já que não tinha nenhum Naim à mão para um comparativo A x B) uma região médio/grave é mais encorpada. O Onix possui uma assinatura muito interessante, com energia, um excelente deslocamento de ar e enorme autoridade, independente do gênero musical. Outra excelente característica é que pode-se puxar pelo volume que ele não se intimida, nem tão pouco joga o acontecimento musical no colo do ouvinte. Seu equilíbrio tonal é muito correto e sua assinatura está muito mais para a neutralidade, permitindo que o audiófilo ou melômano faça o ajuste de acordo com seu gosto pessoal. Sua apresentação de palco, recorte, foco e planos é de alto nível. Nesse quesito ele nos surpreendeu positivamente, pois não se enquadra nos integrados 'ditos' de entrada.

Obras sinfônicas e big bands são apresentadas com um palco profundo, aberto e os instrumentos solistas focados e recostados com total precisão. Como os amplificadores da Naim, sua reprodução de transientes é a melhor que se pode esperar a qualquer patamar de uma amplificação dita hi-end de alto nível. O ouvinte é convidado a acompanhar o ritmo com os pés e se deliciar com a precisão que se escuta mesmo o mais complexo e intrincado andamento musical. É uma referência absoluta!

A apresentação tanto da micro como da macro dinâmica é outro grande diferencial desse integrado (nesse quesito ele lembrou-me os amplificadores dinamarqueses da Densen, que jamais tiveram distribuição no Brasil). A sensação é que há 'fôlego' de sobra para qualquer desafio. Ouvi a Abertura 1812 de Tchaikovsky nas caixas Sabrina, com ele as conduzindo, e fiquei impressionado com a energia, precisão, velocidade e deslocamento de ar do conjunto! Para uma apresentação da materialização física do acontecimento musical (organicidade) o

Onix precisará de um ajuste e um casamento perfeito com seus pares (fonte, caixas e cabos). Feito seus mimos, em gravações de qualidade os músicos se transportam para a sala de audição.

CONCLUSÃO

Pelo seu alto grau de neutralidade, sugiro alguns cuidados que podem elevar ainda mais o prazer de ouvir o integrado da Onix. São dicas que parecem óbvias mas que podem fazer a diferença entre uma audição correta e uma excelente audição. O cabo de força será de fundamental importância para a melhor performance do Onix. Prefira cabos que possuam também excelente velocidade, energia e corpo na região médio/grave. Se tiver uma fonte digital que permita o uso de cabo XLR, prefira. As diferenças não foram nada sutis entre o uso da entrada XLR e RCA. Na entrada balanceada (independente do cabo utilizado), o som ficou ainda mais encorpado e com maior autoridade (principalmente nos quesitos nos quais ele se sobressai: transientes e dinâmica). Também escutamos diferenças na micro dinâmica quando na entrada balanceada (com um melhor silêncio de fundo).

Outra possibilidade interessante é se o Onix for ligado à uma caixa com impedância de 4 ohms, a sensação é que ele fica com uma folga ainda maior (principalmente para audições de obras sinfônicas). E, por fim, nada de ligá-lo a nenhum tipo de condicionador. Para se extrair todo o seu potencial ligue-o a um bom cabo de força, direto na régua. Por algum motivo que não sabemos explicar, quando ligado a um condicionador ele fica com uma assinatura mais seca.

Não tenho dúvidas que o Onix RA-125B pode ser o integrado de inúmeros melômanos e audiófilos que buscam um sistema diamante com um pé no Estado da Arte, e procuram há anos a melhor solução. Um amplificador que não escolhe gênero musical, de enorme compatibilidade com qualquer caixa acústica e capaz de oferecer prazer e conforto auditivo, mesmo àquelas gravações tecnicamente limitadas.

Com o dólar nas alturas, o Onix entra em cena no momento certo, e por suas inúmeras qualidades pode tranquilamente ser um produto de enorme sucesso no também nosso mercado. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=6A2EL2NZGYQ](https://www.youtube.com/watch?v=6A2EL2NZGYQ)

AVMAG #216
Logical Design
(21) 2275.3805
R\$ 16.000

NOTA: 80,0



DIAMANTE REFERÊNCIA

ÁUDIO

AMPLIFICADOR INTEGRADO MARK LEVINSON Nº 585

Fernando Andrette



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=2RG6MF3KEMW](https://www.youtube.com/watch?v=2RG6MF3KEMW)

Quando nosso colaborador Jean Rothman me ligou dizendo que o novo distribuidor de Mark Levinson no Brasil queria enviar produtos para teste, não tive dúvida: liguei e marquei um encontro para o outro dia. Foram anos pedindo equipamentos para o ex-distribuidor da marca no Brasil e sempre a mesma resposta: não temos o produto disponível para teste!

Em 1998 comprei meu par de mono blocos H 33 e posteriormente o transporte 30.1. Sempre tive grande admiração pela marca e pelos ínfimos detalhes dispensados a cada produto colocado em linha. Dezenas, talvez centenas dos nossos leitores ainda tenham em seu sistema modelos lançados na década de noventa e ainda funcionando perfeitamente.

Todd Eichenbaum, novo diretor de engenharia para o grupo de áudio da Harman, no lançamento em 2015, na CES, do Nº 585 explicou ser esse novo amplificador integrado o primeiro produto concebido pela nova equipe de 12 engenheiros que trabalham na nova instalação da Mark Levinson em Shelton, Connecticut. Já a fabricação continua sendo em Westford, Massachusetts, com sua estrutura verticalizada que permite acompanhar cada placa de circuito, escolha de componentes e medições e organizar todos os dados de todos os produtos em um banco de dados para a necessidade de futuros upgrades e as necessidades de controle de qualidade.

Na apresentação do novo Nº 585, Todd deixou claro a todos os jornalistas presentes na coletiva de imprensa, que esse novo integrado é

o melhor de todos! Para os amantes da marca, certamente o 383 era a referência, que foi lançado no começo de 2000 e ficou quase uma década em fabricação. Mas segundo os engenheiros da ML, o Nº 585 não herdou nada do Nº 383, é um novo projeto voltado integralmente para as necessidades audiófilas atuais. Seu porte é padrão Mark Levinson, com 33 kg e o acabamento em preto e prata em um chassi muito rígido e o grande visor em vermelho que permite uma perfeita leitura até mesmo em distâncias consideráveis. Sua construção é impecável! O display além de mostrar o nível de volume, também mostra que entrada está sendo usada e o filtro digital escolhido da seção DAC. Outro interessante diferencial nesse belo integrado é a possibilidade do uso de um subwoofer separado do par estéreo das caixas e da saída de nível de linha do integrado, e de também poder ser configurado como um pré amplificador de linha de saída variável.

No interior é que começamos a ter uma ideia exata do potencial desse novo integrado. Trata-se de um amplificador duplo mono com um transformador de 900VA toroidal para cada canal e 12 transistores de saída que trabalham em classe A/B, dando 200 W em 8 ohms. A Mark Levinson afirma que o DAC disponível nesse seu novo integrado foi desenvolvido para ser uma referência no mercado. Esse módulo digital lida com PCM de até 32-bit / 192 kHz e DSD de até 128, possibilitando atender qualquer tipo de arquivo de alta-resolução. O Nº 585 possui quatro entradas analógicas, sendo uma XLR e três RCA, e seis opções de entradas digitais: USB assíncrona, AES/EBU e duas entradas ópticas e duas coaxiais.

O padrão de operação do N° 585 me lembrou muito o pré amplificador 52 o pré de referência da marca por muitos anos, com seus botões dispostos nas duas pontas do painel frontal e cinco pequenos botões dispostos abaixo do display. Outro detalhe que chama a atenção são os dissipadores de calor, internos, com aberturas no fundo e no topo sem a necessidade de ventilação forçada.

O N° 585 veio com apenas algumas horas de uso. O fabricante não especifica o período de queima, mas, lendo alguns testes internacionais, o consenso é que 200 horas sejam suficientes para se ter uma ideia segura do seu desempenho. Para o teste utilizamos as seguintes caixas: Raidho Monitor X-1, Piega Premium 5.2, Neat Momentum SX 7i, Revel Performa3 F208 e Kharma Exquisite Midi. O sistema digital foi o dCS Scarlatti e, para avaliação do DAC, usamos o transporte Scarlatti com os cabos QED Reference 40 Coaxial e AES/EBU Absolute Dream da Crystal Cable. Os cabos de caixa foram o Transparent Audio Reference XL, o Genesis da QED e o Acrolink Stressfree 7N-S1000III. O toca-discos usado foi o Air Tight Acoustic Masterpiece, cápsula Air Tight PC-1 Supreme, braço SME Series V, cabo QED Signature 40 e o Agáta da Sax Soul, com pré de fono Tom Evans Groove +.

Li dois testes do N° 585, um da revista Stereophile e outro da What Hi-Fi. O que me chamou a atenção foram as conclusões na inglesa What Hi-Fi à favor: eles mencionaram a excelente resolução, organização e compostura, construção e acabamento e sua facilidade de uso. E contra: “o som não tem um grau de drama”. Fiquei, mesmo antes de iniciar as primeiras audições, imaginando o que seria ‘som sem um grau de drama’. A tradução seria uma sonoridade mais fria?

Para as primeiras impressões, escolhi dez discos da nossa metodologia que foram produzidos por nós ou por amigos e tivemos a oportunidade de acompanhar todas as etapas de gravação. Outro dia um leitor nos perguntou se a primeira audição, com um produto que vai entrar em teste, é feita com nosso sistema de referência. Sim, desde que não seja um sistema completo, o produto em teste é colocado para ser ouvido por algumas horas no nosso sistema de referência. E são usados parte dos discos e faixas utilizados na metodologia. Até os cabos de referência são utilizados nesse primeiro contato. Todas as observações auditivas dessa primeira audição são anotadas e depois comparadas com as anotações finais antes de se dar o veredicto.

É muito importante essa primeira audição, pois a maioria esmagadora dos produtos testados evolui muito dessa primeira audição, principalmente aqueles mais críticos quanto à necessidade de longo amaciamento.

O Mark Levinson N° 585 sai da embalagem já mostrando muitas de suas virtudes: uma apresentação muito criteriosa em termos de soundstage, com planos, foco, recorte e ambiência de nível referência. Um silêncio de fundo que permite apreciar cada detalhe seja ele pianíssimo

ou esteja imerso no meio de outras sonoridades com maior dinâmica, uma velocidade estonteante, texturas muito precisas e naturais e um equilíbrio tonal que se nota que pode ser melhorado com a evolução do amaciamento, mas não agride ou nos tira o prazer de ir ouvindo enquanto a queima se realiza. Com 100 horas seu equilíbrio tonal já é de outro nível!

Os agudos ganham em extensão e os graves e médios-graves encorpam trazendo aquele conforto auditivo tão buscado por todos audiófilos. Com 100 horas as audições além de mais prazerosas já começam a se estender pela madrugada. Muitas gravações começam a revelar detalhes que pareciam escondidos em outros sistemas, fazendo a pilha de discos que desejamos ouvir crescer a cada dia. Mas, as 200 horas de queima farão muito bem ao N° 585, pois uma certa tendência a um som mais limpo do que quente some (será que a What-Hi-Fi estava com o seu N° 585, totalmente amaciado?). Para que o amigo leitor tenha uma ideia exata da importância do amaciamento, hoje o N° 585 está com quase 320 horas de queima e eu ainda noto certas melhorias pontuais como: texturas ainda mais precisas, quentes e naturais e um agudo mais limpo sem no entanto soar frio ou etéreo! Mas o que acredito seja um cuidado que todos os futuros consumidores desse belo integrado deverão ter em mente é: o cuidado com a escolha de todos os cabos, seja o digital, o de força, o analógico ou o de caixa.

O N° 585 se mostrou ultra sensível à troca dos cabos e ao acerto do ajuste fino - sua assinatura sônica pode ir do ultra transparente ao musical na troca de apenas um dos cabos usados no set. Os cabos são mais importantes que os componentes eletrônicos que o consumidor irá utilizar nele. E talvez isso explique ‘a falta de drama no som’ no veredicto da revista inglesa. Entro nessa questão, pois sei que inúmeros áudiosfilos levam a ferro e fogo a opinião de determinados veículos de comunicação, mesmo sem nunca terem tido a oportunidade de escutar o produto.

Sua sonoridade com os cabos corretos é deslumbrante! Luxuoso, cativante, de enorme precisão e com uma naturalidade que nos permite ouvir com enorme conforto auditivo e apreciar cada detalhe, do mais explícito ao mais sutil. O que o N° 585 nunca será é meloso: essa característica você jamais extrairá dele. Se você procura essa característica para seu prazer auditivo, esqueça-o. Mas, se ao contrário, sua busca é por um amplificador integrado que possua potência suficiente para domar qualquer carga difícil de qualquer caixa acústica, seu gosto musical é bastante eclético e você deseja audições repletas da mais alta fidelidade possível, então você precisa escutar esse Mark Levinson.

Seu som depois de completamente ‘entendido’ é viciante, pois alia precisão, autoridade, velocidade e naturalidade. Talvez dessa nova safra de integrados, seja o mais próximo que se pode chegar do neutro, ►

ÁUDIO



mas trata-se de uma neutralidade inteligente, pois ele não impõe essa assinatura sônica, pelo contrário, ele permite um grau de manobra, possibilitando ao usuário 'azeitar' ao seu gosto.

No meu caso, eu buscava como ponto de equilíbrio, caixas com a assinatura sônica mais quente, como a Piega, a Kharma e a Neat. Estou agora falando de gosto, não estou dizendo que essas caixas se saíram melhor! É bom que isso fique claro. Pois para um outro gosto, certamente a Revel cairá como uma luva! Ou a Raidho. Gosto é gosto. O que importa é você saber que o novo integrado da Mark Levinson possui esse 'poder de manobra' e essa característica é muito bem-vinda nos dias atuais.

Mas o melhor do pacote eu ainda estava por descobrir! O DAC do N° 585 é disparado o melhor DAC que experimentei de todos os integrados tops por nós avaliados nos últimos dois anos. Sua sonoridade é melhor e mais atualizada do que inúmeros CD-Players top de linha que testamos, é extremamente correta e possui uma musicalidade ainda mais cativante que quando escutamos o N° 585 através de sua entrada analógica! Ficou claro que os engenheiros da ML investiram muito tempo e dinheiro no desenvolvimento desse novo DAC. Acredito que em breve a Mark Levinson deva lançar um Player ou um DAC externo derivado desse projeto, pois seu potencial se mostrou impressionante!

Para os audiofilos que pensam em um upgrade na amplificação e no CD-Player, eu recomendo uma audição criteriosa desse produto, pois talvez ele seja a solução ideal para muitos dos nossos leitores. Acharo que poderia ser o casamento do transporte Scarlatti com o cabo AES/EBU Absolute Dream que proporcionaram esse resultado tão espantoso, resolvi radicalizar e pegar o Oppo BDP-105 e o cabo

coaxial QED Reference 40 e ver como o DAC do N° 585 se comportaria. Claro que a performance desceu de patamar, mas as qualidades de resolução do DAC e a assinatura sônica, quente e natural se mantiveram presentes! Trata-se realmente de um excelente DAC!

CONCLUSÃO

Estamos falando de um integrado de quase 20 mil dólares! Não é para todos, mas uma parte dos nossos leitores que como eu, está envelhecendo, pensa seriamente em fazer um upgrade definitivo e busca cortar custos em cabos tops e simplificar o sistema. Esse segmento com essa ideia na cabeça vem crescendo no mundo de forma muito significativa. Se você veste essa carapuça, seu orçamento está nessa faixa e você tem uma só bala na agulha, meu amigo, o Mark Levinson é uma excelente escolha a ser ouvida. Uma marca de enorme respeito e credibilidade, um produto que parece foi desenvolvido para durar por décadas e uma performance que nos dá a sensação que fizemos o melhor que podíamos com o nosso dinheiro.

Se esses argumentos não forem o suficiente para você levantar da cadeira e procurar ouvir o 585 não sei o que o fará descobrir esse maravilhoso integrado e o colocá-lo na sua lista de possibilidades para futuros upgrades. Na minha lista ele está entre as três melhores opções atuais do mercado! ■

AVMAG #221
AV Group
(12) 2285.0500
R\$ 80.115

NOTA: 93,0



ESTADO DA ARTE



CR12
Multiroom Control Center (04 zonas) ,
com pequenas marcas no painel
R\$ 2.000

McIntosh®



McCLOCK
Relógio com frente idêntica a um
power stereo , grande e muito bonito
R\$ 5.700



TD-209
VERMELHO FERRARI
R\$ 6.500

THORENS®



TD-309
com cápsula Nagaoka MP-110
BLACK PIANO - R\$ 8.800



AUDIOPAX

MODEL 5
pré-amplificador - terceira geração
novíssimo - acabamento inox
R\$ 6.300

Accuphase

placas de upgrade
DAC-10 R\$ 1.100
DAC-20 R\$ 1.800



Audio Note



CD 4.1x
CD player topo de linha,
saída a válvula, mecanismo
Philips CDM 9 pro
BLACK - R\$ 39.000

**Toca-discos AN-TT
Two Deluxe**
com braço Arm Three
V2, cabo pure silver AN-
Vx, power supply externa
External PSU com power
cord Isis
R\$ 27.000

**Step up transformer
AN-S5L**
R\$ 18.000

CABOS SPEAKER

AN D (4m) - bi-wire: R\$ 4.900
AN La (3,7m) - bi-wire: R\$ 6.750
Isis (2,5m): R\$ 9.300
Isis (3m) - bi-wire full: R\$ 17.000
AN Spe17 (4m) -
bi-wire full pure silver: R\$ 23.000
AN Spx (3m) - bi-wire full -
pure silver: R\$ 42.000
Sogon (2,5 e 3m): sob consulta

CABOS INTERCONNECT

Isis (1m): R\$ 3.500
AN Vx (1,5m) - pure silver: R\$ 7.900
Pallas (1m): R\$ 11.000
Sooto: pure silver, sob consulta.

CAIXAS ACÚSTICAS

AN E LX: R\$ 31.000 (par)
AN J LX: R\$ 19.800 (par)

ACEITAMOS PARCELAMENTO E TROCAS PARCIAIS, MEDIANTE CONSULTA

Produtos para pronta entrega

Rivergate

INFO@RIVERGATE.COM.BR - (11) 98108.1881

ÁUDIO

AMPLIFICADOR INTEGRADO AAVIK ACOUSTICS U-300

Fernando Andrette



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=QQT244CJGGS](https://www.youtube.com/watch?v=QQT244CJGGS)



Quando achamos que já ouvimos de tudo e que nada mais irá nos surpreender é que tomamos nossos maiores tombos. Por já ter vivido essas 'surpresas' inúmeras vezes nessas últimas três décadas é que não abro mão de fuçar todo tipo de informação que encontro pela frente. E daqueles produtos que entram no meu 'radar' de atenção acompanho tudo que a imprensa especializada publica. Com o Aavik U-300 foi assim desde que li a respeito de sua apresentação no início de 2015, nos inúmeros hi-end shows internacionais.

A Raidho é um dos principais fabricantes de caixas hi-end da atualidade e com o reconhecimento estrondoso de seus produtos, ela decidiu que o momento era propício para lançar uma linha de equipamentos eletrônicos e cabos. Assim nasceram a Aavik e a Ansuz. Com a supervisão de Michael Borresen foi montada uma equipe de engenheiros com enorme domínio na área digital e analógica, para o desenvolvimento de uma linha de novos produtos de nível superlativo em todas as etapas: do design à tecnologia. Para Borresen, um produto hi-end de referência não pode ser explicado, ele tem que ser apreciado por todos os sentidos. E com esse conceito, já presente no desenvolvimento das caixas Raidho, é que esse grupo de engenheiros se baseou para criar o U-300. Um amplificador integrado classe D, que também é um DAC e um pré de phono de alta performance.

O "U" vem de unidade, um produto que pode oferecer ao audiófilo que ainda resiste a crer que em uma só unidade ele encontrará o

mesmo padrão de referência dos melhores sistemas modulares. Essa é uma antiga questão, que já colocamos na mesa, quando lá no final dos anos noventa, testamos o primeiro integrado da Gryphon - quem se lembra? De lá para cá tanta água rolou debaixo dessa ponte, que a cada novo salto tecnológico dos integrados eu volto a pregar nessas páginas que os integrados finalmente tomaram de assalto o mercado hi-end!

São tantas as opções que duvido que ainda tenha algum audiófilo ortodoxo, que negue essa nova 'ordem mundial'. Aí têm sempre o espírito de porco que me questiona dizendo: 'venda todo o seu sistema de referência e troque por um integrado e acreditarei nas suas palavras!' E minha resposta continua a mesma: no dia em que eu parar de fazer testes de produtos de áudio, terei enorme prazer em colocar um integrado em meu sistema. E só não o fiz por um motivo: continuo testando powers, pré amplificadores e DACs, então necessito manter esse atual sistema composto de pré amplificador, power e DAC para poder trabalhar, comparar e concluir nossos testes baseados em nossa metodologia.

Mas poder imaginar substituir a quantidade de cabos de força, de interconexão, que utilizo, e ter mais espaço nas prateleiras só me convence que o futuro dos produtos modulares hi-end se tornarão um nicho dentro do nicho! Assim como é o mercado de valvulados single-ended.

Voltando ao U-300, minha primeira observação bate com a do nosso colaborador Christian Pruks: está entre os três mais bonitos integrados já construídos na história da audiófilia! E as fotos, ainda que em alta definição, não fazem jus à realidade, a ver, pegar e usar o U-300. Sua construção toda em alumínio anodizado com um acabamento em preto fosco é deslumbrante. Seu enorme botão no centro do painel lhe dá um caráter de modernidade, mas mantendo o equilíbrio perfeito entre sobriedade e funcionalidade simplista. Seus leds são discretos e indicam do lado esquerdo o volume e, do lado direito, as entradas. Em cima do painel três discretos botões ligam o equipamento, acessam o menu e o ajuste de ganho. Essa simplicidade só é possível graças ao enorme botão central que também é um seletor rotativo. Imagine o conhecido padrão de acabamento e construção escandinavo, elevado às últimas possibilidades, e você terá uma 'ligeira' ideia da beleza do U-300!

Antes que os apressados comecem a reclamar do seu preço (US\$ 30.000 nos Estados Unidos), devo lembrar que o U-300 é um integrado desenvolvido para substituir modulares também de referência que, somados a um pré de phono e um DAC de alto nível, extrapolam nos Estados Unidos tranquilamente três vezes esse valor! Esse detalhe não deve fugir da cabeça de vocês.

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos: caixas acústicas Raidho Mini Monitor X-1, Piega Premium 5.2, Neat Momentum SX 7i e Kharma Exquisite Midi.

Sistema digital dCS Scarlatti (e também só o transporte Scarlatti ligado pelo cabo coaxial Crystal Cable Absolute Dream direto na entrada coaxial do Aavik U-300).

O Aavik possui três entradas analógicas RCA uma de pré de phono ajustável para cápsulas MC de alta e baixa impedância, e quatro entradas digitais S/PDIF, Toslink e USB assíncrona, que vai até 24-bits / 192kHz.

Segundo o fabricante, o U-300 possui 300 Watts em 8 Ohms e 600 Watts em 4 Ohms. Sua distorção harmônica é menor que 0.005%. E seu peso é de quase 17 kg. Um detalhe que chama muito a atenção de todos os apaixonados por tecnologia é o seu controle de volume híbrido que funciona inteiramente no domínio digital, mas desliga-se quando o volume de audição foi definido.

O Aavik veio totalmente amaciado da Som Maior, o que facilitou enormemente o nosso trabalho. Foi instalar, fazer nossas primeiras audições e deixar ele por vinte e quatro horas estabilizando temperatura e o stress mecânico do cabo de força. Aliás uma dica para todos os felizardos que vierem a possuir essa preciosidade: ouçam com o cabo da Ansuz Acoustic, modelo Mainz 2.0. Sua melhora de performance com esse cabo em relação ao que vem de fábrica foi absurda! O cabo de caixa utilizado durante todo o teste, com todas as caixas acústicas, foi o Transparent Reference XL MM2.

Começaria relatando ao amigo leitor minha conclusão final: é o melhor amplificador classe-D que já escutei até o momento. Anos luz de distância de todos os modelos por nós até aqui avaliados. Ainda que sempre tenha concordado com nossos colaboradores em discussões internas na redação, que o classe-D estava evoluindo rapidamente, em minha modesta opinião, faltava aquele 'finalmente' para me convencer 100% de que essa topologia atendia a todas as minhas expectativas. A começar pelo peso, corpo e energia nos graves profundos. O que eu escutava até aqui, nos melhores projetos, era um grave bem definido, veloz, recortado, mas carente dos atributos acima detalhados. É como se tivéssemos mais o espectro do que o fundamento do grave.

Outra característica que a mim não convencia plenamente era que o silêncio abissal de fundo nos melhores projetos, dependendo da sinergia com o resto do sistema, tiravam um pouco do calor e da naturalidade, diminuindo em certas gravações o prazer de ouvir por longos períodos. Pode parecer subjetivo demais para alguns dos nossos leitores que já abraçaram essa nova topologia, mas a mim incomodava. E, por fim, aquela folga que tanto comento em meus testes, existente nos sistemas mais superlativos: nos classe-D que testamos essa folga era sempre restrita às melhores gravações técnicas. E não aparecia nas medianas!

O U-300 andou muito nesses pontos acima citados, principalmente na folga em gravações tecnicamente limitadas no corpo e energia nos graves, e no equilíbrio entre calor e transparência. Esse foi o quesito que mais me agradou e convenceu pois ele permite longas audições com um grau de acolhimento espetacular! Todas essas observações foram feitas utilizando sua entrada analógica. Seu equilíbrio tonal nessa condição é magnífico: graves precisos, incisivos com um recorte cirúrgico, corpo e muito bom deslocamento de ar. Sua região média é de uma transparência, suavidade e naturalidade que nos convida a se deleitar com qualquer detalhe do acontecimento musical. E seus agudos são de uma extensão ímpar, com um decaimento exemplar e uma velocidade que nos faz acompanhar tudo.

O U-300 se encontra entre os cinco melhores amplificadores na apresentação de sound stage que escutei em toda a minha vida. Um palco profundo, largo e preciso na altura e na recriação dos planos. Seja de um pequeno grupo de câmara ou uma orquestra sinfônica! Seu foco e recorte também estão entre as apresentações mais impressionantes e impactantes que escutei! Até o movimento da cabeça do cantor é 'visível'. Ou o aproximar ou distanciar do microfone do solista que nos remete a uma cumplicidade única!

Em termos de velocidade há muito tempo os amplificadores classe-D já são uma referência inquestionável, mas o U-300 tem algo de novo a contribuir em um mais alto degrau na apresentação de transientes: a sua precisão e folga. Esse grau de qualidade é uma novidade para essa topologia! A gravação em DSD do disco do André Geraissati ►

ÁUDIO

Canto das Águas, a faixa 5, comprova o que estou relatando a vocês. O músico não parece displicente ou pouco a vontade na apresentação do tema, repleta de dificuldades do começo ao fim. Sua reprodução no U-300 foi simplesmente memorável em termos de tempo, andamento, ritmo e velocidade. Quem possui o disco e conhece bem essa faixa, sabe da dificuldade que é a reprodução da mesma em alto nível: é ainda hoje um dos exemplos mais contundentes desse quesito de nossa metodologia.

À medida que passava os discos da metodologia, e me encantava com a performance do U-300, via a pilha de discos ir terminando e chegando o momento da grande prova: a gravação da abertura 1812 de Tchaikovsky em SACD da Telarc, tão citada aqui quase que em verso e prosa! Comecei por ouvir a faixa na Neat SX7i, que passou nesse teste com enorme brilhantismo, mas é uma caixa de baixa sensibilidade.

Ajustei o ganho do amplificador (ajustável para cada entrada) e apertei o play. Bela surpresa! Principalmente em termos de velocidade e corpo, porém faltou aquele algo a mais em termos de energia e deslocamento de ar! Seria a sinergia entre ambos?

Para tirar a prova dos nove, recorri à Kharma Exquisite Midi com sua sensibilidade de 91 dB e que até aquele momento tinha tido um casamento magistral com o Aavik.

Novamente obtivemos uma reprodução sublime em termos de velocidade, corpo e precisão. E faltou apenas um algo a mais em termos de energia e deslocamento de ar, porém tão acima de tantos amplificadores (de todas as topologias), que me convenceu plenamente do grau de qualidade, nesses quesitos, do U-300. E, sem nenhum comparativo direto, qualquer audiófilo se sentirá inteiramente satisfeito com a sua performance.

Faltava ainda escutar o DAC e o pré de phono. Comecei, para facilitar o trabalho, ouvindo seu DAC, para depois me debruçar no pré de phono. Seu DAC foi uma enorme surpresa. Gostei imensamente de sua performance geral. Um espetacular silêncio de fundo que lembrou muito a assinatura sônica dos Meridians. Um equilíbrio perfeito entre transparência e musicalidade. Para os que utilizam computadores como fontes digitais, será um salto gigantesco: a música flui com enorme naturalidade e se mostrou bastante condescendente com gravações tecnicamente limitadas. Uma qualidade que certamente agradará muito é sua apresentação do sound stage, altíssimo nível tanto em termos de planos, como de foco e recorte. Encontra-se no mesmo patamar de performance do amplificador, o que certamente contribuirá de forma significativa para a escolha do U-300 caso o consumidor encontre-se em dúvida entre ele e outros integrados semelhantes (ou mesmo sistemas modulares custando até o dobro do seu preço).

Fechado dois terços do teste, faltava escutar seu pré de phono. Ele foi ligado ao nosso toca-disco Air Tight, com braço SME Series V com cápsula também Air Tight PC-1 Supreme. O cabo foi o Agata da Sax Soul e, também o G5 da Transparent Audio. O ajuste de ganho é muito simples e preciso. Primeira conclusão: seu silêncio de fundo é espetacular e, com isso, a micro-dinâmica aparece com um grau de resolução incrível!

Vozes dobradas, dedilhados sutis ganham uma inteligibilidade de tirar o chapéu. Depois de escutar uma dezena de gravações posso afirmar que o pré de phono também encontra-se no mesmo patamar do amplificador e do DAC, o que resulta em uma relação custo e performance inacreditável!

CONCLUSÃO

Todos nós temos nossas opiniões e, quanto mais velhos menos maleáveis somos. Mas se tem algo que pode mudar a opinião de todo audiófilo é ouvir em condições ideais seus discos de cabeceira em sistemas melhores que o seu. E, se ele não for turrão e estiver realmente determinado a fazer o upgrade dos sonhos, o Aavik U-300 pode ser esse upgrade definitivo.

Suas qualidades são inúmeras e, seja pela razão ou pela emoção, ele tem todos os argumentos para nos convencer de suas inúmeras vantagens e atributos, economicamente ou em termos de performance! Escutar então o U-300 é um compromisso que todos que desejam fechar com chave de ouro essa longa trajetória em busca do 'santo graal sonoro' deveriam fazer!

AVMAG #220
Som Maior
(47) 3472.2666
R\$ 195.000

NOTA: 94,0



ESTADO DA ARTE

PRÉ-AMPLIFICADOR LUXMAN CL-38u

Fernando Andrette



Não se iludam com a foto do novo pré-amplificador da Luxman, o CL-38u, é totalmente novo, apesar de sua cara de vintage dos anos setenta! A idéia dos engenheiros da Luxman foi de dar ao CL-38u um 'ar' de amplificador valvulado dos anos dourados, mas totalmente adequado aos tempos modernos. A reação aos leigos que o viram em nossa sala de teste foi parecida com aqueles que se deparam com um toca-discos e acham que estão revivendo a infância ou a adolescência.

Para alguns o design do CL-38u remete imediatamente ao Marantz modelo 7, pela distribuição dos botões e pelo gabinete de madeira. Mas as semelhanças acabam aí, pois o Luxman é um pré-amplificador de tirar o sono de muitos pré-amplificadores Estado da Arte de hoje, não de décadas passadas. Mas, sobre sua performance, falaremos mais tarde.

Agora deveremos focar no seu DNA: uma mistura de tudo que os grandes pré-amplificadores valvulados hi-end sempre ofereceram em matéria de sonoridade, aliado a topologias mais recentes que nos encantam e nos fazem coçar a cabeça com sua performance. O Luxman CL-38u além de um excepcional pré de linha, também é um excelente pré de phono. No seu coração encontramos três válvulas ECC83 e cinco válvulas ECC82 na configuração clássica SRPP (Shunt Regulated Push Pull), as primeiras para o ganho de phono Moving Magnet (MM) e as ECC82 para ganho de nível de linha e amplificação do sinal.

Os controles de tom possuem cortes nos graves em 150 Hz / 300 Hz / 600 Hz, e os controles de agudo em 1.5 kHz / 3 kHz / 6 kHz. O pré de phono oferece um ajuste também no painel frontal que permite o usuário selecionar a impedância de entrada para MC (Moving Coil) e o ganho para MM ou MC (feito por transformador tipo step-up).

Nas costas o Luxman oferece uma entrada de phono, quatro entradas de linha e duas saídas (uma para o Power e outra para uso de subwoofer). Todas as entradas e saídas são single ended (RCA). Seu controle remoto é simples e minimalista, com controle apenas de volume e mute. Ao ligar o pré, até seus circuitos serem aquecidos ele fica em mute, e esse procedimento leva de 30 a 45 segundos.

Para o teste utilizamos dois powers: o Hegel H30 e o Krell Duo 300 Stereo. A fonte digital foi o sistema Scarlatti da dCS e a fonte analógica o toca-discos Air Tight com braço SME Series V, cápsula também Air Tight PC-1 Supreme e cabo de interconexão Sax Soul Ágata. As caixas foram Neat SX-7i, Rhaido X-1 e Kharmá Exquisite Midi.

O Luxman veio lacrado do depósito da Alpha para nossa sala de teste. Sem ter a menor idéia de quanto seria necessário de amaciamento, já que o fabricante não dá a menor pista, fizemos o seguinte procedimento: ligamos com o cabo de força original, deixamos o circuito valvulado estabilizando por 1 hora, aí anotamos nossas primeiras impressões. Sua sonoridade com uma hora de estabilização já é impressionante! Uma sonoridade quente sem ser 'melosa' ou sem ►

ÁUDIO

vida e com uma apresentação vigorosa em termos de dinâmica e uma transparência rica e muito refinada. Feitas as primeiras audições (que se estenderam por mais de 8 horas, tamanha a graciosidade), deixamos o CL-38u ligado trabalhando por 48 horas. Como tínhamos que amaciar também o Krell e as caixas Rhaido, esse set ficou ligado e tocando com enorme sinergia mesmo a volumes moderados (78 a 80 dB), por quase uma semana. Passados esses dois dias o Luxman mostrou evidentes sinais de melhoria, principalmente na apresentação de foco, recorte e planos, com um recuo do acontecimento musical considerável para trás das caixas. E uma melhora brutal na extensão e decaimento das altas frequências.

Animado com o resultado deixei o Luxman completar 100 horas de amaciamento para iniciarmos os testes. Como todo 'macaco velho', o equipamento sobre o qual crio menos expectativas para ouvir são os pré-amplificadores. Não que eles decepcionem, mas por usualmente faltar 'aquele' algo a mais que nos seduz e nos encanta ao escutar nossos discos preferidos, não vou esperando nada de extraordinário. A questão é que os prés 'fora da curva', são realmente capazes de nos colocar em estado de êxtase, mas por algum motivo que ainda não descobri, nesses quase trinta anos fazendo testes de produtos hi-end, muito poucos pré-amplificadores me convenceram de que seriam um bom upgrade no meu sistema. Assim sendo, esse foi o componente que menos troquei nos últimos trinta anos! E no meu setup jamais tive um pré-amplificador valvulado! Nunca! Pois ainda que tenha escutado alguns que realmente balançaram minhas convicções, acabei sempre optando pelos de estado sólido. Não por confiabilidade ou alguma limitação evidente no som, mas pelo casamento com o resto do sistema e principalmente no tipo de assinatura sônica que o pré valvulado me parece impor à todo o resto do setup. E para o meu gosto pessoal e uso profissional, essa característica (a de impor uma assinatura) é totalmente incompatível com minhas reais necessidades. Mas sempre existem exceções, e o CL-38u é exatamente uma exceção, pois ele tem todas as melhores qualidades de um grande pré valvulado, com uma sonoridade muito semelhante a dos melhores prés estado sólido. Ou seja ele parece ser a ponte perfeita entre duas topologias tão distintas!

Como descreve o fabricante, o CL-38u foi desenvolvido para o audiófilo e melômano que aprecia a 'cor tonal' da válvula, mas deseja obter a melhor performance de seu sistema, esteja ele ligado também a um amplificador valvulado ou um transistorizado.

Quando já estávamos no final desse teste, chegou-nos para teste o power estéreo ATM-2 da Air Tight, teste que publicaremos na próxima edição. Nesse teste falei mais a respeito do comportamento do Luxman com powers valvulados. Com ambos powers os quais ouvimos o Luxman, ele teve uma sinergia perfeita. Ainda que tenha que lembrar o leitor que ambos powers utilizados no teste possuem uma

performance ainda superior quando utilizados pela entrada balanceada (XLR)!

O CL-38u encanta e nos torna totalmente refém de suas virtudes e qualidades. Seu circuito é absolutamente silencioso, seu grau de transparência tão bom quanto dos prés Estado da Arte, e sua assinatura sônica, ainda que esteja sempre presente, não se impõe ao resto do sistema nem subverte as características de cada gravação, impondo um padrão. Pelo contrário: ele extrai o brilho excessivo de determinadas gravações, mas não altera o timbre ou escurece para nos dar a falsa sensação de correção de erro. Pianos com dureza excessiva na última oitava da mão direita soarão duros, mas sem aquele toque de agressividade. É como se o músico lembrasse que uma digitação sutilmente mais suave faz toda a diferença. Não confunda com diminuição na dinâmica, pois não se trata disso, mas sim na suavidade. Com isso o espectro de audições de discos 'problemáticos' tecnicamente aumenta consideravelmente.

Diria que o 'santo graal' do Luxman está na riqueza de sua apresentação do invólucro harmônico, muito mais rico que qualquer pré-amplificador que este que vos escreve já tenha escutado! Ele lembra nesse quesito, e muito, o Model 5 SE da Audiopax, mas ainda com uma maior riqueza tanto na apresentação do invólucro harmônico, como na apresentação das texturas e micro dinâmica. As variações mais sutis, ainda que encobertas por outros sons com dinâmica maior, são totalmente audíveis, sem nenhum esforço por parte do ouvinte. A sensação é que o Luxman melhora a relação entre os pianíssimos e fortíssimos de tal maneira que o acontecimento musical se torna mais presente, sem colocar o som a frente das caixas ou causar qualquer resquício de fadiga auditiva.

Mas para todo esse resultado chegar ao limite do superlativo, você precisará de um upgrade do cabo de força original de fábrica para o PowerLink MM2 da Transparent: a diferença foi como passar de algo de ótimo nível para um Estado da Arte beirando quase 100 pontos em nossa metodologia! Se eu fosse o fabricante, eu nem mandaria esse produto com cabo original. Deixaria o consumidor descobrir seu cabo ideal. De todos os equipamentos que testei nos últimos anos, o CL-38u foi o que mais cresceu com a troca do cabo de força. São muito mais que audíveis as diferenças, tanto que minha filha de sete anos e sua amiguinha, que estavam desenhando na sala do sistema, notaram e comentaram: "o que aconteceu com o som, que ficou mais claro e maior?"

Então, futuros interessados nesse fabuloso produto: não esqueçam que para seu máximo desempenho a escolha do cabo de força será vital. Voltando ao teste, o CL-38u tem uma outra característica muito encantadora: sua folga. Mesmo passagens extremamente complexas e com enorme variação dinâmica, ele resolve com total autoridade, mas sem dar sinal de estar no talo ou com dificuldade na condução ►

do sinal. Essa folga se traduz na velocidade (transientes), na dinâmica (macro) e na apresentação do corpo harmônico. A reprodução da Abertura 1812 de Tchaikovsky foi majestosa e com requintes de autoridade e energia semelhantes ao meu pré de linha, que custa seis vezes mais! Isso mesmo leitor, com o preço do meu pré de referência, compraria seis CL-38u.

Então vamos lá: no que ele perde para o meu pré de referência? Perde na energia e deslocamento de ar nas baixas frequências, perde no silêncio de fundo, possui menos arejamento nas altas frequências, tornando a apresentação de ambiência de grandes salas de espetáculo menores, e perde na apresentação dos planos de uma grande orquestra. Mas só se comparado diretamente, um com o outro. Pois sem esse teste AxB, duvido que um audiófilo mais experiente, vá se decepcionar com sua performance inimaginável para um pré de linha hi-end de menos de 25 mil reais! Passa a ser, na minha opinião, o melhor pré vendido no Brasil com uma boa relação preço/performance e sinergia única!

Lembro-me que, quando testei o Model 5 da Audiopax e troquei por ele meu pré de referência que custava quase oito vezes mais, nossos leitores ficaram eufóricos com a chegada de um pré

de alto nível feito no Brasil. Muitos leitores ainda hoje possuem o Model 5 em seus sistemas e estão satisfeitos! Agora temos novamente um pré de linha fantástico, capaz de dar a todos que almejam um sistema Estado da Arte a possibilidade de fazê-lo gastando muito menos, e ainda levarão para casa um ótimo pré de phono categoria Diamante Referência em nossa metodologia. O que se pode desejar mais, em tempos tão bicudos e de tantas incertezas?

Só gostaria de acrescentar mais uma coisa: assim como o articulista Art Dudley da revista Stereophile, eu também poderia viver facilmente com o CL-38u. Pois sua assinatura sônica tem tudo que eu mais desejo: calor, fidelidade, emoção, condescendência com gravações tecnicamente ruins e, sobretudo aquela sensação que a música dá, quando bem executada, nos jogando em uma dimensão isenta de tempo e espaço. Tão prudente e necessária para as incertezas da vida atual! ■

AVMAG #218
Alpha Áudio & Vídeo
(11) 3255-9353
R\$ 24.300

NOTA: 97,5



ESTADO DA ARTE



Sax Soul Cables

Extraia todo o potencial do seu sistema.



Entre em contato: (11) 98593-1236 | (11) 96936-0055 | www.saxsoul.com.br

ÁUDIO

AMPLIFICADOR AIR TIGHT ATM-2

Fernando Andrette



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=IGWHD7MEIE0](https://www.youtube.com/watch?v=IGWHD7MEIE0)



Já escrevi diversas vezes a respeito de minha admiração pelos produtos da Air Tight. Para mim são superlativos por qualquer ângulo! Seja nos detalhes de construção, no seu acabamento e principalmente pela sua sonoridade, que nos remete a questionar como conseguem soar tão musicais, com tamanha naturalidade e ainda assim possuírem uma dinâmica e energia incomum para topologia a válvula! Lembro-me do olhar de espanto, incredulidade e admiração de inúmeros leitores ao entrarem em nossa sala no Hi-End Show de 2014 e descobrirem que os amplificadores a empurrarem as Kharmas Esquiste Midi eram os monoblocos ATM-3B de apenas 100 watts por canal! Em uma sala de 270 m² e apinhada de visitantes.

O mesmo impacto eu tive ao escutar o primeiro produto desse fabricante em nossa sala de referência - o ATM-1S de apenas 40 watts por canal! Lembro-me de demorar dias para me recuperar do impacto auditivo e chamar todos os nossos colaboradores, para conhecer aquela jóia sonora. Nosso colaborador Victor Mirol ficou tão empolgado que não teve dúvida, adquiriu um exemplar e o usa em sua biblioteca ligada a um par de Dynaudio 25 Anos.

Quem escuta um amplificador Air Tight jamais esquecerá sua sonoridade tão equilibrada, rica e sedutora. Trata-se de uma 'vertente' do áudio hi-end que não se encontra às dúzias, pois para se atingir

tamanho grau de harmonia é preciso história com H maiúsculo! Alguém com sensibilidade, conhecimento, determinação e ouvidos para desenvolver produtos desse naipe. Para aqueles que estão nos lendo somente depois que a revista se tornou gratuita e online (e são centenas de novos leitores a cada nova edição), eu recomendo a leitura dos testes dos amplificadores ATM-1S, ATM-3B e cápsula PC-1 Supreme.

O ATM-2 é o amplificador menos conhecido em termos de testes e matérias publicadas. Talvez por se colocar entre dois ícones de sucesso estrondoso em termos de críticas e vendas, ou talvez por possuir uma topologia de válvulas de saída distintas dos outros dois modelos. Enquanto o 1S e o 3 utilizam as EL-34 no estágio de saída, o ATM-2 utiliza a KT 88. No restante, toda a construção é a mesma, o requinte idem e os componentes também, como: transformadores Tamura, superdimensionados, válvulas casadas com 0,5% de tolerância e testadas por 100 horas antes do amplificador ser embalado e despachado para o representante. Além de cabeaço interna de cobre puro OFC e entrada de linha, caso o usuário queira plugar seu CD-Player direto no ATM-2.

Segundo o fabricante o ATM-2 debita 80 watts por canal, utilizando quatro KT 88. Seu peso nos revela que dentro daquele gabinete compacto de cor cinza, se esconde um amplificador de enorme qualidade ►

sonora! São quase 32 Kg! Instalado em nossa sala e sabendo que estava absolutamente zerado, o colocamos ligado com o pré-amplificador Dan D'Agostino, cabo RCA Elation Kubala, caixas Exquisite Midi, cabo de caixa Transparent Reference XL MM2 e fonte digital dCS Scarlatti e analógica Air Tight. Todos que amam a sonoridade de amplificadores valvulados possuem suas preferências. Eu nunca neguei que para meu gosto pessoal prefiro a sonoridade das EL-34. Mas conheço inúmeros audiófilos apaixonados pela KT-88 / KT-100 por as acharem (para seu gosto) mais limpas em termos de ruído de fundo e uma sonoridade no geral mais transparente e detalhada.

Confesso que foram poucos os amplificadores com KT-88 / KT-100 que me conquistaram, entre eles tenho na ponta da língua os Audiopax Model 88 e Maggiore 100. Mas esses dois modelos são um ponto fora da curva, então não servem muito de parâmetro. Nos demais modelos que escutei (e são dezenas, de diversos fabricantes) fiquei sempre com a EL-34. Ainda que concordem não serem tão silenciosas, são mais musicais e principalmente viscerais que as KT-88. Brinco com os amigos mais próximos que as KT-88, ainda que tocando rock, se apresentam sempre de smoking!

Mas sabendo das inúmeras virtudes desse fabricante, tive enorme interesse em escutar e saber se o ATM-2 se juntaria ao seleto grupo da Audiopax que me fizeram apreciar a KT-88. A primeira impressão não foi nada animadora. O ATM-2 soou frio, impessoal e com um corpo tão tímido na região médio-grave que parecia estar com algum defeito. Corri para ver o ajuste de bias. Todas as quatro válvulas estavam com o ajuste abaixo do sugerido pelo fabricante. Lembro-me que no teste do ATM-1S, quando depois da queima refiz o ajuste, o amplificador deu um salto significativo em termos de corpo e recorte dos graves. E como é uma perda de tempo realizar esse ajuste fino sem a estabilização térmica do amplificador e isso leva algumas horas, desisti de fazer minha avaliação inicial, deixei o amplificador tocando em 'repeat', e fui cuidar de outros afazeres. Quatro horas depois voltei e vi que o bias de todas as válvulas estava realmente muito baixo. Subi quase 25% deixando no ponto limítrofe entre o ideal, indicado pelo fabricante, pois com o amaciamento das válvulas a tendência seria naturalmente subir para o ideal. Com esse ajuste e essa queima de quatro horas, a sonoridade já foi outra.

Os graves apareceram com melhor recorte, mais vincados, mas ainda com pouca extensão e um corte muito abrupto. Já a região médio-grave nada mudou. Continuou magra, sem energia e peso. Já a região média, um deleite: com uma enorme recuperação na micro-dinâmica, planos bem definidos, texturas condizentes com o nível de requinte desse fabricante e uma naturalidade na apresentação de vozes e cordas muito convincente e sedutora.

Já os agudos se mostraram muito limpos, com bom corpo, mas também com um decaimento abrupto nas altas, impedindo a

identificação da ambiência das gravações. Anotei: mais 100 horas de queima e um estudo minucioso da escolha dos cabos de interconexão e força. O problema da queima dos amplificadores valvulados é o calor gerado na sala, por tocarem ininterruptamente por quase cinco dias. Cada vez que eu entrava na sala aquele golfada de ar quente vinha diretamente na cara, dedurando o grau de calor que o pequeno ATM-2 estava gerando. No quinto dia, ao abrir a porta, percebi que algo de novo havia ocorrido.

Estava tocando o Genuinamente Brasileiro vol. 2, faixa 11, no solo de introdução do contrabaixo. Foi possível, da porta entreaberta, observar que o corpo do instrumento era outro, muito mais próximo da nossa referência. Percebi naquele exato momento, que o ATM-2 estava pronto para o teste! Dai para frente foram cinco semanas ininterruptas de audições que duraram em média 6 horas. E, nos finais de semana, entraram pela madrugada. Ambos os cabos (Elation e PowerLink MM2), se mostraram os mais adequados, depois da queima. Então minha primeira dica aos futuros interessados por essa beleza: no mínimo 150 horas de queima antes de sair convidando os amigos antes de você achar que fez a compra errada.

Outra dica, o ajuste de bias final, também deve ser feito somente após essas 150 horas de amaciamento. O desenho do ajuste de bias parece uma salsicha, em todos os três modelos de amplificadores que testei e tive - sempre deixei o ajuste no primeiro 1/3 da salsicha, pois com a queima tende a subir passando da metade da salsicha, ou descer para fora dela. Alguns usuários gostam de já deixar no último 1/3, eu não gostei, pois em volumes muito próximos do ideal da gravação tende a saturar. E, como gosto de manter todo equipamento que testo e possuo tocando com uma certa folga, evito ajustar o bias no talo! As diferenças do ajuste do bias são vitais para uma melhor performance. Sem esse ajuste de pelo menos quinze em quinze dias, você não desfrutará do melhor que o equipamento tem a oferecer. E o ajuste não leva mais que cinco minutos.

Mas lembre-se: nada de ajustar com ele frio, pois você terá que fazer tudo novamente depois que ele estabilizar a temperatura. Todas as limitações iniciais nos extremos com a queima de 150 horas sumiram. Ambas as pontas ganharam extensão, energia e decaimento mais suave. O ATM-2 é mais transparente sim que os irmãos que utilizam EL-34, porém é muito mais comportado e lhe falta mais peso e energia em gravações de órgão de tubo, passagens com enorme variação dinâmica em obras sinfônicas e música eletrônica. Mas se o usuário tem como preferência musical obras de câmara, vozes e música acústica, o ATM-2 pode ser o nirvana sonoro. A materialização do acontecimento musical na nossa frente é soberba! Os planos em obras de música de câmara nos remetem a poucos metros dos músicos. E a apresentação de texturas é magnífica! Depois de uma hora, seu som é quente, sedoso, contagiante. Nos faz esquecer completamente do mundo lá fora, e nos lança no âmago da música! ►

ÁUDIO



Para os apaixonados em apreciar o grau de virtuosismo dos músicos e as armadilhas inerentes aos arranjos e técnica musical, o ATM-2 é uma janela aberta para o acontecimento musical. E ainda que lhe falte aquele 'algo a mais' em termos de macro-dinâmica, sua velocidade e precisão na marcação de tempo e ritmo é bastante convincente.

CONCLUSÃO

Não sei se ao desenvolver o ATM-2 os engenheiros da Air Tight quiseram disponibilizar um 'contra ponto' à sonoridade tão viciante e impetuosa dos ATM-1 e 3B, disponibilizando uma opção mais 'conservadora' em termos de assinatura. Ou apenas viram que o mercado possui muitas opções de modelos com KT-88 e quiseram participar desse nicho. Realmente não sei, mas uma coisa é certa, para os amantes da KT-88 não ouvir o ATM-2 será um erro irreparável, pois ele não soa como a grande maioria dos modelos que utilizam essa válvula. Diria que ele está mais próximo do Audiopax do que de outros modelos que são referência no mercado hi-end. Sua maior semelhança com o Audiopax é sua transparência com um grau de calor e naturalidade que cativam, mas não possui a energia que o Maggiore 100 possui e nem tampouco a capacidade de tocar com autoridade qualquer gênero musical. Mas também são produtos em faixa de preço muito distinta.

Em relação a esmagadora maioria de outros modelos de peso, o ATM-2 me parece mais coerente e equilibrado entre transparência e calor: uma das características mais notáveis desse fabricante, que foi mantida, e isso o coloca também como um ponto fora da curva. Se você busca em seu sistema uma sonoridade que tenha o maior grau possível de transparência, com uma apresentação sempre quente, natural e principalmente musical de suas gravações (mesmo as tecnicamente mais limitadas), ouça o ATM-2.

Ele realmente faz jus à fama da Air Tight de produzir produtos de nível superlativo, para audiófilos experientes que sabem exatamente o que desejam no sistema definitivo de suas vidas. ■

AVMAG #225
Alpha Audio & Video
(11) 3255.2849
R\$ 39.900

NOTA: 85,0



ESTADO DA ARTE

AMPLIFICADOR KRELL DUO 300 STEREO

Fernando Andrette



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=7MNHESMGAFU](https://www.youtube.com/watch?v=7MNHESMGAFU)

Quando a Ferrari nos disse que já estava disponível o power Krell Duo 300 estéreo, nos apressamos em agilizar a entrega, pois nossa curiosidade em escutar essa nova geração sem a tutela do seu fundador Dan D'Agostino, era bem grande. Aliás, não só minha como também de muitos leitores que, sabendo que tive por dois anos um Evo 300, me questionavam como soava essa nova linha 'pós Dan'. Não deve ser fácil para os engenheiros que ficaram na Krell, e seus novos donos, suplantam a imagem que a Krell conquistou no mercado, sem contar é claro com aquela 'desconfiança do consumidor. Que rumo a Krell sob nova gestão iria tomar? Manteria-se como uma das referências do mercado hi-end, ou buscaria novos mercados? Agora, amigo leitor, finalmente poderei responder todas essas perguntas, tanto para mim, como para você.

A nova linha Duo, lançada em 2014, utiliza uma nova tecnologia patenteada e batizada de Ibias. Com essa nova tecnologia a Krell mantém seu firme e tão bem sucedido propósito de continuar oferecendo ao mercado amplificadores Classe A, mas agora 'ecologicamente' mais corretos! O pulo do gato foi manter a topologia Classe A, mas

sem o calor excessivo, que podia chegar a queimar a mão em casos extremos! Além (segundo o fabricante) de diminuir drasticamente o desperdício de energia - isso saberei na próxima conta que receber.

Para o defensor dessa topologia, nada toca tão 'musical'. O problema sempre residia nos transistores: independente da potência utilizada, trabalhar sempre 'no talo', independente da demanda real exigida pelas caixas. Com isso, toda aquela energia excedente era dissipada em forma de calor (e coloque 'calor' nisso, em um país tropical). Com a tecnologia Ibias, a Krell garante que isso é página virada em seus novos amplificadores! Um circuito mede diretamente a corrente de saída do amplificador e ajusta o bias para o nível ideal. Tudo em tempo real, impedindo o desperdício de corrente e calor. Outra qualidade, segundo o fabricante, é que esse circuito também reduz a polarização quando o sinal encontra-se em níveis muito baixos.

Outra mudança feita no desenvolvimento dessa linha Duo é a nova tecnologia da fonte de alimentação. As novas fontes foram otimizadas para a alimentação do Ibias Classe A. Dependendo do modelo, até quatro transformadores toroidais alimentam os módulos de amplificação, ►

ÁUDIO

circuito de áudio, retificador e filtragem da fonte de alimentação, esta montada em um dissipador de calor individual. Essa concepção reduz a trajetória da energia da fonte de alimentação para os transistores de saída, diminuindo a impedância global e permitindo ao circuito responder mais rapidamente, controlando os falantes com maior precisão.

Visualmente o novo Duo chama sua atenção por ser um gabinete de alumínio fechado, sem dissipadores externos, como era a linha Evo, mas um pouco menores em tamanho. Como eles dissipam muito menos calor, podem ser colocados em racks – algo impensável para a linha anterior! Outro detalhe curioso são as quatro ventoinhas viradas para a traseira, no Duo 300. Ao ver essas ventoinhas, confesso que torci o nariz, pois em uma sala tão silenciosa como a nossa, haveria de incomodar na calada da noite. Mordi a língua! Em semanas de teste, jamais escutei nenhum ruído. E olha que inúmeras vezes, após sete, oito horas de audição, com a sala trancada, sequer consegui vê-las em funcionamento. O fabricante afirma que elas só são acionadas nos momentos de pico de altíssima demanda de energia, e imediatamente desligadas quando a música volta a um volume 'normal'. Como sou pior que São Tomé, fiz meus testes e, óbvio, coloquei os tiros de canhão da abertura 1812. Pois nem com a cara nas ventoinhas elas foram acionadas. Das duas uma, ou a altura que escuto essa faixa não está dentro do 'pico' para aciona-las, ou então elas não entraram em funcionamento o tempo em que o produto esteve comigo.

Outra característica dos Duo é a conectividade de rede. Os novos amplificadores incluem conectividade RJ45/Ethernet. Para poupar energia, os Duo podem ser programados para desligar. Uma vez conectado a um roteador de rede com acesso à Internet, sistemas de proteção podem ser acionados no painel do amplificador como: corrente excessiva, curto-circuito, etc. Os e-mails são então enviados automaticamente para até três endereços de e-mail para notificar o usuário final.

Para um som absolutamente neutro, os engenheiros da Krell destacam que essa nova linha não utiliza capacitores de acoplamento no caminho do sinal para bloquear DC e evitar danos por tensão. Atualmente a linha Duo possui três modelos em estéreo: Duo 125, Duo 175 e o top de linha Duo 300.

O Krell Duo 300 chegou com apenas 100 horas de uso. Como todo Classe A, quanto mais amaciamento, melhor fica! Lembro-me que o Evo 300, com quase 500 de uso, ainda sofreu alterações significativas. Por isso mesmo ao chegar fizemos uma primeira audição de aproximadamente 8 horas e o colocamos em queima por 200 horas.

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos. Pré Luxman CL-38u e Dan D'Agostino Momentum. Caixas Acusticas Raidho X-1, Neat SX7i e Kharma Exquisite Midi. Cabos de força Transparent Powerlink MM2, interconexão Transparent Opus G5 XLR, de caixa

Transparent Reference XL MM2. Fonte digital: sistema Scarlatti da dCS. Fonte analógica: toca-discos Air Tight com braço SME Series V, cápsula Air Tight PC-1 Supreme e cabo de sinal Sax Soul Ágata.

Primeira dica para os amantes de amplificação Krell: o Duo é diferente em relação a linha Evo em tudo que pode ser, mas o que não podia mudar não foi alterado: estou falando, é claro, da performance sonora, o mais importante. Já no que se refere à 'cosmética', mudou, e no meu modo de ver ficou mais simples em termos de acabamento e apresentação. Os Evos eram mais suntuosos, bem acabados, mas também custavam mais. Então a Krell mexeu aonde podia, e o fez para se tornar ainda mais competitivo e atrair novos consumidores que sempre desejaram ter um power da marca, mas eram afugentados pelo preço inicial, que já começava na casa do 10 mil dólares! Mas o padrão em termos de apresentação continua sendo muito bom e o fato de aquecer e consumir menos energia que a linha Evo é um grande trunfo, convenhamos!

Sua performance é de um puro classe A com todos os atributos que tantos audiófilos amam e não abrem mão (mesmo que suas contas de luz no final do mês venham sempre salgadas!).

Um som extremamente líquido, enérgico, com enorme autoridade, nos jogando dentro do acontecimento musical e que à medida que as horas passam, parecem se tornar ainda mais viciante. Parece que tudo se encontra em perfeita ordem de apresentação, tanto em termos de planos, foco, recorte como no aspecto de timbre, texturas e equilíbrio tonal. É a neutralidade que não incomoda, pelo contrário, joga a favor sempre do correto, do preciso, sem ser chato ou impor algo que não está na gravação. Quando sinergicamente bem casado com todo o sistema, arrisco dizer ser um classe A dessa 'extirpe' o melhor dos mundos, pois tem toda a magia e beleza da válvula, com a autoridade e energia do transistor, com uma folga que nos cativa e nos faz ter a certeza que finalmente chegamos 'em terra firme'.

Quanto a nós depois de anos peregrinando por caminhos tantas vezes tortuosos e sem chegar ao que buscamos, não nos dariamos satisfeitos por encontrar a resposta em uma solução à décadas admirada, e que continua a evoluir e corrigir defeitos, não de sonoridade, mas de consumo excessivo de energia e calor. Vou dar um exemplo meu, amigo leitor: os dois anos que tive o EVO 300 meu consumo de energia elétrica dobrou! E em alguns meses no intenso verão, era impraticável trabalhar durante o dia, tamanho o calor gerado na sala. Esses foram motivos suficientes para me fazer repensar o uso de um classe A. Claro que o meu uso era extremo, afinal o EVO era uma ferramenta de trabalho, tocado de doze a quatorze horas por dia. Com essas questões sendo sanadas, ou pelo menos minimizadas, certamente a topologia classe A tem tudo para resgatar seu lugar de direito. E a Krell sabiamente entendeu essa oportunidade e está sinalizando que é possível sim, com essa nova linha Duo.

Nada dasabonou no som desse amplificador. Pelo contrário, a cada semana eu o admirava mais e mais. Pois ele mostrou ter uma capacidade de resolver tudo com uma finesse impressionante. Mas claro que alguns de seus atributos sonoros se destacam: a ausência total de agressividade no extremo agudo, ainda que estejamos falando de gravações sofríveis. Esse amplificador, quando em conjunto com a Raidho X-1, foi um verdadeiro 'acontecimento'. É de uma clareza, precisão, extensão e refinamento que nos fazem crer que se trata de uma outra gravação, sem as imperfeições que tanto nos incomodam.

Outra qualidade é a apresentação de planos, foco e recorte. É de uma grandiosidade que nos faz buscar todas as obras sinfônicas que temos para saber o que ouviremos de diferente. E, creiam, se a sala permitir, se suas caixas tiverem espaço para respirar, as audições dessas obras entrarão para a sua memória auditiva como uma nova referência em termos de palco sonoro! Mas, o que mais admirei no Duo 300, foi a apresentação de texturas: remeteu-me imediatamente à dois amplificadores que gosto muito, o ATM-3 da Air Tight, que tive, e o saudoso Pathos Twin Towers. Com o mesmo refinamento desses dois amplificadores, mas com uma construção ainda mais precisa, tanto em termos de transparência, como de intencionalidade. Parece que no Duo, a sua 'neutralidade' ajuda em deixar o acontecimento musical mais bem organizado, porém sem nenhum resquício de frieza, pelo contrário! Interessante que, apenas no médio-grave, fiquei com a impressão que o EVO 300 possuía mais corpo. Mas como era um sistema totalmente diferente (principalmente as caixas e o pré amplificador), deixo como uma hipótese.

CONCLUSÃO

Se, como eu, nossos leitores tinham curiosidade em saber como soaria um Krell sob novo corpo gerencial, a resposta é que continua soando muito bem. Como escrevi, os engenheiros mudaram o que podia ser alterado, e no que realmente importa (sua performance sonora), os aperfeiçoamentos foram na direção correta. E devem ganhar muitos adeptos que abriram mão de um Classe A, pelos motivos aqui já expostos. Sua performance é de um genuíno Estado da Arte, e se encontra numa faixa de preço bastante competitiva (nos EUA ele custa 9500 dólares). Vai fazer estrago na concorrência que se encontra nessa faixa de mercado, tanto pela sua performance, como pela marca que ostenta em seu painel frontal!

Se eu fosse a concorrência, colocaria minhas barbas de molho.

AVMAG #218
Ferrari Technologies
(11) 5102-2902
US\$ 20.900

NOTA: 92,0



ESTADO DA ARTE

Não é mágica, é Ciência!



Peça uma demonstração dos produtos da Magis Audio, e descubra o salto que o seu sistema de áudio e vídeo pode dar.



MAGIS AUDIO

Magis Audio, just listen

Telefone: (11) 98105.8930
duvidas@magisaudio.com
www.magisaudio.com

ÁUDIO

AMPLIFICADOR PS AUDIO BHK SIGNATURE 300

Fernando Andrette



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=RY9POJW7EJM](https://www.youtube.com/watch?v=RY9POJW7EJM)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=OISZNPQCOKW](https://www.youtube.com/watch?v=OISZNPQCOKW)



Falando com o Fabio Storelli, diretor da German Áudio, ele perguntou-me se eu gostaria de conhecer um amplificador que havia balanceado suas convicções a respeito de topologias híbridas. Quem conhece o Fabio Storelli sabe que quando ele fala de algum equipamento que o encantou é prudente lhe dar atenção, pois desde quando ele era apenas um leitor da revista há muitos anos atrás, ele já tinha essa percepção de extrair o sumo de cada equipamento que lhe caía em mãos.

Fiquei curioso em saber que amplificador era esse, e mais surpreendente ainda em saber que se tratava de um amplificador da PS Audio! Tirando os regeneradores de energia que tive e testei, e mais recentemente o DAC DirectStream, jamais escutei nenhum outro produto desse fabricante (principalmente os modelos lançados nos anos setenta e oitenta do século passado). Seus dois fundadores, Paul McGowan e Stan Warren começaram a empresa em 1974, produzindo um pré amplificador de fono vendido diretamente ao consumidor por 59,95 dólares! No final da década de setenta a PS Audio lançou o modelo One, na faixa de 495 dólares. A parceria entre os

dois fundadores encerrou-se em 1990, quando McGowan deixou a PS Audio para fundar a Genesis, fabricante de caixas acústicas hi-end.

Com problemas financeiros, a PS Audio fechou as portas em 1997 e no ano seguinte McGowan comprou de volta o nome e reabriu-a introduzindo o conceito de regeneradores de energia para sistemas Hi-End. Mas muito antes dessa nova fase de sucesso, ainda nos anos oitenta, a PS Audio lançou um amplificador que teve uma enorme repercussão no mercado: o modelo 200C. No teste realizado na revista Stereophile, no final de 1985 o articulista conclui sua análise do produto afirmando "Se esse amplificador não for um campeão mundial, pelo menos se trata de um amplificador de classe mundial". Do 200C ao BHK Signature 300, trinta anos se passaram e por trás desse novo produto temos a mão de um renovado projetista, de nome Bascom H. King, que projetou em meio século de atividade produtos para a Marantz, Infinity e Conrad Johnson, mas segundo o próprio Bascom, esse é o primeiro projeto no qual ele sentiu prazer em dar seu nome. Trata-se de um projeto híbrido, com entrada balanceada à válvula e saída de potência MOSFET.

O monobloco 300 dobra a potência em 4 ohms para 600 watts e em 2 ohms chega a 1000 watts. Percebendo o enorme potencial do produto, a PS Audio apresentou a versão estéreo, o Signature 250 e o mono-Signature 300. E, segundo o fabricante, a performance do 300 é da ordem de 20% superior, embora a assinatura sônica seja a mesma em ambos modelos. O Signature 300 é um amplificador imponente e com um acabamento sóbrio mas muito bem feito. Seu tamanho impressiona, assim como seu peso. O seu painel frontal, todo liso, possui apenas um botão do lado esquerdo em cima, que ligado acende o logo da PS Audio na cor azul, discreto mas visível o suficiente mesmo à uma boa distância.

Mas no painel traseiro, o consumidor apaixonado por opções ficará maravilhado com os bornes de caixa, e ao centro uma pequena grelha com tampa removível, caso o audiófilo queira fazer upgrades nas duas válvulas do circuito de entrada. No completo manual, a PS Audio dá dicas de como trocar as válvulas e até incentiva o usuário a realizar esse upgrade. Ainda que o fabricante fale em uma queima inicial de 24 horas, para as primeiras audições informo aos futuros compradores desse maravilhoso amplificador, que uma ideia exata de sua performance ocorrerá somente depois de uma queima mínima de 250 horas!

E tirar da caixa e colocar para ouvi-los não será uma boa ideia, pois o som na região média/alta é bastante torto (por isso talvez o fabricante aconselhe uma queima de 24 horas antes de qualquer audição). Para o teste utilizamos nosso sistema de referência da CAVI, retirando o Hegel H30 e colocando os Signature 300. Seguindo a sugestão do fabricante, deixamos o amplificador 24 horas em queima sem desligá-lo. E só depois é que fizemos nossa primeira audição.

O timbre continuou estranho na região média/alta, mas aquele som de 'Pato Donald' diminuiu drasticamente. Os extremos se apresentaram engessados, com pouca energia (principalmente os graves) e com um decaimento muito rápido no extremo agudo. O palco era bem frontal, com dificuldade em reconhecer planos, foco e recorte. Feitas as anotações, lá foram os Signature 300 para mais 100 horas de queima.

Com 100 horas as melhorias foram apenas pontuais: no foco, recorte e plano, com um bom recuo, trazendo maior conforto auditivo e prazer em observar as primeiras qualidades que nos saltam aos ouvidos, como: uma recuperação de micro dinâmica e um silêncio em volta de cada instrumento espetacular! Os sons brotam à nossa frente, com um grau de materialização impressionante. Criando entre a música e o ouvinte uma empatia imediata!

Outra qualidade exuberante é a apresentação de texturas e precisão na velocidade, ritmo e tempo. O Signature 300 nos deixa compreender a magnitude do virtuosismo musical. Seja em apresentações solistas ou em grupo. Como uma lente de aumento nos mostra em detalhe

o requinte, a exuberância e a técnica musical, seja de um arranjo ou da performance do solista. Animado com a evolução em apenas 100 horas, deixamos eles mais 100 horas em amaciamento, certos que novas surpresas ocorreriam!

Dito e feito, os graves desabrocharam e ganharam corpo, peso e maior energia. O que contribuiu muito para começarmos a escutar obras sinfônicas mais complexas e big bands. Os testes lá de fora citam essa qualidade do BHK Signature de nos colocar mais próximos da música como se mudássemos de fila e cadeira na sala de espetáculo. É até um paradoxo o que vou escrever, mas à medida que o Signature 300 amaciava, mais seu som recuava para trás das caixas, mas a sensação é que mais seu som nos envolvia e nos puxava para dentro do acontecimento musical.

Aí bateu a dúvida, deixamos mais 100 horas em burn-in, ou iniciamos o teste? Essa resposta só me veio quando percebi que ainda que os agudos tivessem também ganho velocidade, extensão e decaimento, faltava aquele 'dedinho' a mais de ar e ambiência, com a qual estou tão acostumado no Hegel H30.

Então foi aí que decidi em vez de 100 horas deixa-lo mais 50 horas em queima. Enquanto isso, comecei a ler tudo que foi publicado no exterior sobre esse equipamento. E diria que concordei com 90% de tudo que li. O Signature 300 é um senhor amplificador, concorrendo com amplificadores que custam muito mais que ele (coloque nesse 'muito mais', umas 6 vezes o seu valor). E desde seu lançamento no final de 2015 tornou-se um sucesso de crítica e vendas.

As 250 horas, foi o tempo de amaciamento que o PS Audio necessitou para nos dar uma ideia exata de toda a sua magnitude. Os agudos finalmente ganharam maior respiro, ambiência e uma extensão impressionante. Para essa avaliação utilizo dois tipos de referências: pratos e gravações sinfônicas feitas em grandes salas de espetáculo.

Seu agudo possui uma naturalidade e uma clareza muito pessoal, que irá agradar a todos aqueles que usufruem regularmente de audições em boas salas de espetáculos (como a Sala São Paulo). Mas que para os não adeptos de audições de música ao vivo não amplificada, pode soar um pouco tímido. Para mim seus agudos foram aprovados integralmente, mas compreendo que para os que só escutam música reproduzida eletronicamente, sintam falta de alguma coisa.

Como todo produto Estado da Arte, o Signature 300 é muito exigente com o set de cabos (mais de força que de interconexão), então todo cuidado poderá ser a diferença entre uma super performance e uma boa performance. Acredito que o pré-amplificador também seja um cuidado que deva ser levado em consideração. Eu, por exemplo, evitaria um pré valvulado pois julgo que cairíamos para um lado no qual o Signature 300 conseguiu manter um equilíbrio tênue. Ou seja, com um pré valvulado teríamos um som mais para o contemplativo, tirando

ÁUDIO



toda a magia e energia que tanto encanta nesse amplificador. Com o Dan D'Agostino o casamento foi soberbo em todos os sentidos.

Mas como gosto é subjetivo talvez algum audiófilo ainda ache o PS Audio nervoso, e decida tirar um pouco mais do seu ímpeto. Para mim tudo que ouvi, apreciei muito! Seja pelo refinamento, naturalidade e ainda mais pela musicalidade. Ele possui uma assinatura sônica muito particular, mas ele não 'reinventa a roda' e nem tão pouco dita regras. Ele só faz muito bem feito sua parte, criando uma assinatura sônica que não peca por nenhum excesso, mas tão pouco sofre por qualquer tipo de cautela, que tire da obra musical vitalidade e precisão.

Sua macro-dinâmica (um ponto levantado em um dos testes que li), no meu setup não se mostrou tímido em momento algum. O que talvez muitos ainda confundam é com o corpo harmônico no médio/grave que quando menor nos passa uma sensação de menos deslocamento de ar e energia. Mas isso nada tem a ver com a macro-dinâmica. E o Signature 300 comparado com o H30, possui menos energia e corpo nessa região. Mas não menor resposta de macro dinâmica.

Mas um quesito que o Signature 300 é impecável é na materialização do acontecimento musical (organicidade). A música se materializa à nossa frente, sejam solistas ou uma orquestra inteira. Tudo ao alcance de nossas mãos, olhos e ouvidos. Um deleite para o nosso corpo e alma.

CONCLUSÃO

O engenheiro Bascom H. King tem mesmo que se orgulhar de sua obra-prima, pois daqui a décadas, quando novas topologias surgirem, dando um passo à frente na reprodução hi-end, o BHK Signature 300 será certamente lembrado como um dos mais bem resolvidos amplificadores híbridos lançados no início do século XXI.

Pois dos modelos híbridos o mercado sempre espera uma única coisa: o melhor de dois mundos. E sabemos o quanto esse objetivo é ainda inatingível! Mas se algum produto chegou tão perto que deva passar a ser a nova referência dos híbridos, esse degrau pertence agora ao BHK Signature 300. Pois como escrevi acima, se lhe falta algo é tão sutil e subjetivo que deve ser avaliado com lupa e uma mente completamente desprovida de preconceito. Com espíritos desarmados, uma única conclusão é possível: trata-se de um senhor amplificador, comparado com os melhores de estado sólido ou valvulados. E o melhor amplificador híbrido feito em toda a história da audiofilia! Quem se candidata a ouvir essa maravilha? ■

AVMAG #224
German Audio
comercial@germanaudio.com.br
R\$ 78.800 (o par)

NOTA: 98,5



ESTADO DA ARTE



DEFINITION Ds15i
Linha Profissional

subwoofer de 15 polegadas, passivo,
com amplificador externo iw-SA500 -
excepcional força e performance
R\$ 14.500



REVOLUTION Sub 1001
subwoofer ativo de 10 polegadas,
edição especial e limitada, acabamento
madeira escura (espresso)
R\$ 3.600

TANNOY



Definition 6 LCR
BLACK LACQUER
(1 unidade)
R\$ 9.000



GLENAIR 10
Linha Prestige, driver de 10 polegadas
R\$ 29.000 (par)



iw6DS
caixas in wall
BRANCA
R\$ 2.500 (par)



i30
computer - iPod dock
with stereo speakers
USB e RCA input
R\$ 3.200



The Tannoy Story
por Julian Alderton
R\$ 180 (capa mole)
R\$ 270 (capa dura)



rega

OSIRIS
Amplificador integrado topo de linha,
novíssimo, completo
(cabo de força, manuais, etc)
R\$ 34.000

ortofon

CÁPSULA TIPO SPU
modelo "Synergy GM"
R\$ 7.000

TONEARM CABLE
R\$ 875

REVOX



Joy S37
Media Server, HD interno de 500 GB,
grava e reproduz CDs, audiophile quality
BRANCO (1 UNIDADE)
SILVER (1 UNIDADE)
R\$ 10.200



Joy S120
Amplificador e Hub
digital, 120 watts stereo,
audiophile quality
BRANCO
R\$ 8.700



M100
System + Módulo multimídia,
200 W por canal, tuner e
CD player integrado
BRANCO
R\$ 18.700



Sound G Shelf
Caixa acústica - design
moderno e elegante
BRANCO E SILVER
R\$ 7.000 (par)

ACEITAMOS PARCELAMENTO E TROCAS PARCIAIS, MEDIANTE CONSULTA

Rivergate

Produtos para pronta entrega

INFO@RIVERGATE.COM.BR - (11) 98108.1881

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS Q ACOUSTICS CONCEPT 40

Christian Pruks

INTRODUÇÃO

Por trabalhar como prestador de serviços especializados na área de áudio hi-end, tenho muito contato com as necessidades dos clientes - ainda que muitas vezes possa parecer que não falamos a mesma língua, tornando a compreensão mútua um bocado difícil. Também testemunho, em fóruns da Internet, uma série de resultados estranhos e circunstâncias errôneas que acontecem com sistemas de audiófilos pelo mundo afora. Claro que vários desses problemas necessitam de trabalho, testes e pesquisas para serem resolvidos, mas a maioria deles é elementar e, muitos, dão a vontade de perguntar “onde é que você estava com a cabeça?”. Ou, muito pior ainda, ficar tentando entender porque o dito audiófilo gostou do resultado de algo que estava obviamente tão pífio quanto absolutamente torto. Em muitos casos a resposta é inescapável: porque ele não sabe a diferença entre o bom e o ruim, entre o certo e o torto!

Isso me lembra quando me falaram, uma vez, que tinha muita gente que gostava de margarina e achava manteiga ruim - e não é por algum desvio de gosto, mas sim por uma inversão de valores mesmo. E, um dos valores mais caros do mundo conhecido está sendo cada vez mais jogado por terra: o conceito de qualidade!

O que faltam aos audiófilos que dão voltas, dão voltas e acabam chegando no mesmo lugar, com os mesmo tipos de problemas, com resultados tortos? Faltam-lhes Referência e Metodologia. Como você pode saber se algo da cor azul cobalto está pelo menos próximo da cor do cobalto propriamente dito? Você precisa ver um cobalto, pois sim!

E a patacoada de que tudo é diferente de tudo no áudio porque cada pessoa ouve de um jeito, é imperdoável! Por quê? Voltemos ao cobalto: não importa se cada pessoa enxerga de um jeito, o que que importa é que cada pessoa veja como é a cor de um cobalto de verdade e, assim, saiba se algo que se diz ‘azul cobalto’ está próximo ou não. Isso se chama ter “Referência”, ou seja, a pessoa tem referência de como é um cobalto, então pode julgar a veracidade de uma cor azul cobalto ou não. A mesma coisa se aplica ao áudio, à ter Referência no áudio. Não acho que quem acredite que o som

do instrumento acústico ao vivo não seja a Referência para o som de um sistema de áudio esteja pensando direito. Acho que não está pensando mesmo. Seria uma distorção de valores, só para começar. ►



Já com uma Metodologia, por exemplo, é possível qualificar parâmetros, “qualificar” a qualidade sonora - com perdão da frase horrível - em vez de “quantificar” a dita cuja. Não é mais isso ou menos aquilo, é atestar um nível de Qualidade. Não dá para ficar sem um ‘Norte’.

Mas, chega de mais esse meu devaneio ácido do mês, e vamos falar das caixas Concept 40 da empresa Q Acoustics.

SOBRE A Q ACOUSTICS

Mesmo sendo uma empresa nova, a Q Acoustics tem sido coerente e consistente em seus produtos, já conquistando um bom reconhecimento no mercado de áudio no exterior e, também, solidificando a marca aqui no Brasil. A inglesa Q Acoustics foi formada por engenheiros de outra marca britânica, esta bem conhecida no mercado, a Mission, que foi comprada por um grupo de investimento chinês, mas não manteve a equipe de engenheiros que desenvolvia os produtos da mesma. A recém formada Q Acoustics, então, resolveu voltar-se para caixas de alta qualidade com preços mais acessíveis.

SOBRE A CONCEPT 40

Atingindo um novo patamar de qualidade, a empresa chegou na sua torre mais sofisticada, mais elaborada tecnicamente, a Concept 40, que traz um gabinete final super-rígido por ser composto de dois gabinetes, um dentro o outro, com um preenchimento entre um e outro de uma espécie de cola chamada de Gelcore. Assim, nenhuma vibração é transmitida pelo gabinete.

Todos os falantes são feitos especificamente para as caixas da Q Acoustics, sendo que os woofers da Concept 40 são visualmente idênticos aos usados nas outras linhas da empresa, mas as bobinas e o conjunto magnético foram melhorados. E o crossover é de quarta ordem, tipo Linkwitz-Riley. O resultado, o intuito da Q Acoustics, foi chegar numa caixa com alto refinamento, grande limpeza de som e baixíssima fadiga - e, posso dizer, que eles estão no caminho certo!

SETUP & COMPATIBILIDADE

Eu diria que, nesse departamento, as 40 foram caixas de boa compatibilidade, que se encaixam bem em ambientes pequenos, devido aos pequenos falantes de graves, ao seu perfil estreito e ao som bem descongestionado. Adicionalmente a empresa provê plugues de espuma para se tampar os dutos traseiros das caixas, permitindo assim que elas trabalhem ainda mais perto das paredes atrás delas. A maior parte do tempo trabalhei com elas bem distantes entre si, com um toe-in mais fechado que as Dynaudio Focus 220 II, e numa localização bem semelhante à usada pelas próprias Dynaudio na minha sala.

Outra coisa: as especificações dadas pela Q Acoustics dão conta de que elas respondem de 53Hz para cima. Não sei como eles chegaram a essa conclusão, já que claramente - ao se ouvir orquestras

sinfônicas ou contrabaixo acústico, por exemplo - fica claro que os graves dela descem muito mais baixo do que 40Hz!

SISTEMA

Para o teste das torres Concept 40 foram usados o amplificador integrado Sunrise Lab V8 MkIII, as caixas acústicas bookshelf Konforti Audio Aleph e torres Dynaudio Focus 220 II. A fonte digital foi o SACD-Player D-06 da Luxman. Os cabos de força foram Transparent MM2, de interconexão foram os da Sunrise Lab linha Reference II, e cabos de caixa foram Transparent Reference XL.

COMO TOCAM

Quanto ao equilíbrio tonal, as 40 têm uma excelente extensão de graves, agudos limpos e suaves que nunca gritam ou se tornam analíticos, têm uma presença forte nos médios-agudos, principalmente, garantindo boa presença do acontecimento musical. No caso dos graves, falta um pouquinho de impacto, de deslocamento de ar, de imediatismo - algo que é melhor resolvido em salas menores, com maior proximidade com as paredes. Um exemplo é o CD *Colour to the Moon* (Stockfisch), do cantor e letrista inglês Allan Taylor, onde o contrabaixo - aqui nas Concept 40 - tem um peso e uma extensão excelente, mas faltou um pouquinho de deslocamento de ar, de ‘estilingada’ na fundamental do baixo em alguns momentos.

O palco das 40 é excelente! Mesmo quando estavam amaciando, e os médios estavam agressivos e frontais, as caixas já mostravam uma bela profundidade, assim como boa ambiência e arejamento decente. Soaram muito bem com música clássica, apesar de tudo, provendo um bom Mahler com sua *Sinfonia nº 3* (Decca) com Riccardo Chailly frente à Orquestra Sinfônica do Concertgebouw de Amsterdã.

As texturas que me chamaram mais a atenção foram as da área média, das vozes, metais, pianos, cordas mais altas, etc. Elas são muito boas nas Concept 40! Como foi a voz da cantora de jazz canadense Diana Krall no disco *Quiet Nights* (Verve), que soou muito limpa e orgânica, especialmente natural e com texturas aveludadas muito legais, mostrando bem o ar saindo da boca junto com a voz. A sensação é de estar lá olhando ela cantar, de perto.

Apesar de não ser visceral, a sensação de velocidade e ataque geral, assim como a inteligibilidade e correção das Concept 40 são impressionantes. O trompete de John Hassell no disco *Fascinoma* (Water Lily) poucas vezes teve suas notas tão claras, bem definidas e com intencionalidades e nuances tão bem definidas. É um disco de gravação estranha, que em vários equipamentos soou apagado e sem definição, porque a escolha dos produtores foi de fazer sua gravação totalmente valvular e analógica, o que incluiu hiss de fita ao fundo - o qual, aliás, foi deixado inalterado na prensagem final do CD.

Uma coisa que ajuda a audição de, digamos, música clássica nas Concept 40 é a boa dinâmica. Mesmo em volume até alto de audição ►

ÁUDIO

(leia-se apropriados para música orquestral) é difícil as 40 embolarem ou congestionarem, e os crescendos são todos percebidos com clareza e naturalidade. Uma obra interessante que ouvi aqui, que tem um peso e uma complexidade orquestral enorme, é a *Sinfonia nº 50 "Mount St. Helens"* (Delos) do compositor americano de origem armênia Alan Hovhaness, com a Sinfônica de Seattle regida por Gerard Schwarz. Essa obra tem grandes variações dinâmicas, assim como um crescendo de massa orquestral complexa, com percussão e tudo - ilustrando a erupção de um vulcão - de maneira que exemplifica muito bem tanto macro quanto micro-dinâmica.

Os corpos harmônicos da área média são um pouco mais generosos e arredondados do que os média-baixa, por exemplo. Aqui deu para notar um pouco essa diferença na gravação *Jungle Soul* (Palmetto) do tecladista americano de jazz Dr Lonnie Smith, que eu considero um dos melhores ao órgão Hammond B3 que eu ouvi até hoje. Com o Hammond em primeiro plano, fica claro que os corpos das notas médio e médio-agudas têm um corpo um pouquinho mais bacana que o das notas médio-graves.

CONCLUSÃO

As Q Acoustics Concept 40 são consideradas, em alguns reviews, como sendo muito suaves, muito polidas. Eu particularmente acho

isso engraçado, pois me soa como dar espaço demais ao gosto do usuário e de menos à referência - que é a música acústica real, de verdade, ao vivo.

Muitos compreendem pouco ou mal essa minha afirmativa acima, portando vale salientar, mais uma vez, que eu considero a nossa razão de existência como revisores de equipamentos baseada em dois pontos: Referência & Metodologia.

As Concept 40 são caixas, na minha opinião, para salas pequenas, onde elas não apresentarão uma certa falta de impacto e visceralidade nos graves. Durante todo o teste, não importa a condição ou gênero musical, não senti as 40 serem muito exigentes com amplificação.

São uma escolha interessante de caixas: bonitas, musicais, suaves e orgânicas!



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=4XZK7-KGNUK](https://www.youtube.com/watch?v=4XZK7-KGNUK)

AVMAG #218
 Maison de La Musique
 (11) 2117.7005
 R\$ 14.315

NOTA: 79,75



DIAMANTE REFERÊNCIA



Amplificador Integrado
Sunrise Lab V8 MkIII

Setup & Upgrade de Toca-Discos de Vinil • Upgrades & MODs • Acessórios • Consultoria • Assistência Técnica

CAIXA RAIDHO MONITOR X-1

Fernando Andrette



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=GDD8NDK4PJ0](https://www.youtube.com/watch?v=GDD8NDK4PJ0)

A primeira vez que tive a oportunidade de ouvir uma caixa Raidho foi no Hi-End Show de 2011. Se não me falha a memória foi a C1.1, na sala da Liquid Sound. Ainda que o espaço fosse limitado para o potencial da caixa, notei algumas qualidades muito evidentes: uma resposta de transparência e um agudo extremamente limpo, natural e livre de fadiga. Lembro-me de ter solicitado o produto para teste, mas fui informado que aquele par já havia sido vendido antes mesmo do evento começar!

Dali em diante passei a monitorar e ler todos os testes que saíram lá fora, e fiquei convencido de que se tratava de um produto realmente muito diferenciado. No primeiro trimestre de 2015 recebemos a notícia que a Som Maior passara a ser o novo distribuidor da marca no Brasil e que a mesma seria apresentada no evento organizado em junho daquele ano, com a apresentação da novíssima Raidho D-5. Não tive a oportunidade de estar no evento, por motivos de saúde, mas nosso colaborador Christian Pruks esteve. A repercussão da apresentação da D-5 foi a mais entusiástica possível! Pós evento, a Som Maior nos convidou para irmos escutar a caixa no seu show room em Joenville,

fato que estou devendo mas espero conseguir cumprir ainda nesse primeiro semestre.

Para esta edição de aniversário da Áudio & Vídeo, a Som Maior gentilmente nos enviou a Raidho Monitor X-1, uma pequena bookshelf que tem recebido os maiores elogios lá fora e é uma das caixas mais vendidas desse fabricante. O que faz a Raidho uma empresa tão especial? Fundada há dezesseis anos por Lars Kristensen e Michael Borrensen, começou como muitos fabricantes de caixas acústicas hi-end: por hobby. Construíram um interessante tweeter tipo ribbon selado que, pelas suas qualidades promissoras e diferenciadas, julgaram que terceiros se interessariam pelo produto. Porém as empresas que eles ofereceram não se interessaram, o que os fez mudar de planos e começar a construir suas próprias caixas acústicas. Segundo Lars, “temos uma regra: a de nunca construir caixas acústicas que não iríamos querer para nós mesmos”. Com o tempo os fundadores perceberam que um outro diferencial importante, para conseguir uma maior penetração e participação em um mercado tão competitivo, seria também produzir todos os alto falantes.

ÁUDIO

A Raidho atualmente possui quatro linhas: a de entrada XT, as linhas X, C e D. Na linha top, a D, todos os woofers e midrangers usam um revestimento de diamante no cone e o cabeamento utilizado internamente em suas caixas é fornecido pela americana Nordost. O famoso tweeter utilizado em todas as séries, tipo ribbon, é um sanduíche composto de dois materiais: uma camada de alumínio, formando os condutores, e outra camada de PET, um material plástico estabilizador térmico. Esse sanduíche de materiais somado mede 11 microns (1 micron equivale a 1 milésimo de milímetro), resultando em uma membrana de apenas 0,02 gramas! Algo em torno de 15 a 30 vezes mais leve que um tweeter domo convencional.

Voltando à X-1, trata-se de um mini monitor com um belo acabamento em laca preta, gabinete de MDF reforçado e a frente de alumínio, presente em todas as séries. O duto bass-reflex se encontra na parte posterior, abaixo do falante branco de 4 polegadas de cerâmica. Os terminais só aceitam banana - nada de forquilha. Junto com as caixas, a Som Maior nos enviou seu pedestal original, que nos pareceu extremamente leve e nos fez, depois de ouvir as caixas acopladas nele, também escutá-las em outro pedestal mais rígido e pesado (mais adiante falaremos a respeito).

Segundo o fabricante a X-1 responde de 80 Hz a 50 kHz, possui impedância de 6 ohms, utiliza um crossover de segunda ordem com corte em 3,5 kHz, pesa 8 Kg e possui as seguintes dimensões: 32 cm de altura, 23 cm de profundidade e 14,5 cm de largura.

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos: amplificador integrado Hegel H300, power Hegel H30 e power Krell Duo Stereo 300. Pré-amplificadores: Dan D'Agostino e Luxman CL-38u. Fonte digital: sistema Scarlatti dCS. Fonte analógica: toca-discos Air Tight, braço SME Series V, cápsula Air Tight PC-1 Supreme e cabos Sax Soul Ágata, com pré de phono Tom Evans Groove+. Cabos de caixa: Transparent Reference XL MM2 e, por um final de semana, Nordost Valhalla.

Como de praxe, instalamos a X-1 em seu pedestal e fizemos uma primeira audição. Tivemos a sensação de que elas já estavam amaciadas, ou pelo menos com mais de 50% do amaciamento já feito. Já nesse primeiro momento, nos chamou muito a atenção seu grau de transparência absurdo, sua velocidade e a tridimensionalidade das imagens sonoras! Tudo que ouvimos parecia mais presente, com uma materialização (principalmente de vozes) de forma muito verossímil e 'palpável'. E, mesmo com sua resposta limitada embaixo, e em uma sala completamente inadequada para um mini-monitor, ficamos muito impressionados com o corpo dos médios-graves, seu recorte e foco. Permitindo um acompanhamento dos instrumentos nessa faixa do espectro sem nenhum esforço adicional. Resolvemos então deixar por 100 horas a X-1 em amaciamento, para iniciarmos os testes.

Para sermos coerentes, o teste foi dividido em duas etapas: a primeira em nossa sala de home com apenas 12 m², com elas ligadas ao integrado da Hegel H300 e o Oppo 105, com cabos de interconexão Transparent Opus G5 XLR e cabo de caixa Transparent Reference XL MM2. Depois em nossa sala com quase 50 m², ligado ao nosso sistema de referência, e aos produtos também em teste (já citados acima). Como o próprio fabricante indica, esse pequeno monitor deve ser utilizado em pequenas salas ou, se for utilizado em salas maiores, o ideal é que seja acoplado a um subwoofer. Na sala de home, seu desempenho diria que foi soberbo (sem o uso de subwoofer), dando-nos a sensação que desce um pouco mais que os 80 Hz indicado pelo fabricante.

Suas características globais são realmente um ponto fora da curva, com a recuperação de micro dinâmica como poucas vezes escutei, mesmo em caixas muito mais caras. E o conforto auditivo é pleno, mesmo em volumes altos. Alias, é de constatar que elas não se intimidam com maior volume, ainda que ao olhar para o pequeno falante de 4 polegadas, a prudência nos leve a começar as audições sempre em volumes moderados. Mas com a sua performance de alto nível, nos pegamos a todo instante querendo saber qual é o seu limite! Para salas até 16 metros, diria que a X-1 poderá tranquilamente abrir mão de um subwoofer, se os gêneros musicais não forem de uma grande complexidade (música sinfônica ou big bands). Mas, ligada a um subwoofer em salas maiores, pode ser um sonofletor que irá impressionar, e muito, pois sua naturalidade, musicalidade e transparência impõem um novo patamar para caixas mini-monitores.

Seus agudos são de uma limpeza, velocidade, corpo e decaimento impressionante. Mesmo gravações com agudos duros e estridentes, se apresentam de forma muito mais uniforme, coerente e agradável. Ouvi a prensagem nacional (Microservice) do CD Tutu do Miles Davis e fiquei espantado como esse tweeter ribbon contorna esses problemas, sem escurecer, diminuir a extensão ou alterar o timbre. O mesmo ocorreu na horrível sibilância das vozes de inúmeros CDs de cantores nacionais, como Zizi Possi, Edu Lobo e Milton Nascimento, que ficaram extremamente mais agradáveis e corretas de se ouvir. Por isso ela é um monitor e de altíssima performance!

A região média diria ser translúcida, porém sem o 'erro' de passar do ponto e deixar as audições frias e sem vida. Pelo contrário, tudo é mais aparente (mesmo o instrumento lá atrás, soando em pianíssimo) e de uma naturalidade impar. Ela nos convida a ficar sempre mais algumas horas escutando nossos discos e ainda nos brinda com detalhes antes totalmente despercebidos.

Outra característica: mesmo em nossa sala de home, elas somem, como se estivessem desligadas, apenas como um objeto de decoração na sala. Seu posicionamento precisa ser estudado, para extrairmos seu melhor grave, mas não são tão críticas! Na sala de home, ►

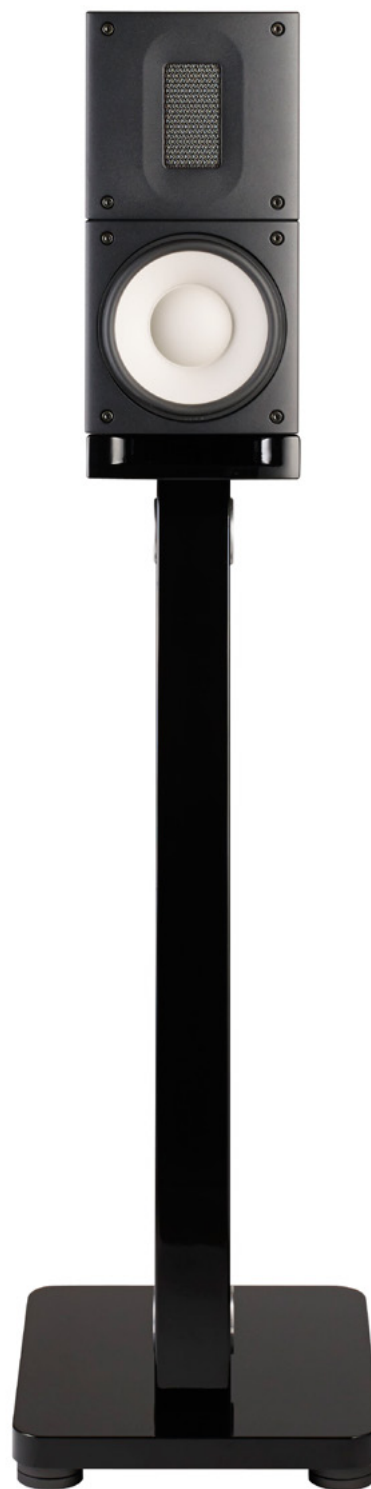
ficaram com uma abertura de 2,00 m entre elas, com um respiro de 0,50 m das paredes laterais e 1,20 m da parede as costas. Com um toe-in de 25 graus voltadas para o centro de audição.

Na segunda parte do teste, tivemos o cuidado de posicioná-la na nossa Sala de Referência, de modo que não perdêssemos suas maiores virtudes, ainda que a sala fosse um despropósito para o seu tamanho. Depois de dois dias ouvindo-a em diversas posições, chegamos a 2,40 m de distância entre as caixas, 1,00 m da parede às costas e 2,00 m de distância em relação às paredes laterais. Como elas ficaram bem próximas da parede às costas (1 m), puxamos nossa cadeira de audição 1,20 m para frente. Ainda assim achamos que o médio grave havia perdido um pouco do corpo, foi aí que decidimos fazer uma experiência com um pedestal mais sólido e pesado. Para nossa surpresa a melhora se deu tanto no corpo como na extensão e peso também dos graves.

Fica aqui a dica, pois dependendo do tamanho da sala e estilo musical, o estudo do pedestal deve ser levado em consideração. A X-1 ganhou também uma imagem holográfica ainda mais orgânica e os planos, tanto em abertura como profundidade, tornaram-se ainda mais convincentes. Ouvi obras barrocas com instrumentos de época que me colocaram nas primeiras filas da sala de concerto. A apresentação do cravo (instrumento de difícil captação) ficou tão 'presente' que me deu a oportunidade de acompanhar passagens desse instrumento que antes me faziam perder o todo. E na X-1 o todo continuou presente, sem nenhum esforço adicional. Outra gravação que muito me agradou foi a do contrabaixista Bruce Henri, ainda que faltasse mais peso e energia nas fundamentais, o timbre, velocidade e o invólucro harmônico foram apresentados de forma primorosa! Mas a prova dos nove aconteceu na reprodução de pianos solo. Você escuta e não se conforma como uma caixa tão pequena consegue um corpo e uma apresentação tão comovente. Sim, comovente é saber o quanto os monitores evoluíram e como faz bem aos ouvidos e à alma escutar obras musicais de grande envergadura em um monitor com tamanho grau de requinte e fidelidade.

CONCLUSÃO

Um monitor com esses pergaminhos (independentemente do seu preço) não é para muitos. A X-1 se destina a amantes da música que desejam muito mais que apenas ouvir suas obras preferidas. Se destina àqueles que desejam compreender a obra que estão escutando. A complexidade, a intencionalidade e, claro a virtuosidade dos músicos que a tocam! É voltada àqueles que possuem diferentes versões da mesma obra, que querem 'entender' o que as faz soarem tão diferentes e ainda assim tão obrigatórias. Somente pessoas com um gosto refinado e realmente interessadas em ter esse grau de requinte entenderão a razão de existir um monitor como a X-1. Se você possui esse perfil e busca esse grau de intimidade com a música que tanto aprecia, ouvir a X-1 será obrigatório!



AVMAG #218

Som Maior

(47) 3472.2666

R\$ 37.500

Pedestal: R\$ 5.500 o par

NOTA: 84,0



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

CAIXA ACÚSTICA PIEGA PREMIUM 5.2

Fernando Andrette

Existem fabricantes que, quando entram na nossa mira de interesse, passam a nos perseguir por muito tempo. Antes de ter a oportunidade de ouvir criteriosamente um modelo desse renomado fabricante suíço, meu interesse era muito mais de curiosidade em saber como soavam aquelas imponentes caixas de alumínio com seu famoso tweeter ribbon, mas não passava isso.

Até que um grande amigo me descreveu seu encantamento ao escutar a Master em um hi-end show, em Tóquio, e voltar absolutamente rendido com suas inúmeras qualidades. Passei então a olhar com muito mais atenção os testes publicados lá fora e percebi que, independente das 'entrelinhas' do gosto pessoal de cada articulista e da sinergia com o sistema utilizado para o teste, algumas características sônicas sempre eram colocadas de forma muito explícita por todos. Como um grau de transparência de alto nível, um excelente equilíbrio tonal, texturas palpáveis e corretíssimas e uma imagem sonora tridimensional espetacular!

E, nas conclusões dos testes, a síntese era a de uma caixa isenta de fadiga auditiva independente do gênero musical. Quando finalmente a Alpha Áudio e Vídeo se convenceu que haveria espaço no seu portfólio para mais uma marca de caixas acústicas hi-end, tivemos finalmente a nossa disposição para teste dois modelos da linha Coax, a segunda série logo abaixo da linha Master. E os leitores que leram minhas observações sabem o quanto me rendi aos seus encantos!

É o tipo de assinatura sônica que irá agradar em cheio a todos que possuem uma discoteca eclética com inúmeras gravações sofríveis tecnicamente, mas de obras artisticamente obrigatórias! E possuem um sistema de alto nível, sinérgico, mas não estão interessados em cometer loucuras em upgrades do sistema apenas para conseguir um pouco mais de conforto auditivo naquelas gravações tecnicamente limitadas. A Piega possui o antídoto eficiente para essas gravações. Principalmente as que sofrem de dureza e pouca naturalidade nos agudos ou aquelas que nos passam a sensação que os músicos estão todos tocando dentro do elevador, um por cima do outro!

Claro que todos nós temos dezenas de discos com essas características e desejaríamos um pouco de organização nesse balaio sonoro, melhorando um pouco a inteligibilidade do acontecimento musical nas passagens mais complexas e um agudo que não nos fizesse salivar e querer pular pela janela no fortíssimo!

Quando testei a linha Coax, cansei de ir buscar nas minhas prateleiras dezenas dessas gravações tipo 'The Best Of' que as gravadoras colocavam a preços de promoção nas prateleiras das saudosas lojas de discos, que existiam até nos bairros mais afastados do centro no



PRODUTO DO ANO
EDITOR

finado século passado! E que por alguma razão sentimental, ou não, cada vez que realizamos um upgrade em nosso sistema, teimamos em escutá-las na esperança de algum milagre sonoro.

Com as caixas desse fabricante suíço, se o milagre não é completo (se o sistema for realmente bem ajustado e sinérgico), pelo menos nos entrega uma maior inteligibilidade, aumenta o tamanho do 'elevador' em que os músicos estavam 'enlatados' e nos agudos faz um verdadeiro milagre: tira todo o excesso de brilho e aspereza!

E antes que qualquer audiófilo pense que esse milagre se dá com a perda de resposta nos agudos altos, acredite não é com esse truque que a Piega e seu famoso tweeteribbon ganharam a fama que possuem. Pois em termos de extensão, velocidade, naturalidade e corpo o tweeter da Piega é tão bom quanto os melhores do mercado.

Para esse velho e cansado articulista, o 'pulo do gato' está no corte, na passagem dos médios altos e na qualidade do crossover que possibilita essa total ausência de fadiga auditiva e uma sensação de correção acima da média! Para chegar a essa solitária conclusão, utilizei diversas gravações feitas pela Cavi, pois são as únicas que sei como soam quando corretamente reproduzidas, e escutar essas gravações nas caixas Piega me transporta para a sala de gravação com os músicos.

Mais como nenhuma caixa acústica é perfeita (independente de quanto ela custa), articulistas pelo mundo afora reconhecem também essas qualidades aqui citadas - mas na linha Coax acham que falta nos graves um pouco mais de peso, de corpo e energia. E até concordo que com alguns amplificadores essas características se tornem audíveis, mas com amplificadores com enorme autoridade sobre as caixas - os com 'mão de ferro' - não achei que essa limitação suplante todas as suas qualidades. Mas aí entra uma questão de gosto pessoal e não apenas critério técnico/auditivo. E respeito!

Então quando a Alpha me disse que havia chegado a primeira importação da linha Premium, uma série abaixo da Coax, imaginei as limitações devem ser mais evidentes, por ser uma série mais simples e com menor custo, mas nada como a prática para derrubar as teorias.

E lá fomos nós buscar a Premium 5.2, uma coluna slim, também toda de alumínio, com dimensões muito interessantes para salas pequenas e de médio porte: 102 cm de altura, apenas 22 cm de profundidade e 19 cm de largura na frente. Com 23 kg, dois woofers de 5 polegadas sendo um para os graves e um para os médios, e o famoso tweeteribbon LDR-2642 MkII. O fabricante recomenda o uso com amplificadores de 20 a 200 W.

Com sensibilidade de 91 dB/W/m, impedância de 4 Ohms (sem especificar a mínima) e resposta de frequência de 34 Hz a 50 kHz. Com terminais WBT, minha única sugestão ao fabricante dessa magistral caixa seria que os bornes estivessem dois dedos mais alto, pois com

cabos com forquilha tive enorme dificuldade para ligar, tendo que inverter e ligá-los de cima para baixo, o que além de esteticamente feio, podia causar um curto se os polos se tocassem. O ideal, se o futuro apreciador dessa bela caixa tiver, como eu, um cabo de uma bitola e peso considerável com terminal forquilha, é que pense na possibilidade de substituir por banana. Aí o risco de curto será nulo!

A caixa veio lacrada para teste, o que nos permitiu uma primeira audição de quase seis horas, fazermos nossas anotações preliminares e colocarmos para a queima de 100 horas iniciais.

O sistema utilizado foi: amplificadores Hegel H30, Krell Duo 300 e Air Tight ATM-2. Prés Amplificadores: Luxman CL-38u e Dan D'Agostino. Sistema digital: dCS Scarlatti. Sistema analógico: pré de phono Tom Evans Groove+, toca-discos Air Tight, cápsula Air Tight PC-1 Supreme, braço SME Series V. Cabos analógicos: Ágata da Sax Soul, Transparent Opus G5 de interconexão, Reference XL MM2 de caixa e PowerLink MM2 de força. Cabo digital: Absolute Dream da Crystal Cablee Reference da Transparent.

Sabe, quando escrevi que audiófilos experientes podem achar que a ausência de dureza no extremo agudo pode ser falta de extensão no tweeter? Isso realmente pode ocorrer se escutarmos a Piega antes do amaciamento total que é de aproximadamente 300 horas. Mas, depois da queima total a extensão do tweeter da Piega é absurda. Tanto em limpeza quanto em naturalidade. Mesmo que as gravações analógicas com muito hiss pareçam ter menos extensão que em outros tweeters de referência, em uma audição cuidadosa percebe-se que não é falta, mas sim o ponto de corte entre o falante de médio e a entrada do tweeter que nos passa essa sensação de menor extensão. Na verdade o hiss muda de plano, tornando-se mais sutil, mas está presente, tanto em termos de extensão como de corpo. E, convenhamos, nas passagens com maior silêncio, esse 'recuo' é muito bem vindo.

As primeiras 100 horas de amaciamento darão ao feliz comprador dessa jóia musical uma ideia do prazer que as Premium 5.2 podem proporcionar em um sistema Estado da Arte, pois suas virtudes são inúmeras. Mas a grande surpresa, a mais desconcertante, ocorrerá próximo a 200 horas de queima! Um grave com um corpo, velocidade e peso muito acima do que poderia imaginar em uma coluna de tamanho tão reduzido. A impressão que tivemos é que os engenheiros da Piega, quando desenvolveram essa linha tanto para ser usada em áudio estéreo como home theater, deduziram que um pouco mais de 'reforço' no médio grave seria muito interessante. E, para o meu gosto pessoal, acertaram em cheio! Pois, sem perder nenhuma das virtudes tão apreciadas nas linhas superiores, deram um diferencial à linha Premium, que pode atrair muitos audiófilos que não tinham como investir na linha Coax, mas poderão tranquilamente ter um modelo desta série. O seu custo/performance é excelente e a coloca em um patamar muito acima do que seu preço sugere.

ÁUDIO

Com 300 horas começamos finalmente nossas avaliações auditivas, e o grau de compatibilidade com os três amplificadores utilizados no teste foi exemplar. Com o Air Tight ATM-2 e o Luxman a maior virtude dos três foi completamente evidenciada: texturas magistrais, vozes de um calor e uma naturalidade comovente e viciante e um convite a escutar tudo sem hora para terminar. A primeira audição com esse setup iniciou às 22 horas de uma sexta-feira e terminou 12 horas depois, em uma manhã chuvosa e desinteressante. Se não fosse os compromissos familiares, tomaria um café da manhã e voltaria tranquilamente para mais 12 horas de audição!

Ainda com o Luxman e mais o Power da Krell, nova metamorfose: um peso e articulação dos graves que davam a nítida sensação que os pequenos falantes de 5 polegadas estavam a ponto de se auto-destruir. Depois de seis horas isso mostrou-se um receio sem propósito, pois a Piega adora trabalhar com volume considerável. Não se intimida e nem tão pouco nos assusta com cone querendo bater. Com a entrada do nosso sistema de referência, conseguimos ter uma idéia exata do grau de qualidade dessas singelas colunas, que possuem o dom de sumir em nossa sala quando corretamente posicionadas e nos deixar a sós com a música. E, quando a colocamos a prova com as famosas gravações tecnicamente sofríveis, nos damos conta que é possível sim escutá-las com razoável prazer auditivo, aquelas gravações que tanto amamos mas que são tão difíceis de serem reproduzidas com um mínimo de inteligibilidade.

CONCLUSÃO

Quando nos julgamos mais experientes é que cometemos mais erros! Imaginei, ao escutar as Premium 5.2 em nossa sala de teste, que teríamos uma sonoridade muito parecida com a linha Coax, porém mais limitada. O erro foi colossal! Pois com o passar dos dias o que ouvimos foi uma caixa que ombreia com a linha acima, custa menos e possui uma qualidade que pode seduzir inúmeros audiófilos que desejam um grave com mais corpo e peso. Para salas de 14 a 25 metros quadrados com boa acústica e um sistema de Diamante Referência a um Estado da Arte bem ajustado, o resultado pode ser primoroso!

É uma caixa que trabalha muito bem perto da parede, como também mais distante. Suas exigências são as de todas as caixas de nível: uma eletrônica correta, cabos de qualidade e, principalmente, fontes (digital ou analógica) bem corretas com excelente transparência e equilíbrio tonal, para que essa Piega possa mostrar todo seu enorme pedigree. É uma das melhores relações custo e performance existente hoje no mercado, com uma construção primorosa e de muito bom gosto que seduz até o olhar feminino mais crítico e exigente.

Não testei com amplificadores de baixa potência, mas o ATM-2 de 80 W em nossa sala de quase 50 m², mostrou que sua sensibilidade de 91 dB é outro importante diferencial para os amantes de amplificadores valvulados de média potência. E, como os modelos da série

Coax, seu timbre e sua sonoridade são de uma sedução arrebatadora! Um convite a audições somente com hora de começar, mas nunca de terminar. Se você possui essa disponibilidade de tempo para audições solitárias ou bem acompanhado eis uma proposta para lá de tentadora!

Altamente recomendada, para todos que amam ouvir seus discos da forma mais prazerosa que existe: com zero de fadiga auditiva! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=AD7RRJHXNEE](https://www.youtube.com/watch?v=AD7RRJHXNEE)

AVMAG #219
 Alpha Áudio & Vídeo
 (11) 3255-9353
 R\$ 33.800

NOTA: 85,0



ESTADO DA ARTE

Venha conhecer o maior acervo high-end vintage, LPs e CDs audiófilos do Brasil!



HIGH-END - HOME-THEATER



A Áudio Classic possui as melhores opções em produtos High-End novos e usados. Seu upgrade é nosso objetivo!



SEÇÃO VINTAGE



DVDs - CDs - LPs - AUDIÓFILOS



REVENDEDOR AUTORIZADO:

- Accuphase • ASR • Audio Flight • Audio Physic
- Audiopax • Avance • B&W • Burmester • darTZeel
- dCS • Dr. Feickert Analogue • Dynaudio • Esoteric
- Evolution • Goldmund • Jeff Rowland • Karma
- Krell • Kubala-Sosna • McIntosh • MSB Technology
- Pathos • Sonus Faber • Transparent • Von Schweikert Audio
- VTL • Wilson Audio • YG Acoustics

Rua Eng. Roberto Zuccolo, 555 - Sala 94 - São Paulo/SP
No ITM-EXPO, junto ao Cebolão/ Ponte dos Remédios/ CEAGESP
Tel.: 11 2117.7512/ 2117.7200



WWW.AUDIOCLASSIC.COM.BR
AUDIOCLASSIC@AUDIOCLASSIC.COM.BR

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS WILSON AUDIO SABRINA

Fernando Andrette


**PRODUTO DO ANO
EDITOR**

Alguém uma vez me perguntou: “O que é mais difícil para um fabricante de equipamentos hi-end, saltar um passo a frente no desenvolvimento de produtos mais sofisticados, ou descer alguns degraus e atender a um mercado mais de entrada?” Há dez anos teria a resposta na ponta da língua: claro que era dar um salto na busca de um novo patamar de referência! Mas hoje sinceramente acho a tarefa difícil em ambos os segmentos.

Com a globalização e a variedade de produtos existentes, lançar um produto em um segmento que não se domina é um risco considerável!

Claro que toda regra têm exceções, mas o sucesso em um desses segmentos (de entrada ou estado da arte), não garante que o esforço será recompensado. Mas como paradigmas estão aí para serem superados, a Wilson Audio, renomado fabricante de caixas acústicas hi-end decidiu que chegará o momento de desenvolver uma coluna de menos de 16 mil dólares (mercado americano), que tivesse o mesmo

‘DNA Sonoro’ das consagradas Watt/Puppy e Alexandria XLF! Dave Wilson queria que suas novas caixas fossem colunas compactas, mas com excelente contraste dinâmico e as mesmas qualidades de alinhamento temporais de precisão tão admiradas em todos os modelos desse fabricante.

A Sabrina é fabricada à mão, polida à mão e pintada com múltiplas camadas de tintas automotivas. Tanto o painel frontal, quanto o painel traseiro são construídos com o composto patenteado da Wilson Audio, batizado de X-Material (um composite mineral de alta pressão, polímero de carbono e papel). As laterais do gabinete são de HDF, fibra de alta densidade. Ainda que sejam dez centímetros menores que a Watt/Puppy, elas são bastante imponentes (principalmente se estiverem em uma sala entre 20 e 28 m²).

E lembram muito (claro que em escala bem menor), a Alexandria XLF!

A Sabrina é uma coluna de três vias, bass reflex com um tweeter de domo de seda de 2,5 cm, um falante de médio de 5,76 polegadas e um woofer de 8 polegadas com cone de polpa de papel. A resposta de frequência segundo o fabricante é de 31 Hz a 21 KHz +/- 3 dB, sendo a impedância nominal de 4 ohms com um valor mínimo de 2,53 ohms. E a sensibilidade é de 87 dB. Seu peso é de aproximadamente 30 quilos!

A Wilson Audio disponibiliza a Sabrina com os seguintes acabamentos: preto, branco, cinza e, por encomenda e um preço ligeiramente superior, o Branco Biarritz e o Vermelho Titânio.

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos: Amplificador integrado Onix RA-125B e Rega Elicit-R. Pré-amplificador Dan D’agostino e Power Hegel H-30. Fonte digital: dCS Scarlatti. Fonte Analógica: toca disco Air Tight, braço SME V, cápsula Air Tight PC-1 Supreme. Pré de phono: Tom Evans Master Groove+. Caixas Acústicas: Neat SX 7i, Kharma Esquisite Midi. Cabos de força: Transparent Audio Power Link MM2 Cabo digital: Crystal Cable Absolute Dream. Cabo de interconexão: CNT van den Hul, Transparent Opus G5, Kubala Sosna Elation e Sax-Soul Zafira II. Cabo de caixa: Transparent Audio Reference XL MM2. Acessórios: vários da Magic Audio, condicionador Hydra Triton e régua de tomadas Sunrise Lab.

A Sabrina veio direto do aeroporto para nossa sala de referência. Ainda que seja uma caixa de tamanho e peso muito razoável, sugiro que para sua instalação seja solicitada a ajuda de uma segunda pessoa (principalmente para desembalar e colocar os spikes). De todas as inúmeras Wilson Audio que testamos, foi a mais fácil e prazerosa de escutar enquanto estava sendo amaciada. Como sempre, fizemos uma audição inicial de aproximadamente 8 horas. Detalhamos em nossa planilha as primeiras impressões e a colocamos em queima por ►

100 horas. As mudanças são significativas mais pontuais! Os agudos que são limpos e confortáveis desde o primeiro minuto, ganham e muito em extensão e abertura no extremo alto. A principal característica foi na audição do 'hiss' em gravações analógicas e na apresentação da ambiência e sustentação do extremo agudo.

A outra mudança é o encorpamento da região médio-grave. Esse aumento faz com que a Sabrina mostre todos os seus grandes atributos sonoros.

Pois a impressão que temos é que sua performance é de uma caixa muito maior e mais cara! Essa percepção veio ao repetirmos duas gravações de órgão de tubo, que havíamos escutado na avaliação do primeiro dia e percebemos que o ganho de corpo nessa região foi providencial para a caixa mudar de patamar em nossa metodologia. Mais 100 horas e a Sabrina nos encantou com seu caráter sônico de caixas realmente Estado da Arte! Ela possui aquele caráter sutil de se manter sempre equilibrada mesmo nos arroubos mais dinâmicos. Fazendo-nos cúmplices de sua performance, repleta de autoridade mas sem perder a compostura ou o domínio do acontecimento musical. Nada de jogar o som no nosso colo, ou criar uma nevoa que não permita termos uma resposta linear e livre de fadiga auditiva.

Digno de nota seu comportamento em qualquer estilo musical, seja em volumes reduzidos na calada da noite, ou em volumes próximos de uma apresentação ao vivo (em gravações de pequenos grupos musicais).

Timbres naturais, detalhamento preciso mesmo nas mais sutis microdinâmicas e uma apresentação de texturas precisas e tão ricas que nos permitem ouvir e, porque não, sentir toda a intencionalidade contida na obra musical. Vozes se apresentam sempre ricas e com um grau de naturalidade e emotividade contagiante!

Essa característica certamente deve ter uma explicação no casamento perfeito do falante de médio com o tweeter. A região média é cativante, detalhada e muito natural. Mas pelo seu tamanho o que mais impressiona é sua solidez nos graves. A Sabrina é uma caixa que desce com muita autoridade. Ouça obras sinfônicas e veja a performance dessa caixa na reprodução de tímpanos! Mesmo em nossa sala com quase 50 m², ela mostrou-se muito à vontade e com um grau de deslocamento de ar digno de caixas muito maiores e mais caras. Mas, a Sabrina não é apenas uma caixa Estado da Arte nos quesitos de equilíbrio tonal, corpo harmônico e textura. Para os apaixonados por soundstage, uma sugestão coloque para avaliar esse quesito gravações que possuam muitos planos e exijam precisão absoluta em foco e recorte. Sentem na posição ideal, fechem os olhos e preparem-se para uma experiência impar!

Corretamente ajustada em uma sala com condições acústicas razoáveis e um sistema à altura, foco, recorte, profundidade, altura e largura terão precisão cirúrgica! Quando a caixa ainda estava em amaciamento (100 horas), colocamos a Sabrina com 4 metros de distância

e 1,80 m de distância da parede nas costas da caixa com um toe-in de 30 graus para o ponto de audição. E ainda assim seu palco em termos de largura foi assombroso e não houve em nenhuma gravação buracos entre as caixas.

A única coisa fora de sentido foi que todos os músicos (nessa abertura entre as caixas), pareciam ser mais baixos.

Com a caixa já em teste, ficaram 3,20 m de distância 1,70 m da parede as costas da caixa e apenas 15 graus viradas para o centro de audição.

Ajustada corretamente, sua apresentação de foco, recorte e planos é simplesmente sublime!

No quesito macro dinâmica, gostaria de compartilhar algo com os audiófilos leitores que ainda acreditam que tamanho da caixa é essencial para a performance correta desse quesito. O ideal para convencer de uma vez por todas esses audiófilos, seria vendá-los e colocá-los para escutar a Sabrina, pois certamente todos, sem exceção jurariam estar ouvindo no mínimo uma caixa com o dobro de tamanho dela! Pois nesse quesito ela nos deixou coçando a cabeça. Como pode apresentar passagens tão complexas, em volumes consideráveis, com tanta autoridade e riqueza?

Essa é a nova caixa de entrada da Wilson Audio. Uma discreta coluna em termos de tamanho, mas com um DNA sonoro de uma Alexandria XLF.

Dúvida? Leia a conclusão do articulista Neil Gader para a revista Absolute Sound na edição de outubro de 2015.

E eu tenho que concordar com ele: 'em termos de custo e performance a Sabrina é inquestionavelmente a melhor caixa acústica da Wilson Audio'.

E talvez na sua faixa de preço a melhor opção para quem não possui uma sala acima de 25m², mas possui um gosto musical muito eclético e sonha com uma caixa estado da arte que caiba em sua sala e no seu orçamento.

Se você se enquadra nesse perfil amigo leitor e deseja fechar o seu sistema Estado da Arte com uma caixa com essas características e qualidades escutem-na.

Ela é realmente impressionante!



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=KMIZ-LWJ8GI](https://www.youtube.com/watch?v=KMIZ-LWJ8GI)

AVMAG #216
Ferrari Technologies
(11) 5102-2902
US\$ 34.000

NOTA: 87,0



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS NEAT MOMENTUM SX7i

Fernando Andrette



Nossos leitores mais antigos sabem da minha verdadeira admiração pelas caixas da série Motive da Neat. Lembro em detalhes do ar de incredulidade dos participantes do curso de percepção auditiva ministrado no Rio de Janeiro, no Hotel Pestana, em 2010, quando apresentei a Motive 2 em uma sala de 110 m² com 60 participantes. Muitos levantaram de suas cadeiras e vieram constatar se o som vinha mesmo daquelas minúsculas torres! Foi um acontecimento!

A partir desse evento a Neat firmou-se por aqui e ganhou status de caixa com excepcional relação custo x performance. Em 2015, a Neat passou a ser distribuída no Brasil pela Audiomagia, empresa com sede em Belo Horizonte, e dessa primeira importação escolhemos a Momentum SX7i para apresentar aos nossos leitores. A série Momentum é a gama que se encaixa entre a série Motive e a Ultimatum, com valores mais próximos da linha Motive, mas o desempenho e performance semelhante à linha top Ultimatum.

A SX7i (permitam-me abreviar) é um projeto torre que utiliza cinco falantes. Trata-se de uma esguia torre com 1,20 m de altura, mas apenas 22 cm de largura e 27 cm de profundidade. Os dois falantes de 6,5 polegadas para a resposta de graves estão na parte de baixo do gabinete em configuração isobárico, com o disparo para baixo, como em um arranjo de subwoofer. Segundo o fabricante o princípio isobárico foi explorado de maneira bem radical, para que a caixa desça a incríveis 28 Hz! Ao avaliarmos o tamanho do gabinete, fica difícil acreditar que a caixa consiga uma performance tão boa nas baixas frequências (mas disso falaremos posteriormente).

A parte visível na qual se encontra os dois falantes de médio e o tweeter fica na metade de cima do gabinete selado, com dois falantes de médios de 6,5 polegadas e o novo tweeter SXT de alumínio anodizado invertido, com uma resposta muito plana e suave, estendida (comparado ao tweeter utilizado na série Motive). O tweeter SXT fica entre os dois falantes de médios em um arranjo D'Appolito. O ponto de corte entre os falantes de médio e o tweeter (segundo o fabricante) ocorre em 3,8 kHz.

O gabinete é todo construído em MDF de 18 mm, com uma série de cavidades discretas fortemente apoiadas para anular qualquer tipo de vibração espúria. O teste de colocar o ouvido colado ao gabinete (procedimento que sempre faço ao escutar uma excelente caixa acústica), mostrou que as ressonâncias do gabinete são muito bem controladas.

Outro detalhe interessante foi o de escutar o tweeter a 1 metro de distância e observar que ele é muito suave, como se estivessemos a mais de 3 metros!

A Neat não tem o costume de passar muitas informações técnicas.

As informações de fábrica falam do peso de 45 kg, impedância de 8 ohms e mínima de 5 ohms, sensibilidade de 88 dB / 1 watt, sistema bass-reflex isobárico e acabamentos: Carvalho Natural, Nogueira Americana, Black Oak e Cetim Branco. O modelo enviado foi em Carvalho Natural (muito sóbrio e que casa muito bem mesmo em salas com design mais moderno).

Gostaria de ter uma idéia do fabricante pois fiquei com a impressão auditiva de que a caixa desce mais que os 28 Hz que 'pesquei' em um teste internacional e acredito que esse novo tweeter responda tranquilamente bem próximo de 20 kHz!

A caixa chegou com apenas 100 horas de queima. Ainda assim, nas primeiras impressões saiu-se muito bem! Como ela é alta e esguia, sua colocação na sala de audição deverá ser minuciosamente avaliada.

Mas, se corretamente instalada, o usuário terá um soundstage espetacular! Elas literalmente somem na sala, deixando-nos frente a frente com o acontecimento musical. Os planos são precisos, corretos (em termos de disposição de uma orquestra sinfônica) e um foco e recorte notáveis. As limitações, nessa primeira audição, foram sensação de um certo recuo da região alta em relação aos médios e um grave já com enorme peso e autoridade, mais ainda engessado (com pouca velocidade).

Feita essa primeira audição, colocamos a SX7i mais 100 horas de queima.

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos: integrados Onix RA-125B e Hegel H300, pré de linha Dan D'Agostino e Power Hegel H30. Fonte digital dCS Scarlatti. Fonte analógica: pré de phono Tom Evans Groove+, toca-discos Air Tight Acoustic Masterpiece, cápsula Air Tight PC-1 Supreme, braço SME Series V. Cabo do toca-discos: Sax Soul Zafira II, cabo de interconexão do dCS ao pré de linha: Sax Soul ►

Ágata e CNT da van de Hul. Entre pré de linha e Power: Transparent Opus G5. Cabo digital: Crystal Cable Absolute Dream. Cabos de força: Transparent PowerLink MM2. Cabos de caixa: Audiomica Miamen e Transparent Reference XL MM2. Acessórios elétricos: Magis Audio. Régua de tomadas Sunrise Lab.

Com 200 horas de queima os agudos integraram-se aos médios altos e os graves ganharam maior definição, mas ainda foi possível notar que em termos de velocidade faltava um algo a mais. Como o prazer em escutar já era sedutor, resolvi iniciar os testes desse ponto (200 horas) e ir, à medida que as semanas foram passando, avaliando o quanto o amaciamento ainda poderia acrescentar à sua performance tão sedutora e consistente.

Como não gosto de posicionar as caixas enquanto não tiver absoluta certeza de que o amaciamento terminou, deixei a SX7i a 3 m (de tweeter a tweeter), virada 15 graus para o centro de audição e a 1.90 m da parede a suas costas. A imagem era literalmente holográfica, com apresentação sublime dos planos da orquestra e um foco exuberante de todos os solistas. Ouvi dezenas de exemplos com pianos e orquestras. Pois essas gravações são excelentes para se verificar como se comportam os naipes que estão atrás do piano. Muitas caixas apresentam com precisão o piano ao centro da orquestra, à frente, mas quando entram as violas e madeiras, a sensação é que os músicos estão dentro do piano. Nada disso ocorre com a SX7i. Os planos, tanto em termos de profundidade como de largura e altura, são divinos! Mas como a queima mostrou-se necessária para os graves se soltarem, esperei para ver se algum outro ajuste fino de posição traria mais melhorias.

Resumo da ópera: as SX7i mostrarão todo o seu potencial com 350 horas.

A partir desse ponto não escutamos mais mudanças evidentes. A não ser o fato delas viciarem, e o ouvinte não desejar mais se afastar delas! É uma senhora caixa, capaz de nos colocar em cheque se precisamos de mais para sermos absolutamente felizes com nossos discos. Mesmo com sua sensibilidade de 88dB, ela mostrou-se perfeitamente amigável com os dois integrados - e com o Hegel H300, meu amigo, foi um casamento perfeito!

Parece que nasceram um para o outro. O controle que o H300 possui nos graves e a beleza das baixas frequências da SX7i fazem dessa dupla uma referência para se escutar estilos musicais que necessitem de um perfeito controle e definição nessas frequências. Os bumbos, baixo elétrico, baixo acústico, sax barítono, clarone e diversas percussões soam com um grau de realismo e naturalidade estonteante!

Quando coloquei a Abertura 1812 de Tchaikovsky, com os tiros de canhão, minha filha tinha deixado no chão uns desenhos que ela tinha feito, próximos à caixa. E no primeiro tiro de canhão, como os falantes de grave estão apontados para baixo, os desenhos saíram voando com o deslocamento de ar. Até eu entender o que tinha acontecido, foi um baita susto!

A sensação que tive é que a SX7i desce mais que 28 Hz, arriscaria dizer que aos 25 Hz ela chega tranquilamente. Com o amaciamento completo, dediquei-me a encontrar o ponto ideal em nossa sala de teste. Para minha surpresa, ela gosta de trabalhar bem aberta, sem nenhum comprometimento nem com a imagem e nem com perda de corpo no médio/grave e graves. Assim sendo, segui buscando por dois dias o ápice de sua performance. No final ela ficou a 4 metros (de tweeter a tweeter), 2,19 da parede à suas costas, e os mesmos 15 graus para o ponto de audição. As melhorias foram significativas, principalmente na reprodução de grandes obras sinfônicas (como a nona de Beethoven) e Big Bands.

O som torna-se suntuoso, com energia, deslocamento de ar e de extrema naturalidade em termos de timbre e materialização do acontecimento musical na sala. É difícil olhar para aquela estreita coluna com apenas três falantes visíveis e acreditar que não estamos escondendo algo! Na verdade a caixa está escondendo suas duas unidades de graves embutidas na parte de baixo do gabinete em configuração isobárica, transformando a música em uma apresentação magistral!

Mas deixe-me falar das minúcias meu amigo, pois essa caixa não é feita apenas de grandiloquência, ela também trata do sutil com o mesmo cuidado. As texturas são limpas, precisas e fidedignas ao que foi captado no momento da gravação. E as micro-dinâmicas nos permitem compreender que sem o silêncio não se faz música. Sem a pausa não haverá surpresas, encantamentos e emoções! Tudo está ali em perfeita precisão e harmonia, nos lembrando que um sistema hi-end para se 'justificado' em seu preço, necessita nos dar muito mais do que precisão, detalhamento e fidelidade. Ele precisa nos arrebatrar, tirar-nos do lugar comum e nos conectar de tal forma às obras musicais que tanto amamos, como se fosse sempre a primeira audição.

Junto com as caixas Boenicke W5 e a Kharma Midi, a SX7i encontra-se naquele grupo que se destaca, por nos permitir ouvir nossos discos de maneira a nos surpreender.

É uma caixa que possui uma assinatura sônica sim, mas tão sutil e tão equilibrada que não incomoda. Pelo contrário, qualifica o que estamos escutando. Sei que dito assim, em palavras, soa totalmente subjetivo, mas acredite, esse produto existe e está à disposição de todos que desejam encontrar uma caixa que dê vida e beleza as obras que tanto amamos! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=T5UVMY4SIHK](https://www.youtube.com/watch?v=T5UVMY4SIHK)

AVMAG #217
Audiomagia
(31) 3140.9100
R\$ 48.583

NOTA: 89,0



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

CAIXA REVEL F208 PERFORMA3

Fernando Andrette

Lembro-me quando escutei, em 1999, no showroom da Syncrotape em São Paulo, a Revel Ultima Studio. O impacto foi instantâneo, tamanha a destreza na reprodução de macro dinâmica e o controle impecável dos graves. Por anos à fio fiquei com aquela apresentação na memória. E por anos à fio desejei testar as caixas Revel na revista. Como diria o poeta popular: o mundo anda, e se tivermos a paciência milenar dos orientais, esse dia chegará!

E foi o que ocorreu, com a AV Group agora como novo distribuidor no Brasil da Revel, pedimos para teste uma das caixas mais premiadas e vendidas nos Estados Unidos: a F208 Performa3. E não foi por acaso que escolhemos esse modelo. O fizemos pelo fato de amigos e nosso colaborador Silvio Volpe falarem maravilhas da performance e do excepcional custo-benefício da caixa.

E como eu já havia escutado em seu sistema o modelo F206 e me encantado com suas inúmeras qualidades, não tive dúvida de que deveríamos apresentar aos nossos leitores o modelo top dessa série. A F208 (permitam-me abreviar) é uma caixa de dimensões acentuadas e que se impõe na sala de audição. Possui dois falantes de cone de alumínio de 8 polegadas, um falante de médios de 5,2 polegadas e um tweeter domo de alumínio de 1 polegada. O novo tweeter é o mesmo utilizado na nova Ultima 2S, um guia de ondas para o controle da dispersão das altas frequências, tanto para aumento e extensão, como para integrar perfeitamente com a passagem da região média para as altas.

Trata-se de uma caixa bass-reflex de três vias, com o duto frontal localizado logo abaixo do falante de graves. Sua impedância (segundo o fabricante) é de 8 ohms, sensibilidade de 88.5 dB, corte de frequência em 270 Hz e 2,2 kHz. Seu peso é de quase 37 kg e suas dimensões: 1182 mm de altura, 375 mm de largura frontal e 300 mm de profundidade. Ela aceita ser bi amplificada ou bi cablada e possui ajustes tanto para os agudos como para os graves. A F208 necessita de uma longa queima (no mínimo 500 horas, mas foi perto de 680 horas que não ouvimos mais nenhuma alteração no equilíbrio tonal).

Ou seja, para se ter uma ideia exata de todo seu enorme potencial, o usuário terá que se munir de uma enorme paciência. E quando digo paciência, incluo não chamar os amigos para ouvir o novo upgrade. Pois a caixa muda muito seu equilíbrio tonal no período de amaciamento, deixando o ouvinte muitas vezes em dúvida se fez a melhor escolha.

Mas, creia, passado esse longo período o índice de satisfação será pleno. Foi assim conosco e com todos que hoje possuem essa beleza em seus sistemas! Interessante é que a F208 sai da embalagem tocando bem, um pouco engessada nos extremos, mas nada que desabone sua performance inicial. Mas com 25 horas o caldo engrossa. Primeiro são os médios que pulam para frente (já que os graves continuam engessados) e com 50 horas os médios altos que encobrem os agudos. Quem tem o coração fraco, ou é inseguro irá passar por momentos difíceis.

Com aproximadamente 120 horas, com os graves mais soltos, todo o espectro que vai dos graves profundos até os médios se encaixam e começam a nos mostrar a eficiência e controle na apresentação de graves de órgão de tubo, contrabaixo acústico e bumbo de bateria. Com o encaixe e recuo dos médios, os planos, foco e recorte, melhoram de forma magistral! Mas da região média alta para os agudos, os dias parecerão semanas!

Tentei de tudo para acelerar o processo, coloquei uma de frente para a outra a um palmo de distância, cobertos com um edredom e um polo invertido de uma das caixas e dei continuidade aos outros testes. Próxima audição só com 300 horas. Foi um alívio ver o quanto a caixa evoluiu: médios orgânicos, ritmo, timing, pulsação vibrante. Vozes e instrumentos acústicos de uma enorme naturalidade.

Dai para frente as caixas passaram a queimar em audições diárias com nosso sistema de referência: Power Hegel H30 e integrado Mark Levinson 585, pré Dan D'Agostino, sistema digital dCS Scarlatti, fonte analógica toca-disco Air Tight, braço SME Series V e cápsula Air Tight PC-1 Supreme, com pré de phono Tom Evans Groove+. Cabos de caixa: Transparent Reference XL MM2 e QED S2.

Ainda que até a queima de 500 horas, ocorram alterações no equilíbrio tonal das altas, é possível conviver ouvindo diariamente as caixas. Minha tática foi evitar aqueles discos que já estão no limite da captação do confortável para o incômodo. De resto, com 300 horas é possível passar longos períodos de audição com total conforto auditivo e de prazer em descobrir uma série de nuances nos discos de cabeceira.

Todos os testes que li da F208 dizem que a performance dessa caixa é semelhante a modelos muito mais caros. Concordo integralmente. Se tem algo que me convence é justamente quando ouço caixas de nível de preço intermediário, que tocam como caixas muito mais caras. E essa Revel, além de equilíbrio e refinamento, possui a capacidade de



PRODUTO DO ANO
EDITOR

tocar alto sem nenhum resquício de endurecimento ou frontalidade. Ou seja, quando exigidas, possuem folga (ou 'bainha' como meu pai gostava de dizer). E haja 'bainha' nessa F208! Em nossa sala de quase 50 m², elas não se intimidaram com nenhum gênero musical.

Mas não é só no volume que elas se impõem, no tamanho correto dos instrumentos também (corpo harmônico), seja na apresentação de uma obra sinfônica, big band ou órgão de tubo. Não se intimidam nunca!

Com 680 horas, a caixa amaciou completamente. E foi possível ouvir uma centena de discos por três semanas. Belas audições, tanto dos discos da metodologia como discos que escuto quase diariamente. Seus agudos são de uma extensão e decaimento primorosos, ainda que o ouvinte se encontre a menos de três metros de distância. O guia de ondas do tweeter, desenvolvido pelos engenheiros da Revel, mostrou na prática que realmente funcionam.

E a passagem dos médios altos para o tweeter é feita de forma tão correta e natural que não notamos (depois da caixa totalmente amaciada), nenhuma sobreposição. Interessante que ainda que a F208 não seja de uma transparência 'impar' como muitas caixas da atualidade, seu equilíbrio entre transparência e naturalidade é muito sedutor. Principalmente na apresentação de texturas e micro-dinâmica. Para o meu gosto pessoal, fiquei completamente rendido a esse 'equilíbrio'. E, para aqueles que gostam de ouvir em volumes mais acentuados, essas características se tornam vitais para um total conforto auditivo.

Muitos, ao olharem o porte da F208, podem imaginar que os graves serão difíceis de domar. Ledo engano! Com uma acústica descendente e uma sala de no mínimo 25 m², os graves se comportam muito controlados e com um decaimento e energia muito convincente e sedutor. Para os graves dependentes com salas razoáveis e uma eletrônica correta a F208 agradará em cheio! Segundo o fabricante ela responde de 27 Hz a 31 KHz. E acredito que seja isso mesmo, pois os graves profundos possuem uma solidez e uma inteligibilidade enorme (muitas caixas de porte médio possuem respostas semelhantes nos graves mas, ao contrário da Revel, nessas mais sentimos do que entendemos).

Para os amantes de música sinfônica, duas dicas: se o audiófilo, ou melômano gosta de um soundstage muito amplo e recuado, o ideal é que a abertura entre as caixas seja no mínimo de 3 metros (de tweeter a tweeter), e que o toe in seja ajustado minuciosamente, pois a F208 é muito sensível ao posicionamento em relação à sala. Para os amantes de rock ou música eletrônica que gostem de sentir o 'choice' no peito e a energia subir pela cadeira, as caixas podem estar a 2,80 de distância entre elas e quase que paralelas às paredes laterais.

Na nossa sala, como escutamos de tudo, elas ficaram a 1,98 da parede às costas da caixa, e 1,20 da parede lateral com 4 metros de abertura entre as caixas e ligeiramente voltadas para o ponto de audição (aproximadamente 20 graus). Essa distância foi otimizada para audição de obras sinfônicas e big bands, de forma proposital, pois quando percebemos sua virtude em tocar alto, com tanta folga, quisemos descobrir o seu limite. E não foi fácil dobrar a F208. Pois ela

gosta mesmo de ser colocada à prova. Foi aí que percebemos que suas virtudes ultrapassam em muito seu preço. Por isso que ela é considerada, com totais méritos, uma Best Buy de primeira linha! Fizemos audições, incrédulos com sua capacidade de administrar macro-dinâmica viscerais com música à capela, no mesmo grau de refinamento e conforto. E isso, nessa faixa de preço é extremamente difícil, amigo leitor. Tão difícil, que à mente, nesse mesmo patamar, só me vêm de imediato a Neat SX7i que testamos alguns meses atrás. Pois outras caixas na sua faixa de preço, até ombreiam em muitos quesitos, mas perdem e feio na questão de macro-dinâmica, folga e controle. E nos dias de hoje, com tudo tão caro, cada detalhe a mais vale muito.

CONCLUSÃO

Quando digo reiteradamente que o mercado está em ebulição evolutiva a passos muito rápidos, parece o óbvio ululante. Mas não é. A dinâmica desse mercado nunca foi tão competitiva e tão repleta de opções. Isso exige do interessado atenção, informação e disponibilidade de se ouvir tudo que realmente esteja no seu leque de opções. Sair comprando por impulso, nunca foi uma opção inteligente e agora então menos ainda. Pois você pode se arrepender amargamente.

E nossas escolhas ecoarão em todo o sistema, principalmente as caixas acústicas, que impõem sua assinatura sônica mais do que qualquer outro componente. Então vamos juntar a peça desse quebra cabeça e ver se a F208 é para o seu bico. Você procura uma caixa acústica na faixa de 40mil reais, que seja uma Estado da Arte, e toque qualquer gênero musical com autoridade, folga, refinamento, equilíbrio tonal e ótimo grau de inteligibilidade e zero de fadiga auditiva? Você possui um sistema sinérgico, uma sala acusticamente descendente e adora ouvir em volumes consideráveis seus discos preferidos? Não abre mão de escutar tanto os discos tecnicamente impecáveis, assim como os tecnicamente duvidosos? Sua cara metade não te aporrinha com caixa acústica de dimensões razoáveis?

Se todas as respostas foram positivas sem nenhuma restrição, escute com enorme atenção a Revel F208.

Mas, tenha a garantia dela estar integralmente amaciada e em uma sala de pelo menos 25 m², com uma acústica decente e uma eletrônica no seu padrão. Tenho certeza que ela irá lhe dar um enorme prazer auditivo e uma noção do quanto o mercado de caixas acústicas hi-end avançou. Uma caixa candidata com todos os méritos a melhor caixa do ano. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=2NTHRI8GQES](https://www.youtube.com/watch?v=2NTHRI8GQES)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=0ZQFC9C8VBI](https://www.youtube.com/watch?v=0ZQFC9C8VBI)

AVMAG #222
AV Group
(12) 2285.0500
R\$ 36.062

NOTA: 89,0



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

CAIXA ACÚSTICA RAIDHO C-3.1

Fernando Andrette


**PRODUTO DO ANO
EDITOR**

Eu não pude ir ao evento que a Som Maior realizou em São Paulo, no ano passado e escutar as Raïdho C-5.1, mas conversando com pessoas que prestigiaram o evento, entendi que a Raïdho top de linha realmente encantou a todos. Espero até novembro ir à Santa Catarina para finalmente conhecer essa caixa, que é considerada um ponto fora da curva! Mas não posso reclamar, pois em um curto espaço de tempo tivemos a oportunidade de ouvir e testar a incrível mini monitor X-1 e agora recebemos para teste as belas colunas C-3.1.

Além de um acabamento deslumbrante e um design que cairá perfeitamente bem em qualquer ambiente as C-3.1 tocam magistralmente! O fabricante deixa explícito que cada detalhe foi minuciosamente pensado e planejado para uma performance minuciosamente transparente e fiel ao acontecimento musical. Elas utilizam o consagrado tweeter tipo ribbon, fabricado pela própria Raïdho, e os falantes de médios e graves todos de cones de cerâmica. Segundo o fabricante sua resposta de frequência é de 25 Hz a 50 KHz, os cortes de frequência são em 150 Hz e 3 KHz, com um crossover de 2ª ordem, e sua impedância é de 5 Ohms. A amplificação recomendada é de 50 W (mínimo), seu peso é 53 Kg (cada), tem 1,24 m de altura, 20 cm de largura e 47 cm de profundidade. Para se obter uma coluna tão 'slim', a C-3.1 utiliza 3 falantes de graves de apenas 4,5 polegadas. Seu acabamento é Black Piano e o painel frontal é todo em alumínio, com o objetivo de uma perfeita dispersão.

Não soubemos o tempo de queima que as C-3.1 já haviam recebido, então fizemos a primeira audição para nossas anotações iniciais e, depois, as pusemos em amaciamento por 150 horas e depois mais 200 horas. Como tive por quase três anos a Evolution Acoustics, que também utiliza falante de cerâmica nos médios, e percebi como o amaciamento desses falantes é bem longo, foi que decidi por uma queima de 350 horas - e os benefícios auditivos foram nítidos (depois falo em detalhes as melhorias). Para o teste utilizamos basicamente nosso sistema de referência da CAVI e, por uma semana, o integrado Aavik U-300, testado por nós na edição 220, que na minha opinião é o par perfeito para essas caixas. Mas, para o fechamento de nota e a passagem dos 38 CDs utilizados em nossa metodologia, utilizamos o digital dCS Scarlatti, pré-amplificador Momentum Dan D'Agostino, Power Hegel H30, toca disco Air Tight com braço SME Series V e cápsula Air Tight PC-1 Supreme, e pré de phono Tom Evans Groove+. Os cabos de interconexão: Transparent Opus G5, Sax Soul Ágata, QED Signature 40 e Kubala Sosna Elation. Cabos de caixa: QED Genesis e Transparent Audio Reference XL MM2. Cabos de força: Sax Soul Ágata e PowerLink MM2 da Transparent Audio. Cabos digitais: Transparent Reference, Crystal Cable Absolute Dream e QED Reference 40. ►

Nos nossos cursos de percepção auditiva, uma das perguntas recorrentes é qual o componente de um sistema hi-end que merece todo o nosso cuidado e atenção? E não tenho dúvida em dizer que é a escolha da caixa acústica. Esse componente dará a assinatura final do sistema, pois cada caixa possui sua peculiar assinatura sônica. E quando estamos falando de caixas Estado da Arte, como é o caso da C-3.1, a assinatura sônica se torna ainda mais evidente! E por qual razão isso ocorre? Pelo fato de cada fabricante de caixas de alto nível ter a assinatura do seu projetista, do que ele acredita ser o correto e o mais fiel ao acontecimento musical captado e gravado. Nenhuma grande caixa hi-end, Estado da Arte, foge dessa premissa de possuir as características que seu fabricante deseja e acredita, por isso que temos tantas assinaturas sônicas tão distintas e que atendem a um amplo leque de audiófilos que buscam também, na escolha de suas caixas, características e qualidades que ampliem seu prazer em escutar seus discos preferidos. Geralmente se estou conversando com um audiófilo mais experiente, depois de ouvir meus argumentos ele engata a seguinte pergunta: e se a caixa tiver uma assinatura sônica neutra? E eu respondendo de pronto: Nunca escutei uma caixa com uma assinatura neutra. Essa caixa Estado da Arte não existe. No patamar tecnológico em que os drivers estão, eles sempre causam algum tipo de coloração, por menor que seja.

O que atingimos que é cada vez mais surpreendente é silêncio de fundo e transparência na apresentação de micro dinâmica (aliás, a C-3.1 é uma referência absoluta nesses dois quesitos), mas a neutralidade atingida em alguns componentes eletrônicos como pré-amplificador, powers e DACs, esqueça. Pois o estágio atual dos alto-falantes é um grande obstáculo para esse salto qualitativo!

Bem, depois dessa longa defesa da assinatura sônica de cada caixa, voltemos nossas baterias para a Raidho C-3.1. A Som Maior, com receio pelo tamanho de nossa sala de referência, enviou junto com as Raidho dois subwoofers JL Audio modelo Fathom, e nós nem os utilizamos, pois os graves da Raidho foram tão bem em nossa sala que achamos que iríamos perder o foco, que é apresentar aos nossos leitores a C-3.1. Então o teste do premiadíssimo subwoofer JL Audio sairá separado em uma edição futura, pois acredito que muitos dos nossos leitores tenham enorme interesse em um sub hi-end, tanto para seus sistemas de vídeo como áudio.

Se a primeira impressão é a que fica, a Raidho já sai com alguns créditos a mais, pois seu grau de transparência impressiona e convence a ficarmos atentos, pois o grau de informação extraído do acontecimento musical é soberbo. Não estou falando de barulhos de chave de instrumentos de sopro, ou da unha do pianista. Falo por exemplo de um naipe de metais em que você escuta cada voz, a embocadura de cada músico, a técnica de sopro e o decaimento de cada sopro na formação do naipe. Mas isso não é tudo: em vozes à capela,

corretamente captadas e com suas posições estabelecidas corretamente com ar em volta de cada voz, você escuta uma a uma, estabelece a distância física entre elas, e o mais incrível: a altura de cada cantor! É algo mágico e muito raro de se escutar em qualquer outra caixa!

Mas o requinte mesmo é ouvir a nítida diferença em gravações multicanal (em que cada instrumento foi gravado separadamente) nas ambiências digitais colocadas em cada instrumento. Se o engenheiro de gravação tivesse como monitores essas Raidho, garanto que ele seria muito mais cuidadoso na escolha e coerência de cada reverberação digital, pois além de soar feio, cria-se um ruído de fundo desnecessário na música.

A caixa em termos de equilíbrio tonal mudou muito depois das 350 horas de queima e até o encerramento do teste, quando as caixas passaram de 700 horas - ouvimos melhoras significativas na região médio/grave e médio/alto. Esses falantes cerâmicos necessitam de uma enorme queima. Então os futuros compradores dessa jóia da coroa dinamarquesa, um conselho: tenham paciência, pois elas renderão muito mais do que já saem tocando de cara. O que já é bom, ficará excelente com o passar dos meses.

Posicionamento: por serem altas e muito finas, são caixas exigentes com o posicionamento. Em nossa sala gostaram de ficar mais afastadas das paredes laterais e mais próxima da parede do fundo. Nessa posição, elas literalmente somem, deixando o ouvinte apenas com a música na sala! Para o teste elas ficaram a 1,20m das paredes laterais, apenas 1 metro das paredes do fundo, com um pequeno toe in de apenas 15 graus voltado para o centro. Com esse recuo, nosso ponto de audição também mudou, fazendo-nos colocar nossa cadeira 1 metro para frente. O acontecimento musical se dá totalmente para trás das caixas, o que permite um enorme conforto auditivo.

Os planos são estupendos, tanto em foco e recorte, como em largura, altura e profundidade. Seus olhos e ouvidos correm aquela imensidão de palco imaginário e se deliciam com a autoridade com que grandes orquestras se apresentam entre as colunas. A região média, como já adiantei, é translúcida, palpável e sem obstáculos entre o ouvinte e o acontecimento musical. Os graves possuem peso, velocidade e enorme precisão de ritmo e tempo. E os agudos são muito naturais, velozes e com um decaimento suave e preciso.

Os transientes, junto com sua transparência, estão entre os mais corretos e atordoantes que já ouvi! Na gravação do violonista André Geraissati, *Canto das Águas*, faixa 5, qualquer erro de velocidade e se perde o encanto de acompanhar o virtuosismo do músico. Na Raidho a velocidade e o para e arranca são tão excepcionais que parece que a performance do músico é outra. O mesmo ocorreu em vários outros exemplos desse quesito, como Nelson Freire tocando Chopin faixa 12 e 14, I-Ching do Uakti faixa 3, percussões japonesas, etc. Tudo com ►

uma precisão cirúrgica, que nos redobra o prazer em escutar percussão, ainda que muitos não tenham o hábito de fazê-lo.

Dinâmica - nesse quesito diria que a micro dinâmica está a frente da macro. Não que você não dê seus pulos nos fortíssimos, mas pelo tamanho dos falantes falta aquele impacto e energia final que nos fazem sentir no peito o deslocamento de ar. Mas aí eu me pergunto: quantas gravações necessitam desse grau de deslocamento de ar para parecerem verossímeis? A Abertura 1812 de Tchaikovsky com os famosos tiros de canhão (um problema para 90% das caixas acústicas), talvez alguma gravação de órgão de tubo? Então, senhores tirando essas duas pedreiras que aqui citei, a C-3.1 toca qualquer gênero musical e muito bem.

Quem já assistiu nossos Cursos de Percepção Auditiva, sabe da correlação direta entre equilíbrio tonal e transparência, para o quesito organicidade ser perfeito. E como a Raidho é uma referência nesses dois quesitos, em Organicidade (materialização física do acontecimento musical) ela é perfeita! Se a gravação estiver à altura desse quesito (como a gravação que usamos do tenor José Cura, Anhele, faixas 18 e 19), você estará com os músicos em sua sala, para uma apresentação exclusiva para você. Chega a ser emocionante, quase que palpável e visível! Uma experiência simplesmente inesquecível!

O mesmo podemos dizer em termos de musicalidade, pois apesar de seu grau de transparência ser excelente, em um sistema bem equilibrado e à altura da Raidho, ela é muito musical, permitindo horas e mais horas de audição sem nenhum vestígio de fadiga auditiva. Pelo contrário, você não quer é parar a audição depois que começa, pois você quer ouvir toda sua coleção de discos e descobrir uma série de informações que estavam 'escondidas' ou que possuíam baixa inteligibilidade.

CONCLUSÃO

Sempre digo que determinados produtos que são muito superlativos em sua performance, são para poucos. E são para poucos, justamente, pelo fato de que muitas de suas qualidades somente serão reconhecidas e admiradas por aqueles que já tiveram muitos bons produtos, mas que sempre deixaram 'algo a desejar', e nessa busca por upgrades mais seguros, em algum momento esbarrarão em produtos como a C-3.1.

E esses que navegaram por muitos anos na busca de sua caixa perfeita, é que terão a capacidade e o discernimento de reconhecer todas as virtudes de uma caixa desse nível. Os não experientes podem até admirar algumas qualidades, mas terão enorme dificuldade em aceitar que essa caixa pode ser sua aquisição definitiva se ainda estiverem 'pontualizando' suas escolhas.

Caixas como a Raidho você só dará o devido valor se já estiver naquele estágio em que o seu sistema não é um show de pirotecnia para

os amigos. É um sistema exclusivamente para fins pessoais, solitários ou com a participação de membros da família que compartilhem dos mesmos objetivos e desejos. É para descobrir entre versões da mesma obra o motivo de uma determinada versão encantar e emocionar mais que outra que seja até mais bem avaliada pela crítica e os amigos.

Entender o grau de virtuosismo de um determinado músico, ou a complexidade agora integralmente inteligível nessa caixa de uma música que você ama demais, mas sempre ficou na dúvida de quantos instrumentos fazem a cama harmônica para o solista de uma obra que tanto te emociona. Ou simplesmente para redescobrir seus cantores e cantoras preferidos, como eles ainda te surpreendem, ainda que aquelas gravações estejam em sua vida por décadas!

Essa é a magia da C-3.1, uma caixa admirável em minha humilde opinião, por apenas dar muito mais harmonia, vida, precisão e emoção ao que já é belo! Para os que ainda acreditam que a vida fica mais intensa quando encontramos a medida exata para os nossos hobbies, a C-3.1 deve ser ouvida com extremo interesse, pois ela pode dar ao seu sistema uma beleza que há tantos anos você procurava! ■



AVMAG #223
Som Maior
(47) 3472.2666
R\$ 215.000 (o par)

NOTA: 91,0



ESTADO DA ARTE

CAIXA ACÚSTICA KHARMA ELEGANCE DB11-S

Fernando Andrette

Foi paixão à primeira vista escutar a Elegance DB11-S na sala principal da Maison de La Musique! Incrédulo, constatei que suas inúmeras qualidades eram muito semelhantes à Exquisite Midi, nossa nova caixa de referência custando, porém, menos da metade da Exquisite Midi! Saí daquela audição com a sensação de que a Kharma havia dado um tiro no pé, pois, com uma performance global tão impressionante, como justificar para o consumidor que está na dúvida entre esses dois modelos a investir o dobro na Exquisite Midi, se suas performances parecem tão semelhantes? A única maneira de tentar esclarecer essa questão seria conseguir testar a Elegance DB11-S, comparando-a diretamente com a Exquisite Midi, em nossa sala de referência. O problema é que a Elegance que escutei já estava vendida e seria preciso esperar outra importação para fazer o comparativo, e naquele momento, já com o país pegando fogo política e economicamente, as chances de colocar as mãos em uma Elegance DB11-S, me pareceu impossível.

Mas eis que o universo conspirou a favor e uma nova venda foi efetuada, e o comprador estava no processo de construção da sala de áudio e aceitou prontamente que sua caixa fosse testada pela Áudio e Vídeo Magazine! Assim, no final de outubro recebemos a imponente Elegance DB11-S, em um acabamento de tonalidade marrom, deslumbrante!

A Exquisite Midi, perto dessa Elegance parece muito menor do que é realmente! A Elegance DB11-S foi apresentada oficialmente na CES de 2014 e recebeu nesse mesmo ano o Prêmio Inovações. Como todo produto desse renomado fabricante holandês, o gabinete é todo feito pela própria Kharma. Além de ultra rígido, suas formas foram desenvolvidas para uma imagem 3D de alto nível de referência. A forma acústica encontrada foi a de um polígono inclinado, para um cruzamento perfeito entre os falantes com zero de cancelamento de fase. E para que as reflexões tanto do chão como das paredes laterais não fossem um problema para a recriação da imagem sonora holográfica. Outra qualidade inerente ao gabinete inclinado é a de proporcionar uma imagem sonora realista também na altura do acontecimento musical. A Elegance DB11-S foi projetada para salas de 50 a 200 metros quadrados e está apta para reproduzir grandes orquestras em níveis sonoros muito realistas.

Para se alcançar tamanho grau de performance sonora, com o menor grau de distorção possível, os cuidados com os falantes foram minuciosos. O tweeter de Berílio foi desenhado pela Kharma em associação com a dinamarquesa Scan-Speak. E o principal cuidado foi com a assinatura sônica desse novo tweeter, para que não soasse seco ou levemente anasalado (algo comum em outros



ÁUDIO

tweeters de Berílio). O falante de médio é o mesmo utilizado na linha Exquisite - o Omega 7 - desenvolvido pelo CEO da Kharma, Charles van Oosterum, e que, na minha opinião, levaram as caixas da Kharma a um novo patamar de performance. Charles, ao substituir os falantes de médio de cerâmica, optou por desenvolver um falante ultra rígido, rápido na resposta de transientes e livre de distorções audíveis. Em vez de utilizar o que o mercado disponibilizava (sanduiche de fibra de carbono para o diafragma) o CEO da Kharma desenvolveu um cone de fios de fibra de carbono, baseado na experiência dos carros de Formula 1, que utilizam esses mesmos fios por serem mais leves que qualquer fibra: mais rígidos e fortes e menos ressonantes! Claro que a utilização dessa tecnologia de ponta encareceu vultosamente o preço desses novos falantes de médio, mas o resultado está aí para quem quiser ouvir e comparar. Eu mesmo tive que jogar a toalha, ao testar a Exquisite Midi e tentar voltar para minha caixa de referência. Ou mesmo qualquer outra caixa que testei top de linha nesses últimos dois anos. A diferença de precisão e naturalidade é muito grande! Os harmônicos são de um realismo fora do comum, assim como a recuperação de detalhes e a riqueza das texturas, colocando-nos no âmago do acontecimento musical sem o menor esforço. Os dois woofers de dez polegadas da Elegance DB11-S, de alumínio, também foram feitos em parceria entre a Kharma e a Scan-Speak.

Segundo o fabricante a resposta de frequência da DB11-S é de 21Hz a 30 KHz, sua sensibilidade é de 89dB, a impedância de 4 ohms, o SPL máximo de 115 dB e seu peso é de 70 Kg.

Para o teste utilizamos basicamente nosso sistema de referência com mudanças apenas nos cabos de caixa, que foram: Reference XL MM2 da Transparent Audio, Audiomica Miamen e The Cloud da van den Hul. O pré de linha foi o DanD'Agostino, o power o Hegel H30, a fonte digital dCS Scarlatti, a fonte analógica o toca-discos Air Tight Acoustic Masterpiece, braço SME Series V e capsula Air Tight PC-1 Supreme. Os cabos de interconexão entre dCS e pré de linha foram Transparent Opus G5, entre pré de linha e power foram CNT van den Hul, entre braço do toca disco e pré de phono Tom Evans Master Groove foram van den Hul CNT, e entre o pré de phono e o pré de linha SaxSoul Zafira II. Os cabos de força foram todos Transparent Power Link MM2.

Esse foi o primeiro modelo da serie Elegance que testamos. E, ao contrário da Exquisite Midi, ela se mostrou muito mais amigável em termos de posições na nossa sala de referência. Com seu impetuoso porte e presença, começamos nossa audição, para as primeiras anotações, com elas afastadas quase 1,90 da parede às costas das caixas, 1 metro das paredes laterais e 4,20 metros entre elas. Zero de toe-in (como nas Exquisite Midi). E já de cara a graciosidade de um palco gigantesco se fez presente! Uma apresentação de uma imagem

3D absolutamente inacreditável, com os planos absolutamente perfeitos, em largura, altura e profundidade! Difícil para caixas top de qualquer faixa de preço ombrear com uma apresentação tão realista. Os viciados em soundstage podem parar de procurar, pois nesse quesito é a caixa mais espetacular que já escutamos em nossa sala de testes. Nem a Exquisite Midi nesse quesito disputa com ela, pois em precisão de altura (se os músicos estão em pé ou sentados), a Elegance DB11-S é soberana!

Como a caixa chegou necessitando de amaciamento, fizemos todas as anotações preliminares e a colocamos imediatamente em queima, por 100 horas. Ainda que os extremos estejam engessados quando a colocamos 'virgens' para tocar, já se têm uma idéia exata do potencial dessa caixa, pois ela já possui um equilíbrio tonal de alto nível. O que lhe falta quando zero, e que a partir de 100 horas desabrocha, é o respiro nas altas frequências e o deslocamento de ar no extremo grave (e que deslocamento de ar!). Com 100 horas os agudos ganham maior ar e um decaimento mais harmonioso, já os graves irão precisar do dobro de queima (200 horas) para mostrarem todo seu peso, energia e precisão. Com 240 horas não sentimos mais nenhuma alteração audível e iniciamos os testes. Ouvindo a Elegance em nossa sala, entendi rapidamente o que me causou o impacto na audição na Maison de La Musique: foram os médios, absolutamente idênticos ao da Exquisite Midi. Mas ouvindo com calma e fazendo um comparativo entre as duas caixas, é possível perceber que nos extremos se depositam todas as diferenças entre ambas. Ainda que na Elegance os agudos sejam muito naturais e com excelente extensão e decaimento, o tweeter de Berílio não se compara ao de Diamante da Exquisite, muito mais refinado, veloz e preciso. Mas é preciso um A x B para se chegar a essa conclusão, pois a performance da Elegance no extremo agudo é absolutamente impecável! E a passagem da região média alta para o agudo é tão perfeita que a vontade de ouvir mesmo gravações limitadas tecnicamente nessa faixa do espectro audível é muito grande. Pois nada agride, nada soa anasalado ou com brilho em excesso. A região média é muito próxima da linha Exquisite, já que se trata do mesmo falante, um grau de transparência excepcional, harmônicos ricos e uma naturalidade inexistente nesse grau de realismo em outras grandes caixas. Seja reproduzindo vozes ou instrumentos acústicos, a sensação é que estamos a metros do acontecimento musical!

E como a apresentação em termos de foco, recorte e planos é exuberante, nosso cérebro constrói uma imagem holográfica integralmente verossímil ('vemos' o que ouvimos!). E os graves são de arrepiar, pois correm pelo chão como ondas sísmicas, e sobem pelo peito com tamanha energia, que a vontade é sempre a de aumentar um pouco mais o volume. Órgão de tubo é uma experiência acachapante, pois você sente a energia das baixas frequências, identifica

as notas, tudo com um recorte, velocidade e precisão de apresentação ao vivo! O fabricante não está mentindo quando afirma que a Elegance responde a partir de 21 Hz.

Como já comecei esse teste falando da maravilha que é a reprodução de sound stage, não me estenderei sobre esse quesito. Mas não posso me furtar a dizer que, para os amantes de grandes massas orquestrais com salas condizentes em termos de tamanho e acústica, a Elegance DB11-S deve ser uma das opções obrigatórias a ser considerada, pois nesse quesito sua relação custo e performance é muito

No quesito textura, ela simplesmente também ombreia tranquilamente com a série acima, a Exquisite. Gravações de coral e quarteto de cordas são o ponto alto para avaliação desse quesito. E como palco sonoro é grandioso, a sensação é de que estamos assistindo literalmente a essas performances!

Graças ao falante Omega 7, os transientes são também um acréscimo grandioso. Principalmente pianos solo! A precisão e o grau de inteligibilidade coloca a Elegance DB11-S entre as cinco melhores por nós já testadas nesse quesito. Isso aliado ao corpo harmônico que nos dá a dimensão exata do tamanho do instrumento, permitindo-nos que nosso cérebro acredite que se trata de audição ao vivo e reprodução eletrônica.

Agora alie todas essas virtudes, com uma apresentação de maior dinâmica muito convincente e uma materialização física mesmo das gravações não tão audiofilas, e o amigo leitor terá uma ideia mais clara da experiência que é escutar a Elegance DB11-S em um sistema à sua altura. É dos deuses! E aí se explica parte do encanto e dos testes tão positivos que a Elegance DB11-S tem recebido desde foi lançada.

CONCLUSÃO

Quando fecho uma avaliação, procuro sempre resumir em um adjetivo ou uma frase o que o produto em teste me passou. Elegance DB11-S é um misto de assombro com delicadeza, pois é ao mesmo tempo impetuosa, visceral e tão sutil quanto uma pluma voando a esmo. Consegue o tempo todo nos manter atentos ao desvio do acontecimento musical, mas nos permite relaxar e simplesmente apreciar as músicas que tanto amamos.

Mas seu controle sobre a música e o ouvinte é total, pois ela sempre nos surpreende com detalhes que antes não nos chamavam a atenção, ou sequer tínhamos escutado. Nesse sentido ela é muito exigente com seus pares, todos deverão estar no mesmo nível, pois um único elo mais fraco e ela colocará o 'dedo na ferida' imediatamente. Um exemplo? Como o único cabo bi-cablado que tinha no momento do teste era o The Cloud, achei que deveria ver como a Elegance se comportava bi-cablada. E o resultado foi decepcionante. Tudo tem que estar criteriosamente no seu nível (ou acima do

seu nível). Com esses cuidados, a performance dará um salto quântico. Uma caixa absolutamente preparada para todos os desafios de audiófilos, que entrega absolutamente tudo que promete! Se esse é o seu desejo final em termos de caixa acústica estado da arte, ouça-a! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=WWSQIPOENE8](https://www.youtube.com/watch?v=WWSQIPOENE8)

AVMAG #215
Maison de La Musique
(11) 2117.7005
74.000 €

NOTA: 96,0



ESTADO DA ARTE

VÍDEO

TV LG OLED 4K 55EG9600

Jean Rothman



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=3ONSUXI4NSQ](https://www.youtube.com/watch?v=3ONSUXI4NSQ)



O troféu de melhor qualidade de imagem de TVs estava sem dono com o fim da fabricação das TVs de Plasma. Mas surgiram as TVs OLED reivindicando o lugar mais alto do pódio. Todos os que já viram uma TV OLED, principalmente se comparada às TVs LCD/LED, concordam com sua superioridade. E o principal motivo é sua alta taxa de contraste baseada em seu principal trunfo: um nível de preto absoluto, ou como alguns gostam de dizer, contraste infinito. Na tecnologia OLED cada pixel emite luz e, quando se apaga, a emissão luminosa é zero. É uma enorme vantagem sobre a tecnologia LCD/LED baseada em cristal líquido transmissivo, que necessita de uma fonte luminosa por trás, e quase nunca se apaga totalmente, impedindo que imagens escuras sejam totalmente pretas. E, nesta nova geração, a LG evoluiu sua linha de TVs OLED com os novos painéis UHD 4k, também disponível no modelo 65EG9600, com 65”.

DESIGN, CONEXÕES E CONTROLE

A LG 55EG9600 possui uma tela levemente curva, envolta por uma finíssima moldura que, no escuro, parece que está flutuando no ar. Uma novidade desta linha nova é a possibilidade de instalação em paredes ou painéis de madeira. A tela possui apenas 5,9mm de espessura

em sua parte mais fina, tornando-a mais fina que muitos smartphones. As conexões são feitas na parte traseira, possuindo 3 entradas HDMI 2.0, 3 portas USB, conexão Ethernet RJ45, 1 saída de áudio digital óptica, 1 saída de áudio analógica, 1 entrada para cabo RF, 1 entrada vídeo componente (Y/Pb/Pr), além de conexão wi-fi embutida. O controle remoto “Smart Magic” é bastante sensível e, combinado com o sistema de WebOS 2.0, permite uma navegação fácil e intuitiva, bastando apontar e clicar. Além disso, possui processador quad-core.

RECURSOS

Um dos principais recursos é a resolução 4k, isto é, 4 vezes a quantidade de pixels de uma TV full HD. A imagem com resolução de 3840 x 2160 pontos fica mais nítida, e também permite que o usuário fique mais próximo da tela sem notar os pixels, aumentando a sensação de imersão. E filmes em 3D também apresentam expressiva melhora, visto que cada olho vê uma imagem full HD. A 55EG9600 possui um filme anti-reflexo que diminui as reflexões em ambientes iluminados. As TVs OLED possuem a tecnologia WRGB proprietária que, além dos pixels R, G e B, esta estrutura adiciona um subpixel branco que torna as cores mais realistas, segundo o fabricante. O tempo de resposta de ►

1 milissegundo torna as TVs OLED muito mais rápidas que as LCD / LED, melhorando a fluidez de imagens em movimento. O ângulo de visão também é muito maior do que nas TVs LCD. O ambiente Smart TV, através do WebOS 2.0 permite acesso a inúmeros conteúdos como Netflix, Youtube etc. A interface é customizável, permitindo ao usuário personalizar os aplicativos conforme sua preferência.

ÁUDIO

Os falantes são fornecidos pela Harman Kardon, em parceria com a LG. A qualidade do áudio é boa para uso diário, mas esta TV merece um soundbar ou um bom sistema de áudio surround.

QUALIDADE DE IMAGEM

Como todas as TVs da atualidade, a imagem com os ajustes de fábrica é sofrível. Saturação excessiva, branco azulado, contornos exagerados. Mas não desanime, amigo leitor. Após devidamente ajustada e calibrada, a qualidade de imagem é simplesmente deslumbrante. Referência absoluta em TVs neste momento. Cores vivas e reais, boa uniformidade e um preto absoluto apresentando tal sensação de profundidade que em alguns momentos temos a sensação de estar assistindo a imagens 3D. A tecnologia OLED está em um patamar bem superior ao LCD/LED. Assistindo trechos de filmes Blu-Ray em ambiente totalmente escuro, a imagem parece flutuar já que as tarjas pretas desaparecem totalmente. A 55EG9600 é a TV a ser superada. Se você almeja a melhor imagem, as TVs OLED não vão lhe decepcionar. É a melhor TV que já testamos e é altamente recomendada! ■

MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE:

- Blu-Ray: Advanced Calibration Disc
- Blu-Ray: Spears and Munsil – HD Benchmark 2nd Edition
- Blu-Ray: O Quinto Elemento
- Blu-Ray: Missão: Impossível – Protocolo Fantasma
- Blu-Ray: DTS Demo Disc 2013
- Blu-Ray: Tony Bennet – An American Classic

EQUIPAMENTOS:

- Blu-Ray player Oppo BDP-83
- Colorímetro x-rite
- Luxímetro Digital

AVMAG #216

LG

www.lge.com.br

Preço sugerido: R\$ 12.999

NOTA: 101,0



ESTADO DA ARTE



ARTE ACÚSTICA

TRATAMENTO ACÚSTICO
PARA SALAS DE
AUDIÇÃO MUSICAL

Material de baixo custo •
Acabamento personalizado •
Rápida instalação •

FREDERICO
RIBEIRO

(81) 99987.1809

fredericoc.ribeiro@uol.com.br

VÍDEO

TV SONY XBR-75Z9D

Jean Rothman



A Sony expandiu sua linha de TVs com o lançamento da XBR-75Z9D. Esta linha também oferece um modelo de 100", além de outro 65" para o mercado americano, sem previsão de vendas no Brasil.

A Z9D é uma TV LCD / LED Ultra HD 4k plana apresentando exclusiva tecnologia *backlight master drive* com mais de 500 zonas dimerizáveis, melhorando o nível de preto e consequentemente aumentando a taxa de contraste. Também possui suporte a HDR (*high dynamic range*) com excepcional intensidade de "picos" luminosos, fazendo esta TV lutar pelo lugar mais alto do pódio entre as TVs LCD / LED.

Design, Conexões e Controle

A Z9D utiliza iluminação direta por LEDs distribuídos ao longo de todo o painel (*full array backlight*), recurso utilizado somente em algumas TVs topo de linha.

A Sony desenvolveu uma nova tecnologia de dimerização onde cada LED pode ser acessado individualmente. O princípio é chamado de *Focused Light Beam* e a Sony adotou o nome comercial de *Backlight Master Drive*. A parte traseira possui pequenos painéis plásticos que cobrem e protegem as diversas conexões. A Z9D possui 4 entradas HDMI, 2 entradas para vídeo composto, 1 entrada para vídeo componente, 2 conexões para cabo RF, 3 portas USB, conexão Ethernet RJ45, 1 saída de áudio analógica e 1 saída de áudio digital. Também possui conexão wi-fi embutida. O controle remoto segue o padrão usual de design das TVs Sony, com pequenas mudanças. Possui um microfone que se comunica com a TV via bluetooth, permitindo comandar a TV por comandos de voz.

Recursos

O sistema operacional da Sony Z9D é o Android versão 6.0. Ela possui um novo processador que torna a navegação mais rápida e ►

melhora o suporte a HDR. Este processador, segundo o fabricante, faz uma remasterização HDR baseada em objeto, melhorando o contraste e apresentando imagem mais natural.

Medindo pequenas áreas 100% brancas, a Z9D atinge 1600 nits, maior brilho em todas as TVs que testamos. Lembrando que TVs normais dificilmente superam 300 nits. O recurso de local dimming com LEDs distribuídos por todo o painel oferece um nível excelente de preto para TVs LCD / LED.

A navegação com sistema Android é fácil de usar, permitindo acesso ao conteúdo Smart e diversos aplicativos, entre os quais Netflix e Globo Play que oferecem alguns dos títulos em resolução UHD.

Audio

O áudio é satisfatório para uso diário, mas sempre recomendamos um bom sistema de áudio ou soundbar para assistir filmes e shows.

Qualidade de Imagem

A Z9D após a calibração mostrou imagens muito bonitas e naturais, com cores vivas, sem nenhum excesso de saturação. O contraste é realmente muito bom e notamos que o halo em volta de objetos brilhantes sobre fundo escuro é bem menor que outros modelos de TVs LCD / LED, não incomodando nem prejudicando a ótima sensação de imersão. O painel é muito homogêneo, não apresentando distorções ou vazamentos excessivos de luz.

Alguns trechos e de filmes em HDR realmente surpreenderam pelos picos de luz e alta taxa de contraste.

A Z9D é uma TV excelente, a melhor Sony já fabricada, repleta de recursos e com uma qualidade de imagem que a coloca no topo entre as melhores TVs do mercado. ■

MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE:

- Blu-Ray: Advanced Calibration Disc
- Blu-Ray: Spears and Munsil - HD Benchmark 2nd Edition
- Blu-Ray: O Quinto Elemento
- Blu-Ray: Missão: Impossível - Protocolo Fantasma
- Blu-Ray: DTS Demo Disc 2013
- Blu-Ray: Tony Bennet - An American Classic
- Mpeg: Ligações Perigosas - 4k HDR
- UHD Blu-Ray: Os Mercenários 3 - 4k HDR

EQUIPAMENTOS:

- UHD Blu-Ray player Samsung UBD-K8500
- Colorímetro x-rite
- Luxímetro Digital



AVMAG #223
Sony
www.sony.com.br
Preço sugerido: R\$ 44.999

NOTA: 102,0



ESTADO DA ARTE

VÍDEO

TV SAMSUNG SUHD 88KS9800

Jean Rothman



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=MHWLQOJYNFS](https://www.youtube.com/watch?v=MHWLQOJYNFS)

A linha KS9800 da Samsung é o mais recente lançamento da empresa em 2016 e atende à certificação “Ultra HD Premium” da UHD Alliance, associação formada pelos principais fabricantes de TVs, estúdios de cinema e produtores de conteúdo. Este modelo possui um painel LCD / LED Ultra HD 4k com 10-bit capaz de reproduzir aproximadamente 1 bilhão de cores, contra 16,7 milhões de cores das TVs comuns 8-bit. Uma de suas inovações são os pontos quânticos, ou Quantum Dots, evolução da tecnologia de nanocristais que segundo o fabricante oferece cores mais puras e realistas. Para obter a certificação UHD Premium, a TV precisa oferecer, entre outras características, maior espaço de cores (gamut) cobrindo no mínimo 90% do DCI-P3, espaço de cores do cinema digital. A KS9800 ultrapassou esta marca, cobrindo 96% do DCI-P3. Além disso, oferece suporte a HDR (high dynamic range), faixa de brilho estendida que resulta em maior contraste. Também possui tela curva, processamento quad-core e plataforma Tizen para navegação em seu conteúdo Smart, controle remoto com novo design minimalista e sistema de conexões One Connect.

Design, Conexões e Controle

Sua tela possui moldura muito fina e bonita. Acompanha uma base removível para instalação sobre um móvel e opcionalmente permite instalação em paredes. A KS9800 utiliza iluminação direta por LEDs distribuídos ao longo de todo o painel (full array backlight), recurso utilizado somente em algumas TVs topo de linha. Todas as conexões são feitas através do One Connect Box, que se conecta à TV através de um único cabo umbilical. O One Connect oferece 4 entradas HDMI 2.0, 3 portas USB, conexão Ethernet RJ45, 1 entrada para cabo RF, 1 saída de áudio analógica, 1 saída de áudio digital (óptica) e 1 porta RS232. A TV também possui conexão por wi-fi embutida. O controle Smart Remote possui poucos botões, é bem simples de operar e pode controlar a TV por voz.

Recursos

O HDR (high dynamic range) possui picos de brilho mais acentuados que a linha anterior KS9500. Associado ao Peak Illuminator ►

Ultimate, a luminosidade desta TV ultrapassa 1.000 nits. Para fazer-
mos uma comparação, TVs normais dificilmente superam 300 nits. A
função Peak Illuminator analisa as partes escuras da imagem e fornece
mais brilhos às partes claras, aumentando a taxa de contraste e a faixa
dinâmica. A fonte de luz por LEDs distribuída no dorso do painel pos-
sui um recurso de local dimming que divide a tela em zonas distintas
de dimerização de luz, garantindo um nível de preto muito melhor que
as TVs com iluminação somente nas bordas (edge-lit). As TVs LCD /
LED não conseguem atingir o nível de “preto absoluto” das TVs OLED,
mas a KS9800 se aproxima bastante.

A função Auto Depth Enhancer foi melhorada e agora analisa os
objetos da imagem e aumenta a sensação de profundidade. A ver-
são anterior utilizava uma metodologia por zonas, que não era tão
eficiente. O sistema Tizen de navegação para o conteúdo Smart teve
melhorias para os modelos 2016, oferecendo mais aplicativos, design
atualizado e navegação mais fácil. Utilizando pequenas abas que se
sobrepoem à imagem atual, permite fácil navegação entre aplicativos
como Netflix, Youtube, etc.

Áudio

A KS9800 possui falantes em sua parte inferior com um total de
70 W. Para uso diário, a qualidade é bem satisfatória. Imagino que os
compradores desta TV possuam um bom sistema de áudio ou, no mí-
nimo, um soundbar para poder desfrutar melhor seus filmes e shows.

Qualidade de Imagem

O backlight é bastante uniforme, e não notamos nenhum vazamen-
to excessivo de luz, principalmente nos cantos, desde que a função
Smart Led esteja corretamente ajustada.

Após a calibração da TV, assistimos diversos trechos em formatos
variados. As cores e detalhamento são excelentes, fazendo jus a um
produto de ponta. Mas o que realmente nos surpreendeu foram as mí-
dias masterizadas em 4k e HDR. Ainda não há um padrão totalmente
definido para o HDR, pois os estúdios estão masterizando os filmes
com intensidades luminosas diferentes. Mas a tecnologia promete
muito. Cenas com picos luminosos como faróis de carros ou reflexo
do Sol no mar são simplesmente espetaculares.

Vimos alguns trechos da minissérie “Ligações Perigosas” gravados
em HDR pela Rede Globo e ficamos literalmente de queixo caído. Para
quem procura uma tela grande para ambientes amplos e deseja uma
tecnologia inovadora com excelente imagem, recomendo conhecerem
a KS9800. ■

MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE:

- Blu-Ray: Advanced Calibration Disc
- Blu-Ray: Spears and Munsil – HD Benchmark 2nd Edition
- Blu-Ray: O Quinto Elemento

- Blu-Ray: Missão: Impossível – Protocolo Fantasma
- Blu-Ray: DTS Demo Disc 2013
- Blu-Ray: Tony Bennet – An American Classic
- Mpeg: Ligações Perigosas – 4k HDR
- UHD Blu-Ray: Os Mercenários 3 – 4k HDR

EQUIPAMENTOS:

- UHD Blu-Ray player Samsung UBD-K8500
- Colorímetro x-rite
- Luxímetro Digital



AVMAG #221
Samsung
www.samsung.com.br
Preço sugerido: R\$ 99.000

NOTA: 102,0



ESTADO DA ARTE



20
anos
AMAG

O Logus Beethoveniano - 193 Anos da IX Sinfonia

► Ricardo Labuto Gondim

Uma das premissas do ensaio *Do Belo Musical* (Unicamp, 1989), do célebre Eduard Hanslick, é a mudança dos **sentimentos** que uma obra desperta no ouvinte ao longo do tempo. Ilustrando o axioma, a pena mais ácida, aguda e erudita da crítica européia no século XIX observa a “extraordinária diversidade com que muitas composições de Mozart, Beethoven e Weber agiam no coração dos ouvintes à época do seu aparecimento”. Segundo Hanslick, a serenidade e pureza das sinfonias de Haydn tinham seu contraponto no ímpeto de violenta paixão, amargura e dor das sinfonias de Mozart. Mais tarde, Beethoven tomou o lugar de Mozart como enunciador das paixões violentas, transladando o mestre de Salzburgo para o Olimpo do classicismo de Haydn – onde permanece até hoje.

Observe atentamente: a emoção é o primeiro plano do conhecimento, mas a representação dos sentimentos não é o conteúdo da música. Como afirma Hanslick: “na composição de uma peça musical, uma externalização dos próprios sentimentos pessoais realiza-se, portanto, somente nos limites concedidos pela predominante atividade objetiva e formadora”. Na música, a subjetividade da emoção é a expressão de **simulacros** de processos psíquicos.

O arpão que arrasta o ouvinte na direção da forma e, finalmente, do conteúdo. Mesmo que os conteúdos – pela natureza intrínseca da música – não possam ser concretamente verbalizados.

Forjadas sob o malho da cultura e da história, as mudanças em nossa **percepção** – a relação entre o ouvinte e a superfície emocional da música – embaçam e alteram o **sentido** das obras segundo as necessidades do nosso tempo. Por isso, não há obra que não esteja impregnada de anacronismos. E por isso, em parte, a sua permanência. O anacronismo, contudo, inversamente do que possa parecer, não é a “atualização” natural da obra, mas a traição do seu conteúdo autêntico. Só pode haver atualização de sentido a partir do conhecimento do caráter e dos valores da música em seu próprio tempo. E, para isso, as ciências exegéticas oferecem trezentos anos de epistemologia.

A Nona Sinfonia de Beethoven está completando 180 anos. Hoje, o modo como nos debruçamos sobre a composição revela nossa superficialidade, materialidade, individualismo e hedonismo, ao invés de revelar as idéias filosóficas de Beethoven. Traindo seus conteúdos, revelamos a tristeza e o desespero da nossa época. Mutilada dos seus três primeiros movimentos, a Nona

é o hino das Olimpíadas controladas pelo poder dos fabricantes de tênis e refrigerantes. Uma amputação melódica, extirpada do seu poder de confrontação, meditação e desafio. Esta peça – truncada e interpretada historicamente para levar as massas a uma experiência lacrimal vulgar e breve – é uma das obras de maior impacto da história. Como veremos, as duas correntes que dividiram a música na segunda metade do século XIX brotaram a partir desta fonte.

Na noite de 7 de maio de 1824, aconteceu a estréia da Nona Sinfonia em ré menor, Opus 125. O experiente violinista Ignaz Schuppanzigh, amigo de Beethoven desde a juventude em Bonn ocupou a estante do concertino, dividindo a responsabilidade da regência com o Kapellmeister Ignaz Umlauf. A orquestra foi ampliada para 24 violinos, 10 violas, 12 violoncelos e contrabaixos. Inaugurando a tradição, madeiras e metais foram duplicados. O compositor permaneceu em pé ao lado do Kapellmeister, marcando o tempo sem desviar os olhos da partitura. Umlauf preveniu os executantes para que ignorassem as indicações de Beethoven, já completamente surdo. Terminada a performance, ele ainda se mantinha absorvido pelo manuscrito. Gentilmente, a soprano interrompeu o “transe”, voltando-o em direção à plateia: Ludwig van Beethoven



se deparou com um teatro lotado, aplaudindo de pé o grande evento da sua vida.

Apesar da estréia retumbante, a Nona não foi “canonizada” imediatamente. Mas cerca de trinta anos depois daquela noite, o eixo da música austro-alemã – o mais influente da Europa – estava polarizado entre “a música do futuro” de Wagner e a “ortodoxia” de Brahms – ambos motivados, movidos e inspirados pela Nona de Beethoven.

O primeiro e mais profundo impulso para que Richard Wagner se devotasse à música não foi o auspicioso amparo do “padrasto” Ludwig Geyer, mas o contato com a Nona por volta dos sete anos de idade. Ela foi a obra com que Wagner esteve mais profundamente envolvido ao longo de sua vida. Segundo o crítico Thomas S. Grey (Wagner, um compêndio, Jorge Zahar Editor), a última interpretação da Nona por Wagner – no lançamento da pedra fundamental do Festspielhaus em 1872 – foi a culminância de sua carreira como regente. Para Wagner, essa “fusão da música com a poesia” era uma espécie de profecia bíblica da “obra de arte do futuro”. A materialização do sonho beethoveniano da música como “revelação mais alta que qualquer filosofia”.

Johannes Brahms ouviu a Nona pela primeira vez na juventude, sendo esmagado pelo poder, beleza e forma da composição. O impacto foi tão profundo que ele mergulhou numa crise severa, acreditando que jamais voltaria a compor. Superando o conflito, resistiu o quanto pode aos apelos para escrever uma obra sinfônica, respondendo com pesar que uma sinfonia depois da Nona era um desafio quase insuperável. Como observam John Horton (Brahms, música orquestral, Zahar Música) e

Malcom MacDonald (Brahms, Jorge Zahar Editor), somente aos 43 anos – 13 anos mais velho do que o Beethoven da Primeira Sinfonia – o compositor terminou a Sinfonia em Dó menor. O tema final do último movimento é uma variante do tema final da Nona. A citação é tão ostensiva e clara, que sempre que lhe apontavam a “semelhança”, Brahms replicava ferozmente: “Das sieht jeder Esel!” (Qualquer burro pode ver isso!).

O que é a Nona Sinfonia de Beethoven? Como pode determinar o futuro de um homem ao sete anos de idade, quase arruinar a carreira de outro e ao mesmo tempo impeli-los para terrenos tão vastos e opostos?

De acordo com um especialista histórico da vida e obra de Beethoven, o prêmio Nobel Romain Rolland (Beethoven, Grandes períodos criadores, 7 volumes em 3, pela Edições Cosmos, Lisboa, 1961), em 1792 – ainda em Bonn – o compositor teria musicado toda a “Ode” de Schiller, “estrofe por estrofe”, voltando a reescrevê-la inteiramente por volta de 1812. Desde seu aparecimento, o poema fascinava a juventude alemã, e para o círculo dos jovens intelectualizados de Bonn, freqüentado por Beethoven, aquele era um canto de confraternização.

O Lied an die Freud foi publicado em 1786, escrito por Schiller para um círculo de maçons. Na época, a filosofia em moda era o Glückseligkeitsphilosophie, que concebia o mundo como emanção de um Pai amoroso cujos filhos encontrariam a felicidade se **perseguissem o bem do outro** e de todos os seres.



Retrato de Ludwig van Beethoven

Numa carta de 1800, o poeta renegou a obra que lhe pareceu “não obstante um certo fogo do sentimento, um mau poema”. Na verdade, Schiller considerava Lied an die Freud uma obra ultrapassada, mas como o biógrafo Maynard Solomon observou casualmente (Beethoven,

Jorge Zahar Editor, 1987), o poeta reviu o texto numa nova publicação em 1803. Ora, sabemos que nos quinze anos de intervalo entre a primeira e a segunda versão, Schiller descobriu – paralelamente a Beethoven – a filosofia de Kant. Portanto, é

lícito afirmar à luz dos axiomas de Hanslick previamente discutidos, que os **sentimentos** de Schiller em relação à própria obra mudaram. Ao invés de uma inspiração maçônica, a revisão de 1803 foi moldada por uma hermenêutica kantiana, em direta oposição ao Glückseligkeitsphilosophie de 1786.

Kant reduziu a moralidade ao que se faz por **obrigação**, recusando outros fins e motivações como felicidade, medo do castigo e ambição pelo amor da humanidade. Assim, o imperativo moral tornou-se um **Imperativo Categórico**, dividido em três fórmulas para determinar a natureza da obrigação: 1. Age conforme uma máxima tal que, por sua vez, possas querer que essa máxima seja uma lei universal; 2. Age de tal forma que a pessoa humana, nem em ti nem em outras pessoas, nunca seja tomada como um simples meio, mas como um fim; 3. Age de tal forma que possas ver a tua vontade como legisladora universal. Ser moralmente **obrigado** é

poder responder sim ou não às regras morais e ter a liberdade de escolher entre o bem e o mal. Como Kant reconheceu que a **perfeição moral** é inatingível, recorreu à metafísica da “imortalidade da alma”, que permite o alcance da perfeição: “Tu deves, então podes”. Mesmo não sendo um especialista, o filósofo arriscou dizer que a música deveria exprimir nobres sentimentos como a vitória sobre a morte (música heróica) e a realização perfeita do ser (Vollendung).

Com a chave hermenêutica dos pressupostos kantianos podemos perguntar: o que é a Alegria (Freud) para Schiller? “Harmonia, verdade, ordem, beleza, perfeição dão-me Alegria, porque me transportam ao estado ativo (tätigen Zustand) do seu Autor e Possuidor. Porque me revelam a presença de um ser sensível e razoável, e me fazem sentir o meu parentesco com ele”. Prossegue o poeta: “Dai-nos conceber a **perfeição** (Vortrefflichkeit), e ela tornar-se-á nossa. Dai-nos comunicar com a alta Unidade idealista e, de um amor fraterno, nós nos ligaremos uns aos outros. Dai-nos plantar alegria e beleza, e nós colheremos beleza e alegria...”

Romain Rolland, citando um comentário de Baensch, nota que no poema a Alegria é a Filha do Eliseu. Para Schiller, Elysium é “o escopo final da história humana, o cumprimento ideal da humanidade”. Compete aos Homens – pela sagacidade, pelo valor e união fraterna – conquistar e estabelecer o Elysium de Schiller.

Na mente do compositor, os postulados do filósofo e do poeta geraram o entendimento de que, se algum dia a razão deve reinar, deve guiar e instruir a humanidade a

partir de agora. Este é o sentido que Beethoven elegeu em detrimento da esperança escatológica cristã, que espera a volta do Cristo para a consumação do tempo e da História. Ainda assim, a utopia de Beethoven se mescla ao conceito de “Reino de Deus”. O Gottesreich beethoveniano, contudo, não vem diretamente de Kant, mas de um discípulo do filósofo, Ignaz Aurelius Fessler, cuja obra em três volumes Considerações sobre a religião e sobre a Igreja, de 1805, foi encontrada na biblioteca do compositor após a sua morte – e confiscada pela polícia. Romain Rolland resume a obra de Fessler: “Livre cristão, (ele) atribuía a Cristo a missão de fundar na Terra um Estado religioso e moral, sob o domínio do ‘Reino de Deus’”. Provavelmente a partir de Fessler, Beethoven formulou o seu próprio Gottesreich, que um dia “deverá realizar-se por meio de um Estado dos povos da Terra” (weltbürgerlichen Volkstat). Isso demonstra que o Elysium

beethoveniano é um Imperativo Categórico, uma **obrigação**

humana, urgente, que não pode esperar a intervenção direta e explícita de Deus na História.

Beethoven nunca foi o ignorante que certos biógrafos inventaram. Desde criança “se esforçava por aprender o sentido dos melhores e dos mais avisados de cada época”.

Ele se identificou com a filosofia de Kant com um assombro e interesse comparável ao de Schiller. Até porque, propondo a separação entre ciência e fé como dois campos distintos, o filósofo ajudou a mitigar uma guerra permanente entre fé e ceticismo no coração do compositor. Um conflito que encontramos na Eroica e na Missa

Soleminis. A partir de Kant, Beethoven forjou lentamente o seu philosophisches Wort und Tondrama (drama filosófico em palavras e música), a Nona Sinfonia. Suas idéias e conceitos estavam tão claros e definidos que ele mudou vigorosamente o texto de Schiller. Como observa Maynard Solomon, “Beethoven escreveu seu próprio texto sobre a Ode à Alegria”. Das 18 estrofes da versão de 1803, só utilizou a metade, remanejando e alterando o texto de acordo com sua própria visão poética. E omitiu todos os versos que ameaçavam tornar An die Freud uma Trinklied (canção de beber).

As obras citadas de Rolland e Solomon descrevem a gênese e os antecedentes musicais da Nona minuciosamente. Mas o que nos interessa é: como Beethoven erigiu a catedral de onde pregou sua mensagem aos séculos vindouros?

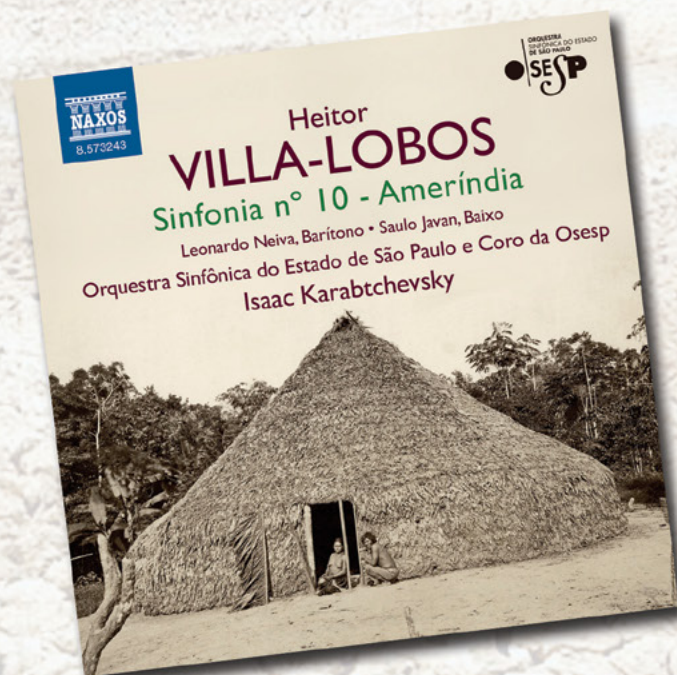
Procedimento comum às grandes obras do compositor, a Nona inteira foi construída a partir do KopftHEMA, o primeiro motivo da sinfonia. O surpreendente é que o KopftHEMA nada mais é do que o **acorde perfeito de ré menor arpejado de forma descendente**. Fundamento da obra, dos 121 compassos da Durchführung (desenvolvimento), 109 são governados pelo motivo. A breve introdução precedida por duas pausas no segundo movimento é uma variante rítmica do KopftHEMA, e foi acrescentada por Beethoven – como revelado nos cadernos de esboços – depois do trecho acabado, assegurando a organicidade da obra e sublinhando a presença de idéias inerentes aos desenvolvimentos do motivo. Procedimento semelhante foi adotado na transição para o Adagio molto, que começa com o segundo motivo do primeiro movimento, que por sua vez tem origem no KopftHEMA.



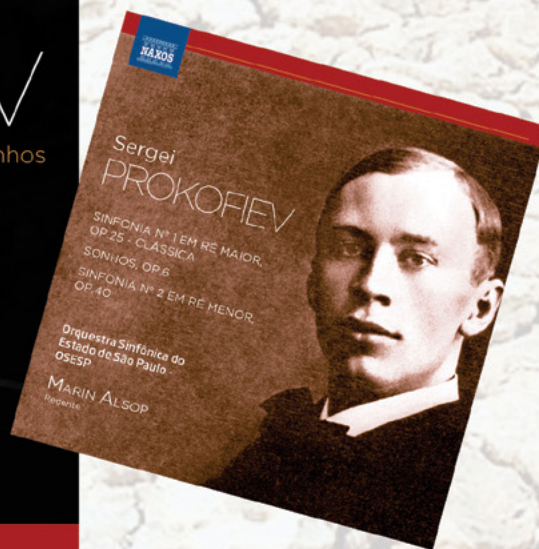
Retrato
de Schiller

Uma parceria que deu certo: MOVIEPLAY e OSESP

Lançamentos nacionais - NAXOS



Heitor Villa-Lobos: Sinfonia nº 10 - Ameríndia



Prokofiev OSESP: Sinfonias nº 1 - Clássica, nº 2 e Sonhos

movieplay
DIGITAL MUSIC

Já disponível nas melhores lojas do Brasil.

www.movieplay.com.br
movieplay@movieplay.com.br

f /movieplaydigital
t @movieplaybrasil
i "movieplaydigital"
+movieplay digital

(11) 3115-6833

O andamento do primeiro movimento havia sido originalmente fixado por Beethoven em “108 oder 120 Mälzel”. Do título complexo “Allegro ma nom troppo un poco maestoso” não vale a pena insistir no maestoso, como dizia Felix Weingartner, paradigma de interpretação da Nona no início do século XX. Wagner, que escreveu um livro sobre a regência da Sinfonia Coral – inclusive ousando sugerir mudanças na partitura para solucionar problemas inerentes à instrumentação de Beethoven – também menciona as dificuldades do modo rápido como o compositor pretendeu a execução do primeiro movimento. Existem discrepâncias entre a cópia metronomizada pelo próprio Beethoven em 1826 para o rei da Prússia, entre a grande edição de Breitkopf publicada entre 1862 e 1865, e o manuscrito original mantido na Biblioteca de Berlim – mas o que se discute é “quão rápido” o movimento deve ser tocado. Numa conversa com Smart, em setembro de 1825, Beethoven, de relógio em punho, disse que a Nona deveria ser executada em 45 minutos, o que é virtualmente impossível.

Tudo isso demonstra que, na concepção de Beethoven, o primeiro movimento é um turbilhão. Um Maelstrom orquestral, que arrasta e imerge o ouvinte num ambiente de inexorável tragédia. Sem essa emoção trágica – com as visões do mal brotando da própria estrutura do movimento na medida em que todos os motivos brotam do KopftHEMA – e sem os “acenos” sutis ao tema da Alegria nas breves distensões da música, a Nona é privada do seu sentido.

O Scherzo, por sua vez, em nossa época ganhou uma certa feição heróica. Mas para os contemporâneos de Beethoven, soava mais como uma “dança macabra”, de caráter

“diabólico” ou “bizarro”. Para que esses conteúdos sombrios sejam revelados, é preciso considerar duas questões: a estrutura do movimento e a orquestra de Beethoven. O segundo movimento da Nona tem 559 compassos contra 547 do primeiro. Com as reprises, 954 compassos. Ainda assim, nas interpretações anteriores à “diluição wagneriana” do pós-guerra, era executado tão rapidamente quanto o primeiro movimento. Com sua recusa em obedecer aos tempos de Beethoven no Allegro molto, a versão de Weingartner, de 1935, tem 15’30 no primeiro movimento, mas apenas 10’01 no segundo – 2 minutos e 16 segundos mais rápido que Toscanini em 1939! Já as proporções da orquestra atual romperam o equilíbrio normal entre madeiras e cordas do tempo de Beethoven. Não só pelo número, mas também pelos modos de fabricação dos instrumentos. No século XIX as madeiras eram, por exemplo, madeiras; as cordas, tocadas sem a ocorrência sistemática do vibrato, eram de tripas de carneiro. Poderíamos mencionar ainda diferenças de diapasão e de prática dos instrumentos. Parafraseando Hanslick, tudo isso contribuiu para a extraordinária diversidade de como essa composição agia no coração dos ouvintes à época do seu surgimento, e as impressões que nos provoca hoje. Seja como for, no tempo de Beethoven o Scherzo soava mais brutal e implacável.

Como visto anteriormente, o Adágio molto é enunciado pelo segundo motivo do primeiro movimento. Uma longa e melódica reflexão após o Maelstrom do primeiro andamento e a dança infernal do segundo. Uma meditação sobre os Stimmungen (os estados da alma) que se verificará de modo explícito e programático no IV movimento.

O movimento coral rompe a paz dos últimos compassos do Adagio com a Schreckensfanfare (a Fanfarra do Pavor), como chamada por Wagner. Uma vertigem de dissonâncias que deságua no desfile temático dos andamentos precedentes. O primeiro motivo invocado é o KopftHEMA tocado em ff (ao contrário do pp da tradição); o segundo é o do scherzo em f; o terceiro, a frase do Adagio em p. Segundo Romain Rolland, quem “chama ou repele” os temas são os contra-baixos no estranho, vasto e célebre recitativo. No tempo de Beethoven apenas quatro instrumentos tocavam as frases, possivelmente para garantir uma articulação perfeita e clara. O recitativo nos baixos é a solução magistral de Beethoven para o grande problema da composição da obra: a introdução da voz humana no corpo de uma sinfonia.

Encontrada depois de um longo e penoso processo permeado de hesitações, a solução de Beethoven é tão genial quanto simples: cada frase dos contrabaixos é a expressão musical de uma frase em língua alemã, como por exemplo, “Nein dieses würde uns erinnern an unsern Verzweif(ungs) voll(en) Zu(stand)...” (“Não! Isto trar-nos-ia a recordação do nosso estado desesperado...”). Estas frases permaneceram registradas na “caligrafia sísmica” de Beethoven sobre os primeiros recitativos instrumentais dos cadernos de esboços de 1823.

De forma genial, Beethoven introduziu a palavra na sua Nona Sinfonia sem utilizar a voz humana. No decorrer do movimento fará o contrário, transformando palavras em sonoridades e vozes em instrumentos. E assim cumprirá sua finalidade profética.

Nietzsche disse a respeito da Nona que “agora que sou o Evangelho da harmonia universal, não somente cada indivíduo se sente reconciliado com seu semelhante, mas, na realidade, idêntico a ele”. Maynard Solomon melhor do que ninguém expressou a necessidade desta obra em nosso tempo: “Se perdermos a nossa percepção dos domínios transcendentais de alegria lúdica, beleza e fraternidade que são retratados nas grandes obras afirmativas de nossa cultura, se perdermos o sonho da Nona Sinfonia, não resta um contrapeso para os terrores abissais da civilização, nada a opor a Auschwitz e Vietnam



Maestro Weingartner

como paradigma das potencialidades humanas”.

O que este artigo pretende ter demonstrado é que, mais do que qualquer outra sinfonia, a Nona só existe em sua forma completa, com seus quatro movimentos perfazendo uma unidade que eleva o ouvinte das trevas para a luz; do horror para a piedade; da inconsciência para a Verdade. Ao contrário do que possa parecer, a mutilação promovida nas festas olímpicas e lacrimogêneas dos fabricantes de calçados e refrigerantes é o fim de toda esperança. Como Calibã, que não quer contemplar seu

rosto no espelho, isolamos a beleza do tema da Alegria dos movimentos precedentes, que nos confrontam e desafiam: o horror e a vertigem macabra do Allegro ma non troppo un poco maestoso e do Scherzo são a obra do Homem, exemplos das “potencialidades” de que fala Solomon. O terceiro movimento é a melancólica, triste e indispensável meditação sobre nossa responsabilidade na construção do horror e da miséria humana: porque a Freude de Beethoven e Schiller não virá dos céus. Ela tem que ser necessariamente construída. A irmandade entre os Homens se consumará na Alegria – mas não sem coragem, lucidez e razão. Como dizia Beethoven, “somente a arte e a ciência nos propiciam sugestões e esperanças de uma vida superior”. ■

A 9ª SINFONIA DE BEETHOVEN EM GRAVAÇÕES HISTÓRICAS

O catálogo se curva ao peso da 9ª sinfonia de Beethoven – são mais de cem versões em CD. Algumas gravações muito famosas têm a agonia, mas não o êxtase, embora interpretações anteriores aos anos 50 vão recompensar amplamente os melômanos aventureiros. Outras apresentam objetividade e honestidade, mas não conseguem incendiar. Estou listando, a seguir, as minhas quatro nonas preferidas: todas extraordinárias, todas diferentes, porém fiéis à visão flamejante de Beethoven.

*** Furtwängler** / Orquestra e Coro do Festival de Bayreuth (1951). EMI 566901.

Para muitos é a “única” nona: uma visão aterradora. O primeiro movimento está excepcionalmente longo e extremamente dramático, principalmente na coda final. O scherzo é de uma selvageria entorpecente e o adagio, também com um tempo bem lento, está profundo e com um lirismo verdadeiramente inaudito. O divino frenesi do final tem uma dinâmica de estarrecer. Furtwängler mantém o Universo esperando antes de introduzir o tema da “Ode à Alegria” – ele gera um sentido avassalador de expectativa neste ponto crucial da obra. Os solistas não são fora de série, mas acima da média. Um CD para ouvir em ocasiões muito especiais – um alucinante hino à Liberdade, à Paz e ao Homem.

*** Weingartner** / Orquestra Filarmônica de Viena e Coro da Ópera Estatal de Viena (1935). A/ID 591.

Cada faceta desta leitura, sua clareza de visão, os tempos fraseados, a qualidade dos instrumentistas e cantores parecem simplesmente “exatos”. O estilo atlético e enxuto de Weingartner, com as vozes médias bem à frente, veio a ressurgir no final do séc. XX na forma de interpretação autêntica. Especialmente prazerosos estão: a clareza dos diálogos nas cordas na agitada seção central do 1º movimento, o belo legato no adagio, o contrafagote, maravilhosamente rude, defrontando a banda bávara no alla marcia e a límpida exuberância do coro. Para 1935, o som está surpreendentemente bom. Embora a gama dinâmica seja obviamente restrita, uma banda média clara permite muitos detalhes virem à tona. Esta é uma performance viva, que transcende facilmente as limitações sonoras.

*** Solti** / Orquestra Sinfônica e Coro de Chicago (1972). DECCA 430438-2.

Encontramos aqui a introspecção com uma concentração raramente ouvida em gravação. Solti, no 1º e 2º movimentos, encontra-se ríspido nos contrastes dinâmicos – talvez, até brutal. O adagio encanta aos nossos

ouvidos, não somente com seu fraseado, mas também com sua sutil dinâmica, que alcança um pianíssimo sussurrante. No final, o maestro húngaro está bastante preciso, conduzindo com eficácia a soberba performance do coral e dos solistas.

*** Bohm** / Orquestra Filarmônica de Viena e Coro da Ópera de Viena (1980). DG 445503-2.

Algumas semanas antes de sua morte, Karl Bohm gravou esta Nona visionária, anunciando, por seus sobressaltos e seus tormentos, Gustav Mahler. É uma concepção única desta obra – há uma inesgotável poesia orquestral, crepuscular em suas colorações. A “Ode à Alegria”, tratada com encadeamentos sucessivos, parece infinitamente mais moderna que aquela de Furtwängler.

Para os ouvintes que realmente queiram se aprofundar e deleitar-se com outras excelentes e eternas interpretações, indico os seguintes CDs: **Furtwängler** / Orq. Philharmonia (1954) – Tahra 1003; **Toscanini** / Orq. Sinf. da NBC (1938) – Naxos Historical 8110824; **Fricsay** / Fil. de Berlim (1957/58) – DG “Dokumente” 445401-2; **Karajan** / Fil. de Berlim (1977) – DG 415835-2 e **Bernstein** / Fil. de Viena (1979) – DG 447905-2.

Omar Castelan

A Infinita Discussão de Como Avaliar Produtos de Áudio

► Fernando Andrette

Quando se fala em avaliação subjetiva de equipamentos de áudio, sobram críticas, restrições e desconfianças de todos os lados.

E, no entanto, as principais publicações do segmento são as que dedicam mais espaço a testes de audição de produtos. Afinal, ainda resiste o sólido argumento de que, mais que medidas perfeitas, o ouvido é que deve dar a última palavra.

Eu iria um pouco mais longe ao afirmar que é o seu ouvido, leitor, que deve dar a última palavra – e ponto final. As revistas só podem ir até um determinado ponto desta longa estrada, daí em diante é por sua conta e risco.

Tudo na vida tem um princípio e é preciso deixar claro aonde queremos chegar ou podemos chegar (para sermos totalmente honestos com nossos leitores).

Muitas publicações optaram pelos testes cegos, comparativos, com a participação de um seletor grupo de convidados para avaliarem, em conjunto, produtos similares em preço e tecnologia; e, muitas outras, pelo teste individual, em que o produto vai para a casa de um único avaliador treinado e este testa o produto em seu sistema – com seus discos preferidos – em sua sala de audição.

Poucas publicações possuem uma sala devida e corretamente tratada para o teste de produtos.

Atualmente estes são os métodos mais utilizados, claro que cada publicação ainda pode aplicar algumas variáveis, como teste em duas ou mais salas, um único equipamento de referência para avaliação de todos os produtos,

comparativo em sala acusticamente tratada e não tratada, e por aí vai.

A questão central é que, mesmo com todos esses cuidados, alguns pontos importantes não conseguem ser solucionados.

E quais são?

É preciso saber que nenhum ouvido é igual ao outro, ou seja, como eu escuto é diferente de como você escuta, amigo leitor.

O gosto musical também pesa, e muito, assim como a sinergia entre os produtos.

Recentemente, lendo um teste cego comparativo com várias caixas de preço intermediário (980 a 1800 libras), em uma respeitada publicação inglesa, o grupo de avaliadores não chegou a nenhum consenso, pelo contrário: nas conclusões finais,

o responsável pelo teste teve que ter um enorme jogo de cintura para passar ao leitor o que restou daquele “literal embate de ouvidos treinados”.

Uma das caixas conseguiu ser para um avaliador: “estridente, com limitações dinâmicas sound stage frontal e graves confusos e imprecisos”. Já para o outro avaliador, ocorreu o oposto: “a caixa o agradou profundamente”.

Em outra caixa deste mesmo grupo, um avaliador achou que os médios saltavam a frente, enquanto para o resto do grupo seu equilíbrio tonal era seu maior mérito.

Ou seja, nos testes cegos comparativos com um grupo de avaliadores fica claro que não existe consenso em torno de um produto, e jamais existirá. O nosso curso de percepção musical nos mostra isso todos os meses. Já utilizei esta mesma seção para falar de alguns exemplos



clássicos como o da moça (a única no meio de 49 marmanjos), que ao ouvir determinado cabo digital nas frequências mais agudas, o incomodo era tão evidente que ela reagia fisicamente protegendo os ouvidos, enquanto que para os homens aquele era o cabo ideal naquele sistema.

Outro ponto que muitos não levam em consideração, é justamente a importância da sinergia de todo o sistema. Qualquer sistema soará sempre com as características do elo mais fraco e, para embaralhar ainda mais, podem ser muitos os elos fracos. Pode ser: a instalação elétrica, acústica, cabos, caixas, fontes digitais ou analógicas, pré, power ou o ajuste fino da posição das caixas acústicas e o ouvinte na sala de audição.

Mas não desanime, amigo leitor, pois é possível encontrar soluções para todos estes problemas, porém, você terá que aprender a andar com suas próprias pernas, calibrar seus ouvidos e, óbvio, definir uma terminologia que lhe permita comunicar e expressar suas observações de forma direta e objetiva.

Todas as nossas ações, como o Curso de Percepção Auditiva, Hi-Fi Show, Gravação sem uso de compressão e equalização nos nossos discos e nossa Metodologia, têm como único objetivo a orientação. Nunca tivemos a pretensão de ser donos da verdade, pois em áudio e vídeo isso não existe, afinal, do outro lado não está uma máquina programada e sim um ser humano com idéias pessoais, gostos diferentes, expectativas múltiplas e um apurado senso de audição e visão, que levou cinco milhões de anos para ser desenvolvido.

Se você confia em nossas observações subjetivas, aprecia nosso método de avaliação e percebe nossos esforços em encontrar um ponto de equilíbrio entre as infinitas possibilidades de análise, excelente! Mas não esqueça nunca, que são apenas observações feitas por pessoas de carne e osso como você e, portanto, passíveis de todas as limitações inerentes ao ser humano. ■

EXPEDIENTE

DIRETOR / EDITOR

Fernando Andrette

COLABORADORES

Antônio Condurú

Clement Zular

Guilherme Petrochi

Henrique Bozzo Neto

Jean Rothman

Julio Takara

Marcel Rabinovich

Omar Castellan

RCEA * REVISOR CRÍTICO

DE EQUIPAMENTO DE ÁUDIO

Christian Pruks

Fernando Andrette

Rodrigo Moraes

Victor Mirol

CONSULTOR TÉCNICO

Víctor Mirol

TRADUÇÃO

Eronildes Ferreira

AGÊNCIA E PROJETO GRÁFICO

WCJr Design

www.wcjrdesign.com

Áudio Vídeo Magazine é uma publicação mensal, produzida pela EDITORA AV MAG ME. Redação, Administração e Publicidade, EDITORA AV MAG ME. Cx. Postal: 76.301 - CEP: 02330-970 - (11) 5041.1415 www.clubedoaudiovideo.com.br

Todos os direitos reservados. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista.

EDITORA
AV MAG



Nobreaks para equipamentos de áudio, vídeo e informática.

Módulo de Bateria Externo para maior autonomia.

**Nobreak UPSAI,
seu entretenimento
nunca para.**

vendas@upsai.com.br / www.upsai.com.br / 11 - 2606.4100

UPS AI
sistemas de energia